

Domínios de Lingu@gem

Revista do Instituto de Letras e Linguística
Universidade Federal de Uberlândia



Sociolinguística no Brasil: deslocamentos e fronteiras

Raquel Meister Ko. Freitag, Livia Oushiro
org.



Domínios de Lingu@gem

**Sociolinguística no Brasil:
deslocamentos e fronteiras**

Org.: Raquel Meister Ko. Freitag (UFS) e
Livia Oushiro (UNICAMP)

4º Trimestre 2019
Volume 13, número 4
ISSN: 1980-5799

Expediente

Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Prof. Valder Steffen Jr.

Vice-Reitor

Prof. Orlando Cesar Mantese

Diretor da EDUFU

Prof. Guilherme Fromm

Diretor do Instituto de Letras e Linguística

Prof. Ariel Novodvorski

EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Bloco 1S – Térreo – Campus Santa Mônica
CEP: 38.408-144 – Uberlândia – MG
Telefax: (34) 3239-4293
E-mail: www.edufu.ufu.br

Editoração: Guilherme Fromm

Diagramação: EDUFU

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Domínios de Lingu@gem, v. 13, n. 4, 2019, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2007-

Trimestral.

Modo de acesso:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>.

Organização: Raquel Meister Ko. Freitag, Livia Oushiro

Editoração: Guilherme Fromm.

Diagramação: EDUFU.

ISSN: 1980-5799

1. Linguística - Periódicos. 2. Linguística aplicada - Periódicos.
I. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística.
CDU: 801(05)

Todos os artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à Revista, ao Instituto de Letras e Linguística ou à Edufu.

Diretor

Guilherme Fromm (UFU)

Conselho Editorial

Adriana Cristina Cristianini (UFU)

Alessandra Montera Rotta (UFU)

Eliana Dias (UFU)

Marileide Dias Esqueda (UFU)

Simone Tiemi Hashiguti (UFU)

Comissão Científica

Adriana Azevedo Tenuta (UFMG), Adriana Cristina Cristianini (UFU), Aldo Luiz Bizzocchi (FMU), Alexandre José Cadilhe (UFJF), Alice Cunha de Freitas (UFU), André Pedro da Silva (UFRPE), Andréia Guerini (UFSC), Ataliba T. de Castilho (USP/UNICAMP), Brett Hyde (Washington University in St. Louis – Estados Unidos), Carla Nunes Vieira Tavares (UFU), Carmem Lúcia Hernandez Agustini (UFU), Cecília Magalhães Mollica (UFRJ), Cintia Vianna (UFU), Cirineu Cecote Stein (UFPB), Claudia Zavaglia (UNESP/SJ Rio Preto), Cláudio Márcio do Carmo (UFOP), Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Clecio dos Santos Bunzen (UNIFESP), Cristiane Brito (UFU), Dánie Marcelo Jesus (UFMT), Deise Prina Dutra (UFMG), Dilys Karen Rees (UFG), Eduardo Batista da Silva (UEG), Elisa Battisti (UFRGS), Elisete Carvalho Mesquita (UFU), Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU), Fabiana Vanessa Gonzalis (UFU), Fernanda Costa Ribas (UFU), Filomena Capucho (Universidade Católica Portuguesa – CECC - Portugal), Francine de Assis Silveira (UFU), Francis Henrik Aubert (USP), Gabriel Antunes Araujo (USP), Gabriel de Avila Othero (UFRGS), Giacomo Figueredo (UFOP), Hardarik Bluehdorn (Institut für Deutsche Sprache Mannheim – Alemanha), Heliana Mello (UFMG), Heloisa Mara Mendes (UFU), Igor Antônio Lourenço da Silva (UFU), Irenilde Pereira dos Santos (USP), Jacqueline de Fatima dos Santos Moraes (UERJ), Janice Helena Chaves Marinho (UFMG), João Bôsko Cabral dos Santos (UFU), Jose Luiz Fiorin (USP), José Ribamar Lopes Batista Júnior (CAF/UFPI), José Sueli de Magalhães (UFU), Karylleila Santos Andrade (UFT), Krzysztof Migdalski (University of Wroclaw – Polônia), Leandro Silveira de Araujo (UFU), Lucivaldo Silva da Costa (UNIFESSPA), Luiz Carlos Travaglia (UFU), Liliane Santos (Université Charles-de-Gaulle - Lille 3 – França), Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP), Marcelo Módolo (USP), Márcia Mendonça (UNICAMP), Márcio Sales Santiago (UFRN), Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN), Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU), Maria Cecília de Lima (UFU), Maria Célia Lima-Hernandes (USP), Maria de Fátima Fonseca Guilherme (UFU), Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UEPA), Maria Helena de Paula (UFG), Maria José Bocorny Finatto (UFRGS), Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB), Maria Luiza Braga (UFRJ), Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU), Marlúcia Maria Alves (UFU), Maurício Viana Araújo (UFU), Michael J. Ferreira (Georgetown University – Estados Unidos), Montserrat Souto (Universidade Santiago de Compostela – Espanha), Nadja Paulino Pessoa Prata (UFC), Nilza Barrozo Dias (UFF), Patricia de Jesus Carvalhinhos (USP), Paulo Osório (Universidade da Beira Interior – Portugal), Paulo Rogério Stella (UFAL), Pedro Malard Monteiro (UFU), Pedro Perini-Santos (PUC-Minas), Raquel Meister Ko. Freitag (UFS), Roberta Rego Rodrigues (CLC/UFPEL), Rolf Kemmler (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal), Silvana Maria de Jesus, (UFU), Silvia Melo-Pfeifer (Universidade de Hamburgo – Alemanha), Simone Floripi (UFU), Simone Tiemi Hashiguti (UFU), Sinara de Oliveira Branco (UFCCG), Sostenes Cezar de Lima (UFG), Stella Esther Ortweiler Tagnin (USP), Teresa Maria Wlosowicz (University of Social Sciences - Polônia), Tommaso Raso (UFMG), Ubirajara Inácio Araújo (UFPR), Valeska Virgínia Soares Souza (UFU), Vanessa Hagemeyer Burgo (UFMS), Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG), Vera Lucia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG), Walcir Cardoso (Concordia University – Canadá), Waldenor Barros Moraes Filho (UFU), Zelina Márcia Pereira Beato (UESC).

Participaram da edição 40 como pareceristas *ad hoc*

Bernardo Limberger (UFPel)

Cristina Maria Moreira Flores (Univ

Davi Albuquerque (UFS)

Giovana Ferreira Gonçalves (UFPel)

Luciani Ester Tenani (UNESP)

Maíra Sueco Maegava Córdula (UFU)

Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB)

Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP)

Silvia Figueiredo Brandão (UFRJ)

Sumário

Sociolinguística no Brasil: deslocamentos e fronteiras - Raquel Meister Ko. Freitag (UFS), Livia Oushiro (UNICAMP).....	1324
Between race and class: a critical review of linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese - Marcus Vinicius Avelar (University of Colorado Boulder)	1330
O deslocamento populacional como fator propulsor da mudança linguística - Dante Lucchesi (UFF)	1359
Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo - Shirley Guedes (UNICAMP).....	1401
O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo - Emerson Santos de Souza (UNICAMP).....	1433
Migração, contato dialetal e o estabelecimento da variedade urbana de Imperatriz (MA) – Orleane Evangelista de Santana (UEMASUL), Christina Abreu Gomes (UFRJ).....	1465
Português de contato com alemão como língua de imigração em uma comunidade rural brasileira: resistindo à elevação das vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo - Elisa Battisti (UFRGS), Eugenio Roberto Link (UFRGS).....	1494
A mudança na produção de fricativas em coda medial por uma criança recifense residente em João Pessoa - Pedro Felipe de Lima Henrique (IFRN/UFPB), Ingrid Cruz do Nascimento (UFPB), Lucas Possatti (UFPB)	1526
Pistas para a acomodação subjetiva na variação entre em/ni na fala de universitários: regularização morfológica e reparos - Cristiane Conceição de Santana Ribeiro (UFS).....	1557
Repercussões da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção da variação fonética - Ana Paula Correa da Silva Biasibetti (PUC/RS)	1581
Variabilidade na produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas por aprendizes campinenses de inglês como L2 - Felipe Santos dos Reis (UFPB), Rubens Marques de Lucena (UFPB).....	1596



Sociolinguística no Brasil: deslocamentos e fronteiras

A mobilidade tem sido uma característica da população brasileira, com diferentes deslocamentos (pendulares, sazonais, movimentos de retorno, migração e imigração) atuando na dinâmica das relações sociais, e por conseguinte, repercutindo na língua.

O empreendimento da Sociolinguística no Brasil concentra suas pesquisas majoritariamente em capitais ou em grandes centros urbanos. Mas, mesmo em capitais, a metodologia de constituição de amostras, que guarda resquícios da dialetologia e do falante "puro", fica cada vez mais difícil de ser replicada: falante que tenha nascido no local, filho de pais igualmente nascidos no local.

Neste dossiê, reunimos trabalhos sociolinguísticos que ampliam o escopo da descrição de uma variável em uma comunidade para os efeitos da mobilidade, envolvendo questões relacionadas ao contato entre línguas e variedades de línguas, mas também ao contato de valores, de culturas e de modos de vida que podem (ou não) ser captados sob a forma de entrevistas sociolinguísticas. Os trabalhos versam sobre estudos de produção e de percepção, assim como propostas de abordagem teórica e metodológica para lidar com fenômenos variáveis em situação de contatos linguísticos, de mobilidade populacional e de fronteiras dialetais.

O ensaio de Avelar, **Between race and class: A critical review of linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese**, trata de uma fronteira tênue na sociedade brasileira e que, por conseguinte, tem reflexos nos estudos que consideram a relação entre língua e sociedade: classe e raça. O autor baseia-se no que já se produziu sobre permanência de africanismos no português brasileiro para analisar as ideologias semióticas subjacentes, identificado duas principais escolas de pensamento neste campo: uma que vê "raça" como a categoria analítica principal, e outra que entende que "classe" é mais importante do que raça. Avelar sugere que a

preferência por “classe” a “raça” como categoria analítica está alinhada à ideologia da democracia racial.

O deslocamento de membros de comunidades rurais para os centros urbanos em busca de trabalho e o seu retorno às suas comunidades de origem é um fator que impulsiona um nivelamento linguístico, com a difusão das variantes linguísticas de prestígio nas grandes cidades para todas as classes sociais e para todas as regiões do país, desencadeando mudanças “de cima para baixo” na norma popular do português brasileiro, em que as antigas formas produzidas pelo contato entre línguas no passado estão sendo substituídas pelas formas urbanas com prestígio social. É sob essa perspectiva que Lucchesi, em **O deslocamento populacional como fator propulsor da mudança linguística**, sistematiza os resultados de estudos morfossintáticos em variação na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas que assumem como variável explanatória o deslocamento populacional. O autor evidencia que o controle dessa variável contribui para o aprimoramento da pesquisa sociolinguística, possibilitando a diversificação e o refinamento das variáveis sociais para desvelar os efeitos do contexto social em que as mudanças linguísticas se desenvolvem.

O melhor exemplo de migração de comunidades rurais para os centros urbanos em busca de trabalho é o movimento do Nordeste para o estado de São Paulo, que é explorado em dois artigos neste dossiê.

No português, o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos é variável e marca diferenças dialetais: um falante da Paraíba, por exemplo, tenderia a dizer *meu irmão*; já um falante de São Paulo, tenderia a dizer *o meu irmão*. Em **Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo**, Guedes apresenta os resultados de uma investigação que contribui para avaliar o que acontece nos usos linguísticos quando falantes migram de João Pessoa-PB para São Paulo, evidenciando que a fala dos migrantes apresenta não só uma proporção de emprego do artigo mais próxima daquela do paulistano em

relação à do paraibano não migrante, o que sinaliza acomodação dialetal, mas também que esses falantes adquiriram padrões mais abstratos, na forma de regras variáveis da comunidade paulistana. Em um estudo particularizado dos falantes e de suas redes de relações estabelecidas na nova comunidade, Guedes sugere que laços fortes com a comunidade estão na base da acomodação dialetal e da assimilação da variante paulistana pelos migrantes paraibanos.

Na Bahia, o imperativo tende a ser realizado com morfologia de subjuntivo (*Traga o carro!*), e em São Paulo, com morfologia de indicativo (*Traz o carro!*). Souza, em **O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo**, tem por objetivo saber se os migrantes baianos residentes em São Paulo aumentariam a proporção de uso do imperativo com morfologia de indicativo ao manter contato com a comunidade anfitriã. Os resultados do seu estudo evidenciam o aumento significativo do uso da forma indicativa pelos migrantes, o que ocorre mais entre os menos escolarizados, que migraram quando adultos e que estão em São Paulo há menos tempo. Souza interpreta que o aumento da proporção de uso da forma indicativa pelos migrantes baianos é decorrente do contato dialetal com os paulistas.

Em outra direção de movimento migratório, Gomes e Santana, em **Migração, contato dialetal e o estabelecimento da variedade urbana de Imperatriz (MA)**, tratam de uma cidade com perfil urbano mas com passado rural recente. A variedade de Imperatriz é resultante de um processo de contato induzido devido à migração de falantes de diversas variedades regionais do Português Brasileiro, associado a um crescimento urbano acelerado. As autoras analisam os padrões de duas variáveis sociolinguísticas (concordância verbal e vocalização da lateral palatal) em uma amostra em tempo aparente, de modo a contemplar os sucessivos ciclos econômicos da cidade de Imperatriz, o que contribui para situar a aquisição da variedade local em relação aos diferentes períodos de ocupação populacional, indo do período de maior isolamento como comunidade rural até os de intensa migração. Quanto à concordância

verbal, entre os falantes mais jovens, que adquiriram a variedade local no período de intensa urbanização, há decréscimo no uso das variantes associadas à fala rural e ao aumento de variantes prestigiadas em grandes cidades. Já quanto à vocalização da lateral palatal, a direcionalidade da mudança pode estar relacionada à presença de um forte contingente de migrantes de diferentes regiões do Pará. Os resultados evidenciam os efeitos da urbanização intensa e do contato dialetal com um grupo específico de migrantes na configuração atual do perfil sociolinguístico da cidade de Imperatriz.

Já no campo dos contatos entre línguas, Battisti e Link, em **Português de contato com alemão como língua de imigração em uma comunidade rural brasileira: Resistindo à elevação das vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo**, investigam a elevação variável das vogais médias /e, o/ postônicas finais (film[e]~film[ɪ], tud[o]~tud[ʊ]) no português de contato com alemão em uma comunidade rural do sul do Brasil. Os baixos índices de elevação são motivados por um traço morfossintático da língua de imigração e condicionados pelos contextos fonológico precedente e seguinte. A resistência à elevação encontra motivação estrutural também no alemão, língua em que vogais finais têm função gramatical, e a influência do alemão no português resulta de práticas bilíngues realizadas na comunidade, encaixadas em sua matriz socioeconômica e cultural.

Os efeitos do contato dialetal começam na infância. Em uma abordagem piloto, considerando diferentes estratégias de coleta de dados, Henrique, Nascimento e Possati apresentam, em **A mudança na produção de fricativas em coda medial por uma criança recifense residente em João Pessoa**, os resultados da produção de fricativas em coda medial de uma informante recifense de 10 anos, residente em João Pessoa-PB, comparando-as com a produção de duas crianças pessoenses e duas recifenses de mesma idade, que nunca saíram de suas respectivas comunidades de fala. Enquanto em Recife-PE predomina a realização palatalizada, em João Pessoa-PB

predomina a realização alveolar de /s/. Os autores sinalizam para a importância de estudos sociolinguísticos que considerem o campo da aquisição da língua.

O estudo de variáveis pouco frequentes requer o desenvolvimento de estratégias de investigação que ampliem o poder explanatório. É o que faz Ribeiro, em **Pistas para a acomodação subjetiva na variação entre em ~ ni na fala de universitários: regularização morfológica e reparos**. A pesquisa investiga a emergência da forma *ni*, variante da preposição *em*, que ainda é pouco documentada, e cuja origem é atribuída ao contato entre línguas africanas e o português. Ribeiro sugere que essa forma é, na verdade, resultado de regularização morfológica da preposição *em* apoiada em evidências sociais e pela análise de operações de reparo. A preposição *ni* ocorre na fala de universitários de Sergipe, sem evidências de que é socialmente estigmatizada: os estudantes percebem a forma, mas não a corrigem nem são corrigidos quanto ao seu uso. As situações de reparo evidenciam a regularização da forma *ni* na comunidade, indicando convergência pela dimensão subjetiva de estratégias de acomodação.

No campo da Sociofonética, em **Repercussões da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção da variação fonética**, Biasibetti discute os efeitos da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção fonética das variantes sibilantes [s] e [ʃ] em coda silábica do português brasileiro. Os resultados de um teste de classificação por similaridade com falantes de Florianópolis-SC indicaram que o local de origem dos pais dos informantes não afeta a percepção do grau relativo de similaridade entre as variantes. Com base nesse resultado, a autora sugere que a constituição de amostras sociolinguísticas que consideram que informantes e seus pais devem ter nascido e crescido na mesma localidade pode ser ampliado para contemplar informantes cujos pais são falantes de outras variedades dialetais. Biasibetti ressalva que essa abordagem metodológica é relevante para a pesquisa sobre a percepção da

variação fonética, uma vez que permite uma maior aproximação da realidade linguística dos centros urbanos, marcada pela grande mobilidade populacional.

A interferência de variedades entre línguas em situação de aprendizado é o tema que Reis e Lucena abordam em **Variabilidade na produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas por aprendizes campinenses de inglês como L2**. No estudo, os autores investigam a aquisição de sequências triconsonantais do tipo Ct/d]oC, uma estrutura marcada do inglês, por parte de aprendizes de Campina Grande-PB. A análise de uma amostra coletada com base em leitura e em nomeação apontou que os ajustes nas produções das sequências Ct/d]oC são condicionados pela sonoridade, seguindo princípios universais de boa formação da sílaba, e também pela aparente falta de familiaridade com o sistema fonológico da L2, fatores que atuam em conjunto em estágios iniciais da aquisição de tais sequências, chegando a estágios mais avançados com menos força, num movimento em direção a uma articulação mais aperfeiçoada na L2.

Os dez textos que compõem este dossiê apresentam um panorama metodologicamente diversificado, com direções de investigação para uma nova fase nos estudos sociolinguísticos no Brasil, que consideram contextos linguisticamente diversos, controlando os efeitos dos deslocamentos populacionais e dos contatos dialetais e linguísticos.

Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)
Livia Oushiro (UNICAMP)



Between race and class: a critical review of linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese

Entre classe e raça: revisão crítica da literatura linguística sobre a permanência de africanismos no português brasileiro

*Marcus Vinicius Avelar**

ABSTRACT: In this essay, I investigate (socio)linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese to analyze the semiotic ideologies that inform academic literature on this topic. I argue that there are two main schools of thought within this field: the one that sees race as a prominent analytical category, and the one that favors social class over race. I claim that there are three commonalities to different frameworks analyzed here: (1) racialized speech is often equated with Africanisms; (2) Africanisms are commonly treated as an index of pre-modern times; and (3) Africanisms are perceived as foreign to the modern present. In addition, I also suggest that authors who privilege social class over race – as an analytical tool – might be aligned with the ideology of racial democracy.

KEYWORDS: Africanisms. Race. Social class. Semiotic ideologies. Language ideologies.

RESUMO: Este ensaio investiga a literatura (sócio)linguística sobre a permanência de africanismos no português brasileiro para analisar as ideologias semióticas que informam a literatura acadêmica sobre o assunto. Argumenta-se que há duas principais escolas de pensamento neste campo: uma que vê “raça” como a categoria analítica principal, e outra que entende que “classe” é mais importante do que raça. Sustenta-se três pressupostos são comuns às diversas teorias estudadas aqui: (1) as falas racializadas são frequentemente entendidas como sinônimos de falas marcadas pela africanidade; (2) os africanismos são geralmente tratados como índices de tempos pré-modernos; e (3) os africanismos são entendidos como “estrangeiros” no presente moderno. Ademais, também se sugere que os autores que preferem “classe” a “raça” (como categoria analítica) podem estar alinhados à ideologia da democracia racial.

PALAVRAS-CHAVE: Africanismos. Raça. Classe social. Ideologias semióticas. Ideologias linguísticas.

* Ph.D. Candidate (Linguistics) and Graduate Part-Time Instructor (Writing and Rhetoric), University of Colorado Boulder. marcus.avelar@colorado.edu.

1. Introduction¹

The goal of this essay is to analyze linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese through a critical investigation of the semiotic ideologies that inform said scholarship. In particular, I pay special attention to the relationship between different theoretical frameworks and broader societal ideologies that inform them.

This essay is organized as follows: In Section 2, I define what are language ideologies and semiotic ideologies. These concepts constitute the theoretical framework I adopt in this essay. In the following sections, I discuss the main streams that constitute linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese. They are: (a) scholarship on African languages in Brazil – especially during the colonial period; (b) scholarship on language contact and its consequences for the development of Brazilian Portuguese; and (c) scholarship on so-called ‘secret’ and ‘expert’ languages. Finally, I also discuss the place of race in the stream of sociolinguistic literature that privileges social class over race in the Brazilian context.

Needless to say, it would be impossible to engage with every book or article ever published on African continuities in Brazilian Portuguese in this essay. Therefore, what I present here is a selection of relevant works in each of the aforementioned scholarly streams. My ultimate goal is not to produce an exhaustive summary of literature on the topic; rather, I intend to demonstrate how (socio)linguistic scholarship is not divorced from broader societal understandings regarding race.

2. Language and/or semiotic ideologies

Judith Irvine and Susan Gal (2000, p. 35) define language ideologies as “the ideas with which participants and observers frame their understanding of linguistic

¹ I would like to thank Kira Hall, Natasha Shrikant, and two anonymous reviewers for reading and providing feedback on previous versions of this study.

varieties and map those understandings onto people, events, and activities that are significant to them". In other words, language ideologies are never only about language, and have consequences, for instance, to how one conducts oneself, and the moral judgements one makes – after all, “there is no view from nowhere, no gaze that is not positioned” (2000, p. 36). For Irvine and Gal, *language ideologies* are a lens through which one can see the linkages between people’s beliefs about language(s) and the broader sociocultural contexts in which individuals find themselves. Processes of linguistic differentiation, Irvine and Gal (2000) argue, are a particularly privileged locus to observe language ideologies at work, for these processes unveil how indexical relationships between linguistic form and social meaning are forged (2000, p. 37). Irvine and Gal’s theorization references Charles Sanders Peirce theory of the sign heavily. Consequently, understanding Peirce’s theory of the sign, and especially of the index, is vital to comprehending Irvine and Gal’s (2000) claims. According to Peirce, a sign:

...is something, A, which brings something, B, its interpretant sign determined or created by it, into the same sort of correspondence with something, C, its object, as that in which itself stands to C. (PEIRCE, 1976 [1902], p. 20-21).

Signs only exist in relation to something else, never in isolation. In fact, a sign – just like an interpretant or an object – is more a role than a thing. The Peircean *sign* represents something, that something being its subject matter: the *object*. *Objects* can be things, but also qualities, events, ideas, etc.; *objects* are the objects of the *sign* and, by extension of the *interpretant*. In Peircean terms, the *interpretant* is the product of the interpretive process that has the *sign* at its center. The semiotic chain theorized by Peirce is constrained by specific mechanisms but knows no points of departure or arrival. Therefore, within this framework, a *sign* of an *object* leads to an *interpretant* – and the *interpretant*, as a *sign* in a different relationship, leads to yet other *interpretants*.

The sign and the relationships it can forge lie at the core of language ideologies. Within the Peircean paradigm, there are three basic types of signs:

Icon: a sign that stands for its object by virtue of similarity or resemblance, for example, any mimetic image, a pencil drawing or painting of a tree in relation to the tree itself.

Index: a sign that stands for its object by existential or physical connection or contiguity, for example, a weathercock pointing in the direction of the prevailing wind, or the way physical evidence at a crime scene (a bullet hole, blood on the floor) points to the commission of the crime (the bullet that made the hole, the wound that produced the blood).

Symbol: A sign that stands for its object by convention alone, for example, the conventional signs of a language, which must be memorized by rote.

(MANNING, 2012, p. 10)

Indices – signs that stand for their objects “by existential or physical connection or contiguity” (MANNING, 2012, p. 10) – function as the engine of the three semiotic processes through which, Irvine and Gal (2000) argue, linguistic differentiation happens: iconization, fractal recursivity, and erasure.

The process of *iconization* is, semiotically speaking, akin to essentialization. It consists of establishing a necessary – and at times naturalized – connection between a given linguistic form (such as a language variety) and a specific social group (IRVINE; GAL, 2000, p. 37-8). *Fractal recursivity* “involves the projection of an opposition, salient at some level of relationship, onto some other level” (p. 38). This concept might seem somewhat opaque at first, but the recent US presidential elections may help us unpack it. From a partisan standpoint, US presidential elections are articulated around a basic opposition: democrats versus republicans. However, that basic opposition is often projected onto the intra-party level. For instance, claiming to be a democrat was not sufficient to position a given voter within the US political spectrum last year. After all, one could be a democrat supporting Hillary Clinton or Bernie Sanders, and support their platforms fully or partially. In other words, the basic opposition democrat v.

republican can be further projected onto other, finer, oppositions such as democrat-Clinton-supporter vs. democrat-Sanders-supporter, for instance. Finally, *erasure* is “the process in which ideology, in simplifying the sociolinguistic field, renders some persons or activities ... invisible” (IRVINE; GAL, 2000, p. 28).

Webb Keane (2003, 2007) takes Irvine and Gal’s definition of language ideologies as a point of departure and proposes an alternative concept, that of *semiotic ideologies*. According to Keane (2003, 2007), *semiotic ideologies* is potentially a more comprehensive label because (a) ‘language’ might be too western a concept, and (b) the broader term *semiotics* unequivocally extends beyond the verbal realm, and brings words and things to the same field of analysis. According to Keane, semiotic ideologies are:

... basic assumptions about what signs are and how they function in the world. It determines, for instance, what people will consider the role that intentions play in signification to be, what kinds of possible agents ... exist to which acts of signification might be imputed, whether signs are arbitrary or necessarily linked to their objects, and so forth. (2003, p. 419)

As theoretical frameworks, *language ideologies* and *semiotic ideologies* share commonalities, but are also distinct from each other. On the one hand, both take Peircean semiotics as a point of departure, and are particularly concerned with the centrality that indices have in the articulation of ideologies. On the other hand, Irvine and Gal (2000) focus on how (verbal) language ideologies are constructed, whereas Keane’s (2003, 2007) concern explicitly involve religious beliefs and material culture.

At this point, some terminological choices might require clarification:

1) In this essay, I am mainly concerned with metalinguistic discourse on language; however, I will use Keane’s terminology when making my own claims due to its potentially broader scope. I will, nevertheless, use the term *language ideology*

whenever the author I am discussing happens to use the original Irvine and Gal's (2000) term in their work.

2) The material analyzed in this article goes beyond talk and can perhaps be labeled *discourse*. I follow linguistic anthropologist Jane Hill (2008) and use the term discourse as "a shorthand for all varieties of talk and text" (p. 32). In addition, still following Hill (2008), I use the label *discourse* to refer not just to "the material surface of the language ... [but also to] the invitations and clues, the silences, the inferences that the literal content of a text or an utterance invites" (HILL, 2008, p. 33)

3. Linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese

Processes of linguistic differentiation have been explored, among others, by linguistic anthropologist Joseph Errington (2007). In *Linguistics in a colonial world*, the author "read[s] linguistic treatises not as records of facts, but as products of interests and imaginations" (ERRINGTON, 2007, p. 9). In the present section, I embark on Errington's enterprise when discussing scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese. Instead of merely summarizing the findings of the authors I engage with, I use the framework of semiotic ideologies to try and unveil which ideologies animate their theorizations. As Errington (2007) and Irvine and Gal (2000) argue, processes of linguistic differentiation are a privileged site to investigate the ideological constitution of the other as Other.

For the purposes of this essay, I use the phrase *African continuities in Brazilian Portuguese* to refer to the linguistic features of contemporary Brazilian Portuguese that are usually thought to descend from African languages, or from the contact between Brazilian Portuguese and African languages.

The body of literature on this topic – which often times addresses the intersection between language and race, although not always overtly – tends to focus on one of three main streams: (1) a diachronic account of the African languages that

were brought to Brazil during the slave-trade period; (2) the contact between African languages and Brazilian Portuguese, and (3) the so-called *línguas secretas* ('secret languages') and *línguas de especialidade* ('expert languages'), whose study is primarily concerned with the intersection between language and identity. On the one hand, the label *secret languages* is used to refer to language varieties – or, at times, a set of lexical items – used primarily or exclusively by members of a specific group, usually racially bounded. On the other hand, the term *expert languages* refers to language varieties or a specific vocabulary that is used by those who are – or claim to be – experts on any given area of knowledge. In the literature covered in this section, said area of expertise is often related to religion.

Overall, in the present section I argue that scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese is informed by understandings of modernity that conceptualize Africanness as an icon of a pre-modern, problematic, and perhaps even un-Brazilian past, whereas racial mixing – which is in fact a process of de-racialization – is seen as the icon of a modern present/future.

3.1 African languages in Brazil

The presence of African languages in what is now the Brazilian territory is inextricably connected to slave trade. After all, approximately 3,600,000 Africans were forcibly uprooted in the years between 1502 and 1860 (when slave trade was officially discontinued) and constituted – along with their Indigenous counterparts – roughly two-thirds of the Brazilian population by the mid-19th century (PETTER; CUNHA, 2015, p. 221-222).

Linguistic scholarship on African languages in Brazil has focused mainly – although not exclusively – on (1) identifying which languages or language groups used to be spoken by enslaved Africans, (2) mapping where such languages were spoken and why, and (3) describing those languages.

The descriptive enterprise seemed to be particularly productive during the colonial years, when one could have direct access to native and enslaved speakers of African languages. In fact, the first published descriptive grammar of an African language spoken in Brazil is probably Pedro Dias's *A arte da lingua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, mãy & senhora dos mesmos pretos* ('The art of the language of Angola, offered to Our Virgin Lady of the Rosary, mother and lady of these same negroes'), published in Lisbon in 1697 – a descriptive study of what contemporary linguists (BONVINI, 2008; PETTER, 2006) believe to be Kimbundu as spoken on the Angolan coast at the time. Pedro Dias's work is systematic and makes no reference to language variation or contact, which seems to align with the larger enterprise of missionary linguistics. According to Errington (2007),

Whether or not they were talented, or inspired by the miracle of Pentecost, missionaries could only produce linguistic descriptions much simpler than the complex worlds of talk they found in their fields of operation. (p. 120)

It is true that Pedro Dias's grammar is no exception to the pattern identified by Errington – although, due to historical and geographical constraints, Dias was probably more inspired by the Portuguese Inquisition than by the miracle of Pentecost. In any event, the erasure of linguistic complexity and historicity found in Dias's work still constitutes the benchmark of most works in language documentation, with few exceptions.²

A different approach can be seen in the works of Margarida Petter (2006) and Emilio Bonvini (2008), who – after producing a careful comparative study – stated that the presence of various Western and Southern African languages throughout the Brazilian territory can be explained by the fact that enslaved Africans from different

² For instance, see Migge and L'Église (2013) for a sociohistorical study of English-lexified creoles in the French Guyana.

ethnic groups were mixed by their masters to prevent revolts. On the one hand, both Petter (2006) and Bonvini (2008) trace connections between the linguistic map of colonial Brazil and the sociohistorical phenomenon of slavery, which represents a departure from earlier works – such as Pedro Dias’s grammar. On the other, the scope of Petter’s (2006) and Bonvini’s (2008) work does not include discussions on the contemporary consequences of slavery to Brazilian language and society.

Tania Alkmim’s (2002, 2006) work stands out within this stream of scholarship, for she studied media representations of the speech of Africans in the 19th century and the language ideologies associated with them. Alkmim (2002) argued that the press of the time conflated speech patterns that were probably exclusive to those whose first language was African (such as the merger of /l/ and /r/, and the realization of /ʒ/ as [z]) with morpho-syntactic patterns – such as the absence of number marking within noun phrases – that were likely present in several other Brazilian vernaculars (2002, p. 397). In other words, 19th century media ideologically linked African speech to the speech of the more popular extractions of the society of the time, possibly erasing ethnic diversity. In a more recent book, Alkmim (2006) analyzed how newspaper advertisements about escaped enslaved Africans treated their linguistic fluency (labeled ‘well spoken’ and ‘crooked speech’, among other categories) as as relevant as their physical appearance. Speech, Alkmim (2006) claimed, was a powerful icon, as strong a tell of African ancestry as phenotypical features.

In sum, part of the scholarship on African languages in Brazil has erased linguistic diversity and treated languages as virtually static – which is not uncommon within the field of language documentation (DURANTI, 1994; ERRINGTON, 2008; MIGGE; L’ÉGLISE, 2013). Another segment of scholarship has located African languages in the past, for instance in works that analyze the relationship between African languages and the non-longer existent slave trade without analyzing the consequences of slavery for contemporary Brazil. Within this picture, Alkmim’s (2002,

2006) work is exceptional for, by studying language ideologies in the 19th century, the author acknowledged the dynamic character of language practices. In the next subsection, I discuss linguistic literature on the impact that African languages had on contemporary Brazilian Portuguese.

3.2 Language contact in Brazil

According to Margarida Petter and Ana Stela Cunha (2015, p. 241), many linguists have been keenly interested in the hypothesis of a creole origin of Brazilian Portuguese; and the works of Gregory Guy (1989) and John Holm (1987) were particularly representative of this stream of scholarship, besides also being influential. However, this dominant trend identified by Petter and Cunha (2015) seems to be more diverse in recent scholarship. For example, while Alan Baxter and Dante Lucchesi (1997) and Dante Lucchesi (1999, 2003) take the creolization hypothesis as their point of departure, Anthony Julius Naro and Maria Marta Pereira Scherre (2007) proposed that African languages did not influence Brazilian Portuguese to the point of creolization (and made a similar argument regarding Indigenous languages). According to Naro and Scherre (2007), what happened to Brazilian Portuguese is similar to phenomena observed in other situations of contact around the world, in which a handful of phonological and syntactic patterns, and a relatively long list of lexical items, were incorporated into the dominant language – in this case, Portuguese – without altering the structure of the latter significantly.

Other authors have studied specific domains of Brazilian Portuguese and how it has been influenced by African languages. For instance, Esmeralda Negrão and Evani Viotti (2008, 2011) have studied syntactic patterns of Brazilian Portuguese which differ significantly from European Portuguese. According to the authors, impersonal syntactic constructions in Brazilian Portuguese are very similar to passive constructions in Kimbundu, a Bantu language from Angola which was widely spoken

in the Brazilian territory during the slave trade years. This is evidence, Negrão and Viotti (2008, 2011) claimed, that Kimbundu – and possibly other Bantu languages – have influenced the syntax of contemporary Brazilian Portuguese. Also, on the syntactic front, Juanito Avelar and Charlotte Galves (2013, 2014) have noted that certain features, such as locative inversion, are quite common in contemporary Bantu languages, Brazilian and African Portuguese – but not European Portuguese. Avelar and Galves (2013, 2014) claimed that this is evidence that the syntax of Brazilian and African varieties of Portuguese have been influenced by Bantu languages.

Additionally, Yeda Pessoa de Castro (2001) compiled a corpus of 3,517 lexical items of African origin in contemporary Brazilian Portuguese. The author organized the corpus into categories (music, dance, gastronomy, etc.) and produced a careful etymological study to identify not just the language group where those terms originated, but – as often as possible – the exact language. A few years later, Alkmim and Petter (2008) re-analyzed Castro's (2001) corpus, excluded from its religious vocabulary, and submitted the remaining list to subjects from different areas of Brazil (ALKMIM; PETTER, 2008, p. 156-7) in an effort to identify those lexical items that were used all across the nation. Their final corpus contained only 56 items out of the original 3,517 in Castro's (2001) work. In addition, Alkmim and Petter (2008, p. 157) also noted that, out of those remaining 56 lexical items, only 30 “can be used in any social interaction” – the other ones might be perceived as too colloquial or perhaps even taboo.

On the one hand, Alkmim and Petter's (2008) work identified which lexical items are still used in the entire contemporary Brazilian territory, thus acknowledging the lingering African influence in Brazilian Portuguese lexicon. On the other, Alkmim and Petter's (2008) short general vocabulary list put into perspective the importance of African languages in the constitution of a 'general' vocabulary of Brazilian Portuguese, which constitutes a strong response to previous literature on Brazilian Portuguese as

a creole (GUY, 1989; HOLM, 1987). Furthermore, one could also argue that their work constituted an alternative even to studies that were never committed to the creolization hypothesis, such as Castro's (2001). After all, although it seems to be commonsense that most of the lexicon of creole languages comes from their superstrate languages, the role substrate languages in the constitution of creole vocabulary cannot be ignored (HOLM, 2000).

In addition, the framework of semiotic ideologies can provide us an additional interpretation of Alkmim and Petter's (2008) study: it is possible to argue that, through the dismissal of religious terms and lexical items deemed regionalisms, the authors promoted the very idea of a 'general' vocabulary of Brazilian Portuguese in which there is not much room for terms of African origin. In previous studies, Castro (1967, 1980, 1981) argued that the usage of so-called African lexicon is particularly vibrant in religious contexts, a claim that is corroborated by anthropological scholarship (see CARNEIRO, 2008; SILVA, 2005). What is more, one of the – possibly unwanted – effects of Alkmim's and Petter's (2008) methodology is the erasure of African features from a perceived 'neutral' national language (i.e. free from 'regionalisms' and 'religion'). By discursively erasing the Other – in this case, Africanness – the authors help create a Self that is positioned at a different time, and with weak ties to its African ancestry.

Erasure, or relativization, of the importance of African ancestry is certainly not exclusive to linguistic scholarship and constitutes one of the strategies of what the late black scholar and activist Abdias Nascimento called "the cultural genocide of Afro-Brazilians" (NASCIMENTO, 2016, p. 111-121). In the next subsection, I will discuss other ways in which linguistic research can be aligned with dominant racial ideologies.

3.3 The place of Africanness in contemporary Brazil: expert, sacred and secret languages

A third stream of scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese treats African languages as a cultural heritage of contemporary Afro-Brazilians and can be divided into two sub-streams: (1) the study of sacred languages, and (2) the study of *comunidades quilombolas*.

Studies within the first stream focus on Afro-Brazilian religions and on the usage of African lexicon, phrases and chants used in them – usually of Kimbundu or Yoruba extraction. Here, the connection between language and identity – especially as it relates to claiming African ancestry and religious expertise – are particularly privileged. For instance, Elizabete Umbelino de Barros (2007) investigated how the proper ritualistic use of specific lexical items and the mastery of African chants indexes both one's expertise in Candomblé – an Afro-Brazilian religion that celebrates its African origins – and one's affiliation to African ancestry despite phenotypical features. On a more recent piece, Iya Monadeosi (2015) claimed that the contemporary increase in the usage of African lexicon and chants among practitioners of Candomblé is a reaction to the longstanding whitening of the religion itself – noticeable, for example, in the significant numbers of Candomblé priests and priestesses who cannot claim African ancestry (MONADEOSI, 2015, p. 255). In addition, Monadeosi (2015) argued, being able to pronounce certain lexical items 'properly' is an index of proper mastery of a religious concept. For instance, the Africanized pronunciation of the name of God as [nzambi] instead of the brazilianized [zã^mbi]³ indexes that a given practitioner has understood the Candomblé concept of God properly (MONADEOSI, 2015, p. 274-5).

The second stream of research within this realm is related to *comunidades quilombolas* ('quilombola communities'). *Quilombo* was the name given, during the

³ There are no pre-nasalized consonants in Brazilian Portuguese.

years when slavery was legal in Brazil, to remote and usually small rural villages formed by enslaved Africans who had managed to escape their masters' plantations. The reminders of those communities are called *comunidades quilombolas*⁴. The scholarship on this topic usually combines traditional linguistic documentation with an attention to how language practices can function as markers of identity and resistance. This trend has produced a handful of book-length monographs, such as Ana Stela Cunha's (2011) and Sônia Queiroz's (1998) comprehensive studies of communities from two distinct Brazilian states (Maranhão and Minas Gerais, respectively). However, the book co-authored by linguist Carlos Vogt and social anthropologist Peter Fry (2014) is possibly the most popular one – and one that also provides a great window into the correlation between academic work and widespread ideologies.

Vogt's and Fry's *Cafundó: A África no Brasil* ('Cafundó: Africa in Brazil'), was first published in 1996 and became quite famous for various reasons: (1) it combined Linguistics and cultural Anthropology, which was not common at the time; (2) it was based on over 10 years of fieldwork and contained a significant amount of carefully collected and catalogued data; (3) it documented the usage of an African-influenced variety of Portuguese in 20th century São Paulo State, a time and a place where people believed those varieties were no longer available.

On the strictly linguistic front, *Cafundó ...* presents a description of *Cupópia*, the language variety spoken in the rural community of Cafundó. According to its speakers, Cupópia is a language; according to Vogt and Fry (2014), it is a rural dialect of Brazilian Portuguese that contains extensive African lexicon – around 400 nouns and a handful of verbs. From a cultural anthropology standpoint, *Cafundó* places heavy emphasis on the role that language practices play on identity building. For instance,

⁴ The phrase *terras de preto* ('negro country') can also be used to refer to the same communities, although it tends not to be used in recent linguistic scholarship on the topic.

the authors claim that it is through Cupópia – treated by its speakers as a *secret language* – that locals negotiate Africanness, Brazilianness and ruralness. Far from being committed to erasing the linguistic and social complexities of Cafundó, Vogt's and Fry's work embrace them. According to the authors, Cafundó is African and rural, mythical and real, weird and distant due to its status as a 'secret language'; yet familiar and close due to its social relations of production (p. 45).

In addition to being comprehensive and embracing sociolinguistic complexity, Vogt's and Fry's book also offer a window through which one can understand broader ideologies of Africanness and modernity. For instance, the authors mention that the British Broadcasting Company (BBC) was interested in making a documentary about what they perceived as "an authentic African tribe located in the vicinities of São Paulo, the biggest and most industrialized city in the country" (p. 25) – a project that was later aborted when the BBC personnel realized that the "African tribe" in question was way too Brazilian. BBC's interest and subsequent disappointment are indicators that Africanness can be perceived as an icon of the past, especially when contrasted to benchmarks of modern times such as urbanization and industrialization. In fact, Vogt and Fry acknowledge that Cafundó can be a puzzle to many; according to the authors,

The violence of the development of a [urban] center like São Paulo and the existence, in its vicinity, of a group of people who actively preserve a vocabulary of African origin generate a certain paradox. (2014, p. 36)^{5,6}

By acknowledging the potential for paradox inherent to the sociohistorical positioning of Cafundó, Vogt and Fry demonstrate that scholars are also members of the broader society, and share – or at least understand – some of its semiotic ideologies.

⁵ Unless otherwise noted, all translations presented in this paper are mine.

⁶ "A violência do desenvolvimento de um centro como São Paulo e a existência nas suas redondezas de um grupo de pessoas que conservam ativamente um vocabulário de origem africana geram uma espécie de paradoxo" (2014, p. 36).

In this case, an ideology that contraposes Africanness and modernity. In other words, Africanness is an icon of things past, whereas São Paulo is an icon of development – and the two cannot possibly co-exist within the same matrix of intelligibility.

However, Africanness – or race – does not always occupy a prominent position in scholarship on Brazilian Portuguese. In the next section, I discuss how other linguists have favored *social class* over *race* when analyzing contemporary varieties of Brazilian Portuguese.

4. Language and race or language and class?

Several linguists have engaged *social class* as a useful analytical category when analyzing linguistic variation within Brazilian Portuguese. Some used it alongside *race*, whereas others used it in lieu of *race*. In this section, I discuss some of this work and discuss how the theoretical perspectives adopted by selected authors relate to broader ideologies of modernity and race.

At this point, a note of clarification is necessary. In this essay, I follow authors such as Pierre Bourdieu (1979) and Penelope Eckert (1990) and use the phrase *social class* to refer to the bundle of features that, when combined, can locate one in different class positions in relation to others. These features include, but are not restricted to, income, level of education, taste, place of origin, and place of residence. Therefore, in this section, I can and will refer to an authors' use of *social class* as an analytical category in their work even if they do not use the phrase themselves. This perspective is not entirely foreign to Brazilian sociolinguists; for instance, Bortoni-Ricardo (2004, p. 48, *apud* FREITAG, 2011, p. 50) asserts that one's level of education, the quality of one's schooling, and one's linguistic repertoire are intimately related to one's socioeconomic standing. Although Bortoni-Ricardo (2004) restricts her claim to the Brazilian, it is easy to see how similar claims can be made about distinct parts of the world – for example, Bourdieu (1979) conducted his study in France, whereas Eckert (1990) did her

ethnography in the United States. Furthermore, this article extends beyond the realm of variationist sociolinguistics, a realm in which it is not only relevant but also necessary to assume and control discrete and quantifiable categories. In this essay, such a necessity is not present.

Rodolfo Ilari and Renato Basso (2006) drew a comprehensive panorama of the Portuguese language since its grammatization in the Middle Ages until its contemporary Brazilian incarnation. The authors highlighted the linguistic hybridity that, according to them, has always been a feature of the Portuguese language even before the foundation of the Kingdom of Portugal. For instance, Ilari and Baso (2006) argued that Iberian Romance languages had been influenced by Arabic and Germanic languages before the fall of the Roman Empire – and influenced one another even after the formation of modern nation states (2006, p. 137-138). The authors also highlighted that the first lingua francas of what is now the Brazilian territory were Indigenous (p. 62), and that African languages from various language families influenced Brazilian Portuguese since the dawn of the Portuguese occupation of America⁷ (p. 74-75). In other words, far from treating the Brazilian linguistic history as exceptional, the authors treat it as the continuation of the history of linguistic mixing already found in Vulgar Latin. For Ilari and Baso, the so-called ‘Brazilian speech norm’ (*norma brasileira*) – otherwise known as ‘Standard Brazilian Portuguese – was not a reality until the nationalist movements of the 19th century, which not only precipitated the independence from Portugal but also began to forge a national identity that was somewhat hostile to the former metropole (p. 213-223).

It is from this moment on that their analysis shifts gears. Here, Ilari and Basso’s racialized – or at least ethnicized – rhetoric of language contact and lexical borrowing leaves the stage in favor of a different rhetoric; one that promotes unity in diversity

⁷ In this essay I use the term *America* to refer to the whole continent. I use the term United States – or US for short – to refer to the North American country called United States of America.

and describes a de-racialized language in the years since the romantic literature of the 19th century. In other words, the acknowledgment of a racial component in Brazilian Portuguese, either in the lexicon or in the syntax, is something Ilari and Basso did only when analyzing a time that no longer exists: the colonial days and the years that succeeded the Brazilian independence. In their description of contemporary Brazilian Portuguese, there is room for regional, educational and – especially – class differences; but racial and ethnic differences are not mentioned.

Errington (2008) and Irvine and Gal (2000) showed how linguistic scholarship and narratives of nationhood (and Empire) can be intrinsically connected – and their work can provide a useful lens through which we can approach Ilari and Basso's work. The erasure of selected aspects of sociolinguistic complexity are instrumental in the construction – through iconization – of a coherent national state, which can be coherent and cohesive not only in strict political terms, but also in ethnic ones. Consequently, Ilari and Basso's erasure of race in the years since the Brazilian independence should come as no surprise – one could argue that the authors are simply reflecting dominant ideologies of nationhood in their scholarship. In fact, the erasure of racial markers – which, in the Brazilian context, is usually conceptualized along color lines– is not exclusive to Ilari and Basso (2006); various authors (BAGNO, 2013; BORTONIRICARDO, 2005, 2011; FARACO, 2008; LUCCHESI, 2015) who investigated the sociolinguistic dynamics of Standard and Vernacular dialects of Brazilian Portuguese adopted a similar approach. What these studies have in common is an emphasis on the correlation between linguistic varieties and social class belongings instead of other social markers of difference. This fact, however, should not lead one to think that racial lines do not exist in contemporary Brazil. According to sociologist Boaventura de Sousa Santos (2014):

From the standpoint of colonialist social markers, the poor is a form of sub-humanity, a degraded form of being that combines five forms of degradation: to be ignorant, to be inferior, to be outdated, to be

vernacular or folkloric, to be lazy or unproductive. The common sign to all of them is that the poor do not have the same [skin] color of the rich. (<https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Brasil-A-Grande-Divisao/32167>)⁸

In other words, Sousa Santos argues that, in the Brazilian society – which, according to him, emerged in the midst of colonialism and slavery – social class and race are intertwined for ‘the poor’ – the unmodern subject par excellence – are also marked by a different skin color: a darker one. But if this is the case, and if some linguists tend to take social class seriously, why is it that they often do not factor in race – or the social meaning of skin color – when investigating linguistic variation in the Brazilian context? A possible answer can be found in Dante Lucchesi’s *Língua e sociedade partidas: a polarização linguística no Brasil* (‘Fractured language and society: the linguistic polarization in Brazil’).

Lucchesi (2015) described and analyzed the Brazilian case of quasi-diglossia. According to the author, there is a significant linguistic divide between “the language of power” (p. 191) and vernacular dialects because there is a significant economic divide between the upper classes – who speak “the language of power” – and other social groups, as well as the affordances such a divide offers. For instance, a higher social standing allows one access to better education and a specific linguistic repertoire deemed Standard. In other words, the Brazilian linguistic situation of quasi-diglossia reflects a more encompassing social issue. And this divide, Lucchesi argued, is not necessarily a racialized one. According to the author:

The end of the slave trade, the abolition of slavery and arrival of millions of European and Asian immigrants between the end of the 19th and the beginning of the 20th century slowly blurred the ethnic

⁸ “Na ótica dos marcadores sociais colonialistas, o pobre é uma forma de sub-humanidade, uma forma degradada de ser que combina cinco formas de degradação: ser ignorante, ser inferior, ser atrasado, ser vernáculo ou folclórico, ser preguiçoso ou improdutivo. O sinal comum a todas elas é o pobre não ter a mesma cor que o rico”.

matrixes of the sociolinguistic polarization. And the processes of industrialization and urbanization of the Brazilian society, which took effect from the 1930's onwards, ended up defining the current contours of the sociolinguistic polarization of the country. (LUCCHESI, 2015, p. 35)⁹

It would be incorrect to say that Lucchesi (2015) ignored the correlation between race and class. The author did state that most inhabitants of favelas and lower-income neighborhoods are black or mixed race (2015, p. 23). In fact, Africanized Brazilian Portuguese does figure in Lucchesi's (2015) theory of a continuum between vernacular and standard dialects. For instance, when describing the rural-urban axis of vernacular dialects, Lucchesi (2015) argues that there is a continuum amongst the following dialects: Afro-Brazilian Portuguese; popular rural Portuguese; countryside popular 'rurban' Portuguese; countryside popular urban Portuguese; big-city popular 'rurban' Portuguese; big-city popular urban Portuguese (p. 218). But although 'Afro-Brazilian Portuguese' is a category present in Lucchesi's (2015) work, it was in a previous book (LUCCHESI et al., 2009) that he defined it more completely:

[The phrase] *Afro-Brazilian Portuguese* refers to a [linguistic] variety that comprehends patterns of linguistic behavior from rural communities [that are] mostly composed by direct descendants of African slaves who settled in remote locations in the outbacks of the country. (LUCCHESI et al., 2009, p. 32)¹⁰

Similarly to what we saw in Vogt and Fry (2014), in Lucchesi's (2015) taxonomy Afro varieties are those most closely tied to past: they are not only Africanized – and

⁹ "O fim do tráfico negreiro, a abolição da escravatura e o ingresso no país de milhões de imigrantes europeus e asiáticos, entre o final do século XIX e o início do século XX, foram esmaecendo os matizes étnicos da polarização sociolinguística. E os processos de industrialização e urbanização da sociedade brasileira, que se iniciaram efetivamente a partir de 1930, acabaram por definir os contornos atuais da polarização sociolinguística do país".

¹⁰ "O *português afro-brasileiro* designa ... uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país".

therefore vestiges of a politico-economic reality that no longer exists – but are also rural, that is, remnants of a pre-industrial Brazil. In fact, the space occupied by Afro-influenced varieties is so marginal in Lucchesi’s rural-urban taxonomy that one cannot be surprised to realize they have no place at all in a complementary taxonomy proposed by the author and organized solely along social-class lines (p. 283). But Lucchesi (2015) is not the only scholar to privilege social class over race. For instance, Marcos Bagno (2013, p. 59) argues that:

... there is prejudice against the characteristic speech of certain regions just like there is prejudice against the speech of certain social classes. For instance, the way Northeastern speech is depicted in telenovelas is a true attack on human rights.¹¹

When moving beyond social class, Bagno (2013) directs his attention to media representations of regional differences – and one stigmatized region in particular: the Northeast. Sousa Santos (2014) has argued that the internal colonialist dynamics in Brazil happens mainly between the colonialist South(east) and the colonized North(east). In addition, linguist Daniel do Nascimento e Silva (2010) has demonstrated that since the early 20th century Southeastern media outlets have depicted Northeasterners as the epitome of the pre-modern subject: the Northeast is usually represented as a rural, pre-industrial, and outdated land full of ignorant people who look different from their Southernmost counterparts. In other words, the Northeast is everything the Southeast is not – and would never want to be (Silva, 2010). Given these facts, it would be no exaggeration to say that Southern depictions of the Northeast are quite racialized; after all, from a Southern perspective, Northeasterners are those who look, speak and behave like undesirable Others. However, Bagno (2013)

¹¹ “... do mesmo jeito que existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão”.

adopted an alternative standpoint: he did not racialize the region, and instead treated region-based linguistic discrimination under the umbrella of class-based linguistic discrimination. According to Bagno (2013), the fact that Northeasterners are perceived as ignorant – that is, as people who do not have access to a proper education – is, ultimately, a marker of social class.

Another influential author who has investigated language variation in Brazil is applied linguist Stella Maris Bortoni-Ricardo. In her 2005 book, *Nós chegemu na escola, e agora?* ('We made it to school, now what?'), Bortoni-Ricardo built on the research she started in her doctorate (1985), and argued that three different *continua* need to be considered when analyzing variation within Brazilian Portuguese: the rural-urban continuum, the orality-literacy continuum, and the stylistic monitoring one. According to the author, the ability to move along each continuum might be an index of one's social positioning. For instance, educated middle-class individuals tend to be more successful at navigating the stylistic monitoring continuum, young urban speakers tend to be exposed to more dialects – and thus navigate a longer stretch of the orality-literacy continuum –, whereas rural folks tend to struggle with urban dialects. On the one hand, Lucchesi (2015) seems to be aligned with Bortoni-Ricardo when he emphasized the importance of considering more than one axis when analyzing linguistic variation. On the other, Bagno (2013) was arguably more influenced by the emphasis Bortoni-Ricardo (2005) placed on *region* as an analytical category. For Bortoni-Ricardo (2005) – as it would be for Bagno (2013) – region and regional varieties may serve as an index of education and, indirectly, an index of social class. Additionally, and similarly to Bagno (2013), Bortoni-Ricardo (2005) did not racialize regional differences.

In a book that was published after her 2005 study, but was based on her doctoral fieldwork carried out in the 1980's, Bortoni-Ricardo (2011) focuses on one of the aforementioned continua, the rural-urban one, and on its relationship to social

networks. The author investigated the language practices of migrant workers who had migrated to the areas surrounding Brasília, the national capital, during the years in which the city was being built, and who settled in the area after the new capital was inaugurated in 1960. According to Bortoni-Ricardo, the gap between the dialects spoken by those who built the city and those who were supposed to occupy government positions was such that it could even be analyzed in terms of intercultural communication (2011, pp. 241-259) – a claim that resembles Lucchesi's (2015) thesis of quasi-diglossia. In addition, Bortoni-Ricardo (2011) engaged gender in her monograph and challenged the assumption that urban women tend to orient more toward overtly prestigious forms and lead language change (TRUDGIL, 1972). According to Bortoni-Ricardo (2011), the women she studied had more restricted social networks (a fact that was reflected in their less flexible linguistic repertoire) when compared to those of their male counterparts within the same age group (TRUDGIL, 1972, p. 178). Their position, closer to the rural end of the continuum, Bortoni-Ricardo (2011) argued, was more related to the limitation of their social network than to linguistic insecurity or orientation towards overtly prestigious linguistic forms. Similarly to Bagno (2013), Bortoni-Ricardo mentioned the importance of regional background in how her subjects were perceived – as more rural –, and did not racialize such differences.

Taking Bortoni-Ricardo's (2005) work as a point of departure, Carlos Alberto Faraco (2008) investigated the sociopolitical factors that informed the creation of the so-called *norma culta brasileira* ('Brazilian Standard [linguistic] Norm') – which the author also called *norma curta brasileira* in a pun that implies that *Standard* ('cult') and *short-sighted* ('curta') are quasi-synonymous. According to Faraco (2008), the so-called Standard was imposed primarily by the literate economic and political elite of the 19th century – whose power and influence were inversely proportional to its size – and enforced by the other elite groups who succeeded that first one. Although Faraco (2008) agreed with Bortoni-Ricardo (2005) that three continua (urban-rural, orality-

literacy, stylistic monitoring) need to be factored in in the study of language variation, his main sociohistorical thesis about the connection between a Standard Brazilian Portuguese and economic elites place him closer to Lucchesi (2015) and the emphasis the latter places on the correlation between groups who control power and the language they impose onto other social groups. However, unlike Lucchesi (2015) and similarly to Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008) did not place racial matters at the center of his theoretical preoccupations.

In sum, it seems that the main trend in scholarship on language variation in Brazilian Portuguese is not to use *race* as an analytical category, and to use *social class* instead – or other categories that serve as indices of social class, such as *ruralness* or *level of education*. When authors do engage with race, such as Lucchesi (2015) or Ilari and Basso (2006), they tend to limit its importance to previous times, prior to the transformation of Brazil into an ethnically diverse and miscigenated nation in which the importance of *race* has greatly diminished, or even become irrelevant – a claim which is in accordance with the Brazilian myth of racial democracy.

5. Conclusions

In sum, in this essay I have discussed how linguistic scholarship on African continuities in Brazilian Portuguese and on language variation within Brazilian Portuguese have approached *race* – and, in particular, *blackness*. In spite of some variation, it was possible to find a common trend among scholars who investigated such distinct topics as African languages in Brazil, language contact between African languages and Brazilian Portuguese, *Quilombola* communities, and language variation and change in Brazilian Portuguese: (1) Despite occasional references to Indigenous languages, racialized speech is often equated with *blackness* or *Africanness*, (2) *Africanness* is commonly treated as an index of old, pre-modern times, and (3) due to its indexicality, *Africanness* does not belong in the modern national present.

Additionally, it is worth noting that several scholars who have investigated the aforementioned continuities believe that *social class* is a more relevant analytical category than *race*, and thus favor the former over the latter. In this essay, I suggest that this position might derive from an alignment with the myth of racial democracy, which locates racial difference in the past, and claims that the modern Brazilian state has been constructed through continuous racial miscegenation. Put differently, this stream of scholarship claims that social class differences are the most relevant ones due to the Brazilian history of racial mixing – and the consequent virtual erasure of race as a relevant analytical category. These commonalities among different streams of research, I claim, cannot be dissociated from broader narratives of racial mixing, and the consequent de-Africanizing effects of these ideologies.

Bibliography

ALKMIM, T. Estereótipos linguísticos: negros em charges do século XIX. *In*: ALKMIM, T. (ed.). **Para a história do português brasileiro: novos estudos**. v. 3. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002. DOI <https://doi.org/10.31819/9783964563002-012>

ALKMIM, T. A fala como marca: escravos nos anúncios de Gilberto Freire. **Scripta**, v. 9, n. 18, p. 221-229, 2006.

ALKMIM, T.; PETTER, M. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. *In*: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (ed.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

AVELAR, J.; GALVES, C. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. *In*: MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A. (ed.). **Para a história do português brasileiro**. Maceió: Editora da UFAL, 2013, p. 103-132.

AVELAR, J.; GALVES, C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Linguística – Revista da ALFAL**, v. 30, n. 2, p. 241-288, 2014.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BARROS, E. U. de. **Línguas e linguagens nos candomblés de Nação Angola**, 2007. Doctoral Dissertation (Ph.D. in Linguistics), University of São Paulo, Department of Linguistics, 2017. DOI <https://doi.org/10.11606/t.8.2007.tde-27112009-102203>

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 19. p. 65-83, 1997.

BONVINI, E. Línguas africanas e o português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (ed.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-62.

BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

CARNEIRO, E. **Candomblés da Bahia**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CASTRO, Y. P. de. A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. **Afro-Ásia**, n. 4-5. p. 25-34, 1967.

CASTRO, Y. P. de. **Os falares africanos na interação social do Brasil colônia**. Salvador: UFBA/CEAO, 1980.

CASTRO, Y. P. de. Língua e nação de candomblé. **África – Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**, v. 4. p. 57-76, 1981.

CASTRO, Y. P. de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CUNHA, A. S. (ed.). **Boi de zabumba é a nossa tradição**. São Luís: Setagraf, 2011.

DURANTI, A. **From grammar to politics: linguistic anthropology in a Western Samoan village.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1994.

ECKERT, P. **Jocks and burnouts: social categories and identity in the High School.** New York: Teachers College Press, 1990. DOI <https://doi.org/10.2307/2073258>

ERRINGTON, J. **Linguistics in a colonial world: a story of language, meaning and power.** Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2007.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, R. M. K. O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Didadorim** – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ, v. 8, p. 43-58, 2011.

GUY, G. On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. **Estudios sobre español de América y lingüística afroamericana.** p. 227-245. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989.

HILL, J. H. **The everyday language of white racism.** Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2008.

HOLM, J. Creole influence on Popular Brazilian Portuguese. *In:* GILBERT, G. (ed.). **Pidgin and creole languages.** Honolulu: University of Hawaii Press, 1987, p. 406-429.

HOLM, J. **An introduction to pidgins and creoles.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que falamos, a língua que estudamos.** São Paulo: Contexto, 2006.

IRVINE, J.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. *In:* KROSKRITY, P. V. (ed.). **Regimes of language: ideologies, politics, and identities.** Santa Fe: School of American Research Press, 2000, p. 35-84. DOI <https://doi.org/10.1017/s0047404502222186>

KEANE, W. Semiotics and the social analysis of material things. **Language & Communication.** v. 23. p. 409-425, 2003. DOI [https://doi.org/10.1016/s0271-5309\(03\)00010-7](https://doi.org/10.1016/s0271-5309(03)00010-7)

KEANE, W. **Christian moderns: freedom and fetish in the mission encounter.** Berkeley: University of California Press, 2007. DOI <https://doi.org/10.1017/s004740450808086x>

LUCCHESI, D. A variação da concordância de gênero em dialetos despidgnizantes e descrioulizantes do português do Brasil. *In*: ZIMMERMAN, K. (ed.). **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa.** Frankfurt am Main: Vervuet, Madrid: Iberoamericana, 1999, p. 477-502.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (ed.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: FAPERJ/7 Letras, 2003, p. 272-284.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (ed.). **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009.

MANNING, P. **The semiotics of drink and drinking.** New York: Bloomsbury Academic, 2012.

MIGGE, B.; L'ÉGLISE, I. L. **Exploring Language in a Multilingual Context: Variation, Interaction, and Ideology in Language Documentation.** New York: Cambridge University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1017/cbo9780511979002>

MONADEOSI, I. Línguas africanas no candomblé. *In*: PETTER, M. (ed.). **Introdução à linguística africana.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 251-280.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2007.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um genocídio mascarado.** São Paulo: Perspectivas, 2016. DOI <https://doi.org/10.26694/rcp.issn.2317-3254.v8e1.2019.p93-96>

NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. *In*: FIORIN, J. L.; PETTER, M. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-203.

NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Epistemological aspects of the study of the participation of African languages in Brazilian Portuguese. *In*: PETTER, M. ; VANHOVE, M. (ed.). **Portugais et langues africaines: études afro-brésiliennes**. Paris: Karthala, 2011.

PEIRCE, C. S. **The new elements of mathematics**. v. 4. Edited by Carolyn Eisele. Hague: Mouton Publishers; Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1976. DOI <https://doi.org/10.2307/2273606>

PETTER, M. M. T. Línguas africanas no Brasil. *In*: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. M.; MATTOS E SILVA, R. V. (ed.). **Quinhentos anos de história linguística no Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

PETTER, M.; CUNHA, A. S. Línguas africanas no Brasil. *In*: PETTER, M. (ed.). **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 221-250.

QUEIROZ, S. M. M. **Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. DOI <https://doi.org/10.7476/9788542303056>

ROSA, M. C. **Uma língua africana no Brasil colônia de seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na arte de Pedro Dias**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. DOI <https://doi.org/10.1080/17597536.2015.1112705>

SILVA, D. N. **Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira**. Doctoral Dissertation (Ph.D. in Linguistics). University of Campinas, 2010.

SILVA, V. G. da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SOUSA SANTOS, B. (2014). **Brasil: a grande divisão**. Retrieved from <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Brasil-A-Grande-Divisao/32167>, on February 2nd, 2017.

SOUZA, S. M. C. Lingoa geral de Minna: descrição das características fonológicas. *In*: **Enapol II**. São Paulo, USP, 1999.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in Society**, v. 1, n. 2, p. 179-95, 1972. DOI <https://doi.org/10.1017/s0047404500000488>

VOGT, C.; FRY, P. **Cafundó: a África no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

Artigo recebido em: 31.12.2018

Artigo aprovado em: 01.06.2019



O deslocamento populacional como fator propulsor da mudança linguística

Population displacement as a driving factor of linguistic change

*Dante Lucchesi**

RESUMO: O artigo analisa o efeito do deslocamento populacional na implementação de mudanças linguísticas em uma variedade do português popular brasileiro, o português afro-brasileiro, no contexto da polarização sociolinguística do Brasil. O algoritmo da polarização sociolinguística prevê um nivelamento linguístico, com a difusão das variantes linguísticas de prestígio nas grandes cidades para todas as classes sociais e para todas as regiões do país, desencadeando mudanças “de cima para baixo” na norma popular do português brasileiro, em que as antigas formas produzidas pelo contato entre línguas no passado estão sendo substituídas pelas formas urbanas com prestígio social. O deslocamento de indivíduos de comunidades rurais para os centros urbanos em busca de trabalho e o seu retorno às suas comunidades de origem têm sido um fator que impulsiona essas mudanças. Para comprovar essa hipótese, foram computados os resultados quantitativos da variável explanatória referente ao deslocamento populacional produzidos por dez análises sociolinguísticas sobre aspectos da morfossintaxe em variação na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. Os dados empíricos comprovaram a hipótese, demonstrando

ABSTRACT: The article analyzes the effect of population displacement on the implementation of linguistic changes in a variety of popular Brazilian Portuguese, Afro-Brazilian Portuguese, in the context of Brazil’s sociolinguistic polarization. The algorithm of sociolinguistic polarization predicts a linguistic leveling, with the diffusion of prestigious variants in the big cities to all social classes and to all regions of the country, triggering changes from above in Popular Brazilian Portuguese, so that the old forms produced by language contact in the past are being replaced by urban forms with social prestige. The migration of individuals from rural communities to urban centers in search of work and their return to their communities of origin has been a factor driving these changes. In order to prove this hypothesis, we have computed the quantitative results of the explanatory variable referring to the population displacement produced by ten sociolinguistic analyzes about variable aspects of the morphosyntax in the isolated Afro-Brazilian rural communities. The empirical data proved the hypothesis by demonstrating that the population displacement is really a propelling factor of the linguistic change in the social context observed.

* Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo n.: 309397/2014-6). <https://orcid.org/0000-0002-8058-2658>, dante.lucchesi@gmail.com.

que o deslocamento populacional é realmente um fator propulsor da mudança linguística no contexto social observado.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento populacional. Mudança linguística. Português afro-brasileiro. Contato entre línguas. Morfossintaxe.

KEYWORDS: Population displacement. Linguistic change. Afro-Brazilian Portuguese. Language contact. Morphosyntax.

1. Introdução

Este artigo evidencia o efeito do deslocamento populacional na implementação de mudanças em curso no português popular, no contexto da *polarização sociolinguística do Brasil* (LUCCHESI, 2015a). No algoritmo da polarização sociolinguística, estaria em curso um *nivelamento linguístico*, em função de mudanças “de cima para baixo”, nos termos de Labov (2008), na fala da população de baixa ou nenhuma escolaridade. Essas mudanças seriam impulsionadas por diversos fatores provenientes do processo de industrialização e urbanização que se implementou efetivamente, a partir da Revolução de 1930, promovendo “um dos maiores êxodos rurais contemporâneos, invertendo em pouco mais de meio século a distribuição da população brasileira” (FARACO, 2016, p. 151). Dentre os fatores que impulsionam essas mudanças, destacam-se: a maciça influência dos meios de comunicação de massa, e mais recentemente da Internet; a ampliação do sistema público de educação formal, em que pese a sua precariedade; e a expansão da malha rodoviária, que facilitou o deslocamento da população, tanto no sentido das grandes cidades, quanto no sentido inverso, dos que retornam para suas localidades de origem, após um período de trabalho sazonal. Esses fatores impulsionam mudanças nas quais as variantes linguísticas de prestígio nos grandes centros urbanos são difundidas para as classes mais baixas e para todas as regiões do país, mesmo as mais recônditas. Essas formas linguísticas urbanas estão substituindo progressivamente as formas características do vernáculo popular rural, muitas delas engendradas no passado a partir da aquisição

precária do português por milhões de índios aculturados e africanos escravizados e da nativização dessa variedade defectiva de segunda língua entre os seus descendentes, em um processo de *transmissão linguística irregular de tipo leve* (LUCCHESI, 2009a, 2015a).

Este artigo focaliza o efeito do deslocamento populacional na implementação dessas mudanças em comunidades rurais afro-brasileiras do interior da Bahia que se mantiveram em relativo isolamento até os finais do século XX, sendo que algumas delas têm a sua origem em antigos quilombos. A base empírica será fornecida por resultados de análises sociolinguísticas conduzidas no âmbito do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, algumas já publicadas no livro *O Português Afro-Brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), outras na forma de dissertações e teses, posteriormente. Essas análises se orientaram pelo *Paradigma Variacionista* (LABOV, 2008, 1994, 2001a, 2001b) e buscaram identificar mudanças em progresso, através da análise sincrônica dos padrões de variação linguística nessas comunidades.

Para escrutinar seu objeto de estudo, este artigo se estrutura da seguinte maneira. Na primeira seção, será traçado um panorama da polarização sociolinguística do Brasil, dirigindo-se para as mudanças em curso na norma popular. Na segunda seção, será descrito como o deslocamento populacional foi formalizado como variável explanatória nas análises sociolinguísticas aqui observadas. Na terceira, serão analisados os resultados quantitativos do efeito do deslocamento populacional em estudos da variação em dez aspectos da morfossintaxe da gramática das comunidades de fala analisadas. Na conclusão, será mensurada a produtividade desse fator na implementação da mudança linguística, no universo do português popular do Brasil.

2. Tendências de mudança no português popular no contexto da polarização sociolinguística do Brasil

A polarização sociolinguística é, em primeiro lugar, o resultado da clivagem etnolinguística que marca a formação da sociedade brasileira, desde o início da

colonização portuguesa, no século XVI. Embora o português seja hoje a língua materna de pelo menos 98% da população brasileira, durante os primeiros quatro séculos da colonização, só um terço da população do Brasil era composto por falantes nativos do português, filhos de pais também falantes nativos dessa língua (LUCCHESI, 2015a). Os outros dois terços eram compostos por índios aculturados, africanos escravizados e seus descendentes, que constituem, na atualidade, a maioria da população mais pobre e marginalizada da sociedade brasileira. Assim, a fala da população das classes populares, com pouca ou nenhuma escolaridade, ainda guarda reflexos da aquisição precária do português por parte de índios e africanos e da sua nativização entre os descendentes desses segmentos.

Embora não tenha atingido a radicalidade encontrada nos processos de pidginização/crioulização, como aqueles que ocorreram no Caribe (LUCCHESI, 2019), o contato entre línguas no Brasil desencadeou um conjunto de mudanças que são responsáveis pelas características que hoje separam a fala das camadas populares da fala da elite letrada brasileira, como consequência de um processo definido por Baxter e Lucchesi (2006, 2009) como *transmissão linguística irregular de tipo leve*. Essas mudanças atingem principalmente os mecanismos gramaticais sem valor informacional ou com um significado mais abstrato, como as regras de concordância, a flexão de caso, os artigos, algumas preposições, o pronome reflexivo quando esvaziado de seu conteúdo semântico original etc.

Segundo Lucchesi (2017), o processo de imposição da língua portuguesa aos demais segmentos étnicos da população brasileira se estende desde os finais do século XVII, quando a situação do Brasil tem sido caracterizada por um “multilinguismo generalizado”, até o início do século XX, quando se configura uma situação de “multilinguismo localizado” (MATTOS E SILVA, 2004). Assim, a clivagem etnolinguística do Brasil deixa progressivamente de opor a língua portuguesa às línguas indígenas e africanas e passa a assentar na oposição entre a variedade de

português da elite letrada, historicamente influenciada pelos modelos da ex-metrópole, e as variedades das classes sociais mais baixas, que até o início do século XX ainda apresentavam notáveis alterações decorrentes do contato entre línguas, pois, nessa época, cerca de 80 % da população brasileira vivia no campo e sua grande maioria era composta por descendentes iletrados de índios e africanos. Ainda segundo Lucchesi (2015a, 2017), essas marcas do contato entre línguas nas variedades populares do português brasileiro começaram a ser mais atenuadas, a partir de 1930, com o processo de industrialização e urbanização do Brasil, pois os imensos contingentes da população que foram para as grandes cidades foram se inserindo no mercado de trabalho e de consumo urbanos. Com isso, foram tendo acesso à escolarização e passaram a ser crescentemente influenciados pelos meios de comunicação de massa.

Os reflexos sociolinguísticos de todo esse processo são a assimilação das formas linguísticas de prestígio nas grandes cidades por esse contingente urbanizado, bem como a difusão dessas formas linguísticas de prestígio para todas as regiões do país. A consolidação e a difusão de uma norma urbana culta são inerentes à formação das modernas sociedades capitalistas da Europa e da América do Norte (FARACO, 2008). Porém, as características do desenvolvimento tardio e dependente do capitalismo no Brasil não possibilitaram uma plena inserção das classes trabalhadoras no mercado formal de trabalho e, sobretudo, no mercado de consumo, particularmente de bens culturais. Grande parte da população proveniente do campo ficou marginalizada nas periferias das grandes cidades, em bolsões de miséria, marcados pelo abandono do Estado e pelos altos índices de violência e criminalidade. Com isso, a difusão da norma urbana culta para as classes sociais mais baixas foi severamente restringida, conservando-se na fala popular muitos reflexos das mudanças que o contato linguístico desencadeou no passado (LUCCHESI, 2015a).

Portanto, a polarização sociolinguística do Brasil, na atualidade, nada mais é do que a expressão sociolinguística do violento *apartheid* que caracteriza a sociedade

brasileira, uma das mais desiguais e cruéis do planeta, em decorrência de uma absurda concentração de renda, que as classes dominantes procuram manter a todo custo, com o maciço apoio dos oligopólios que dominam os meios de comunicação de massa. Nesse processo, um golpe jurídico-midiático-parlamentar derrubou um governo democraticamente eleito, em 2016, pondo fim a um ciclo de governos do Partido dos Trabalhadores (PT), que se iniciara em 2003 e se caracterizou pela distribuição e renda, pela elevação real dos salários e pela ampliação do acesso à educação superior. E para impedir o retorno desse projeto político do PT, o maior líder popular do país, Luís Inácio Lula da Silva, que liderava todas as pesquisas de intenção de voto para as eleições presidenciais, em 2018, foi condenado e preso, em uma farsa que entrará para a história das teratologias jurídicas, sendo impedido de participar da eleição pelos Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que desrespeitou, assim, uma determinação do Comitê de Direitos Humanos da ONU para que Lula participasse livremente do processo eleitoral. Com isso, um candidato com posições fascistas foi eleito, com o apoio ilegal de empresários que financiaram um verdadeiro tsunami de *fake news* nas redes sociais, contando com a omissão do mesmo TSE.

Desde que tomou posse, esse governo, que conta com um apoio das forças armadas, o que compromete ainda mais o Estado Democrático de Direito no país, tem promovido violentos retrocessos no que concerne à preservação do meio ambiente, ao direito dos povos indígenas, bem como no plano social, solapando direitos trabalhistas e previdenciários, aprofundando a concentração de renda e comprometendo seriamente as políticas de educação pública e de respeito aos direitos humanos. Com isso, o ritmo das mudanças linguísticas de assimilação dos modelos da norma urbana culta pelas classes populares pode diminuir ainda mais, embora a influência da Internet e dos meios de comunicação de massa, bem como o deslocamento populacional aqui analisado, possam continuar atuando como fatores da mudança linguística, mesmo diante de um aprofundamento da desigualdade social.

No plano das representações simbólicas da língua, o pesado estigma que se abate sobre as características mais proeminentes da fala popular consubstanciam o caráter eminentemente ideológico da polarização sociolinguística. Como as formas mais discriminadas da fala popular como a falta de concordância verbal e nominal são o resultado direto do contato do português com as línguas indígenas e africanas, o preconceito linguístico pode ser visto como uma manifestação de racismo, que ainda é tolerada pela posição *sui generis* que a língua ocupa no universo da cultura. O preconceito linguístico atua como um poderoso instrumento ideológico, legitimando as relações sociais de superexploração do trabalho, na medida em que desqualifica os usuários da linguagem popular, contribuindo para a sua representação no estereótipo de cidadãos de segunda classe (LUCCHESI, 2011a, 2011b, 2015a). Portanto, a polarização sociolinguística, ao mesmo tempo em que é um reflexo das relações sociais, é, dialeticamente, um mecanismo ideológico que contribui para a reprodução destas.

Para além de identificar os fundamentos históricos, socioeconômicos e ideológicos da polarização sociolinguística do Brasil, foi preciso formalizar um modelo teórico que pudesse impulsionar a pesquisa empírica. O algoritmo da polarização sociolinguística se funda no conceito de *norma sociolinguística*, definido por Lucchesi (2015a, p. 75),

como contraparte linguística dos grupos sociais que formam a comunidade de fala [e] assenta nestes três parâmetros:

- (1) a frequência relativa de uso das variantes linguísticas entre os membros de cada grupo social;
- (2) a avaliação subjetiva das variantes linguísticas comum aos membros de cada grupo;
- (3) as tendências de mudança em curso em cada grupo social."

O terceiro parâmetro é o que se relaciona mais diretamente ao tema deste artigo. Nesse sentido, nos aspectos da morfossintaxe do português afetados pelo contato entre línguas, os padrões linguísticos da elite letrada, a *norma* (sociolinguística) *culta*, exibem

uma tendência de mudança linguística distinto do observado na fala dos indivíduos das classes sociais mais baixas, com pouca ou nenhuma escolarização, a *norma* (sociolinguística) *popular*. Na norma culta, o que se observa, em relação às regras de concordância, por exemplo, é uma situação de variação estável, ou de ligeira gradação geracional, nos termos de Labov (2008, 1981, 1994). Já na norma popular, encontra-se geralmente uma tendência de mudança em progresso no sentido da implementação do emprego das regras de concordância. Este artigo analisa a atuação do fator deslocamento populacional na implementação dessas mudanças observadas na norma popular, particularmente no chamado *português afro-brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

3. O deslocamento populacional como variável explanatória da mudança linguística

O modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista surgiu na década de 1960, com base nas pesquisas empíricas de William Labov (1966, 2008) na Ilha de Martha's Vineyard e na cidade de Nova York, em função do espaço criado pela incapacidade do Estruturalismo em abordar satisfatoriamente a questão da mudança linguística (LUCCHESI, 2004). Alguns estruturalistas, como Hockett e Bloomfield, chegaram a afirmar a impossibilidade do estudo científico da mudança linguística, já que não era possível observá-la diretamente (LABOV, 2008, p. 14). Assim, Labov (2008, p. 14-15) formula o programa de pesquisa da Sociolinguística negando esse e outros princípios caros ao estruturalismo, como o da "variação livre" e a ideia de que o indivíduo não poderia interferir no curso da mudança.

A base da pesquisa sociolinguística, cujo texto programático foi escrito por Weinreich, Labov e Herzog (2006), é o princípio de que, longe de ser livre, a variação linguística é fortemente condicionada por fatores não apenas da estrutura linguística, mas também da estrutura social. Além disso, a variação observada em um determinado momento refletiria os potenciais processos de mudança operando na

estrutura linguística. Dessa forma, através da análise sistemática da variação sincrônica é possível analisar o próprio desenvolvimento diacrônico da mudança linguística, superando assim mais uma das rígidas dicotomias saussurianas.

A distribuição das variantes linguísticas na estrutura interna da língua e na estrutura social refletiriam a propagação do processo de mudança, já que este não era *sistemático*, como propugnava Coseriu (1979), no sentido de que a substituição de uma variante por outra ocorreria abruptamente em toda a estrutura linguística e social. Os contextos linguísticos em que a variante inovadora é mais frequente indicariam os fatores estruturais que estariam favorecendo aquele processo específico de mudança, enquanto os contextos em que a variante conservadora é mais frequente indicariam os fatores estruturais inibidores do processo de mudança. Da mesma forma, os fatores sociais com maior frequência da variante inovadora estariam impulsionando a mudança; aqueles com menor frequência desta estariam retardando a mudança. Assim, a mudança linguística seria uma função dos fatores linguísticos e sociais que a determinam (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107-108), e a quantificação da frequência das variantes linguísticas em função dessas variáveis linguísticas e sociais que afetam o seu uso tornou-se essencial à análise variacionista, a tal ponto que o modelo também passou a ser chamado *Sociolinguística Quantitativa*. E modelos computacionais foram desenvolvidos para o processamento estatístico dos dados da variação linguística (GUY; ZILLES, 2007).

Porém, a variação sincrônica não refletiria necessariamente um processo diacrônico de mudança, já que as variantes poderiam se manter em concorrência na estrutura linguística indefinidamente, o que configuraria uma situação de *variação estável*. Labov (1981) sistematizou os resultados que deveriam ser considerados para fazer a distinção entre a *variação estável* e a *mudança em progresso*, com base nas seguintes variáveis sociais explanatórias: idade, sexo e classe social do informante.¹ Em linhas

¹ No Brasil, a variável classe social tem sido substituída pela variável escolaridade (VOTRE, 2003).

gerais, o diagnóstico de mudança em progresso deveria se basear nos seguintes resultados: (i) uma curva ascendente no resultado da variável faixa etária, com os falantes mais jovens empregando mais a variante inovadora; (ii) os homens liderando o processo de mudança, nos casos de mudança que se afastam do padrão de prestígio, e as mulheres liderando as mudanças em direção às variantes de prestígio²; e (iii) os setores da classe média baixa e da classe operária alta liderando as mudanças em direção às formas de prestígio. Nos casos de variação estável, seriam obtidos os seguintes resultados: (i) curvilínea com os indivíduos da faixa etária intermediária (com idade para atuar no mercado de trabalho) empregando mais frequentemente a variante de prestígio; (ii) as mulheres empregando mais a variante de prestígio; e (iii) as classes mais altas empregando mais a variante de prestígio.

Embora esse modelo tenha orientado as pesquisas empíricas da Sociolinguística desde a década de 1970, algumas críticas e propostas alternativas têm sido formuladas, desde a década de 1980, inclusive no que concerne à definição do objeto de estudo da sociolinguística como formulada por Labov.

Labov define o objeto de estudo da Sociolinguística como a *comunidade de fala*. A comunidade de fala se define mais pela uniformidade do julgamento das formas linguísticas do que pela homogeneidade no comportamento linguístico dos seus membros (LABOV, 2008, p. 150 e 188). Para James e Lesley Milroy (1997, p. 54-55), a concepção de Labov baseia-se em uma visão tradicional de estratificação social que “resulta em uma visão de consenso na sociedade, que pressupõe uma concordância geral em torno da hierarquia”. Esse modelo seria incapaz de apreender as contradições sociais e os diferentes sistemas de avaliação da variação linguística que se opõem dentro da comunidade de fala. Para apreender essas contradições, James e Lesley Milroy desenvolveram um modelo de análise a partir de pesquisas de campo de Lesley Milroy, com um caráter mais etnográfico, junto a comunidades de trabalhadores da

² Essa visão é discutida e questionada por Freitag (2015).

cidade de Belfast, na Irlanda do Norte. Para Eckert (2012), esse modelo constituiria a segunda onda de desenvolvimento das pesquisas sociolinguísticas.

Tal modelo se baseia no conceito de **rede social** (MILROY, 1980; MILROY; MILROY, 1992) e visa a desenvolver uma metodologia de mensuração da resistência de determinados grupos sociais à normatização linguística institucional, pois esses pesquisadores observaram que algumas comunidades de trabalhadores conservavam sua norma vernacular, como uma forma de solidariedade de grupo, não assimilando o modelo de prestígio entre as classes médias e altas. Segundo o seu conceito fundador, o comportamento do falante individual é, em grande parte, determinado por sua **rede de relações sociais**. Dessa forma, um grupo social caracterizado por uma rede de relações **densa e multiplex** (ou seja, todos os indivíduos da coletividade se relacionam entre si de várias maneiras), seria mais refratário à normatização linguística institucional, conservando, assim, suas formas vernáculas tradicionais. Esta seria a situação de muitos grupos subalternos e marginalizados. Já no contexto dos grandes centros urbanos, em que o indivíduo se relaciona de uma única maneira apenas com uma parte da coletividade, predominaria a influência da normatização linguística institucional, com uma tendência de mudança em direção às formas linguísticas de prestígio.

Por outro lado, Penelope Eckert critica o uso de categorias sociais macro, como sexo, idade e classe social, na variação linguística e centra sua análise na forma como os indivíduos constroem sua identidade social a partir de suas práticas linguísticas. Esse modelo de análise se funda a partir do conceito de *comunidade de prática*, constituindo o que Eckert (2012) definiu como terceira onda de desenvolvimento das pesquisas sociolinguísticas. Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 464) definem comunidade de prática como um grupo de pessoas que se reúnem em torno do desenvolvimento mútuo de um objetivo comum. Os estudos da terceira onda

ênfatisam a atuação consciente do falante nas negociações linguísticas e se centram principalmente nas questões de gênero.

Em um outro sentido, Lucchesi (2012a; 2015, p. 45-76) criticou a forma mecanicista e atomística como os resultados das variáveis sociais têm sido interpretadas nas análises sociolinguísticas, propondo uma abordagem mais globalizante dos processos de variação e mudança, considerando o contexto sócio-histórico mais amplo, bem como os aspectos ideológicos decorrentes das contradições de classe que permeiam a sociedade capitalista. Nesse sentido, a proposta de Lucchesi se aproxima mais do modelo dos Milroy, pois ele não refuta a correlação com as variáveis sociais, no plano social mais amplo, como faz Eckert.

Assim, uma via de desenvolvimento do modelo de pesquisa sociolinguística seria aprimorar a fundamentação sociológica da comunidade de fala, com um refinamento das variáveis sociais integradas na análise. A variável classe social, por exemplo, é uma variável compósita, pois engloba diversos fatores distintos, como o nível renda e de instrução, o tipo de ocupação e o local de moradia etc. Além disso, os parâmetros de definição de classe social serão muito diferentes de sociedade para sociedade e também vão variar no tempo (WARDHAUGH; FULLER, 2015, p. 153). Portanto, é preciso capturar as especificidades de cada contexto sócio-histórico em que a variação linguística é analisada.

No caso da realidade brasileira, o deslocamento de pessoas do interior do país para as grandes cidades em busca de trabalho é um dos elementos cruciais no processo de estruturação da sociedade brasileira desde meados do século passado, como destacado acima. Assim, essa variável teria um impacto potencialmente elevado na implementação das mudanças que constituem o nivelamento linguístico, no contexto atual da polarização sociolinguística do Brasil.

O Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, ou *Projeto Vertentes* (www.vertentes.ufba.br), busca traçar um panorama sociolinguístico da fala popular

da Bahia, atentando para sua formação histórica, dentro da concepção mais ampla de uma *Linguística Sócio-Histórica*, conforme delineado por Lucchesi (2015a, p. 60-62). Nesse sentido, o massivo contato do português com as línguas indígenas e africanas, que marca a formação da sociedade brasileira, é crucial para compreender a configuração atual das variedades populares da língua portuguesa no país. Com base nisso, as pesquisas de campo da primeira etapa do Projeto Vertentes foram feitas em comunidades rurais relativamente isoladas e formadas quase que exclusivamente por descendentes diretos de antigos escravos africanos. Muitas dessas comunidades se formaram como agrupamentos de escravos foragidos, os quilombos. Por suposto, estariam na fala dessas comunidades os efeitos mais notáveis do contato entre línguas, considerando o conjunto das variedades linguísticas brasileiras (LUCCHESI; BAXTER; SILVA; FIGUEIREDO, 2009, p. 75-82).

Seguindo a metodologia laboviana, foram feitas entrevistas de tipo sociolinguístico com doze membros de quatro comunidades de diferentes regiões do interior do Estado da Bahia, no período que vai do ano de 1992 a 2003: os arraiais de Rio de Contas, na Chapada Diamantina (amostra coletada em 1992); Cinzento, na região do Semi-Árido (amostra coletada em 2002); Helvécia, no litoral do extremo sul do Estado (amostra coletada em 1994); e Sapé, no município de Valença (amostra coletada em 2003), um pouco ao sul do Recôncavo Baiano, na chamada Costa do Dendê (LUCCHESI; BAXTER; SILVA; FIGUEIREDO, 2009, p. 83-100). Essas amostras foram estratificadas em função das variáveis sexo e três faixas etárias: de 20 a 40 anos; de 41 a 60 anos e mais de 60 anos. Outras variáveis sociais foram consideradas, embora não tenham sido integradas na estratificação das amostras. Os entrevistados foram divididos entre os que tinham alguma experiência de escolarização e os que eram totalmente analfabetos, para aferir os efeitos da variável *nível de escolaridade*. E o deslocamento populacional foi considerado, dividindo os falantes entre os que tinham vivido pelo menos seis meses fora da comunidade e os que nunca tinham vivido fora

e constituindo uma variável denominada *estada fora da comunidade* (LUCCHESI, 2009b, 155-161).

Segundo a visão que orientou a análise, estariam em curso mudanças “de cima para baixo” e de fora para dentro das comunidades, nas quais as formas linguísticas de maior prestígio nos grandes centros urbanos estariam sendo assimiladas pelos seus membros, sobretudo os mais jovens, com maior contato com a escolarização e mais expostos à ação dos meios de comunicação de massa (LUCCHESI, 2009c). Muitos moradores saem das comunidades para trabalhar nos grandes centros e depois retornam. As mulheres normalmente trabalham como empregadas domésticas, e os homens se empregam mais frequentemente na construção civil. Nesse tempo em que vivem nas grandes cidades, ou mesmo nas cidades de médio porte da região, têm um maior contato com o dialeto urbano e com as variantes de maior prestígio social. Foi definido um tempo mínimo de seis meses para esse contato poder afetar o comportamento linguístico do indivíduo. Assim, os indivíduos que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade reuniriam condições potenciais para liderar as mudanças linguísticas resultante de influências externas, juntamente com os que foram mais expostos à escolarização e aos *mass media*.

Confirmada a hipótese de que os indivíduos que viveram nos grandes centros empregam mais as variantes linguísticas urbanas em detrimento das variantes do vernáculo de sua comunidade rural, pode-se inferir que o princípio de solidariedade de grupo, identificado por Milroy e Milroy (1992), em algumas comunidades de trabalhadores de Belfast, não se confirma em comunidades rurais do interior do Brasil. No geral, o nível de renda dessas comunidades é muito baixo e nelas a população é desassistida, tendo um acesso muito precário aos serviços públicos básicos, como a saúde e a educação. Essa marginalização econômica e social cria uma dependência e um sentimento de inferioridade, em relação ao mundo exterior e principalmente ao universo urbano, que é visto como fonte do progresso e de desenvolvimento social.

Esse contexto explicaria a tendência geral de aderência dos indivíduos das comunidades rurais aos modelos linguísticos adventícios, principalmente os modelos linguísticos urbanos, que são veiculados pelos meios de comunicação de massa, principalmente.

Por outro lado, em algumas comunidades da periferia das grandes cidades, já afloram manifestações de solidariedade linguística e cultural, em um processo de construção identitária de determinados grupos sociais em reação aos padrões culturais hegemônicos. Esse movimento encontra uma forte expressão em manifestações artísticas populares, como o funk e o hip hop, particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, as duas maiores cidades do país. Portanto, deve-se pensar sempre em um quadro de contradições, mesmo nas comunidades rurais analisadas, onde também há manifestações culturais, artísticas e religiosas que contribuem para sua construção identitária, como a Festa de Reis; não obstante essa tendência geral à aderência linguística, que naturalmente será também mais forte nos indivíduos que deixam sua comunidade em busca de uma vida melhor na cidade.

Para aferir a influência do deslocamento de indivíduos para os grandes centros urbanos com o seu retorno às suas comunidades rurais de origem, foram observados os resultados de análises sociolinguísticas que focalizaram precipuamente fenômenos linguísticos da morfossintaxe que supostamente teriam sido afetados pelo contato entre línguas na formação histórica das quatro comunidades rurais afro-brasileiras analisadas pelo Projeto Vertentes.

4. Os efeitos do deslocamento populacional nos processos de variação e mudança no português afro-brasileiro

O processo de transmissão linguística irregular de tipo leve que marcou a formação das variedades populares da língua no Brasil afetou quase que exclusivamente os mecanismos gramaticais sem valor informacional ou com um valor semântico mais abstrato. Esses elementos da estrutura gramatical foram priorizados

nas análises do chamado *português afro-brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), com base na visão de que a linguagem das comunidades rurais afro-brasileiras guardaria uma especificidade no universo sociolinguístico do país, em função das características que nelas se desenvolveram pela ação do contato entre línguas.

Nesta seção, serão apresentados os resultados da variável *estada fora da comunidade*, que se relaciona ao deslocamento populacional, produzidos por análises quantitativas realizadas sobre as amostras recolhidas nas quatro comunidades afro-brasileiras apresentadas na seção anterior, focalizando os seguintes fenômenos morfossintáticos: a concordância verbal; concordância nominal de número e de gênero no interior do SN e nas construções passivas e de predicativo do sujeito; a negação sentencial; e o emprego das formas do subjuntivo.

As análises adotaram os fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008, 1994, 2001a, 2001b) e foram orientadas pela seguinte hipótese geral: estariam em curso nas comunidades mudanças nas quais as antigas formas geradas pelo contato entre línguas no passado estariam sendo substituídas por formas externas provenientes da influência dos grandes centros urbanos sobre todas as regiões do país, conforme descrito acima. As variáveis sociais consideradas foram: idade, sexo, escolaridade e estada fora da comunidade. No que concerne à variável faixa etária, os mais velhos usariam mais a variante conservadora proveniente do contato, com o uso da variante inovadora proveniente dos centros urbanos aumentando na medida em que se passa para as faixas etárias mais jovens. Ao contrário do que se observa na maioria das análises sociolinguísticas (CHAMBERS, 1995, p. 102-103), são os homens que lideram a mudança em direção às variantes de prestígio nessas comunidades rurais, porque são eles que têm mais contato com o mundo exterior (indo, por exemplo, à feira do centro urbano mais próximo vender os produtos de sua roça), enquanto as mulheres ficam mais circunscritas ao universo doméstico e rural, da criação dos filhos e da

lavoura, retendo assim as formas mais vernáculas, produzidas pelo contato no passado. Estariam também na vanguarda desses processos de mudança os indivíduos que tiveram algum contato com a escolarização e os que viveram fora da comunidade por pelo menos seis meses.³

E os resultados encontrados no processamento quantitativo dos dados, utilizando diferentes versões do programa Varbrul (GUY; ZILLES, 2007), revelaram que o fator *deslocamento populacional*, medido através da variável *estada fora da comunidade*, se revelou muito atuante na implementação das mudanças em progresso identificadas nas comunidades.

4.1. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação no uso da regra de concordância verbal

A concordância verbal é um dos fenômenos que ocupam uma posição central no debate sobre a participação do contato entre línguas na formação do português brasileiro (PB). Naro e Scherre (2007) defendem que o amplo quadro de variação no emprego da regra de concordância verbal, particularmente junto à 3ª pessoa do plural (e.g., *eles trabalham: eles trabalha*) seria o resultado de uma deriva secular que atuaria na estrutura interna da língua portuguesa desde antes do início da colonização do Brasil. Porém, a visão mais aceita atualmente é a de que esse quadro de variação resulta de uma simplificação morfológica que é inerente às situações de contato linguístico massivo, como o ocorrido na história do Brasil (LUCCHESI, 2012b, 2015a). Os resultados das análises sociolinguísticas do fenômeno nas últimas décadas, particularmente, nas variedades populares do PB, também fornecem fortes evidências empíricas contra a hipótese da deriva, pois essa hipótese prevê um contínuo e gradual processo de perda das marcas de concordância, enquanto a maioria das análises tem

³ Para uma caracterização sociolinguística das comunidades de fala analisadas, veja-se Lucchesi (2009c, p. 535-542).

observado uma tendência contrária de mudança no sentido da incremento do uso da regra de concordância no português popular brasileiro (PPB) (LUCCHESI, 2008, 2012c, 2015a). Neste artigo, serão analisados os resultados da variável *estada fora da comunidade* na análise de três processos distintos de variação na concordância verbal: junto à 1ª pessoa do singular, e à 1ª e à 3ª pessoa do plural (LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009).

A variação no uso da regra de concordância junto à 1ª pessoa do singular (P1) (e.g., *eu trabalho: eu trabalha*) é uma característica que distingue o português afro-brasileiro, porque normalmente não ocorre nas outras variedades do PPB. Além disso, fortalece a hipótese do contato porque vai ao encontro da ideia de que o contato entre línguas teria afetado mais a fala das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, pois sua formação histórica é marcada mais profundamente por esse fenômeno do que as outras variedades do PPB. Nesse caso, portanto, o contato teria afetado todo o paradigma da flexão verbal, enquanto que, nas outras variedades do PPB, as marcas da primeira pessoa do singular foram mais consistentemente transmitidas.

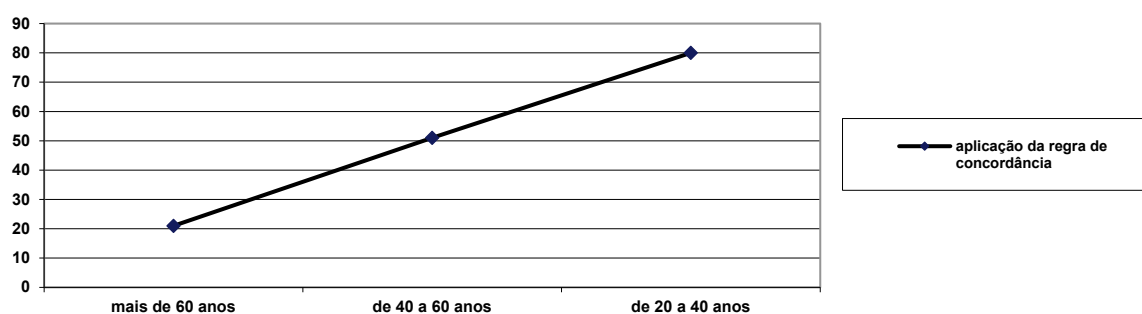
Mesmo no universo das quatro comunidades estudadas pelo Projeto Vertentes, a variação na concordância verbal junto à 1ª pessoa do singular só apresentou uma frequência consistente na comunidade de Helvécia, a única para a qual se tem evidências empíricas de ter passado por um processo de criouliização no passado (FERREIRA, 1984; LUCCHESI; BAXTER; SILVA; FIGUEIREDO, 2009). E o encaixamento social da variável configurou claramente um processo de mudança em progresso no sentido da implementação da regra de concordância na comunidade. Todas as variáveis sociais foram selecionadas como estatisticamente significativas pelo Varbrul. A variável faixa etária apontou para um cenário de mudança em progresso, com os falantes mais jovens empregando mais a regra de concordância, como se pode ver na Tabela 1 e na Figura 1.

Tabela 1 – Aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia-BA segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	1017/1060	96 %	.80
41 a 60 anos	787/920	86 %	.51
Mais de 60 anos	752/1154	65 %	.21
TOTAL	2.556/3.134	82 %	---

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

Figura 1 – Aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária (pesos relativos).



Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

Os homens também apareceram liderando o processo de mudança, segundo o resultado dos pesos relativos, com .64 contra .44 das mulheres. E os resultados quantitativos da variável *estada fora da comunidade* confirmaram a hipótese adotada aqui de que o deslocamento populacional é um fator propulsor da mudança, pois os indivíduos que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade empregaram mais a regra de concordância que os que não viveram fora da comunidade, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2 – Aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia-BA segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	1.034/1.109	93 %	.67
Não viveu fora da comunidade	1.522/2.025	75 %	.41
TOTAL	2.556/3.134	82 %	---

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

A análise sociolinguística da concordância verbal junto à 3ª pessoa do plural (e.g., *eles trabalham: eles trabalha*) foi feita sobre as amostras de três das comunidades estudadas pelo Projeto Vertentes (os arraiais de Rio de Contas, e as comunidades de Helvécia e Cinzento) e apresentou um cenário análogo de mudança em progresso, no sentido do aumento da frequência de uso da regra de concordância. Porém, o Varbrul não selecionou como estatisticamente relevante a variável *estada fora da comunidade*, que mede o efeito do deslocamento populacional, selecionando as variáveis sociais *idade* e *sexo* do informante. Os resultados quantitativos dessas duas variáveis apontaram para a mudança em progresso, com os mais jovens e os homens usando mais a regra de concordância.

A análise da variação na concordância verbal junto à 1ª pessoa do plural (e.g., *nós trabalhamos: nós trabalha*) cobriu todas as quatro comunidades estudadas pelo Projeto Vertentes e também identificou uma tendência de mudança no sentido da implementação da regra de concordância. Porém, foi observado que a ampla substituição do pronome *nós* em função da gramaticalização da forma nominal *a gente*, que se relaciona com a forma verbal não marcada da 3ª pessoa do singular (e.g., *a gente trabalha*), estaria enfraquecendo o processo de mudança. Mesmo assim, a variável *estada fora da comunidade* foi selecionada, indicando o deslocamento populacional como fator propulsor da mudança, com os que viveram fora das comunidades empregando mais as regras de concordância do que os que nunca saíram como se pode ver na Tabela 3.

Tabela 3 – A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	55/244	23 %	.59
Não viveu fora da comunidade	29/236	12 %	.40
TOTAL	84/480	17 %	---

Nível de significância: .009.

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

O resultado da variável faixa etária indicou um ligeiro aumento da frequência de uso da regra de concordância, quando se passa para as faixas mais jovens, como se pode ver na Tabela 4, mas essa variável não foi selecionada pelo Varbrul.

Tabela 4 – A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	Nº de oc. / Total	Freq.
20 a 40 anos	20/104	19 %
41 a 60 anos	34/188	18 %
Mais de 60 anos	30/188	16 %
TOTAL	84/480	17 %

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

A variável sexo também permite identificar os homens liderando um potencial processo de mudança em favor do uso da regra, mas também não foi selecionada como estatisticamente relevante.

4.2 Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação do uso da regra de concordância nominal de número no interior do SN

A variação na concordância nominal de número no interior do SN (e.g. *as coisas boas: as coisas boa : as coisa boa*) foi um dos fenômenos tomados por Naro e Scherre (2007) para defender sua hipótese da deriva secular. Segundo esses autores, a mudança teria origem em uma mudança fônica, a perda do -s final, iniciada já na passagem do latim

ao português, mas esse raciocínio é refutado por Lucchesi (2012b), e pelos resultados empíricos das análises sociolinguísticas que têm identificado uma tendência de mudança no sentido do incremento da regra de concordância, e não uma gradual perda da marca morfológica, como previsto pela hipótese da deriva.

Esse cenário de mudança em progresso no sentido do aumento do uso da regra de concordância nominal foi exatamente o encontrado por Andrade (2003), em sua análise da amostra de fala da comunidade de Helvécia. Há duas formas de abordar o fenômeno da concordância nominal no interior do SN: a *análise sintagmática*, que considera a aplicação da regra de concordância no conjunto do SN; e a *análise mórfica*, que observa a marcação do plural em cada constituinte do SN. Para observar o efeito das variáveis sociais, o mais adequado é considerar os resultados da análise sintagmática, o que será feito aqui.

Assim, nesse nível de abordagem do fenômeno, foram selecionadas como estatisticamente relevantes todas as variáveis sociais. Os resultados da variável faixa etária indicaram um cenário de mudança em progresso, com a frequência de uso da regra de concordância sendo maior entre os falantes de 20 a 40 anos (14 % do total, com peso relativo de .74), caindo para 9 %, na faixa de 41 a 60 anos (P.R. de .48), até chegar a apenas 4 % (P.R. de .23), entre os falantes com mais de 60 anos. Os homens também lideraram o processo de mudança em direção à variante padrão, como previsto no cenário sociolinguístico dessa comunidade. A estada fora da comunidade também foi selecionada como um fator social que impulsionou a implementação da mudança de incremento da regra na comunidade. Já o resultado da variável escolaridade não foi conclusivo. Os resultados quantitativos da variável estada fora da comunidade, em foco nesta análise, são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – A concordância nominal de número no SN (abordagem sintagmática) na comunidade afro-brasileira de Helvécia, segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	56/574	10 %	.61
Não viveu fora da comunidade	77/860	9 %	.42
TOTAL	133/1.434	9 %	---

Fonte: Andrade (2003, p. 132).

A diferença nos percentuais que retratam a frequência de aplicação da regra de concordância de número no SN em função da variável estada fora da comunidade é bem pequena (de apenas 1 %), mas os resultados do cálculo multivariado em pesos relativos indicam o favorecimento da aplicação da regra por parte daqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade de Helvécia, trabalhando em centros urbanos, com peso relativo de .61 contra .42 de quem nunca viveu fora da comunidade.⁴ Esse resultado reforça a hipótese do deslocamento populacional como fator que impulsiona a mudança linguística em direção ao padrão urbano na comunidade estudada.

4.3. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação do uso da regra de concordância nominal de gênero no interior do SN

Assim como a concordância verbal junto à 1ª pessoa do singular, a variação na concordância de gênero no interior do SN (e.g., *uma pessoa boa : uma pessoa bom : um pessoa bom*) é outra característica que distingue o português afro-brasileiro das demais variedades do PPB. Trata-se também de outro fenômeno que contraria a hipótese da deriva secular, a qual estaria supostamente impulsionando um processo de simplificação morfológica da língua, pois a flexão de gênero é um fenômeno que tem se expandido desde a passagem do latim ao português. Hoje, palavras que não se

⁴ Em sua análise, Andrade (2003, p. 132) não informa o que levou a essa diferença entre os resultados dos pesos relativos e dos percentuais; só informa que a variável foi selecionada como estatisticamente relevante, mas não informa o nível de significância.

flexionavam em gênero no português arcaico, como *senhor* e *espanhol*, passaram a se flexionar no devir histórico da língua (LUCCHESI, 2000). Assim, a variação na marcação de gênero na fala de uma comunidade de fala como a de Helvécia só pode ser tributada ao processo de simplificação morfológica inerente às situações de contato linguístico massivo.

Trata-se de um fenômeno raro mesmo no português rural. E, dentre as comunidades analisadas, a variação só se manifestou na comunidade de Helvécia. Mesmo assim, a frequência de não aplicação da regra de concordância foi de apenas 4 % do total de ocorrências extraídas da amostra de fala analisada. Assim como a concordância de número, a análise da variação na concordância de gênero no SN também se desdobra nas abordagens sintagmática e mórfica, já definidas na subseção anterior (LUCCHESI, 2000, 2009d). Os resultados da frequência geral e das variáveis sociais são provenientes da análise sintagmática.

Embora o nível de variação seja bem baixo, os resultados das variáveis sociais revelaram um quadro bem claro de mudança em progresso no sentido de que o uso da regra de concordância de gênero tende a se tornar categórico na comunidade de fala de Helvécia (LUCCHESI, 2009d). Na variável faixa etária, encontra-se um padrão ascendente de uso da regra, na medida em que se passa da faixa dos falantes mais velhos para as faixas dos falantes mais novos, como se pode ver na Tabela 6 e na Figura 2:

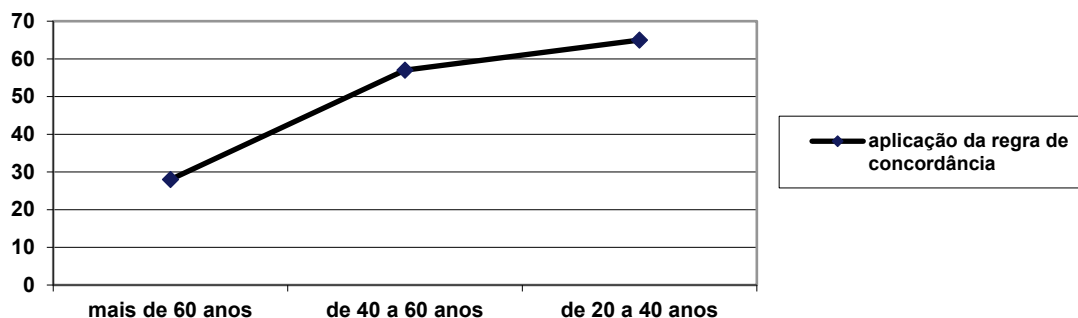
Tabela 6 – Uso da regra de concordância de gênero, em Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	Nº de oc./Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	1.365/1.396	98 %	.65
41 a 60 anos	1.286/1.331	97 %	.57
Mais de 60 anos	1.193/1.296	92 %	.28
TOTAL	3.844/4.023	96 %	-

Nível de significância: .027.

Fonte: Lucchesi (2009d, p. 308-316).

Figura 2 – Aplicação da regra de concordância de gênero no interior do SN, em Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária (pesos relativos).



Fonte: Adaptado de Lucchesi (2009d, p. 308-316).

Além da variável faixa etária, também foram selecionadas como estatisticamente relevantes as variáveis sexo e *estada fora da comunidade*. Os homens também lideram o processo de mudança. E o fator estada fora da comunidade mostrou-se mais uma vez relevante na implementação da mudança, como se pode ver na Tabela 7:

Tabela 7 – Uso da regra de concordância de gênero, em Helvécia-BA, segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de ocorrências/Total	Frequência	Peso relativo
Pelo menos seis meses	1.511/1.566	96 %	.56
Não viveu fora da comunidade	2.333/2.457	95 %	.46
TOTAL	3.844/4.023	96 %	-

Nível de significância: .027.

Fonte: Lucchesi (2009d, p. 308-316).

A variável escolaridade, embora apontasse para uma frequência de uso da regra de concordância entre os falantes semianalfabetos em relação aos analfabetos, não foi selecionada como estatisticamente relevante. A observação dessa variável foi afetada por um problema na sua distribuição das amostras analisadas. A maioria dos falantes na faixa de 20 a 40 teve uma experiência de escolarização, enquanto a maioria dos indivíduos com mais de 60 anos era de analfabetos. Essa superposição acabou por

enviesar os resultados da variável escolaridade, ou impediu que ela fosse selecionada pelo Varbrul no processamento do cálculo multivariado. O problema foi identificado e solucionado em análises posteriores, rodando as duas variáveis separadamente.

4.4. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação do uso das formas verbais do subjuntivo

A variação no emprego do modo subjuntivo (e.g., *eu preciso de alguém que saiba fazer isso* : *eu preciso de alguém que sabe fazer isso*) pode ser inserida no bojo do processo de transmissão linguística irregular de tipo leve, que afeta o emprego de elementos gramaticais de valor semântico mais abstrato. A análise sociolinguística feita com as amostras das quatro comunidades analisadas no Projeto Vertentes apontou para uma tendência de mudança em favor do aumento do uso das formas do subjuntivo, cujo uso teria sido reduzido no passado pelo contato entre línguas. As variáveis com relevância estatística selecionadas pelo Varbrul foram a idade e a escolaridade. As maiores frequências de uso das formas verbais do subjuntivo foram encontradas na fala dos indivíduos mais jovens com alguma experiência de escolarização. As variáveis sexo e *estada fora da comunidade* não foram selecionadas (MEIRA, 2009, p. 403-405).

4.5. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação da expressão da negação sentencial

O português brasileiro apresenta três padrões de negação sentencial: (i) a negação pré-verbal (e.g. *eu não estudo isso*); (ii) a dupla negação (e.g. *eu não estudo isso não*); (iii) a negação pós-verbal (e.g. *estudo isso não*). O primeiro padrão é o mais tradicional e corrente na língua, enquanto os demais são menos frequentes e considerados desvios normativos. O fato desses padrões desviantes apresentarem uma frequência relativa maior nas comunidades rurais mais diretamente afetadas pelo contato, como se pode ver na Tabela 8, indica que, se essa mudança não foi desencadeada pelo contato, ela foi ao menos impulsionada por ele.

Tabela 8 – Frequência das variantes não padrão de negação sentencial em diferentes variedades do Português Brasileiro.

Perfil das comunidades	Comunidades	Dupla negação e negação pós-verbal
Comunidades não marcadas etnicamente	Natal	11,4 %
	Fortaleza	23 %
	Belo Horizonte	30 %
	Mariana	22,9 %
Comunidades de origem afro estudadas na pesquisa	Cinzento, Sapé, Rio de Contas	34 %
Outras comunidades de origem afro	Helvécia	33,1 %
	Pombal	35,8 %

Fonte: Cavalcante (2009, p. 253).

A tabela acima revela que a frequência relativa de padrões desviantes da negação sentencial, a dupla negação e a negação pós-verbal, é mais frequente nas comunidades rurais afro-brasileiras, onde constituem pouco mais de um terço do total de ocorrências.⁵ Uma análise variacionista realizada sobre a amostra de três comunidades afro-brasileiras (Cinzento, Arraiais de Rio de Contas e Sapé) não encontrou um padrão claro em relação ao encaixamento social da variação (CAVALCANTE, 2009). O resultado da variável faixa etária indicou um padrão de variação estável, com a variante padrão da negação pré-verbal sendo mais usado pela faixa etária intermediária de 41 a 60 anos, mas essa variável não foi selecionada como relevante em termos estatísticos. Por outro lado, a variante padrão predominou entre os homens, os que tinham vivido fora da comunidade e entre os semianalfabetos, o que indicaria uma mudança no sentido da variante padrão, embora só a variável *estada fora da comunidade* tenha sido selecionada pelo Varbrul. De qualquer maneira, esse resultado da variável *estada fora da comunidade* pode ser tomado como um indicador de

⁵ A frequência elevada na cidade de Belo Horizonte foge um pouco ao padrão esperado, sendo inclusive maior do que a frequência em uma cidade maior do mesmo Estado.

que o deslocamento populacional atua na implementação de uma mudança no sentido da difusão do padrão urbano.

4.6. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na alternância dativa

A presença da *alternância dativa* em variedades do português popular é um dos fenômenos que mais corroboram a hipótese de que o contato entre línguas teve um papel determinante na história sociolinguística do Brasil. O fenômeno se caracteriza pela alternância entre a *construção do dativo preposicionado* (CDP) (e.g., *eu dei remédio ao/para os meninos*) e a *construção do objeto duplo* (COD) (e.g., *eu dei os meninos remédio*). Embora seja encontrada nas línguas germânicas, como o inglês (e.g., *I gave medicine to the children : I gave the children medicine*), a alternância dativa não ocorre entre as línguas românicas. Esse fato associado ao fato de que ela é recorrente entre as línguas crioulas, mesmo aquelas derivadas de línguas românicas, como o português, suporta fortemente a hipótese de que sua emergência em variedades populares do PB foi provocada pelo contato entre línguas (LUCCHESI; MELLO, 2009a, 2009b). Trata-se, nesse caso, de uma reestruturação gramatical mais profunda, produzindo uma construção, a COD, que, em princípio, é agramatical para um falante da chamada *norma urbana culta*.

A análise sociolinguística feita sobre as amostras das quatro comunidades também revelou uma mudança em progresso, com o declínio do uso da COD (LUCCHESI; MELLO, 2009a). Esse cenário se coaduna com o nivelamento linguístico previsto no esquema da polarização sociolinguística, no qual as construções produzidas no passado pelo contato linguístico estariam desaparecendo em função da implementação das construções provenientes dos centros urbanos. O resultado da variável faixa etária retrata o declínio da COD, como se pode ver na Tabela 9, com a frequência de uso dessa construção caindo de 46 % na faixa dos falantes mais velhos para apenas 15 % entre os falantes mais novos. O peso relativo de .73 para a faixa acima

de 60 anos coloca essa faixa etária como um fator favorecedor do uso da construção proveniente do contato entre línguas, em contraposição ao peso relativo de .31 para a faixa de 20 a 40 anos, que torna essa faixa um fator que desfavorece o uso da COD.

Tabela 9 - Alternância dativa no português afro-brasileiro segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	CDP			COD		
	Nº. de oc. /Total	Freq.	P.R.	Nº. de oc. /Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	71/84	85%	.69	13/84	15 %	.31
41 a 60 anos	62/78	79 %	.51	16/78	21 %	.49
Mais de 60 anos	39/72	54 %	.27	33/72	46 %	.73
TOTAL	172/234	74 %	---	62/234	26 %	---

Nível de significância .009.

Fonte: Lucchesi e Mello (2009a, p. 448-453).

A mudança no sentido da perda da COD e da generalização da CDP é confirmada pela variável escolaridade, com os falantes analfabetos usando a COD em 37 % das vezes (P.R. de .66), enquanto os falantes que tiveram alguma experiência de escolarização a empregam em apenas 19% das vezes (P.R. de .38). Isso indica que a escolarização está atuando como fator de erradicação da variante vernacular. Porém, as variáveis sexo e *estada fora da comunidade* não foram selecionadas como estatisticamente relevantes.

4.7. Os efeitos da variável *estada fora da comunidade* na realização do pronome reflexivo/inerente

No que concerne ao pronome reflexivo, o processo de *transmissão linguística irregular de tipo leve* ocorrido no Brasil não compreende mudanças mais radicais, como as observadas nos processos de criouliização, em que, por exemplo, o pronome reflexivo é substituído pela gramaticalização do substantivo 'corpo' ou 'cabeça', como ocorre no cabo-verdiano (e.g., *Djon mata kabesa*; 'João se matou'; lit. 'João matou cabeça'). Porém, a não realização do pronome reflexivo, principalmente nos contextos

em que seu significado está enfraquecido (e.g., *ela não lembrou ~ ela não se lembrou*), ou nos casos em que ele se torna uma partícula expletiva (e.g. *ele se suicidou ~ ele suicidou*), também denominando pronome *inerente*, também se verifica nas línguas crioulas⁶ e pode ser vista como o resultado de uma mudança induzida pelo contato linguístico massivo (LUCCHESI; SOUZA, 2018).

A Tabela 10 apresenta um cotejo da frequência de uso do pronome reflexivo em diferentes variedades do PB:

Tabela 10 – Frequência de realização dos pronomes reflexivos em diferentes variedades do PB.

VARIETADE – AUTOR(A)	REALIZAÇÃO	NÃO-REALIZAÇÃO
Comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia – Souza (2011)	15,0 %	85,0 %
Português popular rural do interior de Minas Gerais – D’Albuquerque (1988)	16,0 %	84,0 %
Português popular da cidade de Ouro Preto/MG – Rocha (1999)	25,0 %	75,0 %
Português popular da cidade de São Paulo/SP – Pereira (2007)	42,0 %	58,0 %
Falantes com ensino fundamental, médio e superior de São Paulo/SP – Nunes (1995)	48,0 %	52,0 %
Falantes com ensino fundamental e médio de cidades do Paraná – Bandeira (2007)	55,0 %	45,0 %
Falantes com ensino fundamental, médio e superior de João Pessoa/PB – Mello (2009)	85,0 %	15,0 %

Fonte: Lucchesi e Souza (2018, p. 480).

Como se pode observar, a menor frequência de uso dos clíticos reflexivos é encontrada nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. Isso reforça a hipótese de que a variação na realização dessa partícula gramatical teria sua origem em mudanças induzidas pelo contato do português com as línguas indígenas e africanas na formação histórica da sociedade brasileira.

A análise sociolinguística feita com base nas amostras das quatro comunidades estudadas apontou para um cenário de mudança no sentido incremento do uso do pronome reflexivo/inerente (LUCCHESI; SOUZA, 2018), o que se enquadra na ideia

⁶ No caboverdiano, o reflexivo também não se realiza nesses contextos: *Pedru xinta* ‘Pedro se sentou’; *Pedru perdi* ‘Pedro se perdeu’.

de nivelamento linguístico, no qual a variante proveniente do contato (no caso, a não realização do clítico reflexivo) estaria dando lugar à variante padrão (a sua realização). Porém, a variável faixa etária, embora tenha apresentado um padrão ascendente (com os mais jovens usando mais o clítico reflexivo), extrapolou o nível de confiabilidade estatística, de acordo com o Gold Varb, com o nível de significância sendo superior ao limite de confiabilidade de 0.05. No processamento quantitativo, foram selecionadas as variáveis sexo e estada fora da comunidade. E ambas apresentaram resultados compatíveis com o cenário de mudança de cima para baixo e de fora para dentro das comunidades, com os homens e aqueles que viveram pelo menos seis meses fora das comunidades exibindo as maiores frequências de realização do pronome reflexivo. A variável escolaridade não foi selecionada.

Os resultados da variável estada fora da comunidade são apresentados na Tabela 11:

Tabela 11 – Realização do pronome reflexivo/inerente segundo a estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	70/413	17 %	.59
Não viveu fora da comunidade	81/589	14 %	.44
TOTAL	151/1002	15 %	

Input 0.11; Nível de Significância 0.049

Fonte: Lucchesi e Souza (2018, p. 477).

Os resultados quantitativos informam que os indivíduos que saíram da comunidade por mais de 6 meses realizaram mais o pronome reflexivo/inerente, com uma frequência de 17 % do total (P. R. de .59), contra uma frequência de 14 % (P. R. de .44), na fala dos indivíduos que nunca viveram fora das comunidades. Assim, os indivíduos que viveram nos centros urbanos lideram a mudança que ocorre de fora para dentro das comunidades.

4.8. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação da forma do pronome de 1ª pessoa do plural

A substituição da forma canônica do pronome de 1ª pessoa do plural *nós* pela expressão nominal *a gente*, decorrente do processo de gramaticalização desta última, atinge todas as variedades do PB, portanto não seria, em princípio, uma mudança desencadeada pelo contato entre línguas, embora haja evidências de que o contato a tenha impulsionado (LUCCHESI, 2007, 2009e).

O resultado da variável faixa etária em uma análise sociolinguística feita com as amostras das quatro comunidades apontou claramente para um processo de mudança em progresso que se acelera entre as Faixas 2 e 1, como se pode ver na Tabela 12 e na Figura 3:

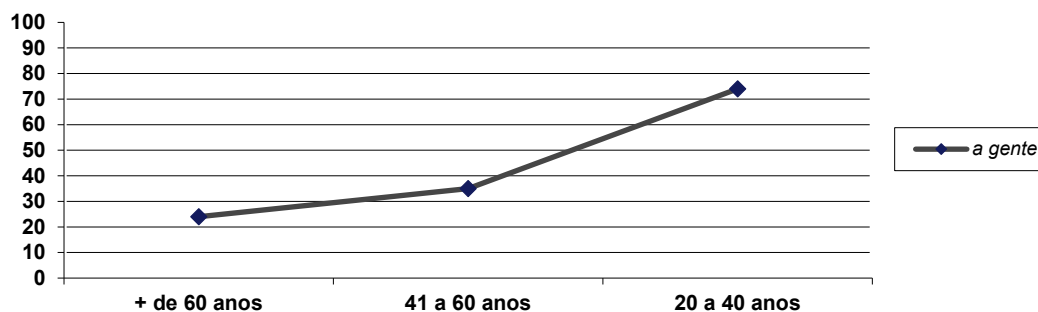
Tabela 12 – Forma do pronome de primeira pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a faixa etária do falante.

Faixa etária	<i>a gente</i>			<i>nós</i>		
	Nº de oc. /Total	Freq.	P.R.	Nº de oc. /Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	712/818	87 %	.74	106/818	13 %	.26
41 a 60 anos	393/590	67 %	.35	197/590	33 %	.65
Mais de 60 anos	223/412	54 %	.24	189/412	46 %	.76
TOTAL	1328/1820	73 %	---	492/1820	23 %	---

Nível de significância: .009.

Fonte: Lucchesi (2009e, p. 464).

Figura 3 – Uso de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural no português afro-brasileiro, segundo a faixa etária do falante (em peso relativo).



Fonte: Lucchesi (2009e, p. 465).

Além da variável faixa etária, o Varbrul só selecionou a variável escolaridade, com os falantes que tiveram alguma escolarização liderando o processo de mudança em direção à generalização da variante *a gente*. As variáveis sexo e *estada fora da comunidade* não foram selecionadas como estaticamente significativas.

4.9. Síntese dos resultados quantitativos

O Quadro 1 contém uma síntese dos resultados das quatro variáveis sociais utilizadas nas análises sociolinguísticas de dez fenômenos morfossintáticos variáveis na linguagem de quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia:

Quadro 1 – Os resultados das variáveis sociais na análise quantitativa da variação em aspectos da morfosintaxe do português afro-brasileiro.

Fenômeno	Idade	Sexo	Estada fora da comunidade	Escolaridade
Concordância Verbal (P1)	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Resultado não conclusivo
Concordância Verbal (P4)	Possível mudança em direção à variante urbana	Possível mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL
Concordância Verbal (P6)	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL
Conc. Nominal de Núm. no SN	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Resultado não conclusivo
Conc. Nominal de Gên. no SN	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Possível mudança em direção à variante urbana
Uso do Subjuntivo	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL	Mudança em direção à variante urbana
Negação Sentencial	Possível Quadro de Variação Estável	Possível mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Possível mudança em direção à variante urbana
Alternância Dativa	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL	Mudança em direção à variante urbana
Realização do clítico reflexivo	Possível mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL
Uso de <i>a gente</i> como pronome	<i>Mudança em progresso geral no PB</i>	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL	<i>Mudança em progresso geral no PB</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

OBSERVAÇÕES: (1) o resultado *mudança em direção à variante urbana* indica que a variável foi selecionada como estatisticamente relevante; (2) o resultado *possível mudança em direção à variante urbana* baseia-se apenas nos percentuais. Esses dois resultados são destacados no quadro por um sombreado, por confirmarem a hipótese do nivelamento linguístico, adotada nesta análise.

A idade e o sexo são variáveis compósitas, no sentido em que foi argumentado para a variável classe social na seção 2 deste artigo. Dessa forma, ela não expressa propriamente um fator propulsor ou inibidor da mudança linguística, mas mantém uma relação com certos fatores que afetam a implementação da mudança. No contexto das comunidades analisadas, ser mais jovem normalmente significa ter mais escolarização, estar mais exposto aos meios de comunicação de massa e estar mais bem inserido no mercado de trabalho e, conseqüentemente, mais bem inserido no mercado consumidor; estes sim, fatores propulsores das mudanças linguísticas aqui observadas. Na *abordagem em tempo aparente* (ver seção 2 acima), uma distribuição em que o uso de uma variante cresce quando se passa das faixas etárias dos falantes mais velhos para a dos mais jovens é um forte indicador de uma mudança em progresso em favor dessa variante. Esse foi o resultado em sete das análises computadas, sendo que um caso seria de uma mudança geral no PB. Em duas, os resultados apontaram nessa direção, mas a variável extrapolou o nível de confiabilidade estatística. E, em apenas uma, a distribuição pelas faixas etárias indicou uma situação de variação estável. Assim, configurou-se um panorama de mudança nas comunidades, no qual as antigas formas linguísticas desviantes que foram produzidas pelo contato entre línguas na formação das comunidades estudadas estariam sendo substituídas por variantes do padrão urbano culto. Os resultados das outras variáveis sociais também apontaram nessa direção.

A variável sexo também seria uma variável compósita, que se correlaciona a determinados fatores que atuam na implementação da mudança linguística no contexto social observado, no qual ser homem implica, no geral, ter mais contato com o mundo exterior e estar mais inserido no mercado de trabalho. No resultado de cinco das dez análises, os homens lideraram o processo de mudança; em duas análises, só houve indícios disso, e em três a variável não foi selecionada. A diferença entre essa

variável e a faixa etária pode significar que a idade mantém uma correlação mais forte com os fatores que de fato impulsionam a mudança do que a variável sexo.

As duas últimas variáveis sociais expressam realmente fatores que podem ser tomados como propulsores da mudança linguística em direção às variantes linguísticas urbanas de prestígio. A escolarização é, por excelência, um fator desse tipo. Porém, a escolaridade só se mostrou um fator atuante na implementação da mudança, com base estatística confiável, em apenas três análises. Isso pode ser atribuído a uma razão ontológica e a uma razão metodológica. No primeiro plano, a pouca influência da escolarização se deve à reduzidíssima exposição e proficiência dos falantes em relação ao universo letrado (alguns sabiam somente assinar o nome). No plano metodológico, interferiu a superposição entre a escolarização e faixa etária mais jovem, na estruturação das amostras, como reportado na subseção 3.3. Esse problema na composição das amostras nada mais é do que o reflexo da correlação entre idade e escolarização referida acima.

A variável *estada fora da comunidade* que diz respeito ao tema deste artigo, o deslocamento populacional, mostrou-se produtiva em seis das dez análises. Esse percentual de sessenta por cento do total fornece uma base empírica relativamente segura para afirmar que, no contexto segmentos populares do interior do país, os indivíduos que se deslocam para os centros urbanos em busca de trabalho e que lá permanecem por pelo menos seis meses tendem a liderar os processos de mudança em curso em suas comunidades em direção às variantes linguísticas de maior prestígio social.

5. Considerações finais

Este artigo analisou a interferência do *deslocamento populacional* na implementação da mudança linguística em comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, no contexto da *polarização sociolinguística* do Brasil, com

base nos resultados da variável *estada fora da comunidade*, em análises variacionistas de aspectos da morfossintaxe da linguagem dessas comunidades.

A variedade linguística dessas comunidades, o chamado *português afro-brasileiro*, é considerada a variedade do português brasileiro que mais foi afetada pelo contato do português com as línguas africanas em sua formação histórica. Porém, no contexto atual da polarização sociolinguística do Brasil, muitas variantes linguísticas produzidas pelo contato entre línguas no passado estariam sendo substituídas por variantes do padrão urbano culto, que se propagam pela influência reitora das grandes cidades sobre todas as regiões do país, em função da maciça influência dos meios de comunicação de massa e da massificação do sistema público de ensino, em que pesa a sua precariedade.

Para além desses fatores, o deslocamento populacional também tem atuado como fator propulsor dessas mudanças de cima para baixo e de fora para dentro das comunidades estudadas. Muitos membros dessas comunidades se deslocam para os centros urbanos em busca de trabalho e lá permanecem por períodos variáveis de tempo, que podem chegar até a muitos anos. Durante esse período, ficam mais expostos às variantes de maior prestígio social. E, quando retornam, levam consigo essas variantes, liderando os processos de mudança em curso nas suas comunidades. Essa aderência aos padrões linguísticos adventícios também revela que, em função de suas opções no contexto socioeconômico em que estão inseridos, esses indivíduos tendem a adotar os padrões de comportamento hegemônicos em detrimento dos padrões de comportamento de sua comunidade de origem.

Para verificar empiricamente essa hipótese, as análises sociolinguísticas realizadas no âmbito do Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* formalizaram a variável *estada fora da comunidade*, dividindo os seus informantes entre os que tinham vivido fora da comunidade por pelo menos seis meses e aqueles que nunca tinham vivido fora da comunidade. Em um conjunto de dez análises aqui

observadas, em seis delas, os resultados do processamento quantitativo dos dados revelaram que os indivíduos que viveram fora da comunidade lideravam o processo de mudança, empregando com maior frequência as variantes provenientes dos grandes centros urbanos. Esses resultados fornecem uma evidência empírica razoável para a comprovação da hipótese de que o deslocamento populacional atua como um fator propulsor da mudança linguística no contexto social observado.

O emprego dessa variável linguística abre, assim, um caminho interessante para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística, através da diversificação e do refinamento das variáveis sociais, buscando capturar de forma mais adequada os elementos que estruturam o contexto social em que as mudanças linguísticas se desenvolvem.

Referências

ANDRADE, P. R. **Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil**: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro. 2003. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) - UFBA, Salvador, 2003. DOI <https://doi.org/10.18226/610001/mostraxvi.2016.45>

CAVALCANTE, R. A negação sentencial. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 251-268.

CHAMBERS, J. **Sociolinguistic Theory**: linguistic variation and its social significance. Oxford: Blackwell, 1995.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>

ECKERT, P.; MCCONNELL, S. Comunidade de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org.). **Linguagem, gênero e sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. DOI <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2010001200022>

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016. DOI [https://doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2961](https://doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2961)

FERREIRA, C. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, C. *et al.* **Diversidade do português do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 1984. p. 21-32.

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. **Sociolingüística Quantitativa: instrumental de análises**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, D.; CEDERGREEN, H. (ed.). **Variation Omnibus**. Edmonton: Linguistic Research, 1981. p. 177-199.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001a.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural Factors**. Oxford: Wiley Blackwell, 2001b.

LABOV, W. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. DOI <https://doi.org/10.1590/1807-01912016223524>

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, D. Alterações no quadro dos pronomes pessoais e na aplicação da regra de concordância verbal nas normas culta e popular como evidências da polarização sociolingüística do Brasil e da relevância histórica do contato entre línguas. **Lingüística (Alfal)**, Santiago, v. 19, p. 52-87, 2007. DOI <https://doi.org/10.31819/9783865278555-017>

LUCCHESI, D. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EDUFF, 2008. p. 366-390. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23286>

LUCCHESI, D. História do Contato entre Línguas no Brasil. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009a. p. 41-73. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. Metodologia. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009b. p. 155-166. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. Caracterização sociolinguística do português afro-brasileiro. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009c. p. 535-542. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009d. p. 295-330. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009e. p. 457-470. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. Racismo linguístico ou ensino democrático e pluralista? **Grial – Revista Galega de Cultura**, Vigo – Espanha, n. 190, tomo XLIX, p. 86-95, 2011a.

LUCCHESI, D. Ciência ou dogma? O caso do livro do MEC e o ensino de língua portuguesa no Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 83, p. 163-187, jan./jun. 2011b. DOI <https://doi.org/10.5380/rel.v83i1.24713>

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio/ago. de 2012a.

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. *In*: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012b. p. 249-274. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523212308>

LUCCHESI, D. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. **Estudos de Lingüística Galega**, Santiago de Compostela, n. 4, julho de 2012c, p. 45-65. DOI <https://doi.org/10.15304/cc.2017.1080.61>

LUCCHESI, D. **Língua e Sociedade Partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015a.

LUCCHESI, D. O contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil. In: VALENTE, A. (org.). **Unidade e Variação na Língua Portuguesa**: suas representações. São Paulo: Parábola, 2015b. p. 80-100.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A.**, n. 33, v. 2, 2017, p. 347-382. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>

LUCCHESI, D. Por que a criouliização aconteceu no Caribe e não aconteceu no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, p. 227-255, jan.-abr. 2019. DOI <https://doi.org/10.22409/gragoata.2019n48a33628>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (org.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 101-24. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 331-372. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A.; FIGUEIREDO, C. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 75-100. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; MELLO, C. A alternância dativa. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009a. p. 427-456. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; MELLO, C. A alternância dativa no português afro-brasileiro: um processo de reestruturação original da gramática. **Papiá - Revista de Crioulos de Base Ibérica**. Brasília, Universidade de Brasília, n. 19, 2009b. p. 153-184.

LUCCHESI, D.; SOUZA, J. A variação no uso do pronome reflexivo no português afro-brasileiro como o resultado de mudanças induzidas pelo contato entre línguas no passado. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, p. 458-488, 2018. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23286>

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MEIRA, V. O modo subjuntivo. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 389-408.

MILROY, J.; MILROY, L. Varieties and Variation. *In*: COULMAS, F. (ed.). **The Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997. p. 47-64. DOI <https://doi.org/10.1002/9781405166256.ch3>

MILROY, L. **Language and Social Network**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L.; MILROY, J. Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. **Language in Society**, n. 21, p. 1-26, 1992. DOI <https://doi.org/10.1017/s0047404500015013>

NARO, A.; SCHERRE, M. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

VOTRE, S. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-58.

WARDHAUG, R.; FULLER, J. **An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Artigo recebido em: 15.02.2019

Artigo aprovado em: 16.06.2019



Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo

The use of the definite article in dialect contact: a study of the speech of *Paraibanos* in São Paulo

Shirley Guedes*

RESUMO: Este trabalho se desenvolve no âmbito do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e busca analisar o comportamento de indivíduos que migraram de João Pessoa-PB para São Paulo-SP quanto ao uso do artigo definido diante de pronomes possessivos (por exemplo, *meu irmão* vs. *o meu irmão*). Os resultados obtidos com base na análise quantitativa, desenvolvida na plataforma R (R CORE TEAM, 2017), revelaram que a fala dos migrantes apresenta não só uma proporção de emprego do artigo mais próxima daquela do paulistano em relação à do paraibano não migrante, sinalizando acomodação dialetal, mas também que esses indivíduos adquiriram padrões mais abstratos, na forma de regras variáveis da comunidade paulistana (favorecimento e desfavorecimento do artigo definido, de modo geral, nos mesmos contextos linguísticos). Quanto às variáveis sociais, os resultados não mostraram correlações entre o uso do determinante definido com as variáveis Sexo/Gênero, Idade de migração e Tempo de permanência em

ABSTRACT: This work is based on the theory and methods of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008) and aims to analyze the linguistic behavior of speakers from *João Pessoa-PB* living in *São Paulo-SP* regarding the use of the definite article next to possessive pronouns (e.g., *meu irmão* vs. *o meu irmão* 'my brother'). The results from the quantitative analyses showed that the migrants' speech presented a proportion of use of the article closest to that of the *Paulistano* in relation to that of the non-migrant *Paraibano*, which indicates dialectal accommodation, and that those individuals also acquired more abstract patterns, in the form of variable rules of the host community (favoring and disfavoring of the definite article, in general, in the same linguistic contexts). The results also showed no correlation between the use of the article and the social predictors Sex/Gender, nor with the variables Age of migration and Time of permanence in *São Paulo*, but in an analysis of the individual and their social networks (MILROY, 1980) in the new community, we observe that strong ties

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. <https://orcid.org/0000-0002-6805-6874>. shirleycgs@gmail.com

São Paulo, mas, em análise particular do indivíduo e de suas redes de relações (MILROY, 1987) estabelecidas na nova comunidade, verificou-se que os laços fortes de primeira ordem estão na base da acomodação dialetal e assimilação da variante paulistana pelos migrantes paraibanos.

from first-order contact are the basis of the dialectal accommodation and assimilation of the *São Paulo* linguistic variant by the migrants.

PALAVRAS-CHAVE: Artigo Definido. Acomodação Dialetal. Migração. Sociolinguística. Redes sociais.

KEYWORDS: Definite Articles. Dialectal Accommodation. Migration. Sociolinguistics. Social Networks.

1. Introdução¹

São evidentes, ao longo da extensão geográfica do Brasil, variáveis em diferentes níveis linguísticos (lexical, fonológico, morfossintático) que podem caracterizar dialetos específicos e produzir efeitos diversos de atitude sociolinguística tanto pelo falante do próprio grupo, quanto por membros de outras comunidades de fala. Na situação de migração interestadual, em que indivíduos oriundos de diferentes regiões entram em contato e utilizam de inventários linguísticos específicos, a variação dialetal pode constituir um critério de identificação da região de origem do falante e desencadear atitudes que contribuem para a conservação da variante representativa de sua região ou a adoção da variante da comunidade anfitriã.

Nesse contexto, buscou-se verificar como migrantes paraibanos, que se deslocaram do seu estado de origem para São Paulo e que residem na nova localidade há pelo menos quatro anos, comportam-se quanto ao uso do artigo definido diante de possessivos, em comparação com os usos linguísticos de paulistanos nativos e de

¹ Este artigo é resultado de um trabalho de qualificação de área desenvolvido sob orientação da professora Livia Oushiro e apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp como requisito parcial exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística. Meus agradecimentos à professora Livia Oushiro pela orientação e aos professores Ronald Mendes e Emilio Pagotto pelas leituras e sugestões feitas a uma versão preliminar deste texto. Agradeço aos pareceristas anônimos pelos importantes comentários. À Secretaria da Educação do Estado da Bahia agradeço o apoio. As falhas remanescentes no texto são de minha inteira responsabilidade.

paraibanos não migrantes. Para tanto, foram analisadas amostras de fala dos *corpora* do Projeto Casadinho (HORA; NEGRÃO, 2011), do Projeto ValPB (HORA, 1993) e do Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012a)².

A investigação aqui proposta fundamenta-se em pesquisas anteriores que sugerem que esse fenômeno variável pode caracterizar o dialeto da região na qual o falante adquiriu a sua primeira variedade de língua: os falantes de dialetos das regiões Norte e Nordeste tendem a fazer menos uso do artigo definido (tanto diante de antropônimos quanto diante de possessivos) do que os das regiões Sudeste e Sul do país (CALLOU; SILVA, 1997). Ao mesmo tempo, esta pesquisa se soma a empreendimentos sociolinguísticos mais recentes (ver OUSHIRO, 2016; SANTANA, 2017) que têm buscado analisar não apenas a fala de nativos de certas comunidades, mas também a fala de migrantes, que hoje compõem grande parte das populações urbanas.

Trata-se, portanto, de uma variável cuja variante com artigo (nos dois contextos anteriormente referidos) parece consistir em um fenômeno socialmente menos marcado, ou seja, aplica-se de maneira mais frequente em termos de uso em regiões urbanas do Sudeste do que a variante sem artigo, e que pode localizar regionalmente um grupo de falantes, segundo a produtividade de uso de cada variante:

- (1)
 - a. _ minha mãe criou todos os, todos os filhos (LGP-2MC/PB)³
 - b. *a* minha mãe era fã de cinema (EthelM-3FS/SP)
 - c. *a* minha mãe teve eu e *a* minha irmã (MartaS-1FC/PBSP)
 - d. _ minha irmã veio mais por minha causa (MartaS-1FC/PBSP)

² Ao longo do artigo, as amostras de paraibanos migrantes (Projeto Casadinho), paraibanos não migrantes (Projeto ValPB), e paulistanos (SP2010) serão referidas, respectivamente, como PBSP, PB e SP.

³ Os exemplos apresentados neste artigo são seguidos da identificação do falante (por pseudônimo ou código), do perfil social: faixa etária (1 – PB: 15 a 25 anos, PBSP/SP: 20 a 34 anos; 2 – PB: 26 a 49 anos, PBSP/SP: 35 a 59 anos; 3 – PB: 50 anos ou mais, PBSP/SP: 60 anos ou mais), sexo/gênero (F – feminino; M – masculino) e escolaridade (C – até nível médio; S – Ensino Superior), e da amostra (migrantes paraibanos – PBSP, paraibanos não migrantes – PB e paulistanos – SP).

Considerando-se o contexto de variação do artigo definido diante de possessivos (ver ex. 1), foco deste trabalho, aventa-se como hipótese que haja uma tendência a um uso mais produtivo do artigo pelos migrantes paraibanos residentes em São Paulo do que na fala de paraibanos não migrantes, considerando as redes de relações estabelecidas por esses indivíduos um mecanismo de reforço à afiliação social por meio da língua (MILROY, 1987). Nesse sentido, são objetivos deste trabalho: (i) verificar como se comportam os migrantes paraibanos com relação ao emprego do artigo definido diante de possessivos, tendo como base comparativa as amostras de falas representativas do estado de onde se deslocaram (Paraíba) e do estado no qual residem atualmente (São Paulo); (ii) descrever, com base na análise detalhada das amostras, quais fatores levam ao uso mais produtivo do artigo definido pelos migrantes e quais variáveis estão correlacionadas à presença desse determinante no contexto analisado.

Assumindo-se que os migrantes apresentavam, antes de sua migração, proporções de uso semelhantes às dos falantes da amostra de paraibanos, os resultados obtidos mostram que, além de terem aumentado a frequência no uso do determinante definido em contextos com possessivos, eles compartilham de um conjunto de normas linguísticas com os falantes paulistanos, caracterizando um alinhamento com os padrões abstratos de variação (regras variáveis) da comunidade anfitriã para as variáveis linguísticas. Por outro lado, as análises mostram que as variáveis sociais Sexo/Gênero e Escolaridade, tradicionais nos estudos sociolinguísticos, não se mostraram significativamente correlacionadas com a variável resposta, e, de modo geral, apontam divergências quanto aos resultados indicados para a amostra de paulistanos, não refletindo, assim, a estratificação social da nova comunidade.

Tampouco se mostraram correlacionadas as variáveis particulares da amostra de migrantes: a idade de migração e o tempo de permanência em São Paulo. Entretanto, em análise das informações sobre as redes de relações estabelecidas na

cidade de São Paulo, fornecidas durante a entrevista, verificou-se que os laços fortes de primeira ordem firmados entre os migrantes e os falantes da variedade paulistana produziram um contexto mais favorável à acomodação dialetal e à assimilação do artigo definido diante de possessivos do que as outras variáveis sociais, em particular o Tempo de permanência do migrante em São Paulo.

Nessa perspectiva, o artigo se organiza da seguinte maneira: expõem-se inicialmente alguns estudos prévios sobre o determinante definido diante de possessivo; em seguida, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos e os *corpora* analisados; posteriormente, são apresentados os resultados da análise de regressão logística para as variáveis linguísticas e sociais seguidas das respectivas discussões; por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados deste estudo.

2. Estudos prévios sobre o artigo definido diante de possessivo

Muitas pesquisas dedicadas ao estudo da variação no emprego do artigo no português, à luz de diversos enfoques teóricos, têm apresentado convergência nos resultados, que apontam para a implementação do uso do artigo definido diante de possessivos ao longo do tempo: verifica-se, no século XIII, a ausência do determinante definido nesse contexto, posteriormente passando por uma longa fase de variação até atingir um uso mais sistemático⁴ no século XVIII ou XIX, mostrando-se mais frequente nos usos padrão e não padrão do português europeu (PE) do que do português brasileiro (PB) (ver SAID ALI, 1964; SILVA, 1982; MATTOS E SILVA, 1989; CASTRO, 2006; FLORUPI, 2008; RINKE, 2010).

Estudos centrados na análise interlinguística têm associado a mudança no uso do determinante diante de sintagmas nominais possessivos ao seu estatuto categorial,

⁴ Com exceção dos termos de parentesco.

propondo uma divisão tipológica das línguas: nas línguas em que os possessivos desempenham a função adjetiva (*adjective-genitive languages*), os pronomes podem, em posições argumentais, ser combinados a determinantes; e em línguas de genitivos determinantes (*determinative-genitive languages*), os próprios possessivos assumem o papel do determinante, não sendo admitida a combinação com o artigo (ver LYONS, 1985, 1986; GIORGI; LONGOBARDI, 1991; SCHOORLEMMER, 1998).

Essa proposta tipológica poderia diferenciar, então, as gramáticas do PB e do PE, uma vez que atribuem valores distintos ao Parâmetro da Possessivização (*Possessive Parameter*), ou seja, enquanto o PE apresenta possessivos adjetivais, o PB dispõe de possessivos determinantes, o que incidiria, respectivamente, na presença ou na ausência dos determinantes definidos. Contudo, Castro (2006), ao investigar a gramática do possessivo, salienta que o português é uma língua que não se comporta de acordo com a divisão tipológica proposta, mostrando que a gramática do possessivo funciona da mesma forma nas duas variedades do português, mas que as diferenças observadas entre o PE e o PB estariam fora do sistema possessivo. Para a autora, o sistema dos determinantes estaria então na base da diferença entre essas duas gramáticas, assumindo a existência de um artigo definido expletivo (semanticamente vazio), que pode ser foneticamente nulo no PB e realizado no PE.

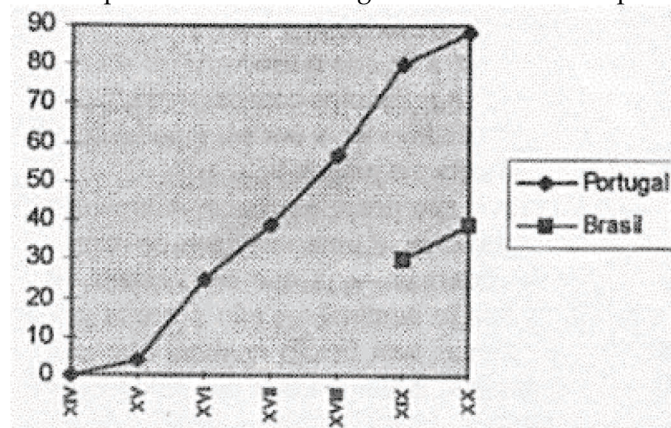
O que tem sido constatado, em análise diacrônica, é uma mudança nos padrões de uso do determinante em sintagmas nominais possessivos no português: o uso variável do artigo definido, verificado na gramática do Português Clássico, passa a ser obrigatório no PE, enquanto no PB (2) se mantém a variação junto ao possessivo, sem prejuízos na aceitabilidade da construção, o que particulariza essa última variedade do português no conjunto das línguas românicas (SILVA, 1982).

- (2) O que é que você ganha com isso na hora de vender *seu* imóvel? (...)
Na hora de vender *o seu* imóvel entregue-o a (...) (SILVA, 1982, p. 266)

A variação verificada no PB, nesse sentido, legitima a imprecisão da definição desta como uma língua de genitivos determinantes, uma vez que há um uso mais dialetal do artigo definido nesse contexto, que necessita de investigações mais pormenorizadas para melhor compreensão da sua natureza e origem.

Callou e Silva (1997) reúnem resultados de trabalhos anteriores desenvolvidos por Silva (1982, 1996), nos quais a autora havia investigado a variação do uso do artigo definido diante de possessivos em textos escritos do PE (século XII ao XX) e do PB (século XIX ao século XX), que confirmam a implementação no emprego do artigo numa perspectiva histórica (Figura 1).

Figura 1 – Frequência de uso do artigo definido diante de possessivos.



Fonte: Silva (1982, 1996, *apud* CALLOU; SILVA, 1997, p. 14).

De acordo com Callou e Silva (1997), o emprego do artigo definido na variedade europeia, nos séculos XIX e XX, chega a alcançar números muito superiores aos do PB, que, nessa época, apresentou uma frequência correspondente ao uso em Portugal nos séculos XVI e XVII, época da colonização do Brasil; esses dados contribuem para as afirmações de estudiosos que defendem o conservadorismo do PB com relação ao PE.

Em uma perspectiva que também coloca em foco as mudanças relacionadas ao emprego do artigo definido em sintagmas nominais possessivos na história do português, Floripi (2008) argumenta que a mudança decorre do fato de que o traço de definitude associado ao pronome possessivo passou a ser realizado por meio de um

artigo. Nesse mesmo sentido, Rinke (2010) afirma que houve um processo de expansão do emprego do artigo definido originado em contextos específicos (definidos e indefinidos), passando aos contextos não-específicos (definidos e indefinidos).

Entre os pesquisadores que investigam o artigo definido no português no âmbito do quadro teórico da Sociolinguística Variacionista, são poucos os que incluem em seu escopo de pesquisa a variação diante de possessivos, centrando suas análises na variação diante de antropônimos (ver MENON, 2016; BRAGA, 2012; ALMEIDA MENDES, 2009; AMARAL, 2003; CALLOU, 2000; MENDES, 2000; MOISÉS, 1995; entre outros). Os estudos que incluem ou analisam, de maneira particular, a variação do uso do artigo definido em contextos com possessivos se desenvolvem ora de maneira localizada, levando em conta a amostra de fala de uma comunidade específica – como fizeram Campos Jr. (2011) e Nazário (2007), que analisaram, respectivamente, o português falado na cidade de Vitória - ES e na comunidade quilombola de Almeidas - GO –; ora sendo estabelecida uma análise comparativa com amostras regionais – como fizeram Callou e Silva (1997) com os dados do Projeto NURC (Norma Culta Urbana do Brasil), comparando a ausência *versus* a presença do artigo definido em capitais do Nordeste (Recife e Salvador), Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul do Brasil (Porto Alegre). Os resultados de Callou e Silva (1997), de especial interesse neste estudo, são resumidos na Tabela 1.

Tabela 1 – Emprego do artigo definido por região geográfica e por contexto.

Região	Diante de possessivos			Diante de antropônimos		
	Aplic.	%	P.R.	Aplic.	%	P.R.
Recife	59/ 98	60	.35	12/71	17	.20
Salvador	57/ 87	66	.38	10/24	32	.30
Rio de Janeiro	280/ 399	70	.54	27/85	43	.52
São Paulo	147/ 209	70	.50	20/23	87	.88
Porto Alegre	26/ 33	79	.70	50/63	79	.81

Fonte: Callou e Silva (1997, p. 21-22).

Observa-se que a grande diversidade dialetal do Brasil estende-se também a esse fenômeno, sendo salientada pelas autoras a diferença dos resultados das regiões Norte e Nordeste com relação ao Sul e Sudeste do país: enquanto o artigo definido diante de possessivos ocorre 60 % e 66 % nas capitais do Nordeste (respectivamente, Recife e Salvador), sua taxa de emprego chega a 70 % nas capitais do Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo). Esse quadro atesta, então, a natureza heterogênea e mutável bem como a variação sistemática da língua que serve a uma comunidade complexa. Cabe salientar que, se se considerar significativa a comparação do emprego do artigo definido diante de possessivo no PB dos séculos XIX e XX com a frequência de uso no PE dos séculos XVI e XVII, conforme a Figura 1 (CALLOU; SILVA, 1997, p. 14), e se observar-se que o uso do determinante nesse contexto não é categórico no PB atual, pode-se cogitar que as regiões Norte e Nordeste configuram um conservadorismo que remonta o Português Clássico, enquanto as regiões Sul e Sudeste do país tendem a utilizar a forma inovadora empregada no PE moderno. Segundo as autoras, os resultados da análise para os dados do Brasil indicaram um aumento do uso de artigos diante de possessivos, sendo as variáveis presença da preposição, função sintática, tipo de possuído, região de origem e prosódia as que mais se mostraram relevantes.

Apesar de haver pesquisas sobre o emprego do artigo definido diante de possessivos no PB, não foram localizados na literatura estudos que relacionassem essa temática à questão do contato dialetal decorrente da migração do falante de uma cidade/região a outra. É, então, o que se busca fazer nesta pesquisa.

3. Os pressupostos teórico-metodológico e os *corpora*

Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), que estuda as relações estabelecidas entre língua e sociedade, compreende-se a necessidade não só da descrição e análise da estrutura linguística, mas da correlação do uso da língua com o contexto social no qual estão inseridos os falantes, levando em

conta a complexidade das sociedades e compreendendo que é no âmbito da heterogeneidade social e da diversidade dos grupos sociais que se estabelecem as variantes e os estilos coexistentes.

Nesta pesquisa, diferentemente de muitos trabalhos que investigam a mobilidade geográfica do migrante que sai do seu nicho rural em direção a um *habitat* urbano (ver BORTONI-RICARDO, 2011), investiga-se a fala do migrante urbano que se move de uma cidade socioeconomicamente menos desenvolvida, João Pessoa, para a mais populosa do continente americano, São Paulo, considerada a cidade brasileira mais influente no cenário global⁵.

O processo de migração, definido por Gonzales e Bastos (1974, p. 4) como a “mudança de residência de uma área socioespacial para outra motivada pelas oportunidades econômicas”, desencadeia situações de contato entre falantes de línguas/dialetos diversos, as quais levam o migrante a estabelecer novos vínculos sociais, novas redes de relações, ocasionando, assim, um ajuste em seu repertório linguístico. O paradigma das redes de relação (MILROY, 1987) estabelecidas pelos migrantes constitui, então, um instrumento analítico eficiente para o estudo da variação do fenômeno aqui analisado, evidenciando-se o migrante como um elemento em um conjunto complexo de relacionamentos humanos.

De acordo com Milroy (1987), que introduz a noção de *rede social* aos estudos sociolinguísticos, as redes de relacionamento estabelecidas pelos falantes podem “fornecer informação mais detalhada sobre o uso que os falantes fazem da variação linguística” (MILROY, 1987, p. 21). Uma rede social é, nessa perspectiva, um conjunto de vínculos de diversos tipos fixados mediante laços sociais, os quais, firmados entre um conjunto de indivíduos, podem ser discriminados em *fracos* ou *fortes*: enquanto os laços fracos são aqueles estabelecidos com menor intensidade, como, por exemplo,

⁵ Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5278/1/Comunicados_n115_Perfil.pdf)

aqueles que resultam de relações profissionais, cujo vínculo se mantém por intermédio de um setor ou de uma empresa/instituição, os laços fortes são estabelecidos, contínua e rotineiramente, de acordo com os vínculos de maior nível de proximidade, como aqueles tecidos entre parentes, amigos e vizinhos.

A configuração dos laços sociais leva à distinção de dois tipos de redes: a de primeira e a de segunda ordem. A de primeira ordem refere-se aos relacionamentos com um grau maior de intimidade, como os que se estabelecem entre membros da família e entre amigos, ao passo que a de segunda ordem é estabelecida entre indivíduos que possuem uma rotina comum e constante, mas não caracteriza relacionamentos de amizade e confiança.

Com base nos pressupostos da antropologia social que orientam a vertente explanatória dos estudos das redes sociais, busca-se compreender, nesse sentido, as “características dos vínculos das relações uns com os outros, como um meio de explicar o comportamento das pessoas ali envolvidas” (MITCHELL, 1969, p. 4, *apud* BORTONI-RICARDO, 2011, p. 86). Nessa perspectiva, além de se controlar as variáveis sociais nas amostras do falante paraibano, paulistano e do migrante paraibano residente em São Paulo, característico das pesquisas sociolinguísticas quantitativas, procedeu-se a um detalhamento do perfil deste último, a fim de delinear, de modo particular, as suas redes de relações estabelecidas na cidade paulistana. Assim, com base no conjunto de informações sobre as redes de relações desses informantes, obtidas durante as entrevistas, foram mapeadas as interações (distância/proximidade) dos migrantes paraibanos, numa escala de relações bastante próximas a relações distantes com falantes que usam a variante paulistana.

A investigação que aqui se apresenta foi feita com dados de 32 indivíduos de três amostras comparáveis de fala, estratificadas de acordo com a faixa etária, o sexo/gênero e o nível de escolaridade (Quadro 1).

Quadro 1 – Amostras de fala analisadas.

Variáveis sociais			Amostras		
			PB	PBSP	SP
Faixa Etária I (15 a 34 anos)	Feminino	Até Ensino Médio	MLT	MartaS	Carolina A
		Superior	PAM	X	RaissaO
	Masculino	Até Ensino Médio	GSN	JoaoS	RobertoS
		Superior	FPMF	ArnaldoR	SérgioA
Faixa Etária II (35 a 49 anos)	Feminino	Até Ensino Médio	MJC	JosaneV	MeireC
		Superior	RTO	MicheleL	PolianaM
	Masculino	Até Ensino Médio	LGP	PedroC	AlbertoM
		Superior	RVA	MarcoJ	JoseN
Faixa Etária III (mais de 50 anos)	Feminino	Até Ensino Médio	GPS	DarleneN	EdnaC
		Superior	AAM	X	EthelM
	Masculino	Até Ensino Médio	RRB	X	FelixL
		Superior	LGP	X	GilvanS
			12	8	12

X Não há informante que se enquadre nesta configuração.

Fonte: elaborado pela autora.

Como ferramenta para a localização, as buscas e a extração dos dados, foram utilizadas as plataformas ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013; OUSHIRO, 2014a) e R (R CORE TEAM, 2017; OUSHIRO, 2014b).

As variáveis independentes foram codificadas de modo detalhado inicialmente, mas, a fim de estabelecer comparações entre a análise do fenômeno nos *corpora* selecionados e em outras pesquisas já realizadas (em especial, a de CALLOU; SILVA, 1997) e evitar a multicolinearidade (LEVSHINA, 2015) entre as variáveis, foram feitas amalgamações que resultaram na seguinte codificação final:

Quadro 2 – Variáveis previsoras controladas na rodada da amostra PBSP.

Variáveis linguísticas	
Variáveis	Níveis
Pessoa do pronome possessivo	– 1a: meu(s), minha(s), nosso(a), nossos(as) – 2a: teu(s), tua(s), seu(s), sua(s) – 3a: seu(s), sua(s)
Número do pronome possessivo	– Plural: fui criada por <i>meus</i> avós (MartaS-1FC/PBSP) – Singular: <i>a minha</i> família lá não entende (MartaS-1FC/PBSP)
Gênero do pronome possessivo	– Feminino: a casa <i>da minha mãe</i> era bonitinha (JoaoS-1MC/PBSP) – Masculino: <i>meu pai</i> tem mais de uns quarenta (JoaoS-1MC/PBSP)
Tipo de preposição ⁶	– Ausência de preposição no sintagma: eu ganho <i>o</i> meu salário (MartaS-1FC/PBSP) – Preposição que contrai: [a]: não pertence <i>ao</i> meu dia a dia (RobertoS-1MC/SP) [de]: separação <i>do</i> meus pais, né? (JoaoS-1MC/PBSP) [em]: <i>na</i> minha época de criança (FelixL-3MC/SP) [para]: eu disse lá <i>pro</i> meu primo (LGP-3MC/PB) [por]: <i>pela</i> minha profissão eu rodo o Brasil (PolianaM-2FS/SP) – Preposição que não contrai: [com]: falando <i>com a</i> minha prima (MartaS-1FC/PBSP) [desde]: <i>desde a</i> sua criação (FPMF-1MS/PB) [durante]: <i>durante a</i> minha permanência (MarcoJ-2MS/PBSP) [sem]: <i>sem</i> minha família sem ninguém aqui (MartaS-1FC/PBSP) [sobre]: <i>sobre a</i> minha fé (PAM-1FS/PB)
Natureza semântica do núcleo do sintagma nominal	– Parte do corpo: senti aquilo puxando a minha <i>mão</i> , sabe? (MJC-2FC/PB) – Parente: meu <i>pai</i> trabalhava numa, numa [...] (MJC-2FC/PB) – Humano não parente: a minha <i>amiga</i> passou de ano (MartaS-1FC/PBSP) – Objeto próprio: nunca dei minha <i>bolsa</i> pra ninguém (MartaS-1FC/PBSP) – Objeto não próprio: no meu <i>condomínio</i> em Vinhedo (PolianaM-2FS/SP) – Abstração não única: na minha <i>religião</i> católica não existe (RTO-2FS/PB) – Abstração única: a minha <i>prioridade</i> não é a mudança (EthelM-3FS/SP)
Função sintática do SN	– Sujeito: <i>o meu domingo</i> foi ótimo (MLT-1FC/PB) – Tópico: <i>o meu mestrado</i> eu comecei em mil novecentos (MarcoJ-2MS/PBSP) – Adjunto adverbial: estudei <i>minha vida inteira</i> no colégio (MarcoJ-2MS/PBSP) – Genitivo: vim pra casa <i>da minha cunhada</i> passei três dias (JosaneV-2FC/PBSP) – Objeto direto: eu tinha que ajudar <i>a minha mãe</i> (MicheleL-2FS/PBSP)

⁶ Foram descartadas, nesta análise, ocorrências de pronomes possessivos em sentenças exclamativas com sentido cristalizado, tais como, "Meu Deus!", "Minha Nossa Senhora!", "Nossa!"; vocativos, por exemplo, "Meu, isso não podia ter acontecido..."; assim como foram desconsideradas as ocorrências em ambientes em que a percepção da presença do artigo se torna imprecisa, como, por exemplo, "para/praa(?) minha mãe", "com o(?) meu amigo" e contextos de crase; ocorrências com o núcleo do SN vazio, por exemplo, "a minha \emptyset já chegou" também foram descartadas. Neste estudo, as ocorrências com a preposição *a* + artigo definido masculino o/s (= ao/s) foram agrupadas à variável Preposição que contrai, enquanto nas ocorrências com a preposição *com* não foi identificado o traço [+aglutinante], sendo estas, então, adicionadas ao grupo Preposição que não contrai.

	<ul style="list-style-type: none"> – Objeto indireto: eu pa/ consegui passar isso <i>pros meus filho</i> (PedroC-2MC/PBSP) – Predicativo: o futebol era <i>meu esporte predileto</i> (FPMF-1MS/PB)
Especificidade do núcleo do SN	<ul style="list-style-type: none"> – Específico: <i>meu irmão mais velho</i> controla meu pai (MLT-1FC/PB) – Não específico: aí <i>minha colega</i> falou assim (MicheleL-2FS/PBSP)
Item lexical	(variável aleatória incluída no modelo de efeitos mistos)
Variáveis sociais	
Variáveis	Níveis
Faixa etária	<ul style="list-style-type: none"> – 1a: 15 a 34 anos – 2a: 35 a 49 anos – 3a: mais de 50
Sexo/ Gênero	<ul style="list-style-type: none"> – Feminino – Masculino
Nível de escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> – Até Ensino Médio – Ensino Superior
Idade de migração*	<ul style="list-style-type: none"> – Migrantes que chegaram com até 19 anos de idade – Migrantes que chegaram com 20 anos ou mais
Tempo de permanência em SP*	<ul style="list-style-type: none"> – Migrantes que estão em SP há 10 anos ou menos – Migrantes que estão em SP entre 11 a 20 anos – Migrantes que estão em SP há 21 anos ou mais
Falante	(variável aleatória incluída no modelo de efeitos mistos)

*Variáveis específicas da amostra de migrantes

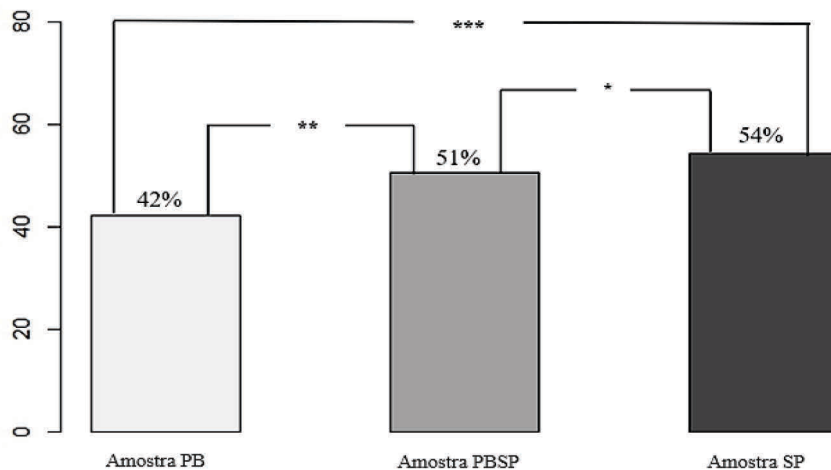
Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados apresentados e discutidos nas próximas seções foram obtidos com análises multivariadas de regressão logística, em modelos de efeitos mistos, aplicadas à variável dependente/resposta nominal binária na plataforma R (R CORE TEAM, 2017).

4. Resultados e discussão

Em um primeiro momento, a investigação do comportamento da variação do artigo definido diante de possessivos nos três *corpora* (PB, PBSP e SP) indicou os resultados mostrados na Figura 2.

Figura 2 – Proporções de realização do artigo definido diante de possessivo por amostra.



+ $p > 0,05$; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Fonte: elaborada pela autora.⁷

Nesses dados, observa-se que o conjunto dos migrantes paraibanos apresentaram uma proporção do emprego do determinante definido (51 %) bem próxima da dos paulistanos (54 %). Assumindo que esses migrantes apresentavam proporções de uso semelhantes às dos paraibanos não migrantes antes de se deslocarem para São Paulo (42 %), infere-se que esses falantes passaram por um processo de assimilação da variante prototípica da região Sudeste. Alicerçados nessa constatação, investigam-se quais fatores estariam favorecendo a preferência por parte desses migrantes pela variante predominante na fala dos paulistanos.

Antes de apresentar os resultados das análises multivariadas, no entanto, é necessário destacar que o controle de determinados fatores da Função sintática do SN interferiu na ortogonalidade (ver GUY; ZILLES, 2007) dessa variável com outras, gerando células não preenchidas, como na relação entre a Função sintática do SN e o

⁷ O valor p (ou valor de significância) calcula a probabilidade de se obter determinada distribuição observada nos dados em caso de a hipótese nula (H_0) ser verdadeira: quanto menor o valor, menor essa probabilidade. A hipótese alternativa (H_1) afirma que “há correlação entre o emprego do artigo definido diante de possessivo e a amostra de fala”, e a H_0 admite o contrário, que “não há correlação entre o emprego do artigo definido diante de possessivo e a amostra de fala”. De acordo com convenção em análises estatísticas, aqui se adotam asteriscos (*, **, ***) para sinalizar o nível de significância (respectivamente, $p < 0,05$, $p < 0,01$ e $p < 0,001$) de cada contraste.

tipo de preposição, em que certos níveis da primeira variável geraram células vazias quando cotejados ao Tipo de preposição⁸: por exemplo, espera-se que o objeto indireto seja introduzido por preposição (p. ex., João deu um livro *ao seu irmão*), assim como não se espera que sintagmas não encabeçados por preposição ocupem essa posição sintática⁹.

Nesse segmento, foi necessário formular dois modelos de análise: um com a inclusão da variável Função sintática do SN (modelo A) e outro com a inclusão da variável Tipo de preposição (modelo B). Levando em conta o índice de concordância C (HOSMER; LEMESHOW, 2000, *apud* LEVSHINA, 2015, p. 259), que aponta para o poder de discriminação dos resultados, o modelo B foi considerado mais satisfatório, uma vez que nele todas as três amostras apresentaram poder excelente de discriminação dos resultados ($0,8 < C < 0,9$). Assim, aqui se reportam, nas Tabelas 2 e 3 adiante, os resultados do modelo A, apenas para a variável Função sintática do SN, e do modelo B, para as demais variáveis.

Em ambas as tabelas, os valores das estimativas dos coeficientes apresentados em *log-odds* correspondem ao favorecimento (valores positivos) ou desfavorecimento (valores negativos) do fator com relação ao nível de referência da mesma variável previsora, e devem ser lidos em relação ao valor do coeficiente linear, o *intercept*. A fim de compreender os fatores que estariam favorecendo o aumento na proporção do uso do artigo na fala dos migrantes, coloca-se em foco a amostra PBSP em comparação com os resultados referentes aos *corpora* PB e SP. Das Tabelas 2 e 3, para a amostra PB, depreende-se que as variáveis Função sintática do SN, Gênero do possessivo e Tipo de preposição são variáveis notadamente correlacionadas com a presença do artigo, pois

⁸ Não foram considerados, neste estudo, ocorrências com marcação diferencial de objeto (*differential object marking* – DOM), p. ex., “a professora abraça *aos seus alunos* antes das aulas”.

⁹ Há, no português brasileiro, ocorrências de objeto indireto sem preposição (construções de objeto duplo), p. ex., “João deu *o irmão* um livro”, identificados em alguns dialetos, como o dialeto da Zona da Mata Mineira (ver SCHER, 1996), no português afro-brasileiro da Bahia (ver BAXTER; LUCCHESI, 1997).

há diferenças significativas entre um ou mais fatores e o *intercept*, enquanto as variáveis Pessoa e Número do possessivo, Natureza semântica do SN e a Especificidade do SN não apresentaram correlação com a presença do artigo.

Tabela 2 – Estimativas e valores de significância dos fatores da variável Função sintática do núcleo do SN por amostra no modelo A.

	PB		Amostras PBSP		SP	
	Estimativa	Pr(> z)	Estimativa	Pr(> z)	Estimativa	Pr(> z)
<i>Intercept</i> *	0,20	+	1,63	**	3,70	***
Função sintática do SN						
a Genitivo	1,17	**	0,76	+	2,30	***
t Objeto direto	-1,92	***	-2,52	***	-2,94	***
o Objeto indireto	1,27	**	0,28	+	0,13	+
r Predicativo	-0,83	+	-2,28	***	-2,39	***
e Sujeito	-1,52	***	-1,43	***	-2,69	***
s Tópico	-2,13	***	-1,24	*	-2,39	***
	C = 0,81		C = 0,78		C = 0,85	

+ $p > 0,05$; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

* O valor de *intercept* nesses dados corresponde aos valores atribuídos ao fator Adjunto adverbial.

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 3 – Estimativas e valores de significância dos fatores por amostra no modelo B.

	PB		Amostras PBSP		SP	
	Estimativa	Pr(> z)	Estimativa	Pr(> z)	Estimativa	Pr(> z)
<i>Intercept</i> *	-1,38	*	-0,73	+	0,74	+
Pessoa do pronome possessivo						
2ª pessoa	-0,44	+	-0,87	+	0,63	+
3ª pessoa	-0,08	+	1,21	+	0,98	+
Gênero do pronome possessivo						
a Masculino	-0,28	+	-0,77	**	-1,00	***
Número do pronome possessivo						
o Singular	0,91	*	0,46	+	0,29	+
Tipo de preposição						
e Prep. que contrai	3,43	***	3,53	***	4,80	***
s Prep. que não contrai	0,25	+	0,92	+	2,83	***
Natureza semântica do sintagma nominal						
Abstração única	0,75	+	-0,12	+	0,10	+

Não parente	0,77	+	0,46	+	-0,56	+
Parente	-0,84	*	-0,35	+	-0,65	+
Objeto não próprio	-0,44	+	--	--	1,52	*
Objeto próprio	0,36	+	-0,57	+	-0,57	+
Parte do corpo	0,11	+	--	--	0,20	+
Especificidade do sintagma nominal						
Não específico	0,04	+	0,08	+	-0,23	+
	C = 0,846		C = 0,80		C = 0,86	

+p > 0,05; *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001

* O *intercept* nesses dados corresponde aos fatores: 1ª pessoa do possessivo; Gênero feminino do possessivo; Possessivo plural; Ausência de preposição no SN; Abstração não única da variável Natureza semântica; e Específico.

Fonte: elaborada pela autora.

Na sequência, são detalhados os resultados das variáveis linguísticas correlacionadas com o uso do artigo definido.

4.1 Variáveis linguísticas correlacionadas com o uso do artigo definido

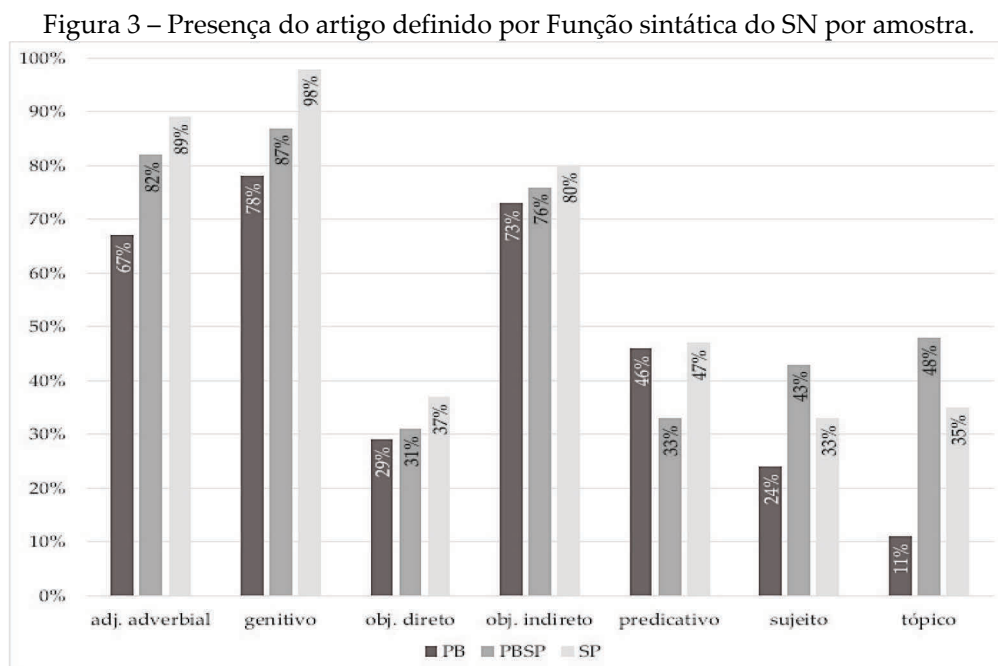
De acordo com os dados da Tabela 2, para a fala dos migrantes paraibanos, verifica-se que as estimativas para a variável Função sintática do SN indicam os seguintes fatores como favorecedores do emprego do artigo definido com relação ao valor de referência (*intercept*) Adjunto adverbial (3a): o Genitivo (3b) e Objeto indireto (3c):

- (3) a. por exemplo *no meu tempo* já era um castigo (AAM-3FS/PB)
- b. eu tenho ficado muito na casa *do meu namorado* (CarolinaA-1FC/SP)
- c. eu gosto mais *do meu bairro* do que da cidade (SergioA-1MS/SP)

Essas funções são introduzidas por preposições, o que pode estar relacionado com o fato de terem apresentado valores de estimativa positivos (Adjunto adverbial: *log-odds* 1,63; Genitivo: *log-odds* 0,76; Objeto indireto: *log-odds* 0,28), mostrando-se correlacionadas com o uso do artigo. Em contrapartida, as funções sintáticas que não são introduzidas por preposições apresentaram coeficientes negativos, indicando terem menor probabilidade de ser acompanhadas pelo determinante definido: objeto

direto (*log-odds* -2,52), predicativo (*log-odds* -2,28), sujeito (*log-odds* -1,43) e tópico (*log-odds* -1,24).

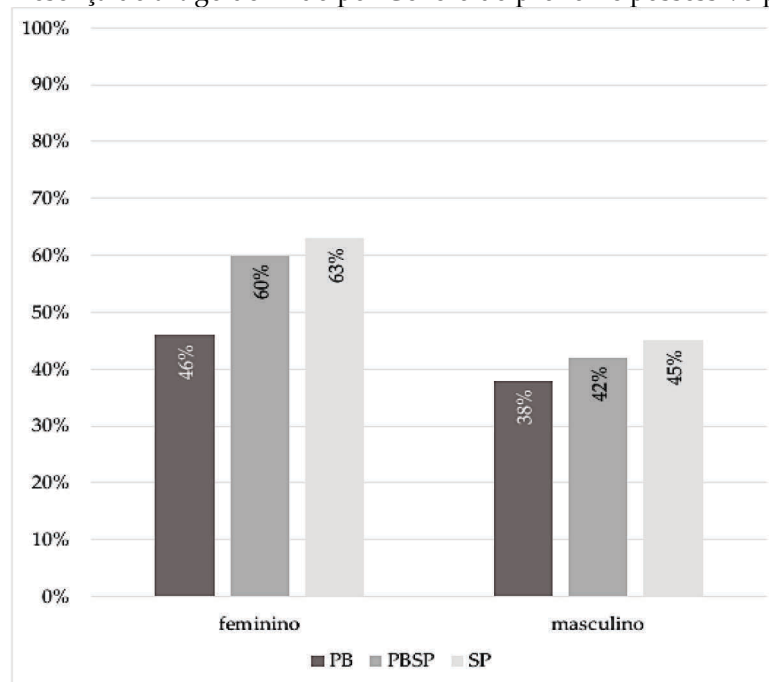
A Figura 3 mostra as proporções do emprego do artigo definido por função sintática e por amostra, e indica que o padrão observado para a amostra PB – favorecimento do artigo em funções sintáticas introduzidas por preposições e desfavorecimento em sintagmas não preposicionados – é bastante semelhante nas demais amostras.



Fonte: elaborada pela autora.

Para a variável Gênero do pronome possessivo, observa-se, em termos percentuais, uma preferência no uso do artigo em sintagmas femininos nas três amostras analisadas, como pode ser visualizado na Figura 4.

Figura 4 – Presença do artigo definido por Gênero do pronome possessivo por amostra.



Fonte: elaborada pela autora.

Contudo, os resultados das análises de regressão logística (Tabela 3) indicam que tal diferença entre sintagmas femininos e masculinos é significativa apenas para as amostras PBSP e SP. Na amostra de migrantes, o Possessivo masculino (*log-odds* 0,77, $p < 0,01$) desfavorece o emprego do artigo definido, assim como na amostra SP (*log-odds* -1,00, $p < 0,001$), diferentemente do que ocorre na fala de paraibanos nativos (*log-odds* -0,28, $p > 0,05$)¹⁰. Nesse sentido, no que concerne a essa variável, há um alinhamento dos migrantes com os padrões da fala da nova comunidade, como nos exemplos em (4).

- (4) a. que *a minha irmã* casou com um um mineiro né? (MartaS-1FC/PBSP)
 b. cada um tem *a sua responsabilidade* assim não fica só (SergioA-1MS/SP)

¹⁰ As particularidades apontadas para as amostras PB e SP não foram melhor detalhadas devido ao foco da discussão deste trabalho – a amostra PBSP.

Quanto à variável Tipo de preposição, as estimativas dos coeficientes e os valores de significância (Tabela 3) indicam que, para os migrantes paraibanos, favorece a presença do artigo definido o fator Preposição que contrai (*log-odds* 3,53, $p < 0,001$), ao passo que a Preposição que não contrai desfavorece o emprego do artigo definido (*log-odds* 0,92, $p > 0,05$).

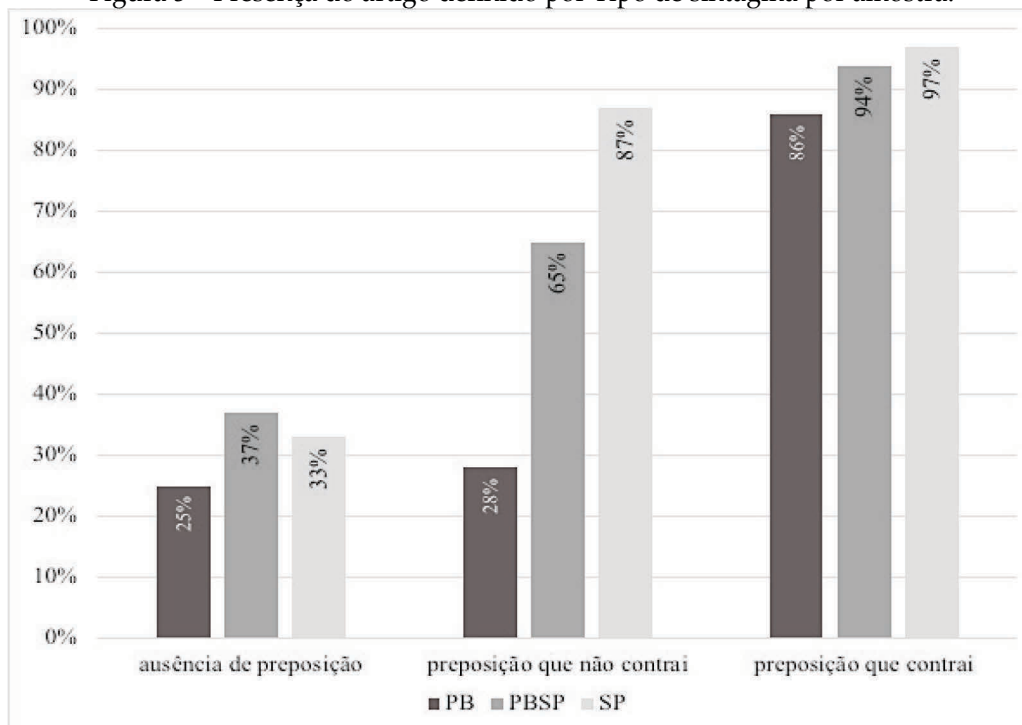
De acordo com a literatura, a preposição parece estar na base do aumento na produtividade do emprego do determinante registrado no português ao longo do tempo (FLORIP, 2008); no Brasil, a preposição que sofre contração com o artigo é o fator que tem mais favorecido o uso do determinante definido (CALLOU; SILVA, 1997), como mostram os exemplos em (5).

- (5) a. [a]: concomitantemente *ao* meu mestrado (PedroC-2MC/PBSP)
 b. [de]: por causa da da/ da família *da* minha namorada (ArnaldoR-1MS/PBSP)
 c. [em]: mas assim já *na* minha geração não (MicheleL-2FS/PBSP)
 d. [para]: essas coisa tem que ir legendando *pro* meus filho (PedroC-2MC/PBSP)
 e. [por]: eu não fui criada *pelos* meus pais (MartaS-1FC/PBSP)

Em comparação com as outras amostras (Figura 5), os resultados mostraram-se semelhantes na hierarquia, mas não são idênticos. Para paraibanos não migrantes, a Preposição que contrai favorece amplamente o emprego do artigo definido (*log-odds* 3,43, $p < 0,001$), enquanto a Preposição que não contrai (*log-odds* 0,25, $p > 0,05$) se comporta de modo semelhante à ausência de preposição. Para os paulistanos nativos, diferentemente, a Preposição que contrai (*log-odds* 4,8, $p < 0,001$) e a Preposição que não contrai (*log-odds* 2,83, $p < 0,001$) têm proporções mais próximas de emprego do artigo (respectivamente 97 % e 87 %), e ambas são significativamente diferentes do contexto em que não há preposição. A diferença entre paraibanos não migrantes e paulistanos, portanto, reside no comportamento de sintagmas com preposições que não contraem, que se assemelham a sintagmas sem preposição entre os primeiros e a sintagmas com

preposições que contraem entre os segundos. É interessante notar que, entre os migrantes paraibanos, a proporção de emprego de artigo definido em sintagmas com preposição que não contrai parece se encontrar num ponto intermediário, acima daquele para paraibanos não migrantes e abaixo daquele para paulistanos (ver Figura 5).

Figura 5 – Presença do artigo definido por Tipo de sintagma por amostra.



Fonte: elaborada pela autora.

De modo geral, os resultados revelam que os migrantes parecem ter assimilado a variante paulistana, o que pode ser verificado nas proporções do emprego do artigo, supondo que, antes de migrarem, sua proporção de uso se igualava à da amostra dos paraibanos não migrantes. Além disso, os resultados sugerem que os migrantes paraibanos adotaram padrão semelhante ou idêntico ao dos paulistanos, tanto quando uma variável se mostra significativamente correlacionada (como o gênero do possessivo), quanto em variáveis que se mostram não correlacionadas (como a

natureza semântica do sintagma nominal e o número do possessivo), revelando a aquisição dos padrões mais abstratos, na forma de regras variáveis dessa comunidade.

4.2 Variáveis sociais

A variável Faixa etária não foi incluída no modelo multivariado devido ao fato de não apresentar ortogonalidade com as variáveis Escolaridade e Gênero. Tampouco se incluiu a variável Tempo de permanência em São Paulo, que apresentou multicolinearidade com a variável Escolaridade (diagnosticada com base no fator de inflação da variância: $VIF > 10$; LEVSHINA, 2015). Tempo de permanência, portanto, foi analisada separadamente. Diante dos resultados reunidos na Tabela 4, percebe-se que nenhuma das variáveis sociais controladas mostrou-se correlacionada com o uso do artigo definido na amostra PBSP.

Tabela 4 – Estimativas e valores de significância dos fatores por amostra no modelo B.

	Amostras						
	PB		PBSP		SP		
	Estimativ a	Pr(> z)	Estimativ a	Pr(> z)	Estimativa	Pr(> z)	
F	<i>Intercept*</i>	-1,38	*	-0,73	+	0,74	+
a	Sexo/Gênero do informante						
t	Masculino	0,14	+	0,67	+	-0,92	*
o	Nível de escolaridade do falante						
r	Nível superior	-0,31	+	0,89	+	-0,51	+
e	Idade de migração						
s	Mais de 20 anos	NA	NA	-0,10	+	NA	NA

*O *intercept* corresponde aos fatores: Gênero feminino; Nível médio de escolaridade; Migrou com até 19 anos.

+ $p > 0,05$; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Fonte: elaborada pela autora.

Verificou-se, fundamentado nisso, que os migrantes paraibanos parecem não reproduzir a estratificação social quanto ao Sexo/Gênero que se observa na comunidade paulistana (sexo/gênero masculino: *log-odds* -0,92, $p < 0,05$), mas mantêm o mesmo padrão da comunidade de origem. Isso implica dizer que, embora esses

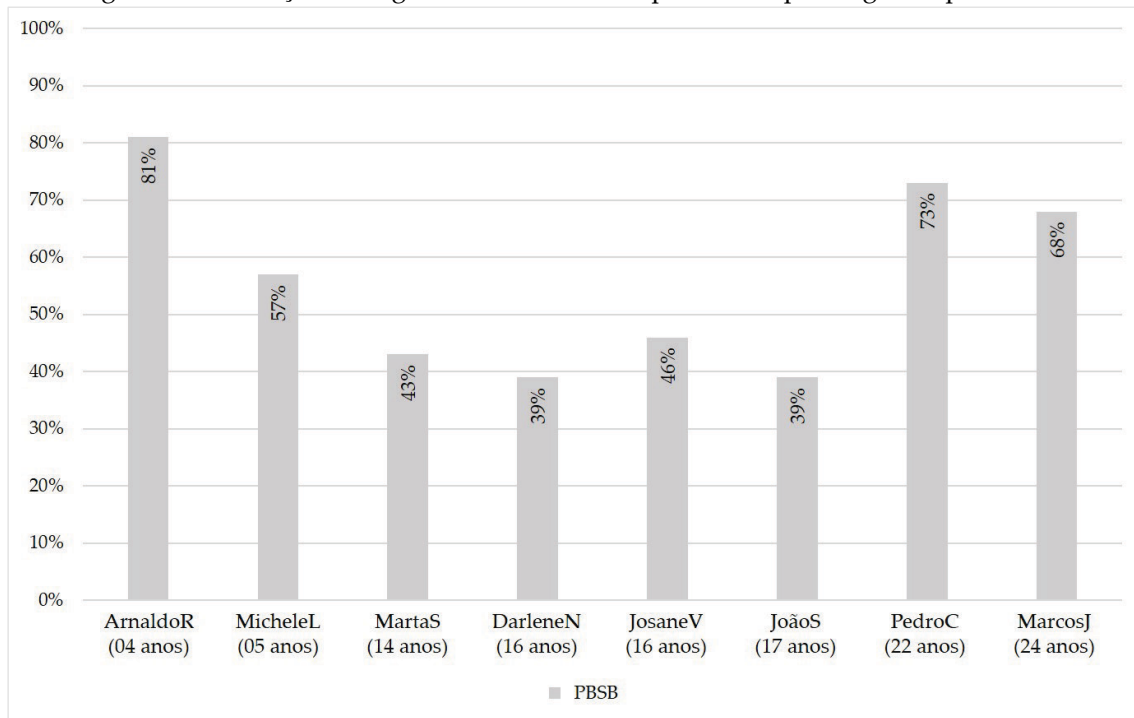
indivíduos tenham adquirido as regras dos paulistanos quanto às variáveis linguísticas, no que concerne a essa variável social, não refletem o mesmo padrão.

Esperava-se que a idade com a qual o migrante chegou em São Paulo estivesse correlacionada com o emprego da variável paulistana – quanto mais cedo chega, maior tendência ao emprego do artigo –, mas isso não foi verificado nos resultados. Também no que se refere às variáveis específicas da amostra de migrantes, esperava-se que a previsora Tempo de permanência em São Paulo tivesse uma maior influência na assimilação e na acomodação da realização do artigo definido pelos migrantes, conforme a literatura postula: quanto maior o tempo de exposição ao dialeto alvo, maior a probabilidade de acomodação à nova variedade (MARQUES, 2006). Contrariando essa relação tempo de permanência-assimilação linguística, os resultados (Figura 6) mostram que os migrantes com menos tempo em São Paulo (menos de 10 anos) apresentaram maior proporção de uso da variante da comunidade anfitriã, juntamente com aqueles que estão aqui há mais tempo (há mais de 20 anos); os falantes com tempo de residência intermediário (entre 10 e 20 anos) são os que menos empregam o artigo definido.

Constatou-se, então, alicerçado nesses dados, uma relação não linear entre o tempo de exposição e a assimilação da variante paulistana. De acordo com Marques (2006, p. 146), que estuda as vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal, o intervalo de dez anos seria o espaço de tempo suficiente para se perceber uma considerável acomodação dialetal por migrantes inter-regionais, sendo motivada, principalmente, pela avaliação negativa dos falantes da comunidade anfitriã.

De acordo com a proposta da influência do tempo de exposição na acomodação dialetal, pode-se verificar na Figura 6 que, se desconsiderados os falantes que têm menos de dez anos de residência em São Paulo, há uma tendência crescente no uso do artigo definido governado pelo tempo de exposição: quanto mais tempo em contato com a variante paulistana, mais o falante se acomodou.

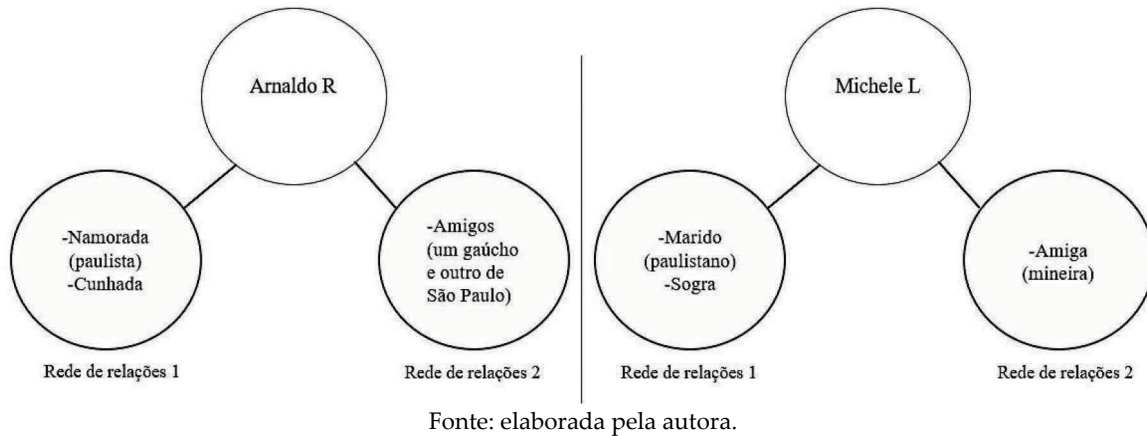
Figura 6 – Presença do artigo definido diante de possessivo por migrante paraibano.



Fonte: elaborada pela autora.

Entretanto, observa-se que a fuga do padrão incide nos falantes ArnaldoR e MicheleL, que estão, respectivamente, há quatro e cinco anos em São Paulo e apresentam proporções de uso do determinante diante de possessivo maiores do que os migrantes que estão na nova comunidade há quase 20 anos; ou seja, os falantes ArnaldoR e MicheleL convergiram da variante pessoense à variante paulistana em menos tempo de permanência na comunidade paulistana, em comparação aos demais migrantes.

Com base no mapeamento das redes de relações dos migrantes paraibanos, configurado conforme as informações obtidas durante a entrevista, observou-se que tanto ArnaldoR, que emprega o artigo em 81 % das ocorrências, quanto MicheleL, que usa o determinante em 57 % das construções analisadas, possuem contato *bastante próximo e constante* com paulistanos e com outros falantes das regiões Sudeste e Sul em sua rede social, constituindo, assim, laços fortes com esses falantes (Figura 7).

Figura 7 – Rede de relações dos falantes ArnaldoR e MicheleL¹¹.

Por outro lado, os migrantes que estão em São Paulo há até 20 anos (Quadro 2), e apresentaram proporções de uso mais baixas (Figura 6), não participam de redes sociais com a mesma configuração, pois convivem basicamente com a família paraibana com a qual migraram e mantêm um contato intenso. Com efeito, observa-se que a proporção no emprego do determinante por falantes com até 20 anos em São Paulo permaneceu na mesma média da dos paraibanos não migrantes (ver Figura 2).

Quanto aos falantes que estão em São Paulo há 21 anos ou mais, PedroC e MarcoJ, as informações acerca do contato com paraibanos (Quadro 2) mostram que o tempo de permanência na comunidade anfitriã foi fundamental para a ampliação das redes sociais estabelecidas com paulistanos com relação ao contato mais familiar no período de chegada na nova cidade e, conseqüentemente, do acesso à variante paulistana. As proporções elevadas no uso dessa variante, nesse sentido, podem ser resultantes da confluência de dois motivos: da rede de relação que estabeleceram na nova comunidade e do tempo de exposição ao dialeto paulistano.

¹¹ Dados coletados pelas entrevistas.

Quadro 3 – Redes de relações dos falantes que estão há mais de 10 anos em São Paulo.

Migrante	Rede de relações
MartaS	- marido, irmã gêmea e primos conterrâneos
DarleneN	- grande parte da família paraibana que também migrou para São Paulo
JosaneV	- marido que também é paraibano
JoaoS	- maior parte da família mora em São Paulo, mãe e irmãos paraibanos
PedroC	- metade da família paterna e materna também migrou para São Paulo
MarcoJ	- não menciona participantes da rede de relação em São Paulo, apenas refere-se a uma irmã que mora em Recife

Fonte: elaborada pela autora.

De outro modo, as informações sobre as redes sociais dos informantes ArnaldoR e MicheleL, cujas proporções no uso da variante paulistana suplantaram às dos demais falantes com média de tempo superior em São Paulo, mostram que esses migrantes possuem proximidade e contato constantes com paulistanos e com indivíduos que, presumivelmente, empregam em alta proporção o determinante definido em contexto possessivo, assumindo que esses possuem um uso semelhante ao dos falantes da amostra SP. É possível depreender, então, que essa relação mais próxima, caracterizada como um laço de primeira ordem, seja um mecanismo de reforço para a elevação na taxa de realização da variante paulistana pelos migrantes estudados.

Infere-se, nesse sentido, que a convivência diária dos migrantes com os indivíduos integrantes dessas redes possa ter levado-os a adquirir as normas linguísticas locais em detrimento do padrão da sua região de origem. Os laços fortes de primeira ordem, nessa perspectiva, parecem ser um reforço no uso dessa variante e ter uma maior relevância nesse caso de estudo de fala de migrantes do que as demais variáveis sociais, notadamente, com relação ao tempo de permanência do indivíduo em São Paulo.

5. Considerações finais

Com este estudo, pode-se observar que a polarização regional Nordeste *versus* Sudeste do país quanto ao emprego do artigo definido diante de possessivo segue os mesmos resultados obtidos por Callou e Silva (1997) com os dados do Projeto NURC, o que, embora não seja o foco principal deste trabalho, traz novas evidências de que a variável estudada é indicadora da região dialetal de origem do indivíduo. Nesse contexto, analisou-se como o migrante que se desloca de João Pessoa, no Nordeste, em direção a São Paulo, no Sudeste, se comporta diante da variante paulistana [+artigo definido], verificando-se, de acordo com dados estatísticos, que houve um aumento considerável na produtividade do determinante no contexto estudado, o que aproxima, em proporção, a fala do migrante paraibano (51 %) à dos paulistanos (54 %), e a distancia da fala da sua região de origem (42 %).

Os resultados estatísticos mostram que os migrantes paraibanos alinham-se mais com os paulistanos do que com os paraibanos no que diz respeito aos padrões abstratos de variação (regras variáveis) para as variáveis linguísticas, o que pode ser constatado observando-se tanto quando uma variável apresenta correlação significativa com a variável resposta, como o Gênero do possessivo, quanto nos casos em que a variável não se mostrou correlacionada, como, o Número do possessivo.

No que concerne às variáveis extralinguísticas “tradicionais” (Sexo/Gênero e Escolaridade), os resultados indicaram que essas não se mostraram significativamente correlacionadas com a variável resposta: enquanto na amostra de paulistanos há correlação com a variável Sexo/Gênero, na amostra de fala dos migrantes paraibanos essa variável previsora não se mostrou significativa. Esses resultados levam a entender que, se por um lado, os migrantes parecem ter se acomodado aos padrões da comunidade paulistana quanto às variáveis linguísticas, por outro, não refletem a estratificação social da comunidade anfitriã. A acomodação da fala dos migrantes no que tange à variável em foco se dá, nesse sentido, de maneira complexa.

Com relação aos resultados das variáveis específicas à amostra de migrantes, nem Idade de migração nem Tempo de permanência em São Paulo apontou para o padrão esperado: os falantes que migraram com menos idade e os que têm mais tempo de permanência em São Paulo seriam, possivelmente, os que mais estariam usando a variante paulistana em seu repertório linguístico, o que não se constatou empiricamente. A análise do indivíduo e de suas redes de relações estabelecidas em terras paulistanas, entretanto, permite algumas considerações ulteriores no sentido de entender esses padrões.

Verificou-se, então, que os laços fortes de primeira ordem, ou seja, aqueles que são estabelecidos contínua e rotineiramente, fundamentados em vínculos de maior nível de proximidade e intimidade entre migrantes e falantes da variante paulistana produziram um contexto favorável à convergência dialetal, mostrando ter maior relevância na assimilação do artigo definido diante de possessivos do que as variáveis sociais, notadamente, a variável Tempo de permanência do migrante em São Paulo. Nesse sentido, pode-se inferir também, com base neste estudo, que a hipótese que vincula a acomodação linguística ao tempo de exposição do falante à determinada variante não pode ser generalizada, mas depende da natureza de cada fenômeno investigado: diferentes variáveis passam por diferentes processos de acomodação; o que está na base desses processos é o que está para ser estudado.

Referências Bibliográficas

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *In: Estudos linguísticos e literários*, n. 19. Salvador: UFBA. p. 65-83

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

CALLOU, D. **A variação no português do Brasil: o uso do artigo definido diante de antropônimos**. (Série Conferências). Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

CALLOU, D.; SILVA, G. O uso do artigo definido em contextos específicos. *In*: HORA, D. (org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997, p. 11-26.

CASTRO, A. **On Possessives in Portuguese**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Nova de Lisboa, FCSH/Université Paris 8, 2006.

FLORIPI, S. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. 2008. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2008.

GIORGI, A.; LONGOBARDI, G. **The syntax of noun phrases: configurations, parameters and empty categories**. Cambridge University Press, 1991.

GONZALES, E. N.; BASTOS, M. I. **Migração rural e o trabalho volante na agricultura brasileira**. Fundação Universidade de Brasília, 1974.

GUY, R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN: Linguistic Annotator**. Versão 4.4.0. 2013. Disponível em: mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf. Acesso em: 21 fev. 2017.

HORA, D. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB**. João Pessoa: DLCV/UFPB, 1993. Disponível em: valpb.com.br. Acesso em: 15 jan. 2017.

HORA, D.; NEGRÃO, E. (ed.) **Estudos da linguagem: casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia, 2011.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEVSHINA, N. **How to do linguistics with R: Data exploration and statistical analysis**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/z.195>

MARQUES, S. M. O. **As vogais medias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. 162 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MATTOS e SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN.CM, 1989.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **SP2010**: construção de uma amostra de fala paulistana. 2012a. Projeto de Pesquisa (FAPESP processo 2011/09278-6). Disponível em: projetosp2010.fflch.usp.br. Acesso em: 11 jan. 2017.

MOISÉS, J. A. **Os brasileiros e a democracia**. São Paulo: Ática. 1995.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Basil Blackwell, 2. ed., 1987 [1980].

OUSHIRO, L. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. In: FREITAG, R. M. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blücher, 2014a. Disponível em: openaccess.blucher.com.br/download-pdf/270/18959. Acesso em: 13 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-9cap>

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blücher, 2014b. Disponível em: openaccess.blucher.com.br/download-pdf/270/18960. Acesso em: 13 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>

OUSHIRO, L. **Projeto Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo**. 2016. Projeto de Pesquisa (FAPESP processo 2016/04960-7).

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: r-project.org. Acesso em: 25 mar. 2017.

RINKE, E. A combinação do artigo definido e pronome possessivo na história do português. **Estudos linguísticos**. p. 121-139. 2010. Disponível em: usc.es/revistas/index.php/elg/article/viewFile/1511/1381. Acesso em: 15 jun. 2017.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Campina Grande: Editora Melhoramentos, 1964.

SANTANA, A. L. **As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo**. Relatório de qualificação de mestrado, FFLCH/USP, 2017.

SILVA, G. M. de O. **Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 1982.

SILVA, G. M. de O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. *In*: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 119-145.

SCHER, A. P. **As construções dos dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo**. Campinas, SP: [s.n.], 1996.

SCHLOORLEMER, M. Possessors, articles and definiteness. *In*: **Possessors, predicates and movement in the determiner phrase**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 55-86. DOI <https://doi.org/10.1075/la.22.04sch>

Artigo recebido em: 02.02.2019

Artigo aprovado em: 31.05.2019



O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo¹

The variable use of the imperative of Bahian migrants in São Paulo

Emerson Santos de Souza*

RESUMO: O imperativo, no português brasileiro, apresenta duas principais formas em variação: uma com morfologia de subjuntivo, ex.: "Traga o carro!", e outra com morfologia de indicativo, ex.: "Traz o carro!" (SCHERRE, 2004). Oliveira (2015), a partir dos dados do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), mostrou a diferença de uso dessas formas entre Bahia e São Paulo, sendo que, em Salvador, a forma predominante é a subjuntiva (77 %), enquanto em São Paulo, é a indicativa (86 %). Este artigo analisa o uso do imperativo por baianos em São Paulo, partindo-se da hipótese de que tais migrantes aumentariam a proporção de uso da forma indicativa. A regressão logística de efeitos mistos, feita no R (R CORE TEAM, 2018), a partir do *corpus* formado por respostas de um questionário on-line aplicado a baianos em São Paulo (FIGUEREIDO; SOUZA, 2017), evidencia o aumento significativo do uso da forma indicativa pelos migrantes e sugere que ela ocorre mais: entre os menos escolarizados; entre os que migraram quando adultos; entre os que estão em São Paulo há menos tempo; em

ABSTRACT: The imperative, in Brazilian Portuguese, presents two main forms in variation: one with subjunctive morphology, e.g.: "Traga o carro!", and another with indicative morphology, e.g.: "Traz o carro!" 'Bring the car!' (SCHERRE, 2004). Oliveira (2015), based on data from ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), showed the difference between Bahia and São Paulo in the usage of these forms, since in Salvador the predominant form is the subjunctive (77%), while in São Paulo, it is the indicative (86%). This article analyzes the use of the imperative by Bahians in São Paulo, starting from the hypothesis that such migrants would increase the proportion of usage of the indicative form. The mixed effects logistic regression in R (CORE TEAM, 2018) of the answers to an online questionnaire applied to Bahians in São Paulo (FIGUEREIDO; SOUZA, 2017), shows a significant increase in the use of the indicative by the migrants and suggests that it occurs more among the less educated; those who migrated as adults; who have been in São Paulo less time; in the context of asymmetric interpersonal

¹ Este trabalho é resultado do refinamento dos dados apresentados no VII Encontro de Sociolinguística: Redes e Contato, realizado na Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju-SE, em 2017.

* Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. <https://orcid.org/0000-0003-4123-0788>. souza.emersonsantos@hotmail.com.

contexto de relações interpessoais assimétricas; em situações de ordem e pedidos (em contraste a conselhos e instruções); em contextos imediatos; e em sentenças afirmativas.

relations; in situations of order and requests (in contrast to advice and instructions); in immediate contexts; and in affirmative sentences.

PALAVRAS-CHAVE: Imperativo. Contato dialetal. Migrantes baianos. Português paulista. Português baiano.

KEYWORDS: Imperative. Dialect contact. Bahian migrants. São Paulo Portuguese. Bahian Portuguese.

1. Introdução

No português brasileiro, o modo imperativo apresenta duas principais formas em variação: uma com *morfologia de subjuntivo*, como em “Traga o carro!”, e outra com *morfologia de indicativo*, como em “Traz o carro!” (SCHERRE, 2004). A partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), Oliveira (2015)² evidenciou que o uso dessa última variante em relação àquela é mais comum no Centro-Oeste, Norte, Sudeste e Sul em comparação ao Nordeste.

Seus resultados mostraram, por exemplo, que a variante prototípica da cidade de São Paulo - SP é o imperativo com morfologia de indicativo, com 86 % das ocorrências e peso relativo de .75 em relação às demais capitais do Sudeste, enquanto a variante prototípica de Salvador - BA é o imperativo com morfologia de subjuntivo, uma vez que os resultados apontaram 23 % de uso e .11 de peso relativo para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em relação a outras capitais nordestinas.

Esses dados sugerem que o uso variável do imperativo é um traço morfossintático que diferencia o dialeto paulista do dialeto baiano, cujo contato poderia gerar mudanças linguísticas, sobretudo, na fala dos migrantes. Trudgill (1986), baseado na Teoria da Acomodação (GILES *et al.*, 1973), sugere que as mudanças ocasionadas do contato entre dialetos mutuamente inteligíveis acontecem devido à

² Agradeço a professora Josane Oliveira por compartilhar os slides da apresentação realizada no XII Workshop do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, na Universidade Federal da Bahia, em Salvador - BA, em 2015.

convergência positiva dos migrantes para com a comunidade anfitriã. Esses efeitos, segundo Chambers (1992), podem ser notados em diferentes níveis linguísticos, a saber, no fonético-fonológico, no morfossintático, no lexical e no pragmático.

Ao assumir isso, pode-se levantar a hipótese de que um baiano, ao migrar para São Paulo, aumentaria a proporção de uso da forma indicativa por influência da comunidade anfitriã. Se este for o caso, é pertinente questionar quais seriam os fatores sociais e linguísticos que contribuiriam para que essa variante fosse mais usada pelos migrantes do que por aqueles que permanecem em sua comunidade de origem. A fim de responder a esses questionamentos, objetiva-se, neste trabalho, (i) analisar se há diferença significativa entre as realizações do imperativo com morfologia de indicativo entre baianos residentes em São Paulo e de baianos residentes na Bahia e (ii) correlacionar variáveis previsoras (sociais e linguísticas) aos usos do imperativo a fim de observar os padrões de realização dessa variável no comportamento linguístico dos migrantes baianos em São Paulo.

Em razão da dificuldade de capturar as formas imperativas em entrevistas sociolinguísticas, aplicou-se um questionário on-line, baseado em Nunes e Schwenter (2015)³, a baianos residentes na Bahia e a migrantes baianos em São Paulo, recrutados, de maneira semialeatória⁴, através de mídias sociais como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. Os dados obtidos foram submetidos a testes estatísticos em análises de regressão logística de efeitos mistos com inclusão do informante e do verbo como variáveis aleatórias na plataforma R (R CORE TEAM, 2018), e de variáveis previsoras sociais (*Escolaridade*, *Idade de Migração*, *Tempo em São Paulo*, *Tipo de Relação*) e linguísticas (*Intenção Comunicativa*, *Contexto Temporal* e *Polaridade*).

³ Agradeço a Luana Nunes e a Scott Schwenter por disponibilizar os slides apresentados no 44° NWAV, realizado em Toronto-CA, em 2015.

⁴ Entende-se por abordagem semialeatória aquela em que há certo grau de interferência do pesquisador durante o recrutamento dos participantes.

De modo geral, os resultados indicam haver uma diferença significativa entre a escolha da forma indicativa dos baianos residentes em São Paulo, em relação àqueles baianos que não migraram de sua comunidade nativa. Além disso, apontam que o aumento da proporção de uso da forma indicativa ocorre mais entre: os falantes menos escolarizados, com até o nível médio; os que migraram quando adultos; os que estão em São Paulo há até 7 anos e em contextos cuja relação entre os interlocutores é assimétrica. Os resultados ainda mostram que os falantes com esses perfis usam mais essa variante em situações cujas intenções são de ordenar e pedir (em relação a aconselhar e instruir), em ações a ser realizadas em contextos imediatos e em sentenças que têm polaridade afirmativa.

Essas informações são descritas ao longo deste artigo. Assim sendo, este texto está subdividido em 4 seções, além dessa parte introdutória. Na primeira delas, resenham-se os trabalhos que trataram do uso variável do imperativo de falantes nativos em diferentes comunidades, como Scherre (2004), Oliveira (2015, 2017), Nunes e Schwenter (2015) e, no comportamento linguístico de migrantes, como Cardoso (2009); além de uma breve discussão acerca do contato entre dialetos mutuamente inteligíveis, a partir de Trudgill (1986), Chambers (1992) e Siegel (2010). Em seguida, detalha-se o passo a passo de como ocorreram a coleta e o tratamento dos dados. Na seção subsequente, apresentam-se os resultados das análises dos modelos estatísticos da regressão logística de efeitos mistos que testaram a correlação entre a variável resposta e as variáveis previsoras sociais e linguísticas. Por fim, fazem-se as considerações finais.

2. Pressupostos teóricos

Como visto, no português brasileiro, há duas principais formas imperativas: uma com morfologia de subjuntivo e outra com morfologia de indicativo. De acordo com Scherre (2004), no Brasil, aquela forma é mais prototípica da Região Nordeste,

enquanto esta é mais recorrente nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Para a Região Norte, que até então não havia sido mapeada quanto ao uso dessa variável, Scherre (2004) conjecturou que haveria um “alinhamento” com a Região Nordeste, i.e., ambas as regiões que estão mais ao norte do Brasil usariam o imperativo com morfologia de subjuntivo.

A fim de mapear o uso variável do imperativo nas 25 capitais brasileiras⁵ que constam no Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Cardoso *et al.*, 2014), Oliveira (2015) analisou um *corpus* constituído por 200 informantes (8 de cada capital), estratificados em *Sexo* (100 homens e 100 mulheres), *Faixa Etária* (Faixa I: 18-30 anos e Faixa II: 50-65 anos) e *Escolaridade* (Fundamental e Superior). A distribuição geral do total de 2535 ocorrências mostrou que 65 % é da forma indicativa, de modo que os informantes têm usado mais o modo imperativo com morfologia de indicativo do que a forma de subjuntivo.

Numa análise por região, nota-se que, diferentemente do que previu Scherre (2004), a Região Norte (42,50 %), com exceção de Porto Velho (.39), assemelha-se às Regiões Centro-Oeste (46,1 %), Sudeste (46,1 %) e Sul (43,60 %), salvo Curitiba (.42), quanto ao uso da forma indicativa. Já a Região Nordeste (26,63 %), à exceção de São Luís (.52), teve a predominância do imperativo com a forma de subjuntivo.

Numa observação pormenorizada, Oliveira (2017) verificou o emprego do imperativo associado ao indicativo no Nordeste. Com base em 72 inquéritos do ALiB (Cardoso *et al.*, 2014), ela angariou 753 dados de imperativo, dos quais 233 são da forma indicativa (31 %) e 520 da forma subjuntiva (69 %). A análise estatística feita no GoldVarbX apontou como relevantes as variáveis *Cidade*, *Polaridade da Sentença* e *Paradigma Verbal*. A correlação com a variável *Cidade*, especificamente, mostrou que São Luís (.84) e Fortaleza (.66) favorecem o indicativo, Teresina (.50) e Recife (.49) ficam

⁵ De acordo com um dos critérios da Projeto ALiB (Cardoso *et al.*, 2014), Palmas – TO e Brasília não faziam parte da coleta de dados por terem sua fundação recente.

próximas da média geral da região, enquanto Maceió (.46), João Pessoa (0.41), Salvador (0.41), Aracaju (0.41) e Natal (.27) desfavoreceram o seu uso.

Para elucidar o uso das formas imperativas em cidades das Regiões Sudeste e Sul, Nunes e Schwenter (2015) aplicaram um questionário on-line a paulistas e gaúchos recrutados através de mídias sociais. Esse instrumento de coleta é formado por 30 questões organizadas e balanceadas, sobretudo, de acordo com a variável *Polaridade*, sendo 12 perguntas com forma imperativa afirmativa, 12 com forma negativa e mais 6 distratores. A cena descrita em cada questão conduzia os participantes a escolher umas das duas formas imperativas, indicativa ou subjuntiva.

Com esse método, Nunes e Schwenter (2015) coletaram 4.272 dados dessa variável sociolinguística. O resultado geral, obtido a partir da análise de regressão logística feita na plataforma R, mostrou que, em ambas as comunidades, há a prevalência da forma indicativa em relação à subjuntiva; que a polaridade afirmativa desfavorece o imperativo com forma de subjuntivo (*logodds* -1.6732) em relação à polaridade negativa e que o contexto não-imediato (2.2248) favorece o uso do imperativo com forma de subjuntivo em relação ao contexto imediato.

Os estudos anteriormente arrolados sugerem que o uso variável do imperativo é um traço morfossintático que diferencia os falares do Nordeste em comparação aos dialetos das outras regiões brasileiras. Assumir isso permite levantar a hipótese de que se uma pessoa do Nordeste migrar para alguma cidade das demais regiões do Brasil, possivelmente aumentará sua proporção de uso do imperativo com morfologia de indicativo, já que a migração pode ser um dos fatores que contribuem para as mudanças na fala do indivíduo.

Segundo Trudgill (1986), a mudança linguística gerada a partir do contato entre dialetos mutuamente inteligíveis ocorre por causa da convergência positiva (ver GILES *et al.*, 1973) do migrante para com a comunidade anfitriã. Essas mudanças, de

acordo com Chambers (1992), podem atingir os distintos níveis linguísticos, como o fonético-fonológico, o morfossintático, o lexical e o pragmático.

Os efeitos do contato dialetal na fala dos migrantes podem ser observados, de acordo com Siegel (2010), por meio de duas principais perspectivas: pela análise da fala do migrante em diferentes momentos de sua estada na comunidade anfitriã ou pela comparação feita entre a fala dos migrantes e amostras-controle da comunidade de origem e da comunidade anfitriã, a fim de perceber se o percentual de uso de determinado fenômeno linguístico da fala do migrante se aproxima dos usos desta ou daquela comunidade. Por causa do fato das áreas dialetais brasileiras se distinguirem, muitas vezes por causa da discrepância da proporção de uso de determinadas variáveis sociolinguísticas, como o uso variável das formas imperativas, escolhe-se esse último tipo de análise.

Cardoso (2009), por exemplo, analisou a fala de fortalezenses residentes em Brasília, comunidade em que predomina o uso do imperativo com forma de indicativo. De um *corpus* formado por 16 informantes, a autora obteve o total de 972 dados de imperativo, dos quais 68 % correspondiam à forma indicativa em relação à variante subjuntiva. Esses dados foram eliciados por meio de cenas de quadrinhos com situações diretivas, para os quais a autora solicitava aos participantes que dissessem o que falariam naquelas situações. Ao comparar esse resultado com os valores percentuais de realização da forma indicativa de dois grupos controle, um de fortalezenses não migrantes, que apresentou o total de 40 % de uso dessa variante, e outro de brasilienses, que teve 90 % de realização da mesma variante, Cardoso (2009) observou que os fortalezenses no Distrito Federal tendem a assimilar a variante imperativa mais prototípica da comunidade anfitriã.

O presente trabalho também se volta à análise dos padrões linguísticos de migrantes, cuja metodologia se descreve a seguir.

3. Metodologia

Figueredo e Souza (2017), baseados em Nunes e Schwenter (2015), elaboraram um questionário virtual no *Google Forms* a fim de constituir dois *corpora*, um com participantes baianos em São Paulo e outro de baianos residentes na Bahia, com o objetivo de comparar o uso do imperativo com morfologia de indicativo entre essas duas comunidades e investigar quais possíveis variáveis sociais e linguísticas motivariam a sua realização. O questionário é formado por 30 estímulos, 14 distratores e 16 sentenças-alvo, que foram elaboradas a partir do cruzamento de contextos linguísticos observados em outras pesquisas: *Polaridade* (afirmativa/negativa) (SCHERRE, 2003, 2004; OLIVEIRA, 2017; NUNES; SCHWENTER, 2015); *Contexto Temporal* (imediatos/não-imediatos) (NUNES; SCHWENTER, 2015); e *Intenção Comunicativa* (aconselhar, instruir, pedir e ordenar). As cenas descritas em cada sentença-alvo foram projetadas na tentativa de simular uma situação cotidiana na qual o informante fosse conduzido a escolher uma das duas formas imperativas. Os 16 estímulos-alvo são reproduzidos em (1). Os verbos imperativos aí italicizados, evidentemente, foram apresentados sem destaque aos participantes.

(1)

- | | | |
|--|---|---|
| a. O pai percebe que o filho está mexendo no celular em vez de fazer as atividades escolares. Se você fosse o pai, o que diria para seu filho? | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Faça</i> as atividades ou vou tomar seu celular. ○ <i>Faz</i> as atividades ou vou tomar seu celular. |
| b. Você é um(a) professor(a) que solicitou aos alunos uma maquete como atividade avaliativa da unidade, mas um aluno esqueceu de trazê-la. | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Traz</i> a maquete na próxima semana ou vai ficar com zero. ○ <i>Traga</i> a maquete na próxima semana ou vai ficar com zero. |

- c. Você é pai (mãe) super protetor(a) e não vai deixar seu filho ir à festa de final de ano que a turma está programando. Como diria isso ele? →
- Não *vai* à festa!
 - Não *vá* à festa!
- d. Você é um(a) professor(a) que não tolera atrasos e um aluno chega 30 minutos após a aula ter começado. O que diria a ele? →
- Não *entra* na sala, *espera* a próxima aula começar!
 - Não *entre* na sala, *espere* a próxima aula começar!
- e. Você foi ao salão cortar as pontas do cabelo, mas a cabeleireira é famosa por cortar mais do que as clientes pedem. Como você pediria para ela não fazer isso com seu cabelo? →
- Não *corte* muito, apenas as pontas.
 - Não *corta* muito, apenas as pontas.
- f. Você está prestes a viajar e não está com tempo de arrumar a sua mala. Como você diria para sua filha fazer isso por você? →
- Filha, por favor, *arrume* minha mala.
 - Filha, por favor, *arruma* minha mala.
- g. Você se esqueceu de comprar os ovos para fazer o bolo e lembra que seu filho está na rua. Ao ligar pra ele, como você pediria pra ele trazer? →
- Quando vier pra casa, *compre* ovos pro bolo.
 - Quando vier pra casa, *compra* ovos pro bolo.
- h. Você levou seu computador para formatar, mas só poderá pegar dois dias depois. Você está com receio de o funcionário se esquecer de fazer o serviço. Como você diria para ele? →
- Por favor, não se *esqueça* de formatar o meu computador.
 - Por favor, não se *esquece* de formatar o meu computador.
- i. Julia se casou e é péssima na cozinha. Então ela pede ajuda à mãe dela para preparar um simples arroz. Se você fosse a mãe de Julia, com ensinaria? →
- Filha, é fácil! *Coloca* o arroz em uma panela com água e sal e *espera* cozinhar.
 - Filha, é fácil! *Coloque* o arroz em uma panela com água e sal e *espere* cozinhar.

- j. Você está ensinando seu irmão a conectar a TV pela primeira vez. Como você o instruiria? →
- Não *liga* a TV na tomada antes de montar ela.
 - Não *ligue* a TV na tomada antes de montar ela.
- l. Maria está nervosa, pois vai fazer um prato especial pro maridão para comemorar o primeiro ano de casados. Se você fosse amiga de Maria, o que lhe diria? →
- Vai ser lindo! Não *fique* nervosa!
 - Vai ser lindo! Não *fica* nervosa!
- m. Você está estudando com seu filho para uma prova amanhã. Como você diria para ele não se esquecer de preencher o cabeçalho? →
- Não *deixe* o cabeçalho em branco.
 - Não *deixa* o cabeçalho em branco.
- n. Sua amiga tirou carteira de habilitação e está prestes a viajar, mas tem muito medo de dirigir em uma BR. Que conselho lhe daria? →
- *Pense* que está em uma via calma e tudo vai ficar bem.
 - *Pensa* que está em uma via calma e tudo vai ficar bem.
- o. Sua amiga se preocupa muito com a opinião das outras pessoas e, por isso, evita fazer coisas que a sociedade condene. Que conselho você daria para ela? →
- A vida é curta! *Dá* menos importância pra essas pessoas!
 - A vida é curta! *Dê* menos importância pra essas pessoas!
- p. Você está aplicando uma prova de Matemática e percebe que um aluno está bastante agitado em sua carteira, tentando olhar para prova do colega ao lado. O que lhe diria? →
- Não *olhe* a prova do colega pra que você não seja reprovado!
 - Não *olha* a prova do colega pra que você não seja reprovado!
- q. Você é um(a) tio(a) que se preocupa bastante com seu sobrinho e percebe que ele anda fazendo coisas erradas. Que conselho daria para ele? →
- Não *anda* com pessoas ruins.
 - Não *ande* com pessoas ruins.

Esse instrumento de coleta de dados foi aplicado, de maneira semialeatória, a baianos residentes em Feira de Santana-BA e a migrantes baianos em cidades do estado de São Paulo recrutados por meio de mídias sociais como Facebook, WhatsApp e Instagram. Essa abordagem rendeu a participação de 41 informantes (14 homens e 27 mulheres) na Bahia, perfazendo um total de 656 ocorrências imperativas, e de 34 migrantes baianos (10 homens e 24 mulheres) em São Paulo, dos quais foram obtidas 544 ocorrências de uso do imperativo. São os dados desses últimos que são aqui analisados mais detalhadamente, pelo interesse no comportamento linguístico dos migrantes.

Durante o tratamento dos dados para esta análise, decidiu-se excluir certos dados: (i) dois informantes da amostra de migrantes baianos foram excluídos pelo fato de eles terem chegado a São Paulo com menos de 10 anos de idade e serem os únicos representantes dessa faixa etária de migração e (ii) as sentenças com o verbo “ir” (1c) foram excluídas, porque a cena retratada com esse verbo apresentou ambiguidade e, por causa disso, os resultados podem ter sido enviesados. Assim, este estudo foi realizado a partir das respostas dadas a 15 sentenças-alvo por 73 informantes (41 baianos em seu lugar origem e 32 migrantes baianos em São Paulo).

Pelo método de coleta e recrutamento de participantes on-line, este não é um *corpus* estratificado, pois não foi possível ter total controle sobre as características sociais dos participantes da amostra. Especificamente os migrantes baianos em São Paulo, principal foco aqui, foram organizados, segundo suas características sociodemográficas, de acordo com os grupos do Quadro 1 a seguir. O principal critério para a definição dos níveis foi o de ter um número balanceado de participantes em cada um deles.

Quadro 1 – Distribuição dos informantes por perfil sociodemográfico.

Escolaridade	N	Idade de migração	N	Tempo em São Paulo	N
Até o Nível Médio	16	Faixa I: 13 – 21 anos	12	Faixa I: 0 – 7 anos	12
Nível Superior	16	Faixa II: 22 – 24 anos	10	Faixa II: 8 – 15 anos	10
--		Faixa III: 25 – 35 anos	10	Faixa III: ≥ 16 anos	10
Total	32	--	32	--	32

Fonte: elaborado pelo autor.

A análise dos dados foi feita na plataforma R (R CORE TEAM, 2018) em duas etapas. Na primeira, foi realizado um modelo estatístico de *regressão logística* no conjunto total de dados das duas amostras, a fim de verificar se havia diferença significativa para o uso do imperativo com morfologia de indicativo entre os baianos residentes nas diferentes comunidades. Na segunda etapa, para uma análise mais refinada dos dados dos migrantes baianos e com o propósito de perceber quais fatores estariam correlacionados ao uso do imperativo com morfologia de indicativo, foram aplicados testes de regressão logística de efeitos mistos, com a inclusão do *Informante* e do *Verbo* como variáveis aleatórias,⁶ às variáveis previsoras que se descrevem a seguir.

3.1 Variáveis previsoras sociais

Com base na literatura do contato entre dialetos mutuamente inteligíveis, controlaram-se as seguintes variáveis previsoras sociais: (i) *Escolaridade*, com base na hipótese de que, quanto menos escolarizado o falante for, mais características do dialeto anfitrião ele tenderia a adquirir (ALVES, 1979); (ii) *Idade de Migração*, sob a hipótese de que quanto mais cedo o falante chegar à comunidade anfitriã, mais

⁶ O controle desses últimos efeitos permite observar se as correlações são consequências das variáveis fixas ou se são por ocasião de certos indivíduos que se comportam de maneira diferente da população representada (LEVSHINA, 2015; OUSHIRO, 2017b).

características linguísticas dela ele adquiriria (OUSHIRO, 2017a); (iii) *Tempo em São Paulo*, sob a hipótese de que quanto mais tempo o indivíduo estiver sob os insumos linguísticos da comunidade anfitriã, mais traços ele aprenderia (TRUDGILL, 1986; SIEGEL, 2010; OUSHIRO, 2017a). Adicionalmente, com base no estudo de Dias (2007) sobre a variação entre os pronomes *tu* e *você* em Brasília, foi incorporada a este estudo a variável (iv) *Tipo de Relação* entre as personagens das sentenças, se assimétrica, como entre cabelereira e cliente em (1e); ou simétrica, como entre Maria e sua amiga em (1l), a partir da hipótese de que as relações assimétricas favoreceriam o uso do imperativo com forma de indicativo.

3.2 Variáveis previsoras linguísticas

A grande maioria das variáveis linguísticas analisadas faz parte de um conjunto de variáveis testadas na literatura sobre o uso variável do imperativo no Brasil: *Intenção Comunicativa*, aconselhar (1l), instruir (1j), pedir (1h) e ordenar (1d), a partir da hipótese de que as situações de ordem e pedido favoreceriam o uso da forma indicativa por serem as situações que podem demonstrar mais rispidez; *Contexto Temporal*, imediato e não-imediato, como em (1e) e (1g) respectivamente, com expectativa de que o contexto imediato favoreceria o uso do imperativo em forma de indicativo (NUNES; SCHWENTER, 2015); *Polaridade*, negativa e afirmativa, como em (1e) e (1g) respectivamente, sob a hipótese de que as frases afirmativas favoreceriam o uso do imperativo com morfologia de indicativo (SCHERRE, 2003, 2004; OLIVEIRA, 2015, 2017; NUNES; SCHWENTER, 2015).

4. Resultados

O uso das variantes imperativas nas duas amostras é variável, com predominância para a realização do imperativo com morfologia de subjuntivo, sendo

77 % para os baianos na Bahia e 66 % para os migrantes baianos em São Paulo (Tabela 1).

Tabela 1 – Proporção das variantes imperativas nas duas amostras.

Amostra	Subjuntivo		Indicativo		Frequência geral
	N	%	N	%	
Baianos na Bahia	505	77	151	23	656
Baianos em São Paulo	340	66	172	34	512
Total	845		323		1.168

Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 1, chama atenção o fato de haver um distanciamento de 11 % no uso do imperativo com morfologia de indicativo dos baianos em São Paulo em relação aos baianos residentes na Bahia. O modelo estatístico de regressão logística, que incluiu a variável social *Amostra* como efeito fixo e o *Informante* e o *Verbo* como efeitos aleatórios, indica que essa diferença é significativa, conforme a Tabela 2. Como o principal objetivo desta pesquisa é saber se os migrantes baianos aumentariam o uso da variante imperativa mais prototípica de São Paulo, durante a aplicação dos modelos estatísticos, reportam-se os resultados para o uso do imperativo com morfologia de indicativo.

Tabela 2 – Resultados da análise de regressão logística em modelo de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo de acordo com as amostras.

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	P	
(Intercept)	-2,0693	0,3425	-6,042	< 0,001	***
Amostra					
Baianos em São Paulo	0,7685	0,3849	1,996	< 0,05	*

Modelo: glmer (VD ~ AMOSTRA + (1 | INFORMANTE) + (1 | VERBO), data = dados)

Intercept = Baianos na Bahia.

Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 2 tem, na primeira coluna, os níveis da variável independente fixa, *Baianos na Bahia* e *Baianos em São Paulo* da variável *Amostra*. O *intercept* corresponde ao nível de referência, cujo *default*, estabelecido pela plataforma *R*, considera a ordem alfabética dos nomes atribuídos a cada nível durante a codificação (nesse caso, o nível de referência é “BA” para *Baianos na Bahia*). O valor de 0,7685, apresentado na segunda coluna, representa a estimativa em *logodds*, medida estatística com ponto neutro em zero, cujo valor positivo indica o favorecimento do uso do imperativo com morfologia de indicativo por migrantes baianos em São Paulo em relação ao *intercept*. Na terceira coluna, o valor de 0,3849 diz respeito ao erro padrão, uma medida de dispersão que mostra a precisão da estimativa. Quanto menor o valor de erro padrão, menor é a variabilidade nas medições (OUSHIRO, 2017b). O valor-*z* de 1,996, reportado na quarta coluna, é obtido através da razão Estimativa / Erro padrão, a partir do qual provém a medida do valor-*p* de < 0,05.

Com o valor de $p < 0,05$, a hipótese alternativa que motivou esta pesquisa é acatada. Dito de outra forma, há uma diferença significativa quanto ao uso do imperativo com morfologia de indicativo por baianos em São Paulo em comparação aos baianos que continuam residindo na Bahia. Isso sugere que o uso da forma indicativa por parte dos migrantes sofreu um aumento, presumivelmente por influência dos usos mais frequentes dessa variante na comunidade anfitriã. Casos como esse de assimilação de traços linguísticos da comunidade anfitriã por parte de migrantes são vistos, grosso modo, como uma *interferência* resultante do contato entre línguas/dialetos (WEINREICH, 1968; THOMASON; KAUFMAN, 1988; WINFORD, 2010).

Esse aumento da proporção de uso do imperativo por baianos residentes em São Paulo pode ter sido motivado especialmente pela escolaridade do migrante, por sua idade de migração, pelo tipo de relação entre os seus interlocutores, pelo tempo de exposição aos insumos linguísticos em São Paulo, pela intenção comunicativa nos

atos de fala, pelo contexto temporal em que a ação demandada acontece e pela polaridade da sentença, conforme mostram os resultados apresentados na próxima seção.

Duas das variáveis linguísticas analisadas não são ortogonais entre si: *Tipo de Relação* e *Intenção Comunicativa*. Não há, por exemplo, combinação da variante ordenar com a relação assimétrica. Por não haver todas as combinações possíveis entre elas, foram realizados dois modelos de regressão logística de efeitos mistos: no modelo 1, incluiu-se a variável *Tipo de Relação* e excluiu-se *Intenção Comunicativa* da análise e, no modelo 2, inversamente incluiu-se a variável *Intenção Comunicativa* e excluiu-se *Tipo de Relação*. Todas as demais variáveis previsoras foram incluídas em ambos os modelos. Veja-se os resultados a seguir.

4.1 Variáveis previsoras sociais

Na Tabela 3 a seguir, são apresentados os resultados das análises da regressão logística em modelo de efeitos mistos acerca do uso do imperativo associado ao indicativo pelos migrantes residentes em São Paulo, com base nas variáveis previsoras sociais *Escolaridade*, *Idade de Migração*, *Tipo de Relação* e *Tempo em São Paulo*.

Tabela 3 – Resultados das análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo para as variáveis previsoras sociais.

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	
<i>(Intercept)</i>	0,194389	0,001541	126,2	< 0,001	***
Escolaridade					
Nível Superior	-1,238872	0,001540	-804,3	< 0,001	***
Idade de Migração					
Faixa II (22 – 24 anos)	1,124633	0,001540	730,3	< 0,001	***
Faixa III (25 – 35 anos)	0,190129	0,001540	123,5	< 0,001	***
Tipo de Relação					
Simétrica	-0,457569	0,001540	-297,1	< 0,001	***

Tempo em São Paulo					
Faixa II (8 – 15 anos)	-0,953091	0,001540	-618,8	< 0,001	***
Faixa III (≥ 16 anos)	-1,142515	0,001540	-741,9	< 0,001	***

Modelo1: glmer(VD ~ ESCOLARIDADE + TIPO.RELACAO + IDADE.MIGRACAO + TEMPO.SP + POLARIDADE + CONTEXTO + (1 | INFORMANTE) + (1 | VERBO), data: dadosSP)

Intercept = Até o Nível Médio, Faixa I (13 – 21 anos), Assimétrica, Faixa I (0 – 7 anos).

Fonte: elaborado pelo autor.

Para a variável *Escolaridade*, a estimativa negativa da variante *nível superior* (-1.238872), em relação ao *intercept* (*até o nível médio*), indica que os falantes mais escolarizados usam menos o imperativo associado ao indicativo em comparação aos que são menos escolarizados. Esse resultado segue a direção do estudo de Alves (1979) que, ao avaliar as atitudes linguísticas de 116 migrantes pernambucanos e baianos em São Paulo, no final da década de 1970, aventou a hipótese, a mesma utilizada aqui, de que os falantes que têm nível sociocultural baixo⁷, por terem atitudes positivas para com o dialeto da comunidade anfitriã, tenderiam a assimilar mais os traços prototípicos dela em comparação com os falantes de nível sociocultural alto.

Por outro lado, chama atenção o fato de essa variável previsora não ter sido significativa em grande maioria dos estudos sobre a fala de migrantes, mas ter tido correlação com o uso do imperativo com forma de indicativo. Um possível motivo para os migrantes de nível de escolaridade baixa usarem mais essa variante é a existência, na comunidade paulista, de significados sociais vinculados à forma subjuntiva (FIGUEREIDO, 2017)⁸, variante prototípica da Bahia, cuja avaliação negativa, quiçá, tenha correlação com os indivíduos de baixo nível cultural.

Para *Idade de Migração*, as estimativas para os falantes que chegaram entre 22 – 24 anos (1.124633) e entre 25 – 35 anos (0.190129) mostraram-se favorecedoras para o

⁷ Os termos “nível sociocultural alto” e “sociocultural baixo” são usados por Alves (1979).

⁸ Agradeço a Joana Figueredo por ceder os slides do trabalho apresentado no III MiniEnapol, realizado na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, em 2017.

imperativo associado ao indicativo, em relação a quem chegou entre 13 – 21 anos. Esse dado permite descartar a hipótese proposta para essa variável, a de que os migrantes que chegaram mais cedo a São Paulo assimilariam mais a forma indicativa em comparação aos que chegaram depois.

A diferença entre os *logodds* das *faixas I, II e III* permite acatar as hipóteses levantadas por Chambers (1992), ao analisar a aquisição dialetal de 6 canadenses que migraram para o Sul de Londres em 1983 e 1984. O autor considera que os traços morfológicos tenderiam a ser rapidamente assimilados pelos que chegaram à comunidade anfitriã tardiamente (adolescentes e adultos) em comparação aos traços fonéticos, que seriam mais facilmente adquiridos pelos que chegaram mais cedo (crianças).

Pessoas que se enquadram na faixa de idade de migração entre 22 – 35 anos, comumente, são aquelas que chegam a São Paulo para trabalhar e, talvez por pressão do mercado de trabalho (LABOV, 1972; BOURDIEU, 2008), o uso do imperativo associado ao indicativo tenha se tornado mais frequente. Segundo Brown e Levinson (1987), no inglês, a expressão imperativa *You take that out!* é avaliada como agressivamente rude em relação a *Take that out!* 'Leve isso pra fora!'. De modo semelhante, pode ser que, em certas variedades do português, como a paulista, a forma de indicativo seja avaliada como mais polida em relação à forma subjuntiva (SCHERRE, 2003, 2004; OLIVEIRA, 2017; FIGUEREIDO, 2017) e, por conta disso, os migrantes baianos adultos tenham tido maior necessidade de se adaptar quanto ao uso da variante prototípica da comunidade anfitriã.

Para *Tipo de Relação*, o valor de -0.457569 para a relação *simétrica*, em relação a *assimétrica*, indica que a morfologia de indicativo tem menos chances de ocorrer nas

situações em que os interlocutores não se diferenciam hierarquicamente⁹, como em (1j). Esse favorecimento, talvez, tenha a ver com o tipo de profissão que os migrantes têm em São Paulo. É plausível que haja alguma diferença do uso da forma imperativa entre aqueles falantes que trabalham em setores de atendimento ao público e aqueles que trabalham em serviços gerais, como domésticas, copeiros, cozinheiros e outros. Pelo fato de o *corpus* ser limitado quanto a informações acerca dos participantes, a correlação entre o uso do imperativo e o tipo de profissão não pôde ser testada, mas é algo a ser observado em análises futuras, sobretudo para estudo dessa variável sociolinguística.

Se se assumir que há essa diferença, pode-se conjecturar que migrantes que mantêm contato com pessoas desconhecidas, por exemplo, os que trabalham no comércio, em que, a todo momento, precisam usar formas imperativas com o intuito de convencer os clientes a comprar os produtos, usariam a forma indicativa a fim de deixar o enunciado menos impositivo; mas sendo aqueles que têm uma profissão restrita aos ambientes fechados ou familiares, nos quais há grande probabilidade de eles criarem laços afetivos, como uma empregada doméstica, por exemplo, o uso da forma indicativa seria mais recorrente em contextos em que fossem evocadas atitudes solidárias.

As estimativas negativas das duas últimas faixas de *Tempo em São Paulo* (8 – 15 anos: -0.953091 e ≥ 16 anos: -1.142515) mostram que a *faixa I* (0 – 7 anos) é favorecedora do uso do imperativo com morfologia de indicativo pelos baianos em São Paulo em relação a quem está na comunidade há mais tempo. Esse dado contraria a hipótese aventada para essa variável, a de que quanto mais tempo o migrante estiver na comunidade anfitriã, mais formas indicativas ele usaria. Além disso, chama atenção a

⁹ É possível que haja alguma correlação entre as formas imperativas e o uso dos pronomes de 2ª pessoa, como tu/você. Para análises futuras, recomenda-se o cruzamento dessas duas variáveis sociolinguísticas.

diferença dos *logodds* entre a *faixa II* (8 – 15 anos) e a *III* (≥ 16 anos). O valor de -0.953091 da *faixa II* em comparação à *faixa III* (-1.142515) sugere que os indivíduos dessa última faixa usam ainda menos o imperativo com morfologia de indicativo em comparação com os informantes da *faixa II*. Esses dados sugerem que os migrantes, quando chegam a São Paulo, acomodam-se (GILES *et al.*, 1973) aos seus pares e convergem ao dialeto paulista quanto ao uso do imperativo com morfologia de indicativo, talvez por uma atitude positiva, conforme propunha Alves (1979), ou por causa dos significados sociais imbricados à forma imperativa com morfologia de subjuntivo, variante prototípica da comunidade nativa dos migrantes baianos, avaliada, muitas vezes, como uma forma ríspida (OLIVEIRA, 2017).

Se se assumir que o aumento do uso do imperativo associado ao indicativo tenha ocorrido dessa maneira, seria possível inferir também que, à medida que o tempo passasse, os migrantes se integrariam à comunidade anfitriã e, por causa disso, haveria um “relaxamento linguístico” da parte deles, ou seja, talvez a ideia de rispidez começasse a ser desconstruída e o migrante sentisse à vontade para usar a forma prototípica de sua gramática nativa.

4.2 Variáveis previsoras linguísticas

As variáveis linguísticas, a grande maioria de cunho pragmático, permitem estimar como os migrantes se comportam linguisticamente quanto ao uso do imperativo associado ao indicativo durante uma interação na comunidade anfitriã. Os resultados mostram qual das formas imperativas os migrantes reportaram usar durante a intenção comunicativa de aconselhar, instruir, pedir e ordenar; no contexto temporal imediato ou não-imediato em que a ação deve ser realizada por parte do locutário; e a polaridade da ação demandada, se afirmativa ou negativa. Vejam-se os valores em *logodds* na Tabela 4.

Tabela 4 – Resultados das análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo a partir das variáveis linguísticas.

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	P	
<i>(Intercept)</i>	0,041170	0,001507	27,33	< 0,001	***
Intenção Comunicativa					
Instruir	0,112044	0,001506	74,40	< 0,001	***
Pedir	0,210153	0,001555	135,12	< 0,001	***
Ordenar	0,112965	0,001506	75,01	< 0,001	***
Contexto Temporal					
Não imediato	-0,314246	0,001506	-208,61	< 0,001	***
Polaridade					
Negativa	-0,730538	0,001506	-484,93	< 0,001	***
Intenção * Escolaridade					
Instruir * Nível Superior	0,650998	0,001506	432,29	< 0,001	***
Pedir * Nível Superior	0,512422	0,001506	340,27	< 0,001	***
Ordenar * Nível Superior	-0,889006	0,001506	-590,27	< 0,001	***

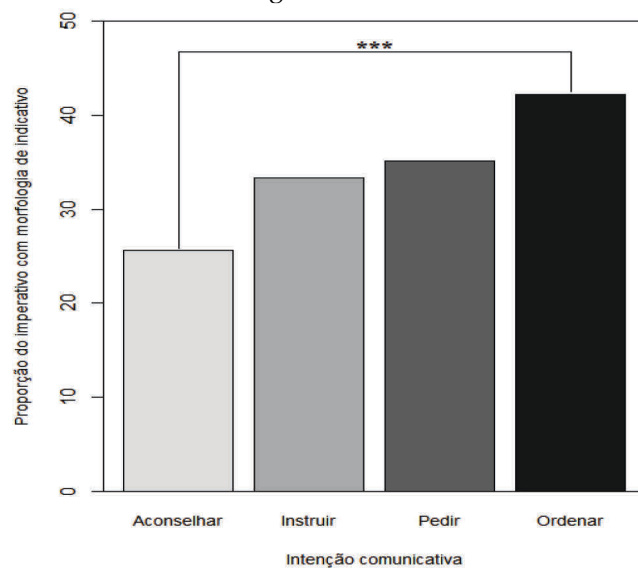
Modelo2: glmer (VD ~ ESCOLARIDADE * INTENCAO + IDADE.MIGRACAO + TEMPO.SP + POLARIDADE + CONTEXTO + (1 | INFORMANTE) + (1 | VERBO), data: dadosSP)

Intercept = Aconselhar, Imediato, Afirmativa.

Fonte: elaborado pelo autor.

Para melhor compreender o resultado do uso do imperativo com morfologia de indicativo quanto à *Intenção Comunicativa* dos migrantes baianos em São Paulo, observam-se as proporções de indicativo para os níveis dessa variável (Figura 1).

Figura 1 – Proporções de uso do imperativo com morfologia de indicativo por Intenção Comunicativa, nos dados de migrantes baianos em São Paulo.



Fonte: elaborado pelo autor.

A Figura 1 mostra que o imperativo com morfologia de indicativo, em relação à forma subjuntiva, ocorreu na intenção comunicativa de *aconselhar* em 26 % das ocorrências imperativas; de *instruir* em 33 %; de *pedir* em 35 %; e *ordenar* em 42 %. Pelo fato de essa variante ter apresentado o maior valor percentual comparado às demais, esperava-se que o seu valor em *logodds* (0,112965) também fosse superior aos outros coeficientes dos níveis dessa variável. Contudo, não é isso que se verifica na Tabela 4, em que a intenção de *pedir* apresenta maior valor de *logodds* (0,210153). Essa diferença dá indícios de essa variável interagir com outra analisada no modelo, ou seja, o uso do imperativo com morfologia de indicativo é motivado pela intenção comunicativa face outra variável, conforme se verá mais adiante.

Os valores percentuais de cada variante da intenção comunicativa configuram um *continuum pragmático*, cujas intenções podem ser classificadas, sob a perspectiva do locutário, desde uma situação [- *tensa*] até uma [+ *tensa*]. Naquela primeira situação, o indivíduo, ao ouvir a forma imperativa, não entende a declaração como uma obrigação a ser cumprida; tal é o caso de interações com a intuito de aconselhar, como nos exemplos (2a) e (2b), aqui reproduzidos de (1n) e (1o). Por outro lado, na situação [+

tensa], ao ouvir a forma imperativa, o locutário percebe a necessidade de realizar a ação imposta, como acontece, por exemplo, numa situação de ordem (2c).

(2)

- | | | |
|--|---|--|
| a. Sua amiga tirou carteira de habilitação e está prestes a viajar, mas tem muito medo de dirigir em uma BR. Que conselho lhe daria? | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Pense</i> que está em uma via calma e tudo vai ficar bem. ○ <i>Pensa</i> que está em uma via calma e tudo vai ficar bem. |
| b. Sua amiga se preocupa muito com a opinião das outras pessoas e, por isso, evita fazer coisas que a sociedade condene. Que conselho você daria para ela? | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ A vida é curta! <i>Dá</i> menos importância pra essas pessoas! ○ A vida é curta! <i>Dê</i> menos importância pra essas pessoas! |
| c. Você é um professor que não tolera atrasos e um aluno chega 30 minutos após a aula ter começado. O que diria a ele? | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ Não <i>entra</i> na sala, <i>espera</i> a próxima aula começar! ○ Não <i>entre</i> na sala, <i>espere</i> a próxima aula começar! |

Durante um aconselhamento, como em (2a) e (2b), o locutor considera as preocupações pelas quais o seu locutário passa e usa as formas imperativas associadas a outros fatores linguísticos que denotem brandura, como, por exemplo, o uso de expressões atenuantes como “tudo vai ficar bem” (2a), a utilização de argumentos como “a vida é curta” (2b) e, em circunstâncias de fala, o timbre de voz suave e a fisionomia pacifista.

A intenção de *instruir* teve o coeficiente (0,112044) um pouco maior em comparação ao de *aconselhar*, menor em relação ao de *pedir* (0,210153) e ocupa uma posição [+/- *tensa*] no *continuum pragmático*. Essa intenção pode ser vista como [+/- *tensa*], porque ela depende de outros fatores, como, por exemplo, o tipo de relação com o interlocutor (se simétrica ou assimétrica) e a presença/ausência de expressões atenuantes, para ser entendida como impositiva ou não. Pelo fato de as variáveis não

serem ortogonais, não se pôde testar a interação entre as variáveis *Intenção Comunicativa* e o *Tipo de Relação*. Logo é algo que carece de atenção em análises futuras.

Durante uma instrução, a depender do tipo de relação com o interlocutor, o locutor pode, além de empregar expressões que minimizem a dificuldade de o instruído aprender algo, como o excerto “filha, é fácil” em (3a), usar o imperativo com morfologia de indicativo a fim de diminuir o distanciamento entre ele e o seu locutário e, conseqüentemente, impedir que essa ação imperativa se assemelhe a uma imposição, por isso ser considerada uma intenção [+/- *tensa*].

(3)

- | | | |
|---|---|---|
| <p>a. Julia se casou e é péssima na cozinha. Então ela pede ajuda à mãe dela para preparar um simples arroz. Se você fosse a mãe de Julia, com ensinaria?</p> | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ Filha, é fácil! Coloca o arroz em uma panela com água e sal e espera cozinhar. ○ Filha, é fácil! Coloque o arroz em uma panela com água e sal e espere cozinhar. |
|---|---|---|

Os resultados da Tabela 4 evidenciam uma *polarização pragmática* a respeito do uso do imperativo com morfologia de indicativo: quanto mais distante da intenção de ordenar (como é o caso de aconselhar), menor será a chance de o migrante usar o imperativo com morfologia de indicativo; quanto mais próximo de ordenar (como é o caso de pedir), maior a probabilidade de usá-lo, justamente para que o ato de pedir não seja entendido como uma imposição

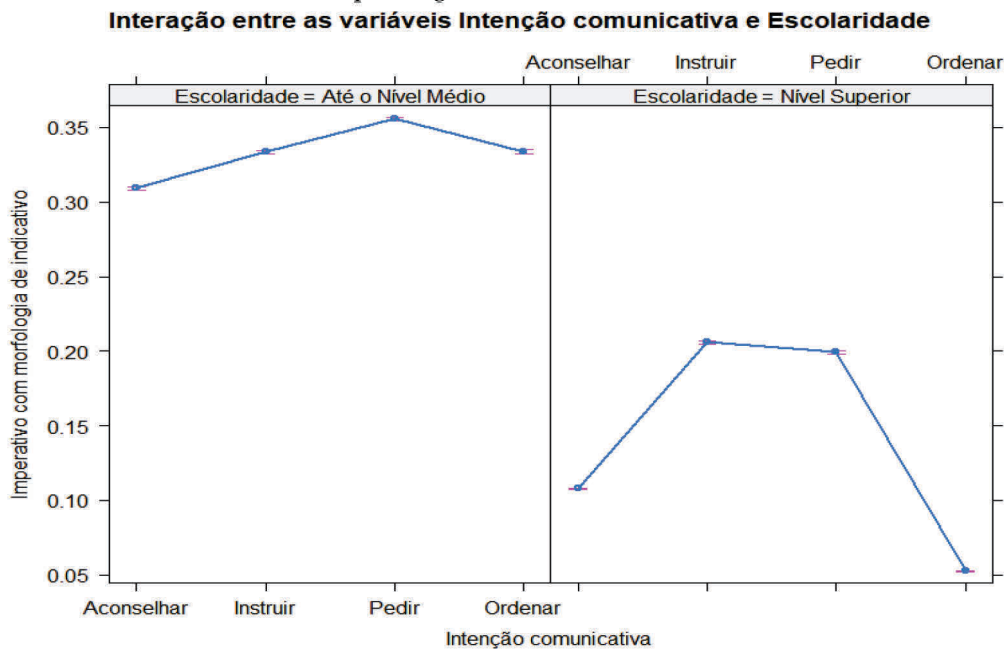
Para ilustrar essa interpretação, veja-se o exemplo em (4a). A cena denota uma relação profissional entre os interlocutores. O uso da expressão “por favor”, nesta situação, foi intencionado para denotar um pedido. Neste caso, é possível que a forma indicativa tenha sido preferida com o propósito de não passar uma ideia de imposição ao funcionário.

(4)

- a. Você levou seu computador para formatar, mas só poderá pegar dois dias depois. Você está com receio de o funcionário se esquecer de fazer o serviço. Como você diria para ele?
-
- Por favor, não se esqueça de formatar o meu computador.
 - Por favor, não se esquece de formatar o meu computador.

Seguindo o valor ascendente do *logodds* de *pedir* (0,210153), em comparação a *instruir* (0,112044), a expectativa era a de que a variante *ordenar* tivesse o coeficiente mais alto em relação a essas variantes, uma vez que ela mostrou o total de 42% de realizações da forma indicativa (Figura 1), em proporção à forma subjuntiva. O seu valor em *logodds* indica que essa variável interage com outra. O modelo de regressão logística indicou haver a interação entre *Intenção Comunicativa* e *Escolaridade* (ver Tabela 4). A Figura 2 a seguir expõe a interação entre essas variáveis.

Figura 2 – Gráfico de interação entre as variáveis Intenção Comunicativa e Escolaridade na análise de regressão logística em modelo de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo por migrantes baianos em São Paulo.



Fonte: elaborado pelo autor.

A Figura 2 compara a aplicação do imperativo com morfologia de indicativo pelos informantes que têm até o nível médio (à esquerda) e por aqueles que têm o nível superior (à direita) quando a intenção comunicativa é de *aconselhar*, *instruir*, *pedir* e *ordenar*. De acordo com o gráfico, ambos os níveis de escolaridade empregam menos a forma de indicativo, em relação à forma de subjuntivo, nos quatro contextos, como se vê pelas proporções abaixo de 50 %.

No padrão dos informantes com até o nível médio, nota-se uma progressão ascendente do uso do indicativo da intenção de *aconselhar* até *pedir* e um declínio dessa variante até a intenção de *ordenar*. Já no padrão dos falantes de nível superior, a progressão do uso do indicativo é ascendente de *aconselhar* até *instruir* e *pedir*, declivando dessas variantes até a intenção de *ordenar*.

A interação entre a intenção comunicativa e a escolaridade do participante revela que há uma distinção entre o padrão de uso do imperativo com morfologia de indicativo entre os falantes que têm até o nível médio e os que têm nível superior. Com o padrão dos indivíduos que têm até o nível médio, acata-se a hipótese levantada para essa variável, a de que as intenções de *ordenar* e *pedir* favoreceriam mais o imperativo com morfologia de indicativo, em relação a *aconselhar* e *instruir*.

Além disso, essa diferença sustenta a hipótese de que há significados sociais negativos acerca do uso da forma subjuntiva por indivíduos de baixo nível de escolarização. Por outro lado, para os participantes de nível superior, diferentemente do que ocorre para aqueles de nível médio, a intenção de *ordenar* desfavorece fortemente o uso do indicativo, sendo o subjuntivo usado quase que categoricamente nesse caso. Os diferentes padrões de uso das variantes do imperativo por parte de falantes com diferentes níveis de escolaridade sugerem que os significados sociais associados a cada variante não são os mesmos para esses grupos.

Para o *Contexto Temporal*, a estimativa negativa da variante *não imediato* (-0,314246) mostra que a forma de imperativo associada ao indicativo tem menor

probabilidade de acontecer quando a ação demandada deve se concretizar no futuro não imediato, como em (5a), diferentemente de (5b), cuja ação deve ser realizada naquele exato momento. Com isso, acata-se a hipótese alternativa proposta para essa variável, de que os contextos imediatos favoreceriam o uso da forma indicativa. Esse resultado segue na mesma direção daqueles obtidos para essa variável no trabalho realizado por Nunes e Schwenter (2015), que chegaram à conclusão de que as ações não imediatas (2,2248) favorecem o uso do imperativo com morfologia de subjuntivo.

(5)

- | | | |
|---|---|---|
| <p>a. Você se esqueceu de comprar os ovos para fazer o bolo e lembra que seu filho está na rua. Ao ligar pra ele, como você pediria pra ele trazer?</p> | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ Quando vier pra casa, <i>compre</i> ovos pro bolo. ○ Quando vier pra casa, <i>compra</i> ovos pro bolo. |
| <p>b. O pai percebe que o filho está mexendo no celular em vez de fazer as atividades escolares. Se você fosse o pai, o que diria para seu filho?</p> | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Faça</i> as atividades ou vou tomar seu celular. ○ <i>Faz</i> as atividades ou vou tomar seu celular. |

Para a variável *Polaridade*, o valor de -0,730538 da variante *polaridade negativa*, em comparação ao *intercept* (afirmativa), indica que a forma indicativa tende a não acontecer em sentenças negativas, como o excerto (6a), em relação às frases afirmativas, como o exemplo em (6b). Esse resultado indica que a hipótese alternativa de que as sentenças afirmativas motivariam a realização da forma indicativa deve ser considerada.

(6)

- | | | |
|---|---|--|
| <p>a. Você está estudando com seu filho para uma prova amanhã. Como você diria para ele não se esquecer de preencher o cabeçalho?</p> | → | <ul style="list-style-type: none"> ○ Não <i>deixe</i> o cabeçalho em branco. ○ Não <i>deixa</i> o cabeçalho em branco. |
|---|---|--|

- b. Você é um(a) professor(a) que solicitou aos alunos uma maquete como atividade avaliativa da unidade, mas um aluno esqueceu de trazê-la. →
- *Traz* a maquete na próxima semana ou vai ficar com zero.
 - *Traga* a maquete na próxima semana ou vai ficar com zero.

O resultado para essa variável segue o padrão encontrado por Oliveira (2017, p. 36) que, ao analisar os dados das capitais do Nordeste a partir do *corpus* do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), nota o favorecimento da polaridade afirmativa para com o uso do imperativo associado ao indicativo, com o peso relativo de 0,533. Na literatura sobre o uso das formas de imperativo, esse padrão tem sido recorrente (ver Scherre 2003).

5. Considerações finais

A presente pesquisa teve como principal questionamento saber se os migrantes baianos residentes em São Paulo aumentariam a proporção de uso do imperativo com morfologia de indicativo ao manter contato com a comunidade anfitriã; em caso positivo, buscou-se investigar em quais contextos esse aumento tende a ocorrer. O resultado do cotejo do uso da forma indicativa por baianos na Bahia e por migrantes baianos em São Paulo mostrou que essa comunidade tende a usar mais forma indicativa (34 %) em relação àquela (23 %). O resultado da regressão logística aplicada a esses dados apontou que essa diferença é significativa ($p < 0,05$), logo pode-se inferir que o aumento da proporção de uso da forma indicativa pelos migrantes baianos tenha ocorrido, possivelmente, por causa do contato dialetal com os paulistas.

Em virtude da ausência de ortogonalidade entre as variáveis *Tipo de Relação* e *Intenção Comunicativa*, realizaram-se dois modelos estatísticos de regressão logística de efeitos mistos com inclusão do *Informante* e do *Verbo* como variáveis aleatórias. No primeiro modelo, incluiu-se a variável *Tipo de Relação* e excluiu-se a *Intenção Comunicativa*, enquanto, no segundo, fez-se o contrário.

As análises da regressão logística de efeitos mistos das variáveis previsoras sociais sugerem que o aumento do uso do imperativo com morfologia de indicativo por migrantes baianos em São Paulo tende a ocorrer na fala de migrantes que têm até o nível médio em relação aos que possuem o nível superior (-1,238872); por aqueles que chegaram à comunidade anfitriã com idade entre 22 – 24 anos (1,124633) e 25 – 35 anos (0,190129), em comparação aos que chegaram entre 13 – 21 anos; em relações assimétricas em relação às simétricas (-0,457569); e por aqueles que estão em São Paulo entre 0 – 7 anos, em relação aos que estão há mais tempo, entre 8 – 15 anos (-0,953091) e há mais de 16 anos (-1,142515).

Já as análises das variáveis previsoras linguísticas indicam que a realização da forma indicativa dos migrantes baianos em São Paulo tende a ocorrer em contextos pragmáticos nos quais os falantes têm a intenção comunicativa de pedir (0,210153) e de ordenar (0,112965), em relação a instruir (0,112044) e a aconselhar; em demandas a ser realizadas em situações imediatas em comparação a não imediatas (-0,314246); e em frases afirmativas em relação a negativas (-0,730538). Para análises futuras, sugere-se testar a correlação entre o uso das formas imperativas com o tipo de profissão dos informantes e também a interação entre as variáveis *Tipo de Relação* e *Intenção Comunicativa*.

O resultado geral desta pesquisa coaduna com o trabalho de Cardoso (2009) sobre a mudança no comportamento linguístico de migrantes causada pelo contato dialetal. Na análise das variáveis previsoras sociais, os resultados sustentam a hipótese de Alves (1979) de que, em situações de contato dialetal, os falantes menos escolarizados tendem a adquirir os traços da comunidade anfitriã em comparação aos mais escolarizados; reforça a hipótese de Chambers (1992), de que, na mudança linguística gerada pelo contato dialetal, as variáveis morfossintáticas são mais facilmente assimiladas por adultos, em relação às variáveis fonéticas; refuta a hipótese de Oushiro (2017a), de que, quanto mais cedo o migrante chegar à comunidade

anfitriã, mais traços linguísticos dela ele adquiriria; e segue na direção da hipótese de Dias (2007), de que o tipo de relação entre os interlocutores (simétrica ou assimétrica) pode influenciar o uso de uma variante em relação a outra.

No que diz respeito às variáveis linguísticas, de natureza pragmática, os dados aqui apresentados mostram a correlação entre o uso do imperativo com as intenções comunicativas (aconselhar, instruir, pedir e ordenar) e apontam a interação entre essa variável e o nível de escolaridade dos participantes. Ademais, os resultados sugerem que o aumento da proporção de uso do imperativo com forma de indicativo pelos migrantes baianos acontece nos mesmos contextos linguísticos de não migrantes em diferentes comunidades, como os padrões encontrados por Scherre (2003, 2004) e Oliveira (2015, 2017) quanto ao favorecimento da polaridade afirmativa para o uso da forma indicativa, e os apresentados por Nunes e Schwenter (2015) sobre o favorecimento do contexto imediato para o uso dessa variante.

Referências Bibliográficas

- ALVES, M. I. P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**. 1979. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). IEL/Unicamp, Campinas, 1979.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. Tradução de Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Denice Barbara Catani, Paula Montero, José Carlos Durand. São Paulo: EDUSP, 2008 [1996].
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: Some universals in language usage**. New York: University of Cambridge, 1987. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>
- CARDOSO, D. B. B. **Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade**. 2009. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.
- CARDOSO, S. A. M. S. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CHAMBERS, J. K. Dialect acquisition. **Language**, v. 68, n. 4, p. 673-705, 1992. DOI <https://doi.org/10.1353/lan.1992.0060>

DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasileiro falado**. Dissertação (Mestrado em Linguística). 2007. 114 f. Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

FIGUEREIDO, J. G. dos S. O estudo do modo imperativo nas cidades de Feira de Santana e Campinas: análises de produção e percepção. In: **III MiniEnapol de Sociolinguística**. Campinas: IEL/Unicamp, 2017.

FIGUEREIDO, J. G. dos S.; SOUZA, E. S. de. O uso do imperativo por migrantes baianos em São Paulo: um estudo comparativo. In: **VII Encontro de Sociolinguística: Redes e Contato**, Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. **Language in Society**, v. 2, p. 177-192, 1973. DOI <https://doi.org/10.1017/S0047404500000701>

LABOV, W. The design of a sociolinguistic research project. In: **Sociolinguistic Workshop**. Mysore: Central Institute of Indian languages, 1972.

LEVSHINA, N. **How to do Linguistics with R**. Amsterdam: John Benjamins, 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/z.195>

NUNES, L.; SCHWENTER, S. Variability in the form of southern Brazilian Portuguese imperatives. In: **44 NWAV**. Toronto, 2015.

OLIVEIRA, J. M. de. A realização do imperativo gramatical nas capitais brasileiras: primeiros resultados. In: **XII Workshop do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: UFBA, 2015.

OLIVEIRA J. M. de. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB. In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M. J. (org.). **Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 27-44. DOI <https://doi.org/10.5151/9788580392395-02>

OUSHIRO, L. Projeto Processos de Acomodação Dialetal na Fala de Nordestinos Residentes em São Paulo. 2017a. Relatório Científico Parcial (FAPESP 2016/04960-7).

OUSHIRO L. **Introdução à Estatística para Linguistas**. v. 1.0.1 (dez. 2017). 2017b. Disponível em: <http://rpubs.com/oushiro/iel>. Acesso: 29 maio 2018.

R Core Team. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria, 2018.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. *In*: SILVA, D. E. G. da; LARA, G. M. P.; MAGAZZO, M. A. (org.). **Estudos de Linguagem – Inter-relações e Perspectivas**. Campo Grande, Editora da UFMS. 2003. p. 177-191.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso – o imperativo gramatical no português brasileiro. *In*: DIETRICH, W.; NOLL, V. (org.). **O português do Brasil – perspectivas da pesquisa atual**. Iberoamericana/Vervuert, 2004, p. 231-260. DOI <https://doi.org/10.31819/9783964562999-014>

SIEGEL, J. **Second dialect acquisition**. New York: Cambridge University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511777820>

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Los Angeles/Berkeley: University of California Press, 1988.

TRUDGILL, P. **Dialects in contact**. New York: Basil Blackwell, 1986.

WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and problems**. Netherlands: Mouton Publishers. 1968 [1953].

WINFORD, D. Contact and borrowing. *In*: HICKEY, R. (ed.). **The Handbook of Language Contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010, p. 170-187. DOI <https://doi.org/10.1002/9781444318159.ch8>

Artigo recebido em: 30.01.2019

Artigo aprovado em: 24.06.2019



Migração, contato dialetal e o estabelecimento da variedade urbana de Imperatriz (MA)

Migration, dialect contact and the establishment of the urban variety of Imperatriz (MA)

*Orleane Evangelista de Santana**

*Christina Abreu Gomes***

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de variáveis sociais do estudo de duas variáveis linguísticas, com dados de falantes da cidade de Imperatriz (MA), com o objetivo de identificar a consolidação dessa variedade urbana com passado rural recente. A variedade de Imperatriz é resultante de um processo de contato induzido (TRUDGILL, 1986; BRITAIN; TRUDGILL, 1999), devido à migração de falantes de diversas variedades regionais do Português Brasileiro, associado a um crescimento urbano acelerado. A estratificação da amostra por idade buscou mapear os sucessivos ciclos econômicos da cidade, o que permite situar a aquisição da variedade local em relação aos diferentes períodos de ocupação populacional, indo do período de maior isolamento como comunidade rural até os de intensa migração. O resultado de tempo aparente aponta, entre os falantes mais jovens, que adquiriram a variedade local no período de intensa urbanização, decréscimo no uso de variantes associadas à fala rural, aumento de variantes prestigiadas em

ABSTRACT: This paper presents the results of social variables of a study about two linguistic variables, with data from speakers from the city of Imperatriz (MA) in order to identify the strengthening of this urban variety with a recent rural past. The variety of Imperatriz is the outcome of a contact-induced process (TRUDGILL, 1986; BRITAIN; TRUDGILL, 1999), due to the intense migration of speakers from several regional varieties of Brazilian Portuguese, associated to an accelerated urban growth. The stratification of the speech sample by age sought to identify the speakers according the successive economic cycles of the city, which allows for the association of the acquisition of the local variety to different migratory waves going from the period of greater isolation as a rural community until periods with intense migration. The results for apparent time show that, among the younger speakers, who acquired the local variety in the period of intense urbanization, a decrease in the use of variants associated to rural speech, and the increase of prestige variants found in

* Doutora em Linguística, Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMASUL). <https://orcid.org/0000-0002-2216-460X>, orleanesantana@bol.com.br.

** Doutora em Linguística, Professora Titular do Departamento de Linguística da UFRJ. <https://orcid.org/0000-0003-0358-2029>, christina-gomes@uol.com.br.

grandes cidades, como a prevalência de formas verbais marcadas de 3ª pessoa do plural com sujeito de 3ª do plural sobre as formas não marcadas, a diminuição da semivogal, como em ['paɪə] (*palha*), e o aumento da lateral seguida de semivogal, como em ['paɪə]. São apresentadas evidências de que, em relação à implementação da consoante lateral, a direcionalidade da mudança também está relacionada à presença de um forte contingente de migrantes de diferentes regiões do Pará, que apresentam baixa ocorrência da semivogal.

PALAVRAS-CHAVE: Contato Dialetal. Migração. Variedade urbana. Fala Rural. Português Brasileiro.

large cities, such as the prevalence of the marked forms of 3rd plural person for 3rd plural subjects over the unmarked forms, and the decrease of the semivowel, as in ['paɪə] (*palha*), and the increase of the lateral followed by a semivowel, as in ['paɪə] (*'straw'*). We present evidence that, in the implementation of the lateral, the directionality of the change is due to the intense urbanization and also to the presence of a strong contingent from different regions of the state of Pará, which presents low rates of the semivowel.

KEYWORDS: Dialect Contact. Migration. Urban variety. Rural speech. Brazilian Portuguese.

1. Introdução

O presente artigo apresenta os resultados de um estudo realizado com falantes da cidade de Imperatriz, no Maranhão, com o objetivo de identificar a consolidação de uma variedade urbana, capturada na formação populacional da cidade (SANTANA, 2014)¹. Originalmente uma localidade isolada com características rurais, localizada na fronteira do Bioma Amazônico, no Sudoeste do Estado do Maranhão (Anexo A), a partir dos anos 1960, teve um crescimento muito rápido com a chegada de um grande número de migrantes de diferentes estados do Brasil, sobretudo, principalmente, de migrantes oriundos de diferentes áreas do sertão maranhense. Os sucessivos movimentos migratórios, motivados pela conjuntura econômica, possibilitaram o contato de falantes de diversas regiões do Brasil, constituindo a base da formação dessa variedade linguística. Assim, tomando como base a formação de uma variedade a partir do contato de falantes de variedades mutuamente inteligíveis, e considerando

¹ Esse artigo se baseia em alguns dos resultados do capítulo 5 de Santana (2014).

a origem rural recente da localidade e o processo rápido de urbanização, este artigo focaliza emergência de uma variedade urbana do Português Brasileiro (PB).

O comportamento dos falantes de Imperatriz foi observado em relação a duas variáveis linguísticas, cujas variantes estigmatizadas são associadas à fala rural (BORTONI-RICARDO, 1985), a saber: alternância entre consoante lateral e semivogal, como em *mulher - mulié²*, e alternância na marca flexional de verbos com sujeitos de 3ª pessoa de plural, como em *eles foram - eles foi*, em função das variáveis sociais estratificadoras da Amostra de Imperatriz: idade, sexo e escolaridade. Essas variáveis linguísticas foram escolhidas porque as diferenças de frequência das variantes de cada uma das variáveis mencionadas, respectivamente, em especial, o percentual geral de ocorrência da semivogal e da realização de formas verbais não marcadas com sujeitos de 3ª pessoa do plural, são indicativas de características de uma variedade urbana, ou rural, ou com influência de uma sobre a outra, dependendo do movimento populacional. A predominância da ausência de concordância e da semivogal no lugar da lateral palatal tem sido observada em estudos com população rural e pequenos centros urbanos, embora também seja expressiva em alguns centros urbanos de grande porte, conforme será apresentado na seção 2.

A amostra de fala para este estudo foi constituída com o objetivo de capturar as diferentes fases de formação e urbanização da cidade de Imperatriz em relação à ocupação humana e assim observar as consequências sociolinguísticas da transformação social e econômica da localidade.

Os pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados são os utilizados nos estudos de Variação e Mudança da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001). Parte-se da hipótese de que o contato linguístico, de qualquer natureza, pode levar à mudança linguística (SANKOFF, 2002).

²A análise das variáveis sociais considerou a realização da semivogal em relação às outras duas variantes, uma vez que a variante com a semivogal é considerada característica de variedade rural.

Também, segundo Williams e Kerswill (1999) e Kerswill e Williams (2000, 2005), a mistura dialetal, provocada pelo contato entre falantes de variedades mutuamente inteligíveis de uma mesma língua, leva à mudança. Essa situação foi denominada por Trudgill (1986) como contato dialetal. Com relação à formação de uma variedade a partir do contato de variedades mutuamente inteligíveis, Trudgill (1986, p. 127) e Britain e Trudgill (1999, p. 246-247) mencionam os processos de *nivelamento*, que envolvem a perda de variantes marcadas e demograficamente minoritárias; *simplificação*, situação em que formas minoritárias podem ser mantidas por serem mais simples; e *realocação*, situação em que duas ou mais variantes de variedades em contato sobrevivem ao nivelamento, passando a constituir uma variável linguística e a exercer novas funções sociais na variedade em desenvolvimento.

A mobilidade populacional no Brasil normalmente está relacionada a motivações econômicas, relacionadas à busca de condições de inserção no mercado de trabalho ou à busca de oportunidades de expansão econômica, por exemplo; respectivamente, nas migrações de população rural para área urbana, ou de ocupação de áreas territoriais com baixa densidade demográfica e perfil rural, como ainda acontece no Brasil em alguns estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte. Segundo Bortoni-Ricardo (1985, 2010), a urbanização de dialetos rurais é o cerne dos processos de mudança e padronização linguísticas no Brasil, devendo ser entendida no contexto de um país em desenvolvimento. Portanto, no contexto específico de urbanização de uma variedade rural, como é o caso da cidade de Imperatriz, com um passado rural recente e que se tornou polo econômico e educacional para diversas localidades dos estados do Pará, Piauí e Tocantins, o esperado é que a mudança se dê na direção da consolidação de características de outras variedades urbanas constituídas há mais tempo, podendo incorporar características de variedade linguística com presença de um grande contingente de falantes.

As seções a seguir apresentam uma descrição da distribuição das duas variáveis linguísticas anteriormente mencionadas a partir de estudos sobre o PB, com a finalidade de identificar se há um *continuum* rural-urbano na distribuição das variantes, nos termos de Lucchesi *et al.* (2009, p. 348), seguida de uma breve apresentação da formação sócio-histórica da cidade, das hipóteses e da metodologia de pesquisa, dos resultados e das conclusões.

2. As variáveis estudadas no *continuum* rural - urbano do PB

Após mais de 30 anos de estudos sociolinguísticos no Brasil, o *continuum* rural-urbano do Português Brasileiro pode ser traçado a partir dos resultados obtidos sobre diferentes comunidades de fala, sendo estas eminentemente urbanas ou rurais, uma vez que a maior parte dos trabalhos de variação e mudança se concentra na descrição de variáveis que caracterizam falantes nativos das variedades estudadas. Por outro lado, poucos trabalhos incluíram a dinâmica do contato dialetal como parte do *continuum* rural-urbano, sendo o principal trabalho desenvolvido por Bortoni-Ricardo (1985). A sistematização da distribuição das variantes das duas variáveis sociolinguísticas, a partir da seleção de alguns trabalhos sobre diferentes variedades urbanas ou rurais do PB, tem por objetivo nortear a análise dos resultados obtidos para os dados de Imperatriz.

Com relação à concordância verbal de 3ª pessoa, Lucchesi *et al.* (2009, p. 348) mencionam um *continuum* rural-urbano que indica um quadro de polarização entre variedades rurais e urbanas associadas a níveis de escolaridade e situação socioeconômica. Assim, de acordo com os autores, o *continuum* se organiza na seguinte ordem, da menor para a maior taxa de realização da concordância:

a) taxas mais baixas de realização da concordância em comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia, em torno de 16%. Segundo os autores, esta seria uma característica de comunidades rurais pobres, especificamente do Norte e Nordeste do Brasil, já que

o estudo de Almeida (2005, apud LUCCHESI et al., 2009) mostrou uma taxa alta de concordância de 3ª do plural (81%) na comunidade rural afro-brasileira de São Miguel dos Pretos, no Rio Grande do Sul, devido ao contato dos falantes com os de outras comunidades por causa de emprego, saúde e educação (LUCCHESI et al., 2009, p. 361);

b) realização de 38% de concordância em comunidades de pescadores não alfabetizados ou semiescolarizados do norte do estado do Rio de Janeiro, resultado encontrado no estudo de Vieira (1997);

c) realização de 48% de concordância em falantes não alfabetizados da cidade do Rio de Janeiro, da Amostra Mobral do estudo de Naro (1981);

d) realização de 73% e 79% de concordância, respectivamente, por indivíduos escolarizados das cidades do Rio de Janeiro e Florianópolis, dos estudos de Scherre e Naro (1997)³ e Monguilhott (2001);

e) realização semicategórica da concordância por falantes universitários da cidade do Rio de Janeiro (Amostra NURC), em torno de 94%, do trabalho de Graciosa (1991).

Recentemente, Gomes, Melo e Barcellos (2016) mostraram que falantes socialmente excluídos da cidade do Rio de Janeiro, especificamente da Amostra EJLA, formada por adolescentes menores infratores, oriundos de favelas do Rio de Janeiro, apresentam taxas bem baixas de realização de formas verbais de 3ª pessoa do plural que os aproximam ao observado nas comunidades afrodescendentes do estudo de Lucchesi et al. (2009). O percentual baixo desse grupo urbano, 23%, e o percentual alto da população rural de São Miguel dos Pretos (RS), 81%, indicam que o nível de escolaridade e o grau de integração social dos falantes podem ser preponderantes sobre a localidade (rural-urbano).

³Em estudo mais recente, Scherre e Naro (2010) mostram que o percentual geral de concordância em amostra mais recente da comunidade de fala do Rio de Janeiro, Censo 2000, é de 83%.

Já os estudos sobre a alternância de consoante lateral e semivogal não indicam exatamente uma polarização urbano-rural entre as duas variantes, uma vez que o *continuum* rural-urbano e o nível de escolaridade não são suficientes para dar conta da distribuição dos percentuais conhecidos de ocorrência da semivogal para diferentes comunidades de fala⁴, que se distribuem de forma descontínua, embora, a depender da região do país, as taxas mais altas da semivogal ocorram em pequenos centros urbanos do interior, conforme se observa nos estudos a seguir:

a) percentuais altos de ocorrência da semivogal em comunidade quilombola do interior de Minas Gerais, 60%, no estudo de Castro (2006), assim como nas cidades do Projeto Varsul, 70%, com falantes com ensino de fundamental a superior, sendo os percentuais nas capitais Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, respectivamente, 64%, 42,9 % e 62,3 %, nos resultados obtidos por Ferreira (2011).

b) percentuais baixos de ocorrência da semivogal em Belo Horizonte, 14%, no estudo de Madureira (1997), e 19%, no estudo de Pinheiro (2009); 19%, em Papagaios (MG), região metropolitana de Belo Horizonte, falantes com ensino fundamental, médio e superior do estudo de Santos (2012); 16,8% em Jacaúba, Paraíba, no estudo de Freire (2011), com falantes não alfabetizados e com até 8 anos de escolaridade; 18% e 12%, para falantes com menos ou mais de 8 anos de escolaridade, respectivamente, das cidades de Altamira e Marabá, no Pará, do trabalho de Soares (2008).

c) percentuais muito baixos da semivogal, caracterizando ocorrência semicategórica e categórica da lateral, na região metropolitana do Rio de Janeiro (Nova Iguaçu e Copacabana), do estudo de Quandt (2014), 0,5% na região Noroeste e 3,5% no Norte do estado do Rio (BRANDÃO, 2007), assim como nas capitais do Nordeste, 2%, com falantes do ensino fundamental e superior (OLIVEIRA; MOTA, 2007)⁵; nos dados

⁴ Segundo Melo (1981, p. 77), a descontinuidade de distribuição tem relação com os caminhos dos bandeirantes paulistas e posterior difusão nas movimentações populacionais no interior do Brasil.

⁵ As autoras apresentam o percentual geral da semivogal nas capitais do Nordeste e mencionam a predominância da semivogal em Aracaju e Teresina e respectivos pesos relativos, 0,86 e 0,63.

do Atlas Linguístico do Acre do estudo de Santos e Chaves (2012), essa ocorrência ocorre 6,4% na região do Alto Acre, 3,6% na região de Purus e 1% em Rio Branco (CHAVES; MELO, 2009); e, finalmente, os percentuais registrados no trabalho de Soares (2008), para as cidades paraenses Belém, Soure, Bragança e Santarém, respectivamente, foram 8 %, 4%, 3% e 2%, e do estudo de Nunes (2006), Curionópolis, Itupiranga, Dom Eliseu e Tucuruí, respectivamente, com 7%, 5%, 1% e 4%.

Do exposto, verifica-se que as duas variáveis linguísticas não se distribuem da mesma maneira no *continuum* rural-urbano. A relação entre rural e urbano no PB foi tratada no trabalho seminal de Bortoni-Ricardo (1985), que estudou o processo de urbanização dos falantes de dialetos rurais como consequência de um êxodo em massa de zonas rurais para áreas urbanas. A pesquisadora observou o comportamento de moradores de Brazlândia, cidade-satélite de Brasília, cujas famílias migraram de zonas rurais do estado de Minas Gerais, denominados como *rurbanos* pela autora, em relação à alternância entre lateral palatal e semivogal, como em *palha* ~ *paia*, *filho* ~ *fio*; redução de ditongo crescente, como em *pulícia* ~ *puliça*, *gêmeo* ~ *gemu*; concordância variável de 3ª pessoa do plural e de 1ª pessoa do plural, como em *eles foru* ~ *foram* ~ *foi* e *nós fomos* ~ *nós foi*. Essas variáveis foram analisadas por serem bons indicadores do processo de urbanização de variedades rurais no Brasil. Para Bortoni-Ricardo, as duas variáveis fonológicas são típicas de variedades rurais e rurbanas do português brasileiro e são descontínuas em relação ao *continuum* dialetal. Já a realização variável de verbos de 3ª do plural de sujeitos no plural seria gradual em relação ao *continuum* dialetal.

A autora mostrou uma nítida diferença entre a geração mais velha de migrantes e a de seus filhos, sobrinhos ou netos, que chegaram a Brazlândia ainda crianças. Enquanto os mais velhos ainda mostravam características típicas de sua origem dialetal rural, demonstradas pelos percentuais globais de ocorrência da variante semivogal, ausência de glide no ditongo e ausência de marca de 3ª e 1ª pessoas do plural, os mais jovens demonstraram ter passado por um processo de reestruturação

de suas gramáticas, aproximando-se do comportamento observado em falantes de origem urbana. A autora demonstrou também que o processo de urbanização apresentou tendências diferentes para homens e mulheres, dependente de seu grau de integração e urbanização na esfera pública, através do contato resultante de necessidades de trabalho para os homens, e, para as mulheres, em função de relações interpessoais com parentes e vizinhos, por permanecerem em casa, estavam, portanto, menos expostas à cultura dominante, e, portanto, à variedade urbana (BORTONIRICARDO, 1985, p. 241-242).

3. Formação Sócio-histórica de Imperatriz

A região onde se encontra a cidade de Imperatriz, na região sudeste do estado do Maranhão, foi colonizada tardiamente, já no final do século XVIII, período bastante posterior à ocupação das regiões litorâneas, em que há registro da presença de europeus desde o século XVI (FRANKLIN, 2005). Em 1862, a Vila Nova de Imperatriz se instala na região de Santa Teresa, sendo elevada à categoria de cidade em 1924. Durante todo esse tempo, até o início dos anos 1960, a localidade se caracteriza por ser uma região com baixa densidade populacional (Anexo A, Quadro 1) e de atividade eminentemente rural.

A primeira leva migratória que se deslocou para Imperatriz, ainda uma comunidade rural, se deu na virada para o século XX, quando os irmãos Pimentéis descobriram o caucho nas matas do Sul do Pará, próximas à localidade. Houve o deslocamento de pessoas de todo o Brasil, principalmente de cidades do Maranhão, sobretudo da zona rural, e do restante do Nordeste. Assim, moradores de outras regiões, sobretudo do interior do Maranhão, seguem para a região, visando trabalhar nessa atividade eminentemente agrária e, portanto, em uma região rural, a qual permaneceu como a principal atividade da região por quase 20 anos. A segunda leva migratória que se deslocou para Imperatriz, que permanecia ainda como uma

comunidade rural, ocorreu no começo da década de 1950, quando chegou à cidade um grande contingente de lavradores que migraram de outros estados do Nordeste em busca das terras devolutas da região. Plantaram, sobretudo, grandes extensões de arroz para comercialização, dando início a uma nova etapa econômica da região, o chamado *ciclo do arroz*, o qual perdurou até a metade dos anos 1970, conforme Franklin (2008). A terceira leva migratória para Imperatriz, a partir de 1960 até 1980, devido à construção da rodovia Belém-Brasília, foi predominantemente de pessoas de outras localidades maranhenses que fugiam da aridez do Sertão, e de pessoas dos estados limítrofes Piauí, Pará e Goiás, que, ao tomarem conhecimento da existência de uma grande área situada ao lado de um rio caudaloso, com muitas terras férteis e devolutas, com chuvas regulares, próxima ao garimpo de Serra Pelada (década de 1980) e, ainda, com uma rodovia recém-construída dando-lhe acesso, não mediram esforços para se deslocar rumo a essa região, que permanecia ainda isolada, e que passou a ser denominada como Sibéria maranhense (informação obtida em entrevista com um dos informantes da amostra). Essa terceira leva de migrantes provocou o aumento populacional e, em um contexto de atividades econômicas não mais exclusivamente agrárias, fez com que a região se desenvolvesse em uma área urbana com todas as demandas inerentes a essa modificação, como a criação de mais escolas, serviços etc. (FRANKLIN, 2008).

A partir do exposto, a formação sócio-histórica de Imperatriz pode ser dividida em dois momentos: antes e depois da construção da rodovia Belém-Brasília em 1960. Conforme pode ser visto no Anexo A (Quadro 1), no período anterior, a cidade possuía um pequeno contingente populacional com predominância da população rural (8.329 habitantes) sobre a urbana (1.002 habitantes) e, conseqüentemente, apresentando características e hábitos interioranos típicos de comunidade rural. A partir dos anos 1960, com a rodovia já construída e devido à sua localização geográfica estratégica, interligando três estados – Piauí, Pará e Goiás –, a cidade de Imperatriz recebeu um

grande número de migrantes de outras cidades maranhenses e, também, de outros 24 estados do Brasil (Anexo A, Quadro 2), o que resultou em um rápido crescimento populacional e no contato de uma diversidade de variedades do PB, reunidas em uma mesma comunidade. Esse último surto populacional fez com que, em 20 anos, a população predominantemente rural passasse a predominantemente urbana. Em todos os períodos verificados, através do Censo, destaca-se a predominância de migrantes do estado do Maranhão. De acordo com o Quadro 2, apresentado no Anexo A, também se observa que, em 1960, 1970 e 1980, migrantes oriundos do Piauí constituem o segundo grupo mais populoso, e, em 1991 e 2000, migrantes vindos da região do Pará. O quadro não permite identificar se houve um contingente numeroso de uma localidade específica de cada um desses estados. O mais provável é que o fluxo migratório para Imperatriz das diversas regiões brasileiras não concentre um conjunto significativo de falantes de uma mesma localidade. Do ponto de vista linguístico, isso significa que não houve nenhuma variedade preponderante em relação às demais.

Segundo Aguilera (2010, p. 72), as atividades açucareiras no Nordeste e a criação de gado, tanto no Nordeste quanto no Sul, fortaleceram a expansão territorial do país em dois grandes movimentos: do Sul em direção a Sorocaba-SP e a Minas Gerais; e, de Salvador - BA, em direção ao Nordeste até São Luís - MA, quando se formam centenas de cidades originárias de pousos dos tropeiros e do gado. Segundo os relatos históricos, a cidade de Imperatriz estava na rota dos Bandeirantes. Esses tropeiros transportavam diferentes variedades linguísticas ao longo de mais de quatrocentos anos, fazendo a história socioeconômica do Brasil e, ao mesmo tempo, fazendo a história do Português Brasileiro. Segundo Aguilera (2010, p. 86), “o papel mais importante coube aos Bandeirantes paulistas na expansão das fronteiras territoriais e linguísticas, levando um português popular e rural que ainda subsiste e pode ser comprovado, pelo menos, nos estados que já fizeram seu atlas linguístico”. O relato de Aguilera reforça a evidência de que a área rural do Maranhão deveria conter

algumas das características do que se conhece de outras áreas mapeadas do dialeto caipira, como as variáveis estudadas: ausência de concordância verbal de 3ª pessoa e da semivogal no lugar da lateral (AMARAL, 1976, p. 5-7) .

Do exposto, podemos inferir que o perfil rural de Imperatriz tem raízes nos Bandeirantes, que passaram pela localidade (mais antiga), e nas variedades de migrantes oriundos de outras localidades maranhenses e de outros estados, como Piauí e Bahia, que também estiveram na rota dos Bandeirantes. Assim, três momentos devem ser considerados na análise: uma origem rural recente, com poucos habitantes e com baixo fluxo migratório no ciclo do caucho (823 habitantes, da virada do século até 1923) e no ciclo do arroz (10.857 habitantes, década de 1950); a urbanização, com intenso fluxo migratório (220.095 habitantes, de 1960 a 1980), até a consolidação como polo econômico e educacional (247.505 habitantes, últimas três décadas). Considerando essas etapas de formação de Imperatriz, será observado o impacto dessas mudanças no perfil da localidade, de rural a urbana e, posteriormente, constituindo polo educacional recente na região, no que diz respeito à dinâmica sociolinguística dessa variedade do PB.

4. Hipóteses e Metodologia

Conforme mencionado na Introdução, o objetivo do estudo de Santana (2014) foi o de capturar a dinâmica da comunidade de fala em um contexto de transformação socioeconômica, a partir de um passado recente predominantemente rural, seguido de um rápido processo de crescimento populacional e de urbanização devido à intensa migração populacional, resultando no contato entre diferentes variedades do PB. Assim, considerou-se que a passagem de uma Imperatriz rural a urbana, provocada pela chegada de falantes de diversas origens dialetais e pelas mudanças econômicas, afetou a dinâmica linguística da variedade falada na localidade, com o aumento do contingente populacional de origem rural, vindo predominantemente do sertão

maranhense. Em função disso, a hipótese é a de que tenha ocorrido uma mistura dialetal que, associada à transformação econômica da localidade, resultou em uma mudança no perfil linguístico da cidade em relação à variedade rural. Foi também objetivo da pesquisa detectar em que medida as características podem ser mais associadas a uma variedade urbana, considerando o *continuum* rural-urbano descrito na seção 2.

A perspectiva teórica adotada é a da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001), que postula que o conhecimento linguístico internalizado é dotado de heterogeneidade sistemática e que o indivíduo não é autônomo em relação à comunidade de fala. A variação observada na fala é, portanto, sistemática e pode estar relacionada a processo de mudança em curso. Para a realização do estudo, foi coletada, em 2012 e 2013, a amostra de Imperatriz, composta por 36 informantes, nascidos ou vindos para a localidade com no máximo quatro anos de idade, independentemente da origem regional e dialetal dos pais. Esse critério visou focalizar falantes cujo período de aquisição do PB correspondesse às diferentes fases econômicas pelas quais passou a cidade, determinando diferentes levas migratórias, conforme já mencionado e pode ser observado no Anexo A (Quadro 2). Os parâmetros estratificadores da amostra foram: faixa etária (14 a 20, 21 a 52 e acima de 53 anos), nível de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior), e sexo (masculino e feminino). Os falantes dessa amostra estão distribuídos aleatoriamente por diferentes bairros da cidade.

As faixas etárias foram estabelecidas para capturar as fases de formação e urbanização da cidade de Imperatriz, em relação à ocupação humana e às transformações econômicas. Assim, as faixas etárias têm relação com os três diferentes momentos da história da cidade, conforme apresentados na seção 2, a saber: o isolamento, com predominância rural, até 1959 (falantes com 53 a 76 anos), o *boom* econômico com intensa migração, de 1960 a 1991 (falantes entre 21 e 52 anos de idade),

e o período de consolidação como uma referência econômica e de educação para uma vasta região, a partir de 1992 (falantes entre 14 e 20 anos de idade). Os falantes mais velhos, nascidos até 1959, constituem o grupo exposto a uma variedade local isolada, sem ou com pouco contato com falantes de outras regiões. Os nascidos a partir de 1960 se inserem em um contexto de fluxo migratório crescente, associado a transformações econômicas da transição de área rural para centro urbano, culminando no contexto de cidade de grande porte para a região e consolidação como polo educacional para os nascidos a partir de 1992.

As entrevistas seguem os princípios metodológicos de Labov (1972), para que se aproximem ao máximo do vernáculo do falante, situação de uso em que o falante não monitora sua fala, e foram gravadas em gravador digital.

Para a realização deste estudo foram analisados os dados levantados de 18 dos 36 falantes que compõem a amostra, distribuídos de acordo com a estratificação por idade, sexo e escolaridade. São 6 falantes de cada Faixa etária/Ciclo econômico e migratório (53-75 anos/isolamento, com predominância rural, até 1959; 21-52 anos/boom econômico com intensa migração, 1960-1991; 14-20 anos/consolidação como polo econômico e educacional), sendo 2 de cada nível de escolaridade (fundamental, médio e superior), e 1 de cada sexo por célula (ver SANTANA, 2014, p. 79).

A seção a seguir apresenta os resultados para as duas variáveis linguísticas – concordância verbal de 3ª pessoa e alternância entre lateral e semivogal – em função das variáveis estratificadoras da amostra (faixa etária, sexo e escolaridade). A análise também inclui uma observação qualitativa dos dados e a observação do comportamento de alguns indivíduos para situar a perda de características de fala rural.

5. Resultados

O perfil sociolinguístico da comunidade de fala de Imperatriz foi analisado em função da distribuição das variantes de cada variável linguística por faixa etária, escolaridade e sexo, conforme mencionado anteriormente, com o objetivo de identificar o atual perfil sociolinguístico da cidade de Imperatriz.

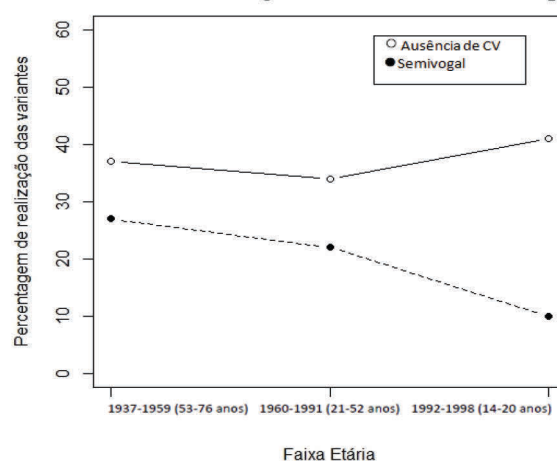
Os percentuais gerais obtidos para as aplicações de cada variável linguística foram: 22% de semivogal (243/1094), como em *mulié*, e 36% de ausência de concordância verbal (CV) de 3ª pessoa (585/1586), como em *Eles fala*. Os percentuais gerais de cada variável indicam que, a princípio, houve uma tendência à perda de características linguísticas típicas de variedades rurais, características apontadas por Bortoni-Ricardo (1985) como típicas de zona rural, tais quais a semivogal e a ausência de CV de 3ª pessoa do plural. Qual o grau de associação de cada uma das variantes com característica de variedade rural é um aspecto que precisa ser ainda explorado, uma vez que não há estudos que tenham abordado diretamente essa questão, considerando a percepção como indicadora de ruralidade e a avaliação ou o valor social que os falantes atribuem a elas. Pode-se especular no momento, tomando como base o que já se conhece sobre a realização dessas variantes nos diferentes estudos sobre elas em diversas variedades do PB, alguns citados anteriormente na seção 2, que a semivogal é mais fortemente associada à fala rural. Já a associação de formas verbais não marcadas de 3ª pessoa do singular com sujeitos marcados no plural à característica de ruralidade vai depender não só do percentual de ocorrência dessas formas, mas também da incidência com verbos considerados de nível mais alto de saliência fônica, nos termos de Naro (1981), como em *Eles faz, Elas é, As pessoas veio*.

Os dados de cada variável linguística foram submetidos à regressão logística, utilizando o pacote Goldvarb 2001, para verificar o efeito das variáveis sociais estratificadoras da amostra no condicionamento da variação, isto é, a significância estatística das variáveis idade, sexo e escolaridade. No Goldvarb, a significância

estatística de uma variável explicativa é indicada através da ordem de seleção, no *step-up* das variáveis independentes com nível de significância abaixo de 0.05. Da mesma forma, se não há significância estatística, a variável não é selecionada. Além de indicar os grupos de fatores relevantes no condicionamento da variação, o Goldvarb também fornece, para cada fator de um grupo de fatores, o peso relativo, isto é, a probabilidade de aplicação ou ocorrência da variante em análise naquele determinado contexto (ou característica), seja linguístico ou extralinguístico. Os valores se distribuem em um intervalo entre 0 e 1. Valores próximos de 0 indicam desfavorecimento e valores próximos de 1 indicam favorecimento da variante para o condicionamento avaliado para cada fator de uma variável explicativa. Na rodada relativa aos dados da semivogal, foram selecionadas, na seguinte ordem, as variáveis idade e escolaridade. Em relação aos dados da concordância verbal de 3ª do plural, foi selecionada somente a variável sexo. Serão apresentados a seguir os resultados obtidos das variantes de cada uma das variáveis linguísticas para as três variáveis sociais.

O Gráfico 1 a seguir mostra a distribuição da semivogal e da forma verbal não marcada de 3ª pessoa com sujeito plural em função da faixa etária⁶.

Gráfico 1 – Distribuição da semivogal e da ausência de CV por faixa etária.



Fonte: Baseado em Santana (2014, p. 96).

⁶ Optou-se por apresentar a ordenação de idade/data de nascimento dos mais velhos para os mais novos, como em diversos estudos da área (BAILEY, 2002, p. 313-323).

Conforme pode ser observado, a distribuição das frequências das variantes pelas faixas etárias revelou, para a *alternância entre consoante lateral e semivogal*, uma frequência baixa de uso da variante semivogal nas três faixas de idade, com mais ocorrências entre os mais idosos (peso relativo = 0.623) que os intermediários (peso relativo = 0.457), e frequência mais alta na faixa intermediária em relação aos mais novos da amostra, os adolescentes (peso relativo = 0.341). Essa distribuição indica um perfil de mudança em progresso, no sentido da implementação da variante lateral, com maior frequência da lateral (alveolar ou palatalizada) seguida de semivogal, 76%, como em *mulié*. Registre-se que a articulação palatalizada difere da articulação palatal [ʎ], com menos ocorrências. As percentagens de *ausência de concordância* indicam também uma predominância no uso de formas marcadas de 3ª pessoa do plural em todas as faixas etárias. Além disso, uma vez que não há diferença entre os mais velhos e os mais jovens, configura-se um perfil de variação estável. Conforme mencionado anteriormente, a variável idade não foi selecionada para os dados de concordância verbal. O resultado de tempo aparente indica tendência à redução drástica da semivogal, característica de fala rural, e estabilidade das variantes de concordância verbal.

O percentual global das variantes semivogal (22%) e a ausência de marca de 3ª do plural (36%) indicam que, no intervalo de 50 anos, as características mais marcantes de uma variedade rural teriam dado lugar a variantes de maior prestígio em áreas urbanas. O desvio padrão dos percentuais observados para as duas variantes foi, respectivamente, 21,35 % e 12,92 %⁷, o que indica que houve menor variabilidade entre

⁷ Os percentuais obtidos por falante para realização da semivogal (sv) e ausência de CV de 3ª pessoa foram, por grupo etário: 53-76 anos: Dul –sv: 40%, CV: 50%, Sal – sv: 3%, CV: 34%, Lam – sv: 17%, CV: 24%, Ild – sv: 11%, CV: 37%, Chi – sv: 82%, CV: 37%, Ros –sv: 26%, CV: 46%; 21-52 anos: Ant – sv: 9,6%, CV: 20%, Val – sv: 3,5%, CV: 19%, Edn – sv: 2,5%, CV: 40,4%, Eun – sv: 3%, CV: 36,3%, Cil – sv: 52%, CV: 49,2%, Jos – sv: 27,4%, CV: 27,6%; 14-20 anos: Clé – sv: 15,7%, CV: 65,9%, Pau – sv: 28,5%, CV: 39,4%, Déb – sv: 2,7%, CV: 30,9%, Luc – sv: 30,7%, CV: 42,8%, Myl – sv: 0%, CV: 20,7%, Vin – sv: 8,3%, CV: 56,5% (SANTANA, 2014, p. 98-102).

os falantes em relação à concordância verbal, isto é, estão mais próximos da média da comunidade de fala, e maior variabilidade entre os indivíduos da amostra na realização da variante semivogal. Há o caso em que o falante não produziu nenhum dado com a semivogal, assim como há o que produziu 82% de semivogal em alternância com as demais variantes.

Os percentuais comparados para as variantes das duas variáveis, em função da escolaridade e do sexo dos falantes, podem ser observados nos Gráficos 2 e 3 a seguir. A distribuição das variantes em relação a essas duas variáveis sociais traz informações sobre o valor social das variantes.

Gráfico 2 – Distribuição das variantes das duas variantes por escolaridade.

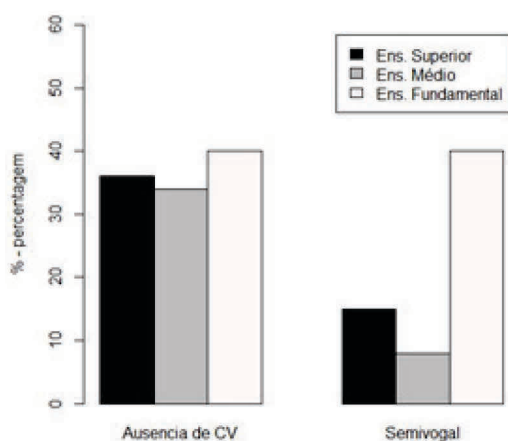
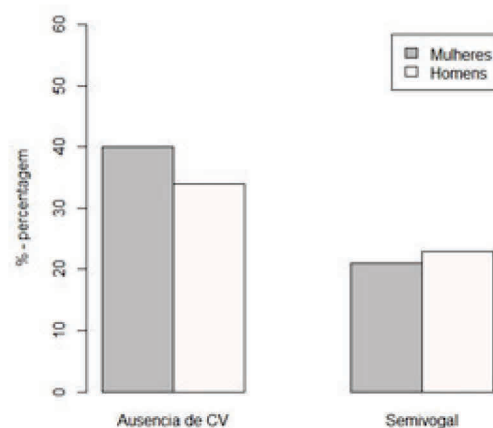


Gráfico 3 – Distribuição das duas variantes por sexo.



Fonte: Baseado em Santana (2014, p. 104, 106).

De acordo com o Gráfico 2, com relação à concordância verbal de 3ª pessoa do plural, não houve diferença significativa entre os percentuais obtidos para os três níveis de escolaridade, já indicado na não seleção dessa variável pelo Goldvarb, conforme mencionado anteriormente. Com relação à realização da semivogal, há uma diferença acentuada dos percentuais de ocorrência entre falantes com nível superior (peso relativo = 0.442) e médio (peso-relativo = 0.475) em relação aos falantes com ensino fundamental (peso relativo = 0.738), sendo os percentuais de uso mais altos

entre esses últimos. Esses resultados apontam para o efeito da variável escolaridade para essa variável linguística. Já a distribuição das variantes em função do sexo dos falantes, conforme o Gráfico 3, foi significativa somente para os dados da concordância verbal de 3ª pessoa, único grupo de fatores selecionado pelo Goldvarb, sendo menos frequentes as formas não marcadas de 3ª pessoa entre os homens (peso relativo = 0,472) e mais frequentes entre as mulheres (peso relativo = 0.536).

Do exposto, observa-se que o perfil sociolinguístico da variedade falada na cidade de Imperatriz se caracteriza por apresentar incidência mais baixa de variantes que são típicas de áreas rurais. Os resultados para faixa etária indicam que existe uma tendência de mudança nessa direção para a alternância lateral e semivogal, ao passo que a alternância de formas verbais com sujeitos de 3ª pessoa do plural constitui um processo de variação estável. A variante semivogal é estratificada por escolaridade, sendo mais produzida por falantes com nível mais baixo de escolaridade da amostra, isto é, com ensino fundamental, e a forma não marcada de 3ª pessoa do singular com sujeito de 3ª pessoa no plural tende a ser usada pelas mulheres.

O resultado observado para a variável sexo nos dados de CV, não se enquadra no Princípio I de Labov (1990, p. 210-215), relativo ao comportamento de homens e mulheres em processos de variação estável, segundo o qual os homens tendem a usar variantes não padrão mais frequentemente que as mulheres. Para melhor situar esse resultado, foram realizados dois cruzamentos de grupos de fatores para os dados de concordância verbal: sexo e idade e sexo e escolaridade. Em ambas as rodadas, os dois grupos de fatores, formados pelo cruzamento das variáveis – sexo x escolaridade e sexo x idade, foram considerados significativos, isto é, foram selecionados pelo Goldvarb no *step-up*. Para o primeiro, os resultados apontaram que, independentemente da idade, as mulheres tendem a usar com mais frequência formas não marcadas de 3ª pessoa, juntamente com os adolescentes do sexo masculino. Já nos resultados do cruzamento entre sexo e escolaridade, as mulheres, independentemente

do nível de escolaridade, foram as que apresentaram tendência ao uso de formas não marcadas, juntamente com os homens com ensino fundamental. Por outro lado, a ausência de diferença entre homens e mulheres com relação à realização da semivogal também pode indicar graus não muito acentuados de estigma nessa variedade do PB associados às variáveis em questão. Esses resultados são indicativos de um padrão de avaliação social na comunidade de fala que precisa ser investigado com base em estudos de percepção e avaliação social dessas variantes.

Ainda, com vistas a situar o perfil de perda de características rurais para além das evidências quantitativas baseadas nos percentuais dos fatores das categorias macrosociais, os dados também foram observados em função de características específicas de cada uma das duas variáveis, bem como do comportamento de alguns indivíduos, quando pertinente. Com relação à *concordância verbal de 3ª pessoa*, embora o percentual de ausência de concordância seja inferior ao percentual de usos com a forma verbal marcada, estando em consonância com percentuais obtidos em outros centros urbanos, como Rio de Janeiro e Florianópolis, mencionados na seção 2, foi observada uma alta incidência de formas não-marcadas com verbos da escala mais alta de saliência fônica (diferença entre a forma não marcada e a forma marcada envolve acréscimos de segmento, mudanças na raiz e formas supletivas, como *veio/vieram, é/são*), nas três faixas etárias estudadas, como em: *Os filio é engraçado* (informante mais jovem), *Os minino era morto e vivo lá em casa* (informante faixa etária intermediária), *As casa era tampada de palha* (informante mais velho). Embora não tenha sido objetivo do estudo a análise de variáveis linguísticas, para avançar a reflexão sobre o perfil sociolinguístico de Imperatriz, os dados foram agrupados e quantificados quanto a essa característica, e pôde ser observado o percentual de 37% de ausência de concordância em verbos do último nível de saliência. Esse percentual se aproxima dos 31% encontrados no estudo de Lucchesi *et al.* (2009) para esse fator, em dados de comunidades afro-brasileiras da Bahia com perfil rural, e está muito acima do

percentual de 12% do estudo de Scherre e Naro (1996), a respeito dos dados da variedade urbana da cidade do Rio de Janeiro da Amostra Censo 1980. Assim, observa-se que, embora o percentual de ausência de concordância em Imperatriz se aproxime do observado em outros grandes centros, semelhante a Belo Horizonte, 34%, por exemplo, como no estudo de Faria (2008), do ponto de vista qualitativo, esses casos indicam a presença de traços de ruralidade nessa localidade, ao mesmo tempo em que os percentuais de concordância são semelhantes aos encontrados em variedades urbanas.

Com relação à alternância entre *consoante lateral* (palatal e alveolar seguida de semivogal) e *semivogal*, além do baixo percentual de ocorrência da semivogal, não foi observado, na Amostra de Imperatriz, nenhum item lexical com frequência de realização da semivogal superior à realização como lateral. Itens frequentes no *corpus*, como *filho*, *filha*, *mulher* e *trabalho*, foram produzidos majoritariamente com a realização [l̥]. Esse resultado é interessante porque indica um maior afastamento de característica rural na comunidade de fala de Imperatriz, mesmo entre falantes cujo percentual de uso da semivogal é alto. Foi observado que dois dos 18 falantes que compõem o presente *corpus* apresentam percentual de realização da semivogal acima do desvio padrão (Chi, 82% – faixa etária mais velha, 62 anos, homem, ensino fundamental; Cil, 54% – faixa etária intermediária, homem, ensino fundamental)⁸. Entre os 6 falantes mais velhos, cujos dados foram considerados na análise estatística, há uma variabilidade muito grande com percentuais que vão de 3% a 82%. Isso significa que o percentual geral de 27%, obtido para essa faixa, não representa de fato uma baixa ocorrência da semivogal na comunidade, mas uma média de valores percentuais com extremos bastante distantes, que podem ter relação com o perfil social dos falantes, considerando outras características além das variáveis sexo e escolaridade. Entre os

⁸Um novo levantamento de outros três falantes da faixa dos mais velhos dos três níveis de escolaridade revelou percentual alto de semivogal somente no falante com ensino fundamental – Bai, 91,8%.

seis falantes da faixa etária mais jovem, quatro apresentaram percentual de realização da semivogal abaixo do percentual geral, 26%, e dois, um pouco acima, mas muito próximos do percentual geral (Myl, 0%; Deb, 2,7%; Vin, 8,3%; Clé, 15,7%; Pau, 28,5%, Luc, 30,7%). Os percentuais observados para os mais jovens da amostra mostram a consolidação de uma variedade urbana de uma cidade populosa, e que se tornou polo comercial e educacional da região, levando à adoção de valores sociais de atribuição de um forte estigma à variante semivogal.

Por outro lado, esse resultado também pode estar relacionado ao contato dialetal entre falantes de diferentes localidades do Brasil, portanto, de diferentes variedades do PB, que contribuíram com suas características dialetais. De acordo com os dados apresentados no Quadro 2 do Anexo A, o segundo maior contingente populacional de migrantes em Imperatriz, a partir de 1991, é oriundo do Pará, considerando as informações dos Censos 1991 e 2000, muito embora não seja possível identificar, para esse conjunto de moradores de Imperatriz, a localidade de origem, no Pará. Porém, observam-se nos estudos realizados por Nunes (2006) e Soares (2008) em diversas localidades do Pará, e mencionados na seção 2, baixas taxas de ocorrência da semivogal, entre 1% e 18%. As localidades se distribuem pelas seis mesorregiões do estado: Belém (Metropolitana de Belém), Soure (Marajó), Bragança (Nordeste Paraense), Santarém (Baixo Amazonas), Altamira (Sudoeste), Marabá, Curionópolis, Itupiranga, Dom Eliseu e Tucuruí (Sudeste). Em todas elas, o percentual de ocorrência da semivogal é muito baixo, o que significa uma realização categórica ou semicategórica, a depender do percentual encontrado. As localidades estudadas compreendem a capital do estado (Belém) e cidades de médio e pequeno porte (Soure, Curionópolis, Itupiranga e Dom Eliseu). Os estudos de Nunes (2006) e Soares (2008) apontam a predominância de uma articulação da consoante lateral seguida de semivogal que se situa na região pós-alveolar, sendo muito baixa a realização como lateral palatal [ʎ].

Uma vez que as faixas etárias da Amostra de Imperatriz foram estabelecidas de maneira a captar os ciclos econômicos e o fluxo migratório deles decorrente, observa-se que o período de aquisição da variedade local do conjunto de falantes da faixa etária mais nova coincide com o período em que os migrantes do Pará são o segundo maior contingente populacional da cidade de Imperatriz. É possível, portanto, que a variedade com realização semicategórica ou quase categórica da variante lateral seguida de semivogal, trazida pelos migrantes do Pará, conforme mencionado anteriormente, e a prevalência da variante semivogal entre migrantes oriundos de áreas rurais do interior do Maranhão tenham passado pela etapa de *realocação*, processo mencionado por Britain e Trudgill (1999, p. 247), na situação de contato dialetal de variedades mutuamente inteligíveis. Na *realocação*, variantes originalmente de variedades diferentes passam a alternar como variantes de uma mesma variável, assumindo novos valores estilísticos e sociais. A realização como lateral seguida de semivogal não é uma variante exclusiva nas localidades dos estudos sobre as diversas localidades do Pará, uma vez que alterna com a semivogal, não havendo, de fato, um caso de *realocação*. Porém, o maior contingente de migrantes dessas regiões fornece outra possibilidade fonética como modelo, contribuindo para impulsionar a variante lateral. Assim, os falantes mais novos avançam a implementação da variante lateral seguida de semivogal, não identificada como característica de fala rural, apresentando um comportamento uniforme de baixos percentuais de semivogal, independentemente da escolaridade.

5. Considerações finais

Este artigo apresentou os resultados de um estudo que buscou situar o perfil sociolinguístico da variedade urbana da cidade de Imperatriz, situada a Sudoeste do estado do Maranhão, localidade que, em um período de 50 anos, devido a mudanças na economia da região e o fluxo migratório decorrente, passou de comunidade rural a

centro urbano, tornando-se, mais recentemente, referência como polo educacional e comercial da região. A dinâmica sociolinguística de Imperatriz foi observada considerando a distribuição das variantes de duas variáveis linguísticas estudadas – alternância entre lateral palatal e semivogal e concordância verbal de 3ª pessoa, em função das variáveis sociais estratificadoras da amostra. Do ponto de vista metodológico, a estratificação etária dos indivíduos da Amostra Imperatriz procurou capturar os ciclos econômicos, situando os falantes que adquiriram a variedade local em um período de maior isolamento de comunidade rural e os que adquiriram a variedade em dois diferentes momentos da emergência e consolidação da localidade como área urbana de referência no entorno geográfico, período com migração intensa, de cidadãos de todas as regiões brasileiras, mas preponderantemente de localidades do interior do Maranhão. Os resultados apontaram um decréscimo no uso de variantes associadas à fala rural (BORTONI-RICARDO, 1985), mas, por outro lado, a presença ainda de algumas características que têm sido observadas em comunidades rurais, como a maior incidência de ausência de concordância de 3ª pessoa do plural em certos tipos de verbos, como os que se situam no nível mais alto de saliência fônica (NARO, 1981). Atribuem-se também os baixos índices da variante semivogal à presença numerosa de migrantes do Pará, segundo maior contingente migratório para a localidade, na formação da variedade de Imperatriz, e cujas variedades de origem se caracterizam pela presença quase que categórica da variante lateral alveolar seguida de semivogal. Assim, os resultados apresentados mostraram os efeitos da urbanização intensa e do contato dialetal com um grupo específico de migrantes na configuração atual do perfil sociolinguístico da cidade de Imperatriz.

Referências Bibliográficas

AGUILERA, V. de A. O papel da geolinguística no Brasil e a sua interface com a história da formação do português brasileiro. *In*: RAMOS, C. de M. de A. *et al* (org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão**. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 69-90.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BORTONI-RICARDO, S. M. Contato de dialetos no Distrito Federal, Brasil. *In*: BORTONI-RICARDO, S. M.; VELLASCO, A. M. (org.). **O falar candango**. Brasília: Editora UNB, 2010. p. 17-32.

BRANDÃO, S. F. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/issue/view/63>. Acesso em: 28 maio 2012.

BRITAIN, D.; TRUDGILL, P. Migration, new-dialect formation and sociolinguistic refunctionalisation: *reallocation* as an outcome of dialect contact. **Transactions of the Philological Society**, v. 97, n. 2, p. 245-256, 1999. DOI <https://doi.org/10.1111/1467-968X.00050>

CASTRO, E. F. **Sobre o uso da semivogal [y] e a inserção da lateral palatal [ʎ] no Português Brasileiro**. 83 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CHAVES, L. M. do N.; MELO, F. E. S. de. A despalatalização de /ʎ/ na Zona Urbana de Rio Branco (AC). **Cadernos do CNLF**, v. 8, n. 4, p. 84-98, 2009. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO18/54SUP/013.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.

FARIA, N. V. M. de. **A concordância verbal no português de Belo Horizonte**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FERREIRA, M. M. **A Variação da Lateral Palatal Segundo Transcrição do Banco de Dados VARSUL**. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FRANKLIN, A. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

FRANKLIN, A. **Apontamentos para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.

FREIRE, J. B. **Varição da Lateral Palatal na Variedade e de Jacaraú (Paraíba)**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GOMES, C. A.; MELO, M. A. S. L.; BARCELLOS, M. E. M. Dinâmica da variação sociolinguística em contexto de exclusão social. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 14, p. 127-143, 2016.

GRACIOSA, D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

KERSWILL, P.; WILLIAMS, A. Creating a new town koine: children and language change in Milton Keynes. **Language in Society**, v. 29, n. 1, p. 65-115, 2000. DOI <https://doi.org/10.1017/S0047404500001020>

KERSWILL, P.; WILLIAMS, A. New towns and koineization: social linguistic and correlates. **Linguistics**, v. 43, n. 5, p. 1.023-1.048, 2005. DOI <https://doi.org/10.1515/ling.2005.43.5.1023>

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, v. 2, p. 205-254, 1990. DOI <https://doi.org/10.1017/S0954394500000338>

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: external factors**. Cambridge: Blackwell, 2001, p. 572.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Bahia: EDUFBA, 2009. p. 331-371. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis**. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981. DOI <https://doi.org/10.1353/lan.1981.0020>

NUNES, C. F. **Variações do Fonema /ʎ/ no falar de quatro localidades do Sudoeste do Pará**: uma descrição geo-sociolinguística. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará. Pós-Graduação em Letras. 2006.

OLIVEIRA, D.; MOTA, J. As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). *In: III SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E III SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ANÁLISE DO DISCURSO*. Vitória da Conquista: UESB, 2007. v. 1. p. 205-209.

PINHEIRO, N. L. de A. **O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

QUANDT, V. O. **A lateral palatal no português do Brasil e no português europeu**. 215 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SANKOFF, G. Linguistic Outcomes of Language Contact. *In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 638-668. DOI <https://doi.org/10.1111/b.9781405116923.2003.00034.x>

SANTOS, K. B. **Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG**. 76 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SANTOS, J. M.; CHAVES, L. M. do N. Realização da Lateral Palatal /ʎ/ no Atlas Linguístico do Acre (ALIAC). *Revista Philologus*, n. 54, p. 142-159, 2012.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. *In: HORA, D. da (org.). Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb Agreement in Brazilian Portuguese. University of Pennsylvania, **Working Papers in Linguistics**, v. 16, p. 163-171, 2010.

SOARES, E. P. **As palatais lateral e nasal no falar paraense**: uma análise variacionista e fonológica. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

TRUDGILL, P. J. **Dialects in Contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

TRUDGILL, P. J. The chaos before the order: New Zealand English and the second stage of new dialect formation. In: JAHR, E. H. (ed.). **Advances in Historical Sociolinguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 197-207.

VIEIRA, S. R. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. **Graphos**, v. 2, n. 1, p. 115-133, 1997.

WILLIAMS, A.; KERSWILL, P. Dialect levelling: Continuity vs. change in Milton Keynes, Reading, and Hull. In: FOULKES, P.; DOCHERTY, G. (ed.). **Urban Voices: accent studies in the British Isles**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 141-162.

ANEXOS

ANEXO A – Dados Demográficos de Imperatriz – Censo e Origem de Migrantes.

Quadro 1 – Demografia de Imperatriz, MA.

Ano	Total	Urbana	Rural	Residentes não naturais	
				Total	%
1940	9.331	1.002	8.329		
1950	14.064	1.630	12.434		
1960	39.169	8.987	30.182	30.969	79 %
1970	80.827	46.117	34.710	52.403	65 %
1980	220.095	111.705	108.390	93.007	42 %
1991	276.502	210.051	66.451	88.550	32 %
2000	230.566	218.673	11.893	11.589	5 %
2010	247.505	234.547	12.958	13.589	5.4 %

Fonte: IBGE e Franklin (2008).

Quadro 2 – Residentes não naturais do município chegados até 10 anos antes do Censo

UF	1960	1970	1980	1991	2000
RO	1	15	66	367	87
AC	1	38	26	33	0
AM	0	14	15	270	71
RR	0	12	27	156	204
PA	258	1.754	2.984	13.520	4.245
AP	0	102	0	114	162
TO	-	-	-	5.532	1.417
MA	27.191	36.514	60.025	51.756	n/c
PI	1.290	3.148	4.460	3.906	904
CE	721	1.614	3.959	1.576	326
RN	20	72	330	329	95
PB	92	375	692	358	85
PE	209	548	1.138	1.231	173
AL	6	9	153	160	94
SE	0	114	133	145	18
BA	4	1.830	4.565	854	253
MG	5	1.832	3.843	1.219	583
ES	10	827	1.116	289	111
RJ	0	41	159	614	123
GB	2	8	--	-	-
SP	17	186	878	1.583	933
PR	17	108	369	244	68
SC	0	4	90	33	51
RS	7	4	120	77	177
MS	-	-	37	44	105
MT	17	102	167	632	295
GO	876	2.904	7.077	1.981	481
DF	0	112	404	1.335	358
N/D	23	112	200	125	95
Exterior	1	4	44	67	70

Fonte: IBGE e Franklin (2008).

Artigo recebido em: 24.01.2019

Artigo aprovado em: 11.06.2019



Português de contato com alemão como língua de imigração em uma comunidade rural brasileira: resistindo à elevação das vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo

Portuguese in contact with German as an immigration language in a Brazilian rural community: Resisting the variable rising of /e, o/ in unstressed, open final syllables

*Elisa Battisti**

*Eugenio Roberto Link***

RESUMO: O artigo investiga a elevação variável das vogais médias /e, o/ postônicas finais (film[e] ~ film[i], tud[o] ~ tud[u]) no português de contato com alemão em uma comunidade rural do sul do Brasil na perspectiva da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972). Os baixos índices de elevação, 3,2 % de aplicação a /e/, 13 % de aplicação a /o/, são motivados por um traço morfossintático da língua de imigração e condicionados pelos contextos fonológico precedente e seguinte.

PALAVRAS-CHAVE: Vogais médias /e/, /o/. Elevação vocálica em sílaba átona final. Português brasileiro de contato com alemão.

ABSTRACT: The paper analyzes the variable rising of vowels /e, o/ in unstressed, open final syllables (film[e] ~ film[i] 'film', nov[o] ~ nov[u] 'new') in Portuguese in contact with German in a rural community in the South of Brazil in the perspective of the variationist sociolinguistics (LABOV, 1972). The low rates of rising, 3.2% of application to /e/ and 13% of application to /o/, are motivated by a morphosyntactic characteristic of the language of immigration and conditioned by the preceding and following phonological contexts.

KEYWORDS: Mid vowels /e, o/. Vowel rising in unstressed word-final syllable. Brazilian Portuguese in contact with German.

* Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/CNPq. <https://orcid.org/0000-0002-6701-4218>, battisti.elisa@gmail.com

** Doutor em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://orcid.org/0000-0002-6456-4417>, eulink@gmail.com

1. Introdução

Este artigo investiga a elevação variável das vogais médias /e, o/ em sílaba átona aberta em final de palavra (nom[e] ~ nom[ɪ], jog[o] ~ jog[ɔ]) no português brasileiro de contato com o alemão como língua de imigração¹. A comunidade de fala estudada é Esquina Barra Funda, situada na zona rural do município de Novo Machado, no noroeste do Rio Grande do Sul. Esquina Barra Funda é uma pequena comunidade fundada por imigrantes alemães² no começo do século XX³. Nela convivem, hoje, bilíngues português-alemão⁴ e monolíngues-português.

Uma primeira impressão, de oitiva⁵, do português falado em Esquina Barra Funda é a de que a proporção de elevação das vogais médias /e, o/ em final de palavra (doravante apenas ‘elevação’) seja muito baixa. A comunidade parece estar resistindo a um processo já bastante difundido em outras variedades de português brasileiro,

¹ De acordo com Altenhofen e Margotti (2011, p. 297-298), o termo português de contato designa “o português da comunidade bilíngue, [...] uma variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área.” Os mesmos autores definem línguas de imigração “como línguas : (1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, (2) compartilham o status de língua minoritária.” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290).

² Os imigrantes que primeiramente chegaram ao município de Novo Machado eram na maioria oriundos da Alemanha, mas também da Letônia, Lituânia, Romênia, Estônia, Rússia, Polônia. Desses, estabeleceram-se em Esquina Barra Funda principalmente imigrantes alemães e seus descendentes (SCHEID; PRIEBE, 1997).

³ Segundo Scheid e Priebe (1997), Novo Machado, alçado a município em 1992, nasceu bem antes, em 1918. Era então Linha Machado, localidade do distrito de Santa Rosa, pertencente ao município de Santo Ângelo. Já a comunidade de Esquina Barra Funda foi estabelecida em 1940. Novo Machado tinha em 2010 (cf. IBGE em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200#resultado>. Acesso em: 11 jan. 2019) 3.927 habitantes, 1.553 dos quais residentes na zona urbana, 2.374 na zona rural. Esquina Barra Funda tem atualmente 328 habitantes, com base no registro de usuários da água do poço (artesianos) central, consultado *in loco* em julho de 2018 por um dos autores deste artigo.

⁴ Dos habitantes de Esquina Barra Funda, 82 % são bilíngues, conforme pesquisa de autor para a tese de doutorado (em andamento). São em maioria bilíngues produtivos, nos termos de Baetens Beardsmore (1986), falam e compreendem português e alemão. Estes afirmam falar ‘alemão’ ou ‘dialeto alemão’, sem designar uma variedade de alemão em específico como o *Hunsrückisch*, falada em outras regiões do Rio Grande do Sul. Alguns afirmam falar ‘alemão russo’, opondo-o ao ‘outro alemão’. Empregaremos neste artigo a denominação genérica ‘alemão’ para designar a variedade ou conjunto de variedades falada(o) localmente.

⁵ Um dos autores do presente artigo nasceu e cresceu em Esquina Barra Funda. Hoje vive em Porto Alegre, mas retorna periodicamente à comunidade, onde residem seus familiares.

faladas principalmente em centros urbanos como Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, onde a elevação é superior a 80 % (VIEIRA, 2002). O fato de Esquina Barra Funda localizar-se na zona rural pode motivar o contraste, como sugerem os estudos de Silva (2009) e Mileski (2013), sobre a elevação em comunidades rurais. No entanto, o contato com o alemão também deve estar associado à baixa aplicação da regra. Nos trabalhos pioneiros de Schmitt (1987) e Vieira (1994), realizados na linha a ser adotada aqui, a da sociolinguística variacionista⁶ laboviana (LABOV, 1972, 1994, 2001), o controle da variável Etnia⁷ revela uma diferença estatisticamente significativa nos índices de elevação, maiores na fala de monolíngues-português de Porto Alegre, menores na fala de bilíngues português-alemão, bilíngues português-italiano, menores também na fala de monolíngues-português em contato com hispanofalantes.

O presente estudo contempla a elevação no português de contato com o alemão em uma comunidade rural, com dados levantados de entrevistas sociolinguísticas realizadas em 2014 (LINK, 2015). Estudos anteriores (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994) investigam o contato com o alemão, mas o fazem com dados coletados há mais de quarenta anos em comunidade majoritariamente urbana⁸, com um número reduzido

⁶ Segundo Oushiro (2014, p. 134), “a sociolinguística variacionista se assenta sobre o Paradigma Quantitativo (BAYLEY, 2002; GUY, 1993), que busca modelar a competência comunicativa dos falantes através da análise de formas linguísticas variáveis em seus contextos de uso, a fim de derivar afirmações acerca da probabilidade de co-ocorrência de uma forma linguística variável e as características contextuais.”

⁷ Os fatores da variável Etnia nas análises das autoras são ‘alemã’, ‘italiana’, ‘fronteiriça’, ‘metropolitana’, referentes aos informantes de sua amostra, que foi a mesma: bilíngues português-alemão, bilíngues português-italiano, monolíngues-português de comunidade de fronteira com comunidade hispanofalante (na fronteira seca Brasil-Uruguai), monolíngues-português (ver seção 2.2).

⁸ As entrevistas foram realizadas por Leda Bisol em 1977 e usadas em sua tese de doutorado (BISOL, 1981). São 32 entrevistas com descendentes do que, para a autora, são os principais povos colonizadores do Rio Grande do Sul: portugueses, espanhóis, alemães, italianos – “oito informantes monolíngues [português] da metrópole, Porto Alegre; oito bilíngues de Taquara, da zona de colonização alemã; oito bilíngues de Veranópolis, especificamente Monte Bérico, na zona de colonização italiana, e oito monolíngues [português] de Santana do Livramento.” (BISOL, 1981, p. 52). A população de Taquara, na zona de colonização alemã, era de 31.167 pessoas em 1970, conforme o IBGE (<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200#resultado>, acesso em: 11 jan. 2019). Destas, 18.270 viviam na zona urbana e 12.897, na zona rural. Em 2010, a população totalizava 54.643 habitantes, 45.266 dos quais residentes na zona urbana, 9.367 na zona rural.

de informantes⁹. É objetivo deste estudo, então, dar lugar ao contato com o alemão como língua de imigração na análise da elevação em uma variedade de português, lançando luz à situação linguística (de contato) e social (ruralidade) experimentada na comunidade. Além de dados mais recentes (LINK, 2015), considerará um maior número de informantes (18).

A questão perseguida na análise diz respeito aos efeitos do contato na elevação em português. Ao listarem traços do português de contato com alemão e italiano como línguas de imigração, Altenhofen e Margotti (2011) incluem a ausência de elevação das vogais átonas finais /e, o/ como traço específico do contato com o italiano, mas afirmam que a elevação pode estar ausente também no português de contato com o alemão. O português falado em Esquina Barra Funda parece respeitar esse padrão: se não ausente, a elevação parece aplicar-se em proporções baixas. No entanto, a literatura (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994), registra índices expressivos de elevação no português de contato com alemão (ver seção 2.2). Qual é o padrão de elevação variável de Esquina Barra Funda? A que se deve?

Se os baixos índices de elevação se confirmarem estatisticamente, nossa hipótese é a de que bilinguismo produtivo (falar e compreender português e alemão), alimentado pela ruralidade (relativo isolamento da comunidade mais parentesco e compadrio como princípios de organização social¹⁰), motivem a resistência à regra em Esquina Barra Funda. Além das proporções totais de elevação de /e/ e de /o/, objetivamos esclarecer as variáveis linguísticas e sociais associadas ao processo, com destaque, no caso das variáveis sociais, para aquelas relacionadas à situação de contato, como idade, escolaridade, bilinguismo.

⁹ Schmitt (1987), que investiga a elevação em três municípios gaúchos, conta com quatro informantes de Taquara. Vieira (1994) usa o mesmo *corpus* e investiga a elevação em quatro municípios, considerando sete informantes de Taquara.

¹⁰ Cf. Durham (2004).

O artigo se inicia pela caracterização da elevação das vogais /e, o/ postônicas finais em suas motivações estruturais. O processo tem efeitos distintos em /e/ e /o/ em termos de proporção de aplicação: por razões articulatórias, /o/ tende a exibir maiores proporções de elevação do que /e/ nas diferentes variedades de português, de contato ou não, o que trataremos de esclarecer. Em seguida, revisam-se estudos anteriores sobre o tema em comunidades de fala do Rio Grande do Sul, especialmente aqueles na linha da sociolinguística variacionista, para esclarecer as variáveis controladas na análise estatística. À revisão de literatura segue-se uma caracterização de Esquina Barra Funda no que se refere à organização da vida social, às relações de trabalho e práticas econômicas, para elucidar o que sustenta as práticas bilíngues e o contato português-alemão experimentado localmente. A metodologia vem depois, com a descrição da composição da amostra, das variáveis controladas, do método e dos programas empregados na análise estatística. Finalmente, os resultados da análise são apresentados e discutidos, seguidos de nossa conclusão.

2. Pressupostos teóricos

2.1 Elevação das vogas médias /e, o/ em sílaba postônica final

Elevação, alçamento e redução vocálica são termos empregados de modo geralmente equivalente (como fazem, por exemplo, BATTISTI, 1993; VIEGAS, 1987; SCHMITT, 1987, respectivamente) para designar a alteração da propriedade de altura das vogais médias fechadas /e, o/, que passam (variavelmente) às correspondentes altas nas séries anterior e posterior no português brasileiro, quer as vogais estejam em sílabas pretônicas (t[e]atro ~ t[i]atro, c[o]stela ~ c[u]stela), quer em sílabas postônicas

não finais (pér[o]la ~ pér[u]la, nád[e]ga ~ nád[i]ga) ou finais (noit[e] ~ noit[ɪ], nov[o] ~ nov[ʊ])¹¹.

A atonicidade da sílaba ocupada pelas vogais médias desencadeia a elevação em português. Como afirma Camara Jr. (1970), sete contrastes vocálicos (/i, e, ε, a, ɔ, o, u/) realizam-se invariavelmente nas sílabas tônicas, mas há alofonia nas sílabas átonas pela neutralização dos contrastes de altura das médias, implicando diminuição no número de oposições – de sete para cinco (/i, e, a, o, u/) em posição pretônica, para quatro em posição postônica não final (/i, e, a, u/), para três em posição postônica final (/i, a, u/). Segundo Vieira (2014, p. 56), “tais reduções são consequência da diminuição da força expiratória, favorecendo, em posição átona, o processo de elevação, muito comum em quase todas as variedades do português”.

A redução vocálica em posição átona é um processo relativamente natural nas línguas do mundo (CROSSWHITE, 2004). A redução ou elevação das vogais médias verifica-se em diferentes línguas românicas, como no italiano (SAVOIA, 2016) ou no espanhol (HUALDE, 2005). Não se espera, portanto, que a elevação no português falado em Esquina Barra Funda seja induzida pelo contato. Ao contrário, como sugerido na introdução, o contato com o alemão parece prevenir a aplicação da regra. Por consequência, maiores proporções de elevação devem decorrer de um eventual aumento do monolinguismo-português na comunidade.

Outro aspecto que pode ser interpretado como natural no que se refere à elevação das vogais /e, o/ em posições átonas em português é o fato de a vogal /o/ exibir maiores proporções de elevação do que /e/ em diferentes variedades (VIEIRA, 2014). De acordo com Bisol (2014), embora /i/ e /u/ sejam tratadas, ambas, como vogais altas, elas têm um diferente espaço de articulação na configuração bucal: o ponto mais

¹¹ Como sugere a explicação de Silva (2011, p. 189) para redução vocálica, além da alteração na propriedade de altura, a elevação de /e/ e /o/ em sílaba postônica final aberta implicaria também a centralização das vogais, razão por que empregamos os símbolos [ɪ] e [ʊ] em nossos exemplos, embora mantenhamos no trabalho a designação genérica ‘elevação’.

alto correspondente à elevação da língua é o da vogal /i/, enquanto /u/ é consideravelmente mais baixo e levemente mais alto do que a vogal /e/. A razão fisiológica para esse fato é que, na cavidade bucal, o espaço destinado à articulação das vogais frontais /i, e, ε/ é maior do que o espaço destinado à articulação das vogais posteriores /u, o, ɔ/. Portanto, a vogal /u/ é menos alta do que a vogal /i/ (BISOL, 2014, p. 26).

Como consequência, a elevação de /o/ a /u/ seria articulatoriamente menos custosa do que a elevação de /e/ a /i/. Proporções distintas de elevação de /e, o/ são então esperadas, mesmo em contexto de monolinguismo-português. Como veremos (seção 4), a essa restrição soma-se uma influência específica do contato como o alemão, que potencializa a diferença nas proporções de aplicação verificadas.

2.2 Estudos anteriores

A elevação variável das vogais médias postônicas é um processo relativamente bem estudado no português falado no Rio Grande do Sul (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMAN, 2001; SILVA, 2009; MILESKI, 2013; LINK, 2015). Há flutuação nos índices de aplicação da regra em diferentes comunidades do estado, o que alimenta a hipótese (VIEIRA, 1994, 2002) de a pauta vocálica átona do português, pretônica ou postônica, consistir em um sistema de cinco vogais, apenas variavelmente reduzido.

Embora se possa afirmar que “uma característica comum a esses estudos é a correlação, feita pelos autores, entre a preservação das vogais e a formação étnica de determinadas regiões [...]” (VIEIRA, 2014, p. 58), o conjunto de trabalhos não é consensual no que se refere aos condicionadores linguísticos do processo. Vieira e Silva (2015) comparam os resultados obtidos pelos estudos para as variáveis Contexto Fonológico Precedente (velares e palatais; nasais; s/z; dorsais), Contexto Fonológico Seguinte (alveolares, velares e palatais; [s, n, m, l]; vogais), Tipo de Sílabas (sílabas com

coda [s]; sílaba sem coda), Classe Gramatical (numerais, verbo e advérbios; numerais e advérbios em -mente), Contexto Vocálico (vogal alta na tônica; sem vogal alta na tônica). Verificam que todos os fatores de cada uma dessas variáveis se revelam condicionadores do processo, a maioria somente em uma das análises. Ou seja, com base nesse conjunto de estudos, não se pode generalizar e dizer que apenas certos fatores condicionem a elevação. Tal falta de consenso possivelmente se deva não só a procedimentos metodológicos e de coleta de dados distintos, mas também a diferenças nas características sociais (população maior ou menor, mais urbana ou mais rural) e linguísticas (monolíngue ou bilíngue, língua de adstrato) das comunidades de fala investigadas.

No que se refere a análises sociolinguísticas variacionistas da elevação no português de contato com alemão como língua de imigração, é relevante revisar Schmitt (1987) e Vieira (1994). Vimos (Introdução) que ambas as autoras levantam dados do mesmo *corpus* e consideram o município de Taquara como representativo de populações de base étnica alemã. Além disso, contemplam tanto /e, o/ postônicos em posição não-final e final. No entanto, as análises diferem no número de informantes e comunidades contempladas: Taquara, Santana do Livramento e Monte Bérico (no município de Veranópolis) em Schmitt (1987), e essas três comunidades mais Porto Alegre em Vieira (1994). Diferem também na análise efetivamente realizada. Schmitt (1987) dividiu o conjunto de dados por etnia e os analisou separadamente. Já Vieira (1994) considerou Etnia uma de suas variáveis independentes. A Tabela 1 traz as proporções de aplicação por etnia verificadas nas duas análises.

Tabela 1 – Proporções de aplicação da elevação das vogais médias postônicas finais por etnia verificadas por Schmitt (1987) e Vieira (1994).

		Schmitt (1987)		Vieira (1994)	
Etnia		aplic./total	%	aplic./total	%
alemã		1562/1713	91%	1418/1824	78%
/o/	fronteiriça	2568/2747	93%	1539/2316	66%
	italiana	1751/2480	71%	914/1519	60%
	metropolitana	-	-	1397/1472	95%
alemã		944/1057	89%	557/1530	36%
/e/	fronteiriça	1487/1924	77%	315/1456	22%
	italiana	713/1509	47%	208/1135	18%
	metropolitana	-	-	928/1366	68%

Fonte: adaptada de Schmitt (1987) e Vieira (1994).

As proporções de aplicação da regra são maiores em Schmitt (1987) do que em Vieira (1994) para todas as etnias em ambas as vogais, sendo as de /e/ relativamente mais baixas do que as de /o/. Chamam atenção os resultados para a etnia alemã: em torno de 90% de elevação para /o/ e /e/ em Schmitt (1987), 78% e 36% respectivamente em Vieira (1994). Como já afirmamos na Introdução, caso a análise quantitativa confirme o que a oitiva do português falado em Esquina Barra Funda sugere, é preciso explicar os baixos índices de aplicação da regra em Esquina Barra Funda, comunidade de base étnica alemã, o que talvez se deva a especificidades da organização social da comunidade e de sua situação de bilinguismo.

As variáveis controladas por Schmitt (1987) e Vieira (1994) são praticamente as mesmas: Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Classe Gramatical, Posição da Sílabas (postônica final, postônica não final), Tipo de Entrevista (teste, fala livre). Só Schmitt (1987) controlou Juntura (final, plural, sândi, compostos, sem juntura), Posição no Sintagma Frasal (final de enunciado, outras). Só Vieira (1994) controlou as variáveis linguísticas Tipo de Sílabas, Contexto Vocálico, além das variáveis sociais Etnia, Sexo.

Em Schmitt (1987), no que se refere apenas à etnia alemã, os fatores favorecedores da elevação são: posição final (de paroxítonas) para /o/, posição não final (de proparoxítonas) para /e/; sândi para /o/, final e compostos para /e/; obstruintes labiais e soantes precedentes para /o/, obstruintes velares e palatais precedentes para /e/; obstruintes alveolares, velares, palatais seguintes para /o/, obstruintes alveolares, velares, palatais e soantes seguintes para /e/; posição não final no enunciado para /e/. Em Vieira (1994), que não separou os dados por etnia, mostram-se favorecedores da elevação de /e/ o fator social metropolitanos e os fatores linguísticos vogal alta precedente, consoantes nasais e oclusivas precedentes, sílaba sem coda ou com coda /s/, sílaba final leve; favorecem a elevação de /o/ o fator social metropolitanos e os fatores linguísticos vogal alta precedente, consoantes oclusivas precedentes, sílaba com coda /s/, sílabas finais (leves e pesadas).

A revisão de Schmitt (1987) e Vieira (1994) mostra que a elevação de /e/ e de /o/ é condicionada por grupos distintos de fatores. Em comum há o papel (favorecedor) de sílaba final leve (ou aberta), o que motivou o recorte de objeto do presente estudo. Exceto pelas variáveis Juntura e Posição do Sintagma Frasal, de Schmitt (1987), e Tipo de Entrevista, presentes nas duas análises, controlaremos todas as demais variáveis, para garantir a comparabilidade dos estudos. Serão acrescentadas (ver seção 3) as variáveis sociais Idade, Escolaridade, Bilinguismo.

2.3 A comunidade de fala, práticas bilíngues e contato linguístico

Esquina Barra Funda localiza-se no interior do município de Novo Machado, situado no noroeste do Rio Grande do Sul. Novo Machado faz fronteira fluvial (Rio Uruguai) com a Argentina, mas não há ponte na localidade que viabilize o trânsito entre fronteiras. Ou seja, apesar da relativa proximidade, os habitantes de Novo Machado, principalmente os de Esquina Barra Funda, não têm contato regular com hispanofalantes argentinos.

Figura 1 – Novo Machado no Rio Grande do Sul e no Brasil.



Fonte: elaborada pelos autores.

Fatos referentes à imigração alemã ocorrida no Rio Grande do Sul relacionam-se à situação linguística e social de Esquina Barra Funda. Segundo Roche (1969), o estado experimentou duas grandes fases de imigração (Quadro 1).

Quadro 1 – Fases da imigração alemã no Rio Grande do Sul.

Fase 1		Fase 2	
De 1824 a 1830	De 1848 a 1874	De 1874 a 1889	De 1890 a 1914
<ul style="list-style-type: none"> · Governo imperial · Fundação da colônia de São Leopoldo ao Longo do Rio dos Sinos, próximo a Porto Alegre · Cerca de 5.300 imigrantes 	<ul style="list-style-type: none"> · Governo Geral · Fundação das colônias de Santa Cruz (1849), Santo Ângelo (1855), Nova Petrópolis (1858), Monte Alverne (1859) · Cerca de 10.000 imigrantes 	<ul style="list-style-type: none"> · Governo Geral · Emancipação, em 1881, das colônias de Santo Ângelo, Nova Petrópolis e Monte Alverne · Cerca de 10.000 imigrantes 	<ul style="list-style-type: none"> · Governo do estado · Desenvolvimento dos núcleos de Guaporé (1892), Dona Francisca e Botucaraí (1890), Toropi (1890), Ijuí (1890) e Guarani (1891) · Mais de 17.000 imigrantes

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Roche (1969) e Herédia (2001).

Se, na primeira fase, o objetivo era o de os imigrantes não só ocupassem terras e as lavrassem, mas também as defendessem – o que atraiu sobretudo agricultores e

soldados alemães, alguns artesãos (metalurgia) –, a segunda fase almejou ocupar e cultivar as terras no oeste do estado. Nessa fase, funda-se o núcleo de Guarani (1891), de que derivou Santa Rosa e, dessa, Novo Machado, município em que se localiza Esquina Barra Funda.

Conforme Scheid e Priebe (1997), Novo Machado surge em 1918. Esquina Barra Funda é uma de suas localidades rurais, fundada apenas em 1940. Não se sabe a condição administrativa de Esquina Barra Funda, se bairro ou distrito. Os habitantes de Esquina Barra Funda chamam-na ‘comunidade’, termo que a prefeitura de Novo Machado adota em seu site para referir-se a localidades como Esquina Barra Funda em seu link de notícias:

São **comunidades** [grifo nosso] inseridas numa região com uma produção agropecuária expressiva, tendo na agricultura sua principal atividade, seguida da pecuária leiteira, corte, fumo e suinocultura. A imigração de italianos, alemães, poloneses, está presente de forma expressiva nesta região com caracterização de agricultores familiares em sua totalidade. As populações residentes nessas **comunidades** [grifo nosso] são compostas por várias famílias.

(<https://www.novomachado.rs.gov.br/site/noticias/obras/28437-boa-vista-esquina-carvalho-barra-funda-e-barra-fundinha-recebem-manutencao-nas-estradas>, acesso em 11 jan. 2019).

A notícia refere-se às ações de patrolar e cascalhar estradas vicinais não pavimentadas. Estradas como essas, que ligam Esquina Barra Funda à zona urbana de Novo Machado, são evidências de que persistem, nas áreas rurais brasileiras, condições de existência que levam ao isolamento e à autonomia da comunidade, baseadas em uma economia de subsistência. Desde o final do período colonial no Brasil, as áreas rurais vêm mantendo “relações precárias com as áreas urbanas e as áreas de produção agrícola mercantil” (DURHAM, 2004, p. 138). Embora, como os demais imigrantes europeus, os colonos alemães em Esquina Barra Funda tenham tido

acesso à posse da terra¹², faltava-lhes capital. O próprio trabalho (agrícola) e o da família garantiram sua sobrevivência, e o auxílio mútuo de vizinho ou moradores próximos ajudou a contornar adversidades. Essas condições fortaleceram a família como núcleo produtivo e transformaram laços de parentesco e compadrio em base da organização social local, ainda hoje sustentadores das atividades cotidianas e da situação de bilinguismo de Esquina Barra Funda.

Exceto pelo tabaco, vendido para a indústria fumageira, os cerca de 320 habitantes de Esquina Barra Funda criam animais e produzem pequenas quantidades de milho, hortaliças e legumes para consumo próprio. Há em Esquina Barra Funda uma agroindústria produtora de aguardente, consumida em Novo Machado e regiões vizinhas; uma padaria, dois minimercados, dois bares e uma oficina mecânica; uma escola (de Ensino Fundamental) e duas igrejas, uma católica e uma evangélica, sendo que a maior parte da população é evangélica. Uma comunidade rural como Esquina Barra Funda, de poucos e solidários habitantes, com uma base étnica comum, valores religiosos e possivelmente morais compartilhados, tende a falar um vernáculo local em grupos onde todos se conhecem e interagem. Havendo bilíngues português-alemão na comunidade, qual é o vernáculo local?

A maior parte dos habitantes de Esquina Barra Funda é bilíngue, fala português e alemão-russo, língua vinda com imigrantes alemães originários do leste europeu e inicialmente estabelecidos na colônia Guarani (ver Quadro 1). Dentre os bilíngues, as pessoas mais idosas são aquelas para quem o alemão é a língua vernacular: utilizam-na nas pequenas atividades diárias, como idas ao comércio e no encontro com vizinhos. Os mais jovens dão preferência ao português nas trocas linguísticas com seus

¹² De acordo com Scheid e Priebe (1997), a ocupação das terras foi negociada com a empresa Dahne Conceição, que vendia as terras à vista ou em prestações. Os pagamentos podiam ser efetuados em prestação de serviços. Os colonos ajudavam na construção e melhoria das estradas de acesso à comunidade e a localidades próximas.

pares, mas usam a língua alemã com seus familiares, em casa. Seu vernáculo pode ser, portanto, o português ou o alemão, a depender do grupo de interação.

A língua alemã é essencialmente oral em Esquina Barra Funda. Os únicos registros escritos são alguns panfletos da igreja evangélica (em alemão padrão), distribuídos em datas comemorativas, porém sem grande alcance. As famílias transmitem oralmente a língua; não existe, no sistema escolar, a oferta de alemão.

No nível da comunidade, alemão e português convivem em diferentes grupos de prática¹³. Por exemplo, aos sábados e domingos à tarde, o salão da igreja (católica) recebe senhores para jogos de baralho. Os integrantes de uma mesa falam alemão, os da mesa ao lado, português. Há alternância de código, seja para chamar o atendente por mais bebida, seja para contar uma piada ou descrever alguma jogada para o grupo ao lado. Na cancha de bocha, tanto jogadores quanto grupos que aguardam para jogar falam ora alemão, ora português. Quando a maioria é monolíngue-português, essa é a língua predominante, o que não impede alguns participantes de seguir falando alemão. É o que fazem os jovens: também no salão, reunidos aos finais de semana para jogar futebol ou simplesmente escutar música e conversar, os jovens falam português, apesar de não serem incomuns diálogos em alemão entre eles. As senhoras evangélicas realizam reuniões periódicas da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas no salão de sua igreja. Jogam bolãozinho, baralho, confraternizam com comes e bebes. Falam alemão nesse espaço, mesmo na presença de quem não fale. Se uma pergunta é feita em português, a resposta pode ser em alemão, uma vez que todas entendem o que é dito.

A língua alemã é mais presente nos cultos da igreja evangélica e a maior parte dos habitantes de Esquina Barra Funda é evangélica. Poucos são os frequentadores das missas católicas e, entre estes, poucos falam alemão. Na escola, as aulas são

¹³ Neste trabalho, grupos de prática é o mesmo que comunidades de prática na acepção de Eckert (2000). Os dados de observação participante vêm de Link (2019).

ministradas em português. Nos encontros do Círculo de Pais e Mestres, também fala-se português, mesmo que a maioria dos pais ali presentes seja bilíngue e fale também alemão. O alemão é usado para negociações locais, quando algum morador busca na casa de outros os produtos que lhe interessam e oferece seus produtos em troca. Na diretoria da comunidade evangélica, no planejamento da tradicional festa de Kerb, realizada anualmente desde 1953, a língua de preferência é o alemão.

Usando dois dos três tipos de situação de contato português-línguas de imigração propostos por Altenhofen e Margotti (2011, p. 295), verifica-se, então, em Esquina Barra Funda “(a) o português de falantes bilíngues¹⁴ que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue, (b) o português de falantes monolíngues [português] que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue”, sendo que a maior parte da população encaixa-se no primeiro tipo. Isso se deve não só a uma história de imigração relativamente recente, mas também à ruralidade de Esquina Barra Funda que, distante de centros urbanos, experimenta um certo isolamento econômico e cultural reforçador de práticas sociais e linguísticas locais. O português local apresenta traços peculiares ao contato com o alemão: desvozeamento de plosivas em *onset* silábico ([t]etergente por detergente, [p]atata por batata), emprego de vibrante simples em lugar de múltipla (aroz por arroz), ausência de concordância de gênero em sintagmas nominais (ess[e] casa). Investigamos aqui um traço em específico, a elevação das vogais médias postônicas, de baixa aplicação na comunidade.

¹⁴Pelo que se viu, há em Esquina Barra Funda sujeitos que compreendem e falam alemão, e há sujeitos que apenas compreendem, não falam alemão. Instanciam bilinguismo produtivo e bilinguismo receptivo, respectivamente, conforme Baetens Beardsmore (1986), termos que adotaremos aqui.

3. Metodologia

A elevação variável das vogais /e, o/ em sílaba átona e aberta em final de vocábulo (cinc[o] ~ cinc[ɔ], hoj[e] ~ hoj[ɪ]) foi analisada como variável (resposta) binária. Distinguiram-se, de oitiva, dados em que houve elevação (aplicação da regra) de dados em que não houve elevação (não aplicação da regra)¹⁵.

A amostra contém 7.082 contextos de elevação extraídos de entrevistas sociolinguísticas de 18 informantes (LINK, 2015), estratificados por gênero (feminino, masculino), escolaridade (até 4 anos, de 4 a 8 anos e mais de 8 anos de escolaridade), idade (15 a 35 anos, 36 a 57 anos e 58 anos ou mais de idade).

Todos os informantes nasceram e cresceram em Esquina Barra Funda, e só se ausentaram da comunidade por pouco tempo (menos de 1 ano). Na entrevista, responderam a questões descritivas de caráter geral (Como é a vida aqui na comunidade?), sobre percepções da comunidade (De que mais gosta na comunidade?), a vida na infância (Que brincadeiras fazia na infância?), os anos de escola (Como foi frequentar a escola?) e eventos de vida (Qual o momento mais difícil por que passou na vida?). Exceto por duas entrevistas, realizadas em 2013, as demais ocorreram ao longo de 2014. Os informantes foram contatados previamente à realização das entrevistas, agendadas e então efetuadas com seu consentimento, geralmente nas residências dos informantes, em local silencioso. As entrevistas tiveram em torno de uma hora, foram gravadas com gravador de voz digital Sony icd-px333 em formato .mp3. Entre os 18 entrevistados, há professores, trabalhadores rurais e donos de estabelecimentos comerciais. Os entrevistados, em sua maioria, não demonstraram desconforto com o fato de serem gravados, provavelmente por conhecerem o entrevistador, membro da comunidade. A maior parte é bilíngue português-alemão:

¹⁵ Esse procedimento é o mesmo adotado por Schmitt (1987) e Vieira (1994). Reconhecemos, como as autoras, que uma análise fonética das realizações vocálicas efetivamente produzidas poderia revelar diferentes graus de altura das vogais postônicas finais. Para comparabilidade dos resultados, no entanto, optamos por controlar apenas a elevação ou não das vogais.

bilíngues produtivos (8 falam e compreendem alemão), ou receptivos (6 compreendem alemão). Os demais são monolíngues-português. O entrevistador é bilíngue receptivo. No Quadro 2, os 18 informantes são identificados pelas letras (maiúsculas) de A a R e dispostos nos estratos (por Gênero, Idade, Escolaridade, Bilinguismo) em que se encaixam, assinalados com X.

Quadro 2 – Estratificação dos informantes.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
feminino	X		X	X			X	X		X		X			X		X	
masculino		X			X	X			X		X		X	X		X		X
15 a 35 anos	X	X				X	X	X	X									
36 a 57 anos				X	X					X	X	X	X					
58 ou + anos			X											X	X	X	X	X
Até 4 anos	X		X		X	X				X				X				
4 a 8 anos		X		X			X				X				X	X		
+ de 8 anos								X	X			X	X				X	X
produtivo		X	X	X	X						X		X	X			X	
receptivo	X					X				X		X				X		X
monolíngue							X	X	X						X			

Fonte: elaborado pelos autores.

Para a extração dos dados, feita de oitiva, foram considerados de 25 a 30 minutos de cada entrevista, descartando-se os 5 minutos iniciais da gravação. Dados com ruídos ou que causassem dúvidas sobre sua realização elevada ou não elevada foram desconsiderados. Foram desconsiderados também dados em final de enunciado após os quais houvesse pausa. Por isso, todos os dados incluídos na análise possuem contexto fonológico seguinte, correspondente ao segmento (vocálico ou consonantal) no início da palavra seguinte.

Realizaram-se análises estatísticas de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos, com a plataforma R (R Core Team, 2018) usando a função `glmer` do pacote `lme4`. Procedeu-se à análise em duas etapas: global, com os dados de /e/ e de /o/ juntos; e por vogal, com os dados das vogais /e/ e /o/ em separado.

As variáveis (nominais) predictoras inicialmente controladas são as listadas de (a) a (i) a seguir, mais as variáveis aleatórias Informante e Item Lexical. A variável Vogal-Alvo só foi incluída na etapa global de análise.

- (a) Contexto fonológico precedente: vogal (desafio, série), labial (tempo, fome), dorsal (jogo, muque), coronal [+ant] (ano, parte), coronal [-ant] (filho, foge), /s, z/ (doce, poço, fase, vaso), /r/ (morro, varre);
- (b) Contexto fonológico seguinte: vogal (todo ano, triste assim), labial (carro velho, doce bom), dorsal (zero grau, peixe cru), coronal [+ant] (ano novo, fase leve), coronal [-ant] (muito cheio, gente jovem);
- (c) Posição do acento na palavra: proparoxítono (médico, hóspede), paroxítono (porco, carne);
- (d) Vogal na sílaba tônica: alta (filho, clube), não alta (gato, sorte);
- (e) Vogal-alvo: /o/ (pato), /e/ (triste);
- (f) Gênero: masculino, feminino;
- (g) Idade: 15 a 35 anos, 36 a 57 anos, 58 ou mais anos;
- (h) Escolaridade: até 4 anos (fundamental incompleto), 4 a 8 anos (fundamental completo), mais de 8 anos (médio e superior);
- (i) Bilinguismo: bilíngue, não bilíngue.

As variáveis sociais Idade e Escolaridade corresponderam a critérios de seleção dos informantes de cujas entrevistas se levantaram os dados analisados. A amostra é equilibrada em relação a essas variáveis. Já Bilinguismo e os níveis a princípio considerados na variável (produtivo, receptivo, monolíngue) não são equilibrados, resultaram do que os informantes responderam ao preencher a Ficha Social¹⁶. Por essa razão, testou-se (por meio de um teste de qui-quadrado de Pearson) se havia diferença

¹⁶ Link (2015) registrou informações de perfil dos informantes (endereço, idade, gênero, profissão, escolaridade, contatos) em uma Ficha Social.

significativa nas proporções de aplicação entre os níveis produtivo, receptivo, monolíngue. Verificou-se não haver diferença significativa entre os níveis receptivo e monolíngue, mas haver entre o agrupamento de receptivo mais monolíngue e produtivo. Por essa razão, a variável Bilinguismo passou a conter apenas dois níveis, renomeados como bilíngue (produtivo) e não bilíngue (receptivo + monolíngue).

4. Resultados

4.1 Análise global

Foram 7.082 os contextos de elevação (vogais /e/ e /o/ juntas) analisados. Houve 9,8% de aplicação e 90,2% de não aplicação da regra. Essas proporções confirmam a primeira impressão que se tem ao falar (português) com os habitantes de Esquina Barra Funda, de que eles quase não elevam as vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo.

Todas as variáveis predictoras foram submetidas, inicialmente, a um teste de diferença de proporção de aplicação nos seus diferentes níveis (teste qui-quadrado de Pearson). As variáveis Posição do acento na palavra, Gênero e Escolaridade não apresentaram valor-p significativo e não foram, por essa razão, incluídas nas análises de efeitos mistos, exceto Escolaridade, sobre que se testou a interação com Idade (Tabela 3).

O modelo de efeitos mistos na Tabela 2, com as variáveis Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal na sílaba tônica, Idade, Vogal-Alvo e Bilinguismo, mostra que a elevação se correlaciona a Contexto Fonológico Precedente e Seguinte. Todos os fatores de Contexto Fonológico Precedente desfavorecem a elevação, destacando-se o papel inibidor das consoantes coronal [+anterior], [r], [s,z] e labial precedentes. Em Contexto Fonológico Seguinte, as consoantes coronal [-anterior] desfavorecem a aplicação da regra.

Nenhuma variável social se correlaciona à elevação no Modelo 1, Tabela 2. É possível que haja interação entre elas. Com base em estudos como o de Mileski (2013), que verificou a interação de Escolaridade e Idade na elevação de /o/ no português de contato, testou-se a interação na análise das vogais /e/ e /o/ juntas. O resultado está na Tabela 3.

Tabela 2 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos).

N = 7082

Intercepto = -2,54987

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	116/413 (28%)				
Coronal [-anterior]	95/688 (13,8%)	-2,991	1,207	-2,478	0,0132 *
Coronal [+anterior]	302/3.743 (8%)	-5,140	1,036	-4,959	< 0,001 ***
[r]	34/584 (5,8%)	-4,168	1,122	-3,713	< 0,001 ***
[s, z]	70/915 (7,6%)	-5,930	1,478	-4,011	< 0,001 ***
Labial	69/662 (10,4%)	-4,625	1,138	-4,062	< 0,001 ***
Vogal	9/77 (19%)	-7,104	2,758	-2,575	0,0100 *
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	271/2.567 (31%)				
Dorsal	69/796 (33%)	0,097	0,187	0,518	0,6046
Labial	168/1.400 (8%)	0,130	0,132	0,986	0,3242
Coronal [-anterior]	5/130 (18%)	-1,844	0,624	-2,951	0,0031 **
Coronal [+anterior]	182/2.189 (8,3%)	0,115	0,126	0,914	0,3606
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	366/5.099 (7,2%)				
Alta	329/1.983 (16,6%)	-0,253	0,330	-0,768	0,4426
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	277/2.410 (11,5%)				
36 a 57 anos	214/2.282 (9,4%)	-0,011	0,167	-0,105	0,9166
58 ou mais anos	204/2.390 (8,5%)	-0,220	0,161	-1,370	0,1707
Vogal-alvo					
/e/ (valor de referência)	73/2.304 (3,2%)				
/o/	622/4.778 (13%)	0,506	0,472	1,073	0,2833
Bilinguismo					
Bílingue	280/3.317 (8,4%)				
Não bílingue	415/3.765 (11%)	0,251	0,139	1,798	0,0721

Modelo 1. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V. TÔNICA + IDADE + V. ALVO + BILINGUISTO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

Tabela 3 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos) com a interação de Idade e Escolaridade.

N = 7082

Intercepto = -5,01828

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	116/413 (28%)				
Coronal [-anterior]	95/688 (13,8%)	-2,029	1,185	-1,712	0,086 .
Coronal [+anterior]	302/3.743 (8%)	-3,647	0,913	-3,992	< 0,001 ***
[r]	34/584 (5,8%)	-2,883	1,026	-2,809	0,004 **
[s,z]	70/915 (7,6%)	-3,051	1,298	-2,350	0,018 *
Labial	69/662 (10,4%)	-2,861	1,079	-2,651	0,008 **
Vogal	9/77 (19%)	-3,519	1,869	-1,883	0,059 .
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	271/2.567 (31%)				
Dorsal	69/796 (33%)	-0,025	0,191	-0,133	0,894
Labial	168/1.400 (8%)	0,157	0,132	1,193	0,232
Coronal [-anterior]	5/130 (18%)	-2,073	0,697	-2,972	0,002 **
Coronal [+anterior]	182/2.189 (8,3%)	0,076	0,127	0,602	0,546
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	366/5.099 (7,2%)				
Alta	329/1.983 (16,6%)	0,166	0,353	0,472	0,636
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	277/2.410 (11,5%)				
36 a 57 anos	214/2.282 (9,4%)	-0,485	0,245	-1,974	0,048 *
58 ou mais anos	204/2.390 (8,5%)	-0,862	0,296	-2,907	0,003 **
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	260/2.694 (9,6%)				
De 4 a 8 anos	240/2.328 (10,3%)	-0,332	0,239	-1,390	0,164
Mais de 8 anos	195/2.060 (9,5%)	-0,572	0,240	-2,378	0,017 *
Vogal-alvo					
/e/ (valor de referência)	73/2.304 (3,2%)				
/o/	622/4.778 (13%)	0,470	0,518	0,908	0,364
Bilinguismo					
Bilíngue	280/3.317 (8,4%)				
Não bilíngue	415/3.765 (11%)	0,118	0,172	0,688	0,491
Idade: Escolaridade					
36 a 57 anos: 4 a 8 anos		0,425	0,339	1,255	0,209
58 ou mais anos: 4 a 8 anos		0,764	0,424	1,802	0,071
36 a 57 anos: + de 8 anos		0,588	0,340	1,729	0,083
58 ou + anos: + de 8 anos		0,875	0,363	2,408	0,016 *

Modelo 2. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V. TÔNICA + IDADE*ESCOLARIDADE + V. ALVO + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

A análise confirma a interação entre Idade e Escolaridade. Inserindo-se a interação no Modelo 2 (Tabela 3), mantém-se a correlação de elevação com Contexto Fonológico Precedente: as consoantes coronais [+anterior], [r], [s,z] e labial que antecedem a vogal desfavorecem a aplicação da regra. O efeito de Contexto Fonológico seguinte é o mesmo: as consoantes coronais [-anterior] que seguem a vogal desfavorecem a elevação. Já a variável Idade passa a exibir correlação, seus fatores 36 a 57 anos e 58 ou mais anos inibindo o processo. Há correlação da variável Escolaridade com a elevação, desfavorecida pelo fator Mais de 8 anos.

Com a análise global dos dados, constata-se que os contextos fonológicos precedente e seguinte à vogal têm papel na resistência à elevação das médias postônicas finais no português falado em Esquina Barra Funda, assim como a interação de Idade e Escolaridade. Resta saber se esses efeitos se mantêm na análise dos dados de /e/ e de /o/ em separado.

4.2 Análise dos dados de /e/

São 2.304 os dados de /e/ na amostra. Desses, apenas 73 (3,2%) elevam-se, 2.231 (96,8%) não se elevam. Essa proporção de aplicação é muito baixa e autorizaria a afirmar que praticamente não há variação de /e/ em Esquina Barra Funda. Provavelmente, essa é a razão de, com exceção das variáveis Contexto Fonológico Precedente e Contexto Seguinte, todas as demais variáveis linguísticas e sociais não terem exibido valores-p significativos ao serem submetidas ao teste qui-quadrado e não terem sido, assim, incluídas no modelo de elevação de /e/ (Modelo 3, Tabela 4).

As variáveis Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte correlacionam-se à elevação: uma vogal que antecede /e/ e consoantes labiais e coronais [+anterior] que seguem a vogal-alvo desfavorecem a aplicação da regra. Supondo, como na análise global, haver interação de variáveis sociais na elevação de /e/, inseriu-se a interação de Idade com Escolaridade no modelo, o que resultou inócuo.

Decidiu-se então incluir, além dessa interação, as demais variáveis sociais no modelo, mais a variável linguística Vogal na Sílabas Tônicas (Tabela 5).

Tabela 4 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/) com variáveis Contexto Fonológico Precedente e Seguinte.

N = 2304

Intercepto = -7,4443

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	16/22 (72,7%)				
Coronal [-anterior]	40/238 (16,8%)	0,673	3,695	0,182	0,855
Coronal [+anterior]	8/1435 (0,55%)	-3,658	3,019	-1,211	0,225
[r]	0/237 (0%)	-3,758	5,522	-0,681	0,496
[s,z]	6/312 (1,92%)	-2,279	3,145	-0,725	0,468
Labial	3/59 (5,08%)	0,223	3,300	0,068	0,945
Vogal	0/1 (0%)	-1035,0	512,0	-2,022	0,043 *
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	58/716 (31%)				
Dorsal	6/292 (33%)	-1,246	0,689	-1,808	0,070 .
Labial	4/359 (8%)	-2,286	0,921	-2,481	0,013 *
Coronal [-anterior]	0/71 (18%)	-6,477	7,309	-0,886	0,375
Coronal [+anterior]	5/866 (8,3%)	-4,449	1,200	-3,707	< 0,001 ***

Modelo 3. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

O Modelo 4 (Tabela 5) confirma a correlação das variáveis Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte com a elevação: as consoantes coronais [+anterior] e [s,z] precedentes desfavorecem a aplicação do processo, bem como as consoantes labial, dorsal e [r] seguintes. No entanto, nenhuma das demais variáveis exibe correlação com a elevação de /e/. Isto deve decorrer do baixo índice de elevação de /e/ postônico final em Esquina Barra Funda, o que, por seu turno, encontra motivação no contato com o alemão falado localmente.

Tabela 5 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/) com as variáveis sociais e a variável Vogal na Sílabas Tônica.

N = 2304

Intercepto = -5,01828

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	16/22 (72,7%)				
Coronal [-anterior]	40/238 (16,8%)	-4,004	3,468	-1,166	0,243
Coronal [+anterior]	8/1.435 (0,55%)	-8,904	2,955	-3,013	0,002 **
[r]	0/237 (0%)	-4,427	4,359	0,000	0,999
[s,z]	6/312 (1,92%)	-7,099	3,105	-2,287	0,022 *
Labial	3/59 (5,08%)	-4,966	3,523	-1,410	0,158
Vogal	0/1 (0%)	-1,933	5,236	0,000	0,999
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	58/716 (31%)				
Dorsal	6/292 (33%)	-1,516	7,525	-2,014	0,043 *
Labial	4/359 (8%)	-2,289	9,495	-2,411	0,015 *
Coronal [-anterior]	0/71 (18%)	-1,374	2,560	-0,054	0,957
Coronal [+anterior]	5/866 (8,3%)	-3,985	9,716	-4,102	< 0,001 ***
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	67/2.172 (3,1%)				
Alta	6/132 (4,5%)	-1,793	2,710	-0,662	0,508
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	32/792 (4%)				
36 a 57 anos	20/767 (2,6%)	-1,543	8,771	-1,759	0,078
58 ou mais anos	21/746 (2,8%)	-1,377	1,043	-1,321	0,186
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	24/844 (2,8%)				
De 4 a 8 anos	29/789 (3,7%)	-5,834	7,479	-0,780	0,435
Mais de 8 anos	20/671 (3%)	-4,288	7,269	-0,590	0,555
Bilinguismo					
Bílingue	30/1.080 (2,8%)				
Não bilíngue	43/1.224 (3,5%)	6,517	6,200	0,011	0,991
Idade: Escolaridade					
36 a 57 anos: 4 a 8 anos		1,901	1,170	1,625	0,104
58 ou mais anos: 4 a 8 anos		1,559	1,460	1,067	0,285
36 a 57 anos: + de 8 anos		1,621	1,128	1,437	0,150
58 ou + anos: + de 8 anos		5,318	1,318	0,404	0,686

Modelo 4. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + V. TÔNICA + IDADE*ESCOLARIDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

De acordo com Altenhofen (comunicação pessoal, conforme publicado em ALTENHOFEN, 1996), em uma variedade de alemão como o *Hunsrückisch*, falada em outras comunidades do Rio Grande do Sul, -e final se realiza como *schwa* (uma vogal

média central) em substantivos neutros e masculinos que seriam terminados em -en no alemão padrão (al. p.). A nasal cai quase categoricamente em *Hunsrückisch*: *das Lewe* (*das Leben* 'vida' em al. p.), *das Medche* (*das Mädchen* 'menina' em al. p., *idem* demais diminutivos), *der Mooche* (*der Magen* 'estômago' em al. p.), só se mantendo em determinados monossílabos como *gehn* 'caminhar', *Reen* 'chuva', por exemplo. Nos substantivos femininos singular, -e cai em *Hunsrückisch*, mas é acrescido/mantido no plural: *die Schul*, plural *Schule* (*die Schule*, plural *die Schulen* 'escola' em al. p.). No entanto, conforme o autor, há variação em línguas alemãs de imigração no Brasil, o que vale especialmente para o alemão dos teuto-russos, onde -e final se realiza como vogal média [e]. O falante de hunsriqueano percebe essa "nuance dialetal" e sinaliza a realização [e] para -e final como marca dos *Deitschrusse* (alemães russos). Ou seja, a vogal /e/ postônica final no alemão falado em Esquina Barrafunda parece ter uma função morfossintática. Essa requer a realização de -e final como [e], traço incorporado ao português de contato, que previne a elevação de /e/ final átono. O mesmo não se aplica a /o/. Ainda segundo aquele autor (comunicação pessoal), o alemão (padrão) não apresenta -o final, a não ser em empréstimos. O *Hunsrückisch*, em empréstimos do português, costuma preservar a vogal -o, pronunciando-a [o] o mais das vezes, mas a elevação é possível. Exemplos: *der Disko* (pt. 'o disco'), *der Amigo* (pt. 'o amigo'). A vogal -o final em alemão e variedades não tem uma função morfossintática como -e. Isso possivelmente se relaciona ao fato de, no português de contato, preservar-se mais /e/ do que /o/ da elevação em posição átona final. É o que a análise dos dados de /o/ confirma.

4.3 Análise dos dados de /o/

Os dados de /o/ na amostra são 4.778, dos quais 622 (13%) se elevam, 4.156 (87%) não se elevam. Há variação de /o/ átono final em Esquina Barra Funda. Submetidas ao teste qui-quadrado, mostraram valores-p significativos as variáveis Contexto

Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal na Sílabla Tônica, Idade, Bilinguismo, por essa razão incluídas no modelo de elevação de /o/ (Tabela 6).

Tabela 6 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /o/).

N = 4778

Intercepto = -2,22336

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	100/391 (25,6%)				
Coronal [-anterior]	55/450 (12,2%)	-1,442	0,697	-2,067	0,038 *
Coronal [+anterior]	294/2.308 (12,7%)	-2,631	0,586	-4,485	< 0,001 ***
[r]	34/347 (9,8%)	-2,259	0,687	-3,288	0,001 **
[s,z]	64/603 (10,6%)	-3,303	0,972	-3,395	0,000 ***
Labial	66/603 (10,9%)	-2,316	0,662	-3,498	0,000 ***
Vogal	9/76 (11,8%)	-2,220	0,965	-2,299	0,021 *
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	213/1.851 (11,5%)				
Dorsal	63/504 (12,5%)	0,344	0,194	1,770	0,076 .
Labial	164/ 1.041 (15,8%)	0,472	0,134	3,515	0,000 ***
Coronal [-anterior]	5/59 (9,5%)	-0,879	0,569	-1,545	0,122
Coronal [+anterior]	177/1.323 (13,4%)	0,550	0,131	4,197	< 0,001 ***
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	299/2.927 (10,2%)				
Alta	323/1.851 (17,5%)	0,290	0,284	1,020	0,307
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	245/1.629 (15,1%)				
36 a 57 anos	194/1.515 (12,8%)	-0,082	0,179	-0,460	0,645
58 ou mais anos	204/1.644 (11,1%)	-0,265	0,173	-1,533	0,125
Bilinguismo					
Bilíngue	250/2.237 (11,2%)				
Não bilíngue	372/2.541 (14,6%)	0,249	0,150	1,654	0,098

Modelo 5. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + V. TÔNICA + IDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

A análise confirma, nos dados de /o/, a correlação de Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte com a elevação, já verificada nos dados de /e/ e /o/ juntos, e nos dados de /e/ em separado. Destacam-se, na inibição à regra, as consoantes precedentes coronal [+anterior], [s,z] e labial. Já as consoantes seguintes labial e coronal [+anterior] seguintes favorecem a elevação de /o/. As variáveis sociais

não têm papel nesse modelo (Tabela 6), razão pela qual, como nas análises anteriores (dados de /e/ e /o/ juntos, dados só de /e/), incluiu-se a interação de Idade com Escolaridade (Tabela 7).

Tabela 7 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear geral com efeitos mistos) da elevação (dados de /o/) com a interação de Idade e Escolaridade.

N = 4778

Intercepto = -1,87650

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	100/391 (25,6%)				
Coronal [-anterior]	55/450 (12,2%)	-1,330	0,693	-1,919	0,054 .
Coronal [+anterior]	294/2.308 (12,7%)	-2,259	0,552	-4,088	< 0,001 ***
[r]	34/347 (9,8%)	-1,914	0,667	-2,866	0,004 **
[s,z]	64/603 (10,6%)	-3,029	0,949	-3,190	0,001 **
Labial	66/603 (10,9%)	-2,073	0,645	-3,213	0,001 **
Vogal	9/76 (11,8%)	-3,180	1,207	-2,633	0,008 **
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	213/1.851 (11,5%)				
Dorsal	63/504 (12,5%)	0,226	0,195	1,162	0,245
Labial	164/1.041 (15,8%)	0,300	0,135	2,218	0,026 *
Coronal [-anterior]	5/59 (9,5%)	-0,723	0,534	-1,354	0,175
Coronal [+anterior]	177/1.323 (13,4%)	0,555	0,129	4,273	< 0,001 ***
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	299/2.927 (10,2%)				
Alta	323/1.851 (17,5%)	0,353	0,282	1,252	0,210
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	245/1.629 (15,1%)				
36 a 57 anos	194/1.1515 (12,8%)	-0,451	0,255	-1,766	0,077 .
58 ou mais anos	204/1.644 (11,1%)	-1,222	0,322	-3,787	0,000 ***
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	236/1.850 (12,8%)				
De 4 a 8 anos	211/1.539 (13,7%)	-0,485	0,256	-1,892	0,058 .
Mais de 8 anos	175/1.389 (12,6%)	-0,644	0,257	-2,505	0,012 *
Bilinguismo					
Bilíngue	250/2.237 (11,2%)				
Não bilíngue	372/2.541 (14,6%)	0,046	0,179	0,259	0,795
Idade: Escolaridade					
36 a 57 anos: 4 a 8 anos		0,493	0,351	1,407	0,159
58 ou mais anos: 4 a 8 anos		1,289	0,454	2,838	0,004 **
36 a 57 anos: + de 8 anos		0,518	0,356	1,455	0,145
58 ou + anos: + de 8 anos		1,347	0,391	3,440	0,000 ***

Modelo 6. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + V. TÔNICA + IDADE*ESCOLARIDADE + BILINGUISMO2 + (1 | INFORMANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

Incluindo-se a interação de Idade e Escolaridade no modelo (Tabela 7), verifica-se a correlação dessas duas variáveis com a elevação de /o/: 58 ou mais anos de idade e Mais de 8 anos de escolaridade desfavorecem o processo. Esse resultado pode ser explicado pelas práticas sociais cotidianas em Esquina Barra Funda: sujeitos mais idosos são também os que mais falam alemão, sujeitos de maior escolaridade supostamente realizam mais práticas letradas. Os resultados de Contexto Fonológico Precedente confirmam os efeitos da variável na inibição da elevação, com destaque para os fatores desfavorecedores coronal [+anterior] e vogal precedentes. Já Contexto Fonológico Seguinte correlaciona-se ao processo, mas com fatores favorecedores do mesmo – as consoantes seguintes coronal [+anterior] e labial.

Os resultados das análises realizadas (dados de /e/ e /o/ juntos, dados apenas de /e/, dados apenas de /o/) sugerem que a elevação esteja ingressando progressivamente na comunidade. As proporções de aplicação exibem ligeiro aumento do grupo etário mais velho para os mais jovens. Há mais condicionamento linguístico do que social, o que é peculiar a processos de variação e mudança em início ou finalização em uma comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Assim, pode-se pensar que a resistência à elevação das vogais /e, o/ postônicas finais no português de contato, falado em Esquina Barra Funda corresponda, na verdade, a uma propagação mais lenta da regra na comunidade. Esquina Barra Funda não está imune à elevação das médias em sílaba átona final, processo já bastante avançado em outras variedades de português brasileiro. O futuro da regra no português falado na comunidade dependerá de seu próprio desenvolvimento, o que inclui a manutenção ou não das práticas bilíngues hoje verificadas.

5. Conclusão

A análise da elevação das vogais médias postônicas finais no português de contato com uma língua de imigração em uma comunidade rural brasileira confirma

os baixos índices de elevação percebidos de oitiva. Ao tratar do contato português-alemão na investigação da elevação variável, o estudo dá corpo à sugestão de análises pioneiras do processo (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994), de que a etnia de base das populações pesquisadas respondesse por diferentes proporções de aplicação da regra. A resistência à elevação comprovada no trabalho encontra motivação estrutural também no alemão, língua em que vogais finais têm função gramatical. Tal influência do alemão no português resulta de práticas bilíngues realizadas na comunidade, encaixadas em sua matriz socioeconômica e cultural.

Os resultados do estudo sugerem que a elevação, condicionada sobretudo pelas variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, ingressou no português falado na comunidade e progride lentamente, seguindo tendências verificadas em outras variedades de português, como a de a vogal /o/ apresentar maior proporção de elevação do que a vogal /e/. O incremento na aplicação da regra dependerá de mudanças na própria comunidade, como sugere Labov (2001), entre elas a persistência ou não de práticas bilíngues, o que futuros estudos poderão revelar.

Referências Bibliográficas

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. *In*: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

BAETENS BEARDSMORE, H. **Bilingualism: Basic principles**. 2. ed. Clevedon: Multilingual Matters, 1986.

BATTISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. 1993. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BAYLEY, R. The quantitative paradigm. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. **The handbook of language variation and change**. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p. 117-141. DOI <https://doi.org/10.1111/b.9781405116923.2003.00009.x>

BISOL, L. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. 335 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. Vogais pretônicas. *In*: BISOL, L.; BATTISTI, E. **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 19-33.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARNIATO, M. C. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar**. 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

CROSSWHITE, K. Vowel reduction. *In*: HAYES, B.; KIRCHNER, R.; STERIADE, D. (ed.). **Phonetically based phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 191-231. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486401.007>

DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

GUY, G. The quantitative analysis of linguistic variation. *In*: PRESTON, D. R. (ed.). **American dialect research**. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 223-249. DOI <https://doi.org/10.1075/z.68.11guy>

HERÉDIA, V. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, v. 5, 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-10.htm>. Acesso em: 16 dez. 2018.

HUALDE, J. I. **The sounds of Spanish**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

IBGE. Cidades. Novo Machado, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-machado>. Acesso em: 16 dez. 2018.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – internal factors**. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – social factors**. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

LINK, E. R. **Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta em Esquina Barra Funda – Novo Machado/RS**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LINK, E. R. **Resistência à elevação das vogais médias átonas finais no português em contato com línguas alemãs de imigração no sul do Brasil: variação linguística e práticas sociais**. 2019. 105 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ILESKI, I. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS**. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. *In*: FREITAG, R. M. K. (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014, p. 133-176. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMTDS-10cap>

R Core Team. R: A Language and Environment for Statistical Computing. **R Foundation for Statistical Computing**. Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969 [1962].

ROVEDA, S. D. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano**. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SAVOIA, L. M. Harmonic processes and metaphony in some Italian varieties. *In*: TORRES-TAMARIT, F.; LINKE, K.; van OOSTENDORP, M. (ed.). **Approaches to metaphony in the languages of Italy**. Berlin: De Gruyter, 2016, p. 9-53.

SCHEID, C. M. PRIEBE, G. **Novo Machado conta sua história**. Novo Machado: Secretaria de Educação de Novo Machado, 1997.

SCHMITT, C. J. **Redução vocálica postônica e estrutura prosódica**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

SILVA, S. M. da. **Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS**. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEGAS, M. C. **O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEIRA, M. J. B. **Neutralização das vogais médias postônicas**. 1994. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: Uma análise variacionista. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: Recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

VIEIRA, M. J. B. Vogais postônicas finais. *In*: BISOL, L.; BATTISTI, E. **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 53-64.

VIEIRA, M. J. B.; SILVA, T. C. Redução vocálica em postônica final. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, p. 379-406, jan./jun. 2015. DOI <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42822>

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. Tradução: Marcos Bagno.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil: Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1946.

Artigo recebido em: 21.01.2019

Artigo aprovado em: 05.03.2019



A mudança na produção de fricativas em coda medial por uma criança recifense residente em João Pessoa

The change in production of medial coda fricatives by a child from Recife living in João Pessoa

*Pedro Felipe de Lima Henrique**

*Ingrid Cruz do Nascimento***

*Lucas Possatti****

RESUMO: Este estudo compara a produção de fricativas em coda medial de uma informante recifense de 10 anos, residente em João Pessoa-PB, com a produção de duas crianças pessoenses e duas recifenses de mesma idade, que nunca saíram de sua comunidade de fala, averiguando em que medida a criança que mudou de cidade assimilou o dialeto pessoense. A diferença entre o comportamento da fricativa em Recife-PE, onde predomina a forma palatalizada (MACEDO, 2004), e em João Pessoa-PB, onde predomina a forma alveolar (HORA, 2003), suscitou a seleção da variável. Coletaram-se amostras de fala mediante inquérito fonético, leitura monitorada e entrevista semiestruturada. As palavras dos primeiros instrumentos foram escolhidas pensando-se no contexto fonológico anterior e seguinte, considerados como variáveis

ABSTRACT: This study compares the production of medial coda fricatives of a 10-year-old participant from Recife who currently lives in João Pessoa-PB, with the production of four children of the same age (two from João Pessoa and two from Recife), who never left their speech communities, in order to analyze to what extent the child who moved to João Pessoa-PB assimilated the local dialect. The variable was selected due to the difference between the behavior of the fricative in Recife-PE, where the palatalized form is predominant (MACEDO, 2004), and in João Pessoa-PB, where the alveolar form is predominant (HORA, 2003). Speech samples were collected through phonetic inquiry, monitored reading and semi-structured interview. The words for the two first instruments were chosen considering the phonological context that came before

* Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). <http://orcid.org/0000-0001-8819-3588>, pedrofelipelh@hotmail.com

** Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bolsista Capes. <http://orcid.org/0000-0002-9448-2121>, ingridcruznascimento@gmail.com

*** Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bolsista Capes. <http://orcid.org/0000-0002-0244-2190>, lpossatti@yahoo.com

independentes para a aplicação da regra de palatalização. Analisaram-se as fricativas no Praat (BOERSMA; WEENINK, 2009) atentando para o pico espectral, que indicou o grau de palatalização (HENRIQUE *et al.*, 2015), considerado como variável dependente. Como resultados, constatou-se que as fricativas produzidas pela informante recifense, residente em João Pessoa, não apresentaram diferença significativa com relação às crianças pessoenses, diferentemente das produzidas pelas crianças recifenses. Inferiu-se, portanto, que a criança assimilou o dialeto da comunidade onde vive atualmente, que tem apenas o contexto coronal /t/ e /d/ como gatilho para a palatalização. Analisam-se esses resultados à luz do processo de aquisição do segmento fricativo em coda por crianças (OLIVEIRA, 2002; MEZZOMO, 2003; BERTI, 2006) e de novas perspectivas inerentes à Sociolinguística e à comunidade de fala (LABOV, 2008; GUY, 2000).

PALAVRAS-CHAVE: Fricativa coronal em coda medial. Variação linguística. Aquisição da linguagem. Acomodação dialetal.

and after the coda fricative, which in turn were considered as independent variables for the application of the rule of palatalization. The fricatives were analyzed in Praat (BOERSMA; WEENINK, 2009) considering the spectral peak, which indicated the degree of palatalization (HENRIQUE *et al.*, 2015), considered as a dependent variable. The results show that the fricatives produced by the participant from Recife living in João Pessoa did not present a significant difference in relation to the children from João Pessoa, unlike the ones produced by the children from Recife. It was inferred, therefore, that the child assimilated the dialect of the community in which she currently lives, which only has the coronal context /t/ and /d/ as a trigger for palatalization. We analyzed these results in the light of the process of acquisition of the fricative segment in coda by children (OLIVEIRA, 2002; MEZZOMO, 2003; BERTI, 2006) and of new perspectives in Sociolinguistics regarding the speech community (LABOV, 2008 [1972]; GUY, 2000).

KEYWORDS: Coronal fricative in medial coda. Language variation. Language acquisition. Dialectal accommodation.

1. Considerações iniciais

A interação social mediante a comunicação oral é extremamente importante e está presente nas mais diversas atividades humanas. Numa interação de comunicação, um falante pode desejar se aproximar, ganhar aceitação, ou se distanciar e se desassociar de outro(s) indivíduo(s). Conscientemente ou não, realizamos ajustes na fala para que tais objetivos sejam atingidos, pois esses ajustes são meios de expressar intenções, valores e atitudes (GILES *et al.*, 1982). Os estudos

sobre acomodação originaram-se na Psicologia Social, passando por diversas mudanças ao longo do tempo, culminando na criação da Teoria da Acomodação da Fala (GILES, 1973 *apud* GILES *et al.*, 1991) que, em seguida, tornou-se a Teoria da Acomodação da Comunicação. Esta engloba, além dos padrões de comportamentos da fala, aspectos não verbais, como os gestos, a velocidade de fala, as pausas, entre outros. Baseado na Teoria da Acomodação da Comunicação, de Giles (1973 *apud* GILES *et al.*, 1991), Trudgill (1986) estuda os fatores que determinam a acomodação dialetal, assim como a extensão e a percepção dessa acomodação, lidando com os motivos e as maneiras pelas quais as variedades linguísticas influenciam umas às outras.

A acomodação linguística, de acordo com Trudgill (1986), efetiva-se de duas maneiras: a curto prazo e a longo prazo. A primeira ocorre com ajustes que são feitos no momento em que o falante, conscientemente ou não, julga serem necessários, de acordo com a situação de comunicação. Com a imersão em uma comunidade de fala e a ocorrência frequente dessas acomodações de curto prazo, elas se rotinizam, fazendo com que o falante aos poucos aproxime sua fala à fala local, resultando em uma acomodação de longo prazo. Esta, por sua vez, ocorre quando o falante modifica sua fala a tal ponto que ela já não depende tanto da situação. Como se pode imaginar, são vários os fatores (linguísticos e extralinguísticos) que podem favorecer ou inibir esse processo, tais como o tempo de permanência na comunidade e os segmentos fonéticos adjacentes aos que apresentam variação.

No Português Brasileiro (PB), a aquisição da fricativa coronal em coda, segundo Mezzomo (2003), ocorre primeiro na posição final (como em *trê/S/* e *mai/S/*), aos dois anos e seis meses; na posição medial (como em *fe/S/ta* e *me/S/mo*), aos três anos de idade. Isto se justifica devido à complexidade articulatória de uma sílaba travada ser realizada por uma criança, tendo em vista, por exemplo, limitações de memória e o desenvolvimento de seu aparelho fonador, inerentes a

essa fase da vida. Além disso, em relação à estabilização do fenômeno fonológico, Mezzomo (2003) afirma que a coda se regulariza entre três anos e dois meses e três anos e oito meses de idade. Durante esse período, caso a criança se insira em uma comunidade de fala diferente da sua, espera-se, conseqüentemente, que haja um processo de acomodação linguística.

Assim sendo, este estudo analisa a produção de fricativas em coda medial de uma informante recifense de 10 anos, residente em João Pessoa-PB, comparando-as com a produção da mesma variável de duas crianças pessoenses e recifenses de mesma idade, que nunca saíram de sua comunidade de fala, objetivando averiguar em que medida a criança que mudou de cidade assimilou o dialeto pessoense. A diferença entre o comportamento da fricativa em Recife-PE, onde predomina a forma palatalizada (MACEDO, 2004), e em João Pessoa-PB, onde predomina a forma alveolar (HORA, 2003), suscitou a seleção da variável.

Assim, realizou-se uma coleta única de amostras de fala por meio de inquérito fonético (as crianças diziam o nome das figuras que lhes eram apresentadas), leitura monitorada (liam um texto com palavras com as variáveis selecionadas) e entrevista semiestruturada, realizados com as cinco estudantes mencionadas. As palavras do inquérito fonético e da leitura foram escolhidas pensando-se no contexto fonológico anterior e seguinte, considerados como variáveis independentes para a aplicação da regra de palatalização. Analisaram-se as fricativas no Praat (BOERSMA; WEENINK, 2009), atentando para o pico espectral em determinadas regiões de frequência, que indicou o grau de palatalização da fricativa (HENRIQUE *et al.*, 2015) e foi considerado como variável dependente.

O presente trabalho, assim, divide-se em quatro seções. A primeira apresenta os objetivos e as contribuições da Sociolinguística e da aquisição da linguagem, bem como a relação entre essas áreas para os estudos linguísticos. A segunda, por sua vez, expõe o comportamento das fricativas coronais em coda silábica em diferentes

comunidades de fala. Já a terceira é constituída pela metodologia utilizada e descreve o desenho dos instrumentos de coleta e análise da pesquisa. Por fim, na última seção encontram-se as discussões dos resultados obtidos.

2. Pressupostos teóricos

Pesquisas com foco na língua, no século XX, passaram a se interessar não apenas pelos aspectos formais do sistema linguístico, mas também pelo seu uso. Assim surge a Sociolinguística, ramo da Linguística que ganha força com os estudos de William Labov (2008) e objetiva compreender a relação entre a língua e os fatores sociais. A língua é tratada como um sistema dinâmico, que está sempre em mudança, e heterogêneo. A partir do contexto linguístico, as mudanças da língua podem ser observadas e previstas, e com um tratamento longitudinal dos dados, pode-se observar o progresso dessas mudanças. Então, a Sociolinguística utiliza-se de levantamentos estatísticos que incluem variáveis linguísticas e extralinguísticas para sistematizar e observar as variações que ocorrem na língua.

Nos estudos linguísticos que buscam analisar a fala, os dados são coletados de indivíduos, mas estes fazem parte de um grupo maior, que é denominado de 'comunidade de fala'. Guy (2000) define bem a comunidade de fala de acordo com suas funções e características dentro da Sociolinguística. Como funções ele menciona duas, sendo a primeira a de criar uma base que explique a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, e a segunda a de justificar a união dos idioletos de falantes individuais (objeto observável) em objetos maiores. Quanto às características da comunidade de fala, ele resume-as de maneira a listar que uma comunidade de fala possui (i) "características linguísticas compartilhadas" entre a comunidade, mas não com os que não fazem parte dela; (ii) "densidade de comunicação interna relativamente alta", que quer dizer que a comunicação ocorre mais dentro da comunidade de fala do que fora dela; e (iii) "normas

compartilhadas”, que abarcam atitudes linguísticas e variação estilística (GUY, 2000, p. 18). O autor ressalta que é pela utilização ou não dos traços linguísticos de uma comunidade de fala que o falante se mostra pertencer ou não àquela comunidade.

Sentir-se pertencente a um grupo ou, neste caso, a uma comunidade de fala, pode ser algo não tão simples de ocorrer (como quando o falante sofre preconceito linguístico, por exemplo). Isso acontece porque, afinal, a fala revela muito sobre a identidade de um indivíduo e, a depender das atitudes e das opiniões deste para com outra comunidade de fala, a acomodação pode ser inibida ou favorecida. Sendo assim, o fator identidade e também fatores sociais que atribuem prestígio a um determinado grupo podem ser determinantes para o processo de acomodação numa situação de contato entre comunidades de fala. Quando estas, por exemplo, são geograficamente próximas umas às outras e seus falantes entram em contato, as diferentes características linguísticas costumam se sobressair. Para os falantes envolvidos nesse processo, pode ser importante acomodar o modo de falar ao do interlocutor. Este trabalho enquadra-se nesse arcabouço, pois busca compreender de que modo uma criança recifense acomoda as fricativas alveolares em coda medial, variante prototípica dos falantes pessoenses.

Na área da Sociolinguística variacionista, há diversos estudos envolvendo acomodação dialetal. Embora não numerosos no Brasil, eles vêm crescendo nos últimos tempos, a exemplo Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012), Lima (2013) e Possatti (2015). Essas pesquisas foram realizadas à luz dos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES *et al.*, 1991) e dos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008).

2.1 Estudos sobre a aquisição das fricativas por crianças

Ainda acerca do fenômeno linguístico mencionado, outras análises são realizadas com um foco distinto, por exemplo, o da aquisição da linguagem,

buscando compreender de que modo a criança adquire suas variantes. Estudos como os de Oliveira (2002), Mezzomo (2003) e Berti (2006) são caros ao desenvolvimento deste trabalho.

Oliveira (2002) descreve a aquisição das fricativas /f/, /v/, /ʃ/ e /ʒ/ do português brasileiro, em posição de *onset* simples (absoluto e medial), por crianças com desenvolvimento normal, e idade entre 1:0 e 3:8 anos. O intuito era observar o que ocorria quando a criança não produzia um dos segmentos em estudo e quando estes eram substituídos. Os dados analisados foram extraídos do banco de dados Inifono (crianças com idade entre 1:0 e 1:11 anos) e Aquifono (crianças com idade entre 2:0 e 7:1 anos), da Universidade Católica de Pelotas. Dentre os resultados observados, os que interessam ao estudo aqui proposto são: (i) há diferentes etapas de aquisição na classe das fricativas: primeiro tem-se o /v/ e o /f/, depois /z/ e /s/, e por último, o /ʃ/ e o /ʒ/; (ii) a idade de aquisição desses fonemas foi: /v/ com 1:8 > /f/ com 1:9 > /ʃ/ com 2:6 > /ʒ/ com 2:10; e (iii) a faixa etária foi apontada como a variável mais relevante para aquisição para os quatro fonemas.

Mezzomo (2003) analisaram, por meio de uma comparação de dados transversais (mais de uma criança ao longo do tempo) e longitudinais (uma única criança ao longo do tempo), a aquisição da coda medial e final dos arquifonemas /N, L, S, R/, no PB, em crianças entre 1:2 anos e 3:8 anos. Como resultados, Mezzomo (2003) afirmam que a aquisição do /S/ ocorre primeiro na coda final (como em *trê/S/* e *mai/S/*), aos 2:6 anos, enquanto na coda medial (como em *ca/S/ca* e *me/S/mo*) se dá aos 3:0 anos, o que se explica devido à dificuldade de uma sílaba travada ser realizada por uma criança. Além disso, em relação à estabilização do fenômeno fonológico, Mezzomo (2003) afirmam que, nos dados transversais, a coda se regulariza aos 3:8 anos; nos dados longitudinais, aos 3:2 anos.

Berti (2006) investigou o estabelecimento do contraste entre as fricativas /s/ e /ʃ/ em crianças com e sem queixas fonoaudiológicas falantes do PB. Para interpretar

o estabelecimento dessa distinção, a pesquisadora realizou um estudo de produção e outro de percepção da fala. O primeiro compreendeu a análise acústica da fala de seis crianças (três com queixas fonoaudiológicas e três sem queixas fonoaudiológicas) de ambos os sexos entre cinco e sete anos de idade, a partir da produção de seis palavras dissílabas paroxítonas contendo as fricativas /s/ e /ʃ/ acompanhadas das vogais /i/, /a/ e /u/. Os parâmetros acústicos adotados na análise foram os relativos às características acústicas do ruído fricativo (os quatro momentos espectrais), os relativos às características acústicas das vogais adjacentes às fricativas (medidas de formantes e trajetória formântica) e os relativos ao padrão temporal. A partir dos resultados desse estudo, Berti (2006) constatou uma gradiência entre as categorias /s/ e /ʃ/ nas produções das crianças com queixas fonoaudiológicas, o que pode sugerir uma aquisição incompleta desse contraste fônico.

A partir dos estudos reportados acima, observa-se que os segmentos fricativos palatais, em posição de *onset*, são adquiridos mais tardiamente, segundo Oliveira (2002), em relação aos labiais e alveolares. Observa-se também que, em posição de coda medial, de acordo com Mezzomo (2003), as fricativas coronais são adquiridas entre os 3:0 e os 3:8 anos. Por fim, o trabalho de Berti (2006) alude ao caráter gradiente do estabelecimento de contrastes entre os segmentos alveolar e palatal. Com base nesses resultados, é razoável pensar que a idade em que a criança muda de comunidade de fala pode ser um fator importante para entender as possíveis alterações nos padrões de produção de certos segmentos, principalmente aqueles que ainda estiverem em fase de aquisição, o que pode facilitar o processo de acomodação linguística na direção da variante prototípica da comunidade em que ela se inseriu.

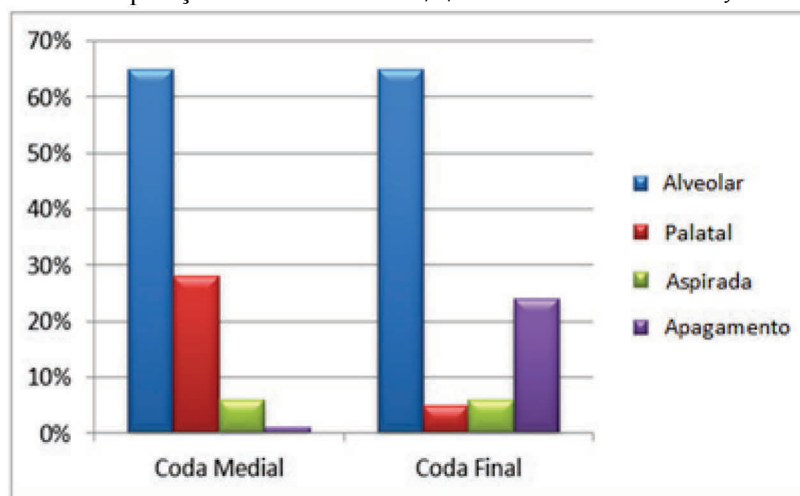
2.2 O comportamento das fricativas coronais em coda silábica e suas fronteiras dialetais

Diversos estudos de cunho variacionista já descreveram o comportamento do /S/ em posição de coda silábica medial, dentre os quais Callou, Leite e Moraes (2002, apud PEDROSA, 2009), nas capitais Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, Brescancini (2002), em Florianópolis, Hora (2003) e Pedrosa (2009), em João Pessoa. Os estudos mencionados apontam quatro possibilidades de variantes para essa variável: a forma alveolar, como em “ca[s]ca”; a forma palatal, como em “pa[j]ta”; a forma aspirada, como em “me[h]mo”; e o zero fonético, como em “me[ϕ]mo”. As mais recorrentes nos dialetos do PB, entretanto, são as duas primeiras, e, a depender da cidade ou região do Brasil, há o predomínio de uma delas. João Pessoa e Recife, ambas capitais de estados vizinhos (Paraíba e Pernambuco, respectivamente), apresentam realidades bastante distintas com relação à utilização da variável em questão, mesmo estando a apenas 120 km de distância. As subseções seguintes reportam resultados sobre o comportamento da fricativa coronal em coda medial realizados nessas duas comunidades de fala.

2.3 O /S/ em coda medial na comunidade de João Pessoa-PB

Hora (2003), a partir dos dados que compõem o *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), coletados em 1993, analisou o uso das variantes do /S/ em posição de coda silábica medial dentro de uma abordagem laboviana clássica. O Gráfico 1 apresenta a distribuição geral das variantes na comunidade em questão:

Gráfico 1 – Disposição das variantes do /S/ em coda na cidade de João Pessoa.



Fonte: Hora (2003) apud Henrique (2016, p. 40).

Hora (2003) constatou a predominância do uso da variante alveolar (65%) com relação às demais em João Pessoa. A presença da variante palatal em 28% das ocorrências foi justificada pelo autor pela presença de uma regra de palatalização que é condicionada pelas consoantes oclusivas /t, d/ como contexto fonológico seguinte às fricativas. Dessa forma, palavras como “castelo”, “estrela” e “desde” são produzidas, prototipicamente, como “ca[ʃ]telo”, e[ʃ]trela” e “de[ʒ]de”, pelos falantes dessa comunidade de fala. Tal fato foi constatado pelo autor a partir da observação dos resultados da rodada no Goldvarb, que apontou a variável “contexto fonológico seguinte” como a única condicionante para a aplicação da regra de palatalização, conferindo à variante “coronal” um peso relativo de 0.86.

Trabalhos envolvendo percepção e atitude também atestaram que o ouvinte pessoense não só percebe a distinção entre alveolares e palatais na posição de coda medial, como também imprime juízos de valor a essa variante. O trabalho de Hora (2011) reporta resultados de uma análise qualitativa sobre as respostas de falantes pessoenses em um inquérito sobre o seu dialeto e outros dialetos do Brasil, instrumento baseado na “abordagem direta” para observação de atitudes linguísticas. No que se refere ao uso da forma palato-alveolar, os entrevistados o apontaram como “chiado” e “falar assoprando”, e o associaram ao falar carioca.

Hora (2011) afirma que esse dado evidencia a percepção da variante pela comunidade e sua configuração como estereótipo, segundo a classificação laboviana.

Outro trabalho que apresenta dados pertinentes dentro desse escopo foi o desenvolvido por Lima (2013), analisando o processo de acomodação linguística por pessoenses residentes em Recife. Ela buscou identificar se paraibanos que moraram há, no mínimo, dois anos em Recife, convergiram sua fala em direção ao dialeto recifense, ou seja, ampliaram o uso das variantes palatais em posição de coda medial em outros contextos, além do precedente a /t/ e /d/. Seu arcabouço teórico foi a Teoria da Acomodação da Fala (GILES, 1973 *apud* GILES, 1991), que postula que o indivíduo, com o objetivo de garantir a aceitação social, tenta convergir a sua maneira de falar de acordo com a do seu interlocutor. Na análise quantitativa, Lima (2013) verificou que o “tempo de permanência” foi a variável mais significativa, dentro da qual a variante “mais de 10 anos” foi apontada como condicionante à aplicação da regra de palatalização do /S/ em contexto diferentes de /t/ e /d/. Partindo para uma análise qualitativa, a pesquisadora percebeu que a avaliação positiva em relação ao dialeto recifense contribuiu para os informantes que há mais de 10 anos acomodarem-se ao dialeto recifense, ao passo que a avaliação negativa condicionou a manutenção do dialeto de origem de uma das informantes, que reside em Recife há mais de 10 anos.

Lopes (2012) desenvolve um estudo sobre atitudes de 105 ouvintes pessoenses quanto à ocorrência ou não da palatalização. Aos participantes foram apresentados pares da mesma palavra realizada com as duas pronúncias (por exemplo, história e hi[ʃ]tória), ao que eles deveriam responder se percebiam diferenças entre o sotaque regional e suavizado, além de selecionar qual o tipo de pronúncia que preferiam para a fala de apresentadores de telejornal, para a fala dos pessoenses e para a própria fala. No que diz respeito à palatalização do /S/ em coda

medial antes de /t/ e /d/, os juízes perceberam que as pronúncias eram diferentes em 95,24% dos casos. Quanto à forma preferida para a fala de um telejornalista, a variante alveolar foi apontada em 76,48% das escolhas. Entretanto, quanto à variante preferida para a fala pessoense e para a própria fala, a predominância foi para a variante palatal, que totalizou 68,8% e 64,20% das escolhas, respectivamente. Lopes (2012) conclui, a partir desses dados, que ouvintes pessoenses distinguem proficientemente alveolares de palatais em posição de coda silábica nos contextos favorecedores à aplicação da regra de palatalização no dialeto pessoense, e o estilo parece ser um fator importante para o status variante palatalizada nesses contextos a depender da Formalidade (fala do telejornalista) vs. Informalidade (vernáculo pessoense).

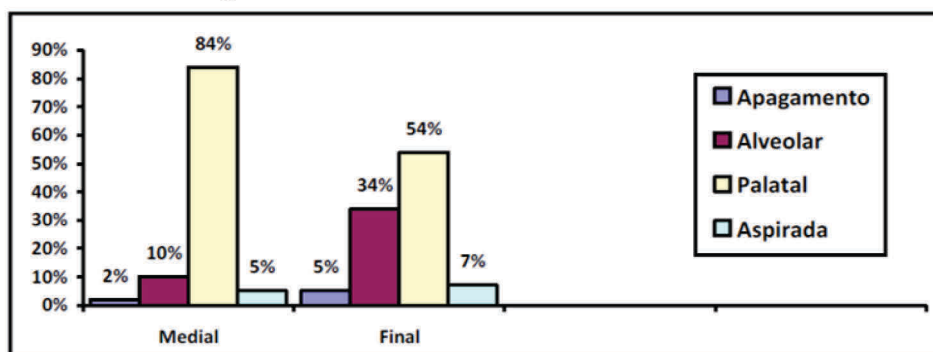
A pesquisa de Henrique (2016) buscou analisar, analogamente ao trabalho de Lopes (2012), como os ouvintes percebem as variantes alveolar e palatal do /S/ na posição de coda medial em sua comunidade de fala observando se a distinção alveolar/palatal é percebida de forma diferente, numa escala numérica, em diferentes contextos fonético-fonológicos seguintes; verificando se os ouvintes pessoenses têm consciência do comportamento da variante no seu próprio dialeto, ou seja, se percebem qual variante utilizam com relação aos diversos contextos seguintes; e também se acreditam que sua pronúncia corresponde à pronúncia preferencial de sua comunidade de fala no que diz respeito ao processo analisado. A partir dos resultados de três testes de percepção, Henrique (2016) constatou que os ouvintes atribuem o mesmo grau de diferença ao par de fricativas independentemente do contexto seguinte, que eles têm consciência do comportamento da fricativa do dialeto pessoense, levando em consideração os dados de produção levantados por Hora (2003), e que há uma grande identificação entre esses falantes e o dialeto de sua comunidade de fala em relação à palatalização da fricativa coronal.

Como a análise descrita neste artigo leva em conta a fala de crianças pessoenses, espera-se que a taxa de ocorrência da variante alveolar seja mais produtiva entre os dados coletados, sendo a variante palatal restrita a contextos fonológicos seguintes preenchidos por consoantes coronais (principalmente /t/ e /d/).

2.4 O /S/ em coda medial na comunidade de Recife-PE

Tendo por base os dados do Projeto da Norma Urbana Culta (Nurc), Callou, Moraes e Leite (2002, apud PEDROSA, 2009) analisaram o comportamento das consoantes /l/, /S/ e /R/ em coda silábica medial e final na fala de universitários, estratificados em relação à idade (de 25 a 35 anos; de 36 a 55 anos; e de 56 em diante), sexo e origem demográfica, de cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Recife (PE) e Salvador (BA). Com relação aos dados de Recife-PE, os autores constataram que, na posição medial, a variante palatal ocorreu em 84% dos contextos analisados, enquanto a alveolar ocorreu em apenas 10%. A variante aspirada e o apagamento apresentam 5% e 2%, respectivamente. Na posição final, 54% das ocorrências foram de produções palatais, enquanto 34% foram de produções alveolares. A variante aspirada e o apagamento representam 7% e 5% desse contexto, respectivamente. O Gráfico 2 resume os resultados desse estudo:

Gráfico 2 – Disposição das variantes do /S/ em coda na cidade de Recife.



Fonte: Callou, Leite, Moraes (2002) apud Pedrosa (2009, p. 24).

Macedo (2004) realizou uma análise quantitativa das realizações do /S/ em coda silábica no falar culto recifense, a partir de dados extraído de doze inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) do *corpus* do Projeto Nur-Recife. Seu objetivo era descrever, a partir de análises estatísticas, que variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionaram a regra de palatalização no falar culto de Recife. A Tabela 1 mostra o valor bruto e a proporção de ocorrência de cada uma das variantes analisadas. Percebe-se, de início, a prevalência da variante palatal (76%) sobre a alveolar (24%), o que contrasta fortemente com o comportamento dessa variável em João Pessoa, segundo os dados de Hora (2003).

Tabela 1 – Frequência global das variantes do /S/ em coda silábica.

Variante	Aplic./Total	Frequência
Palatal	2.980/3.911	76%
Alveolar	931/3.911	24 %

Fonte: Macedo (2004, p. 48).

Utilizando o pacote computacional VARB2000, com base em uma análise estatística do tipo *step up*, Macedo (2004) apontou como significativamente relevantes cinco das oito variáveis consideradas para esta análise. Foram elas, na ordem de relevância apontada pelo programa: sexo, contexto fonológico seguinte, traço [voz] do segmento seguinte, faixa etária e posição da sílaba. Para este artigo, apenas a variável “contexto seguinte” é importante em termos comparativos. A autora averiguou que os usos de palatais são bastante recorrentes em todos os contextos seguintes, mas a maior taxa de aplicação da regra de palatalização acontece quando o /S/ precede uma consoante coronal, sendo essa variante a apontada pelo programa como favorecedora ao uso da forma palatalizada.

Tabela 2 – Relevância do contexto fonológico seguinte para a palatalização.

Fator	Aplic./Total	Frequência	Peso Relativo
Dorsal	441/564	78%	.43
Labial	732/1.001	73%	.44
Coronal	1.194/1.361	88%	.67
Pausa	613/985	62%	.36

Fonte: Macedo (2004, p. 54).

Outro dado interessante apontado por Macedo (2004) é o fato de o sexo feminino ser também condicionante para a aplicação da regra de palatalização. Entre as mulheres, o uso da forma palatalizada aconteceu em 92% das ocorrências de /S/ em coda. Como a análise descrita neste artigo leva em conta a fala de crianças do sexo feminino, espera-se que a taxa de ocorrência da variante palatal na comunidade recifense seja equivalente aos dados reportados por Macedo (2004) dentro desse recorte.

3. Metodologia

Esta pesquisa é de natureza quantitativa, na medida em que opera com dados empíricos a partir dos quais se fizeram induções após as aplicações de testes estatísticos, e qualitativa, na medida em que analisa respostas subjetivas dadas pelas informantes deste estudo, com o intuito de esclarecer os resultados apontados pela análise quantitativa.

No que se refere às participantes deste estudo, a primeira delas, MCN, tem 10 anos, nasceu em Recife-PE e mora em João Pessoa há 7 anos. Esta pesquisa teve origem a partir de uma conversa com sua mãe, professora universitária na área de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e também natural de Recife-PE, quando esta afirmou perceber que, entre os 5 e 6 anos, a filha começou a parar de produzir o /S/ em coda como palatal, fazendo uso da forma alveolar no seu lugar. Dessa forma, buscou-se analisar em que medida a menina, que começou a morar em

João Pessoa entre 2:8 e 3:0 anos – idade em que as fricativas são adquiridas, segundo Oliveira (2002), Mezzomo (2003) e Berti (2006) –, assimilou o dialeto pessoense no que diz respeito à produção da fricativa coronal em posição de coda medial.

Para estabelecer essa comparação, quatro outras meninas foram submetidas aos mesmos experimentos que a primeira. Duas dessas crianças, as informantes JD e ML, nasceram e residem na região metropolitana de Recife-PE, têm 10 anos e estudam no 6º ano de uma escola estadual localizada no bairro de Maranguape, em Olinda-PE¹. Tais crianças foram indicadas de forma aleatória pelo diretor da escola, que apenas foi orientado a sugerir a participação de duas meninas de 10 anos que tivessem nascido na cidade e cujos pais também fossem naturais de lá. As outras duas crianças, MAN e SJS, nasceram e residem em João Pessoa-PB, têm 10 anos e estudam em uma escola pública no Bairro dos Estados, na mesma cidade. A escolha das crianças paraibanas foi feita de forma análoga à escolha das crianças pernambucanas.

Os instrumentos de coleta de dados consistiram em um inquérito fonético, uma leitura monitorada (Anexo A) e uma entrevista semiestruturada (Anexo B). O inquérito consistia em apresentar figuras cujos nomes continham a variável analisada em vários contextos linguísticos controlados. A cada figura, a criança deveria falar duas vezes o que observava. Já a leitura monitorada se deu por meio de um texto narrativo de três parágrafos (cuja tipologia é mais familiar aos discentes dessa faixa etária) nos quais as palavras do inquérito fonético estavam diluídas. Por fim, a entrevista semiestruturada foi desenvolvida para captar dados que comporiam a análise qualitativa dos dados, e visou apreender informações sobre como se dava a interação das informantes com sua família, com o ambiente escolar

¹ Olinda faz parte da Região Metropolitana de Recife-PE e, devido a isso, acredita-se que é viável a comparação entre as fricativas realizadas pelas participantes olindenses e pela participante recifense residente em João Pessoa-PB.

e com a vizinhança, bem como compreender suas impressões sobre sua forma de falar e de sua comunidade.

As palavras utilizadas no inquérito fonético foram escolhidas para contemplar, principalmente, a variável independente “contexto fonológico seguinte”, crucial para a análise aqui proposta. O quadro 1 abaixo as resume:

Quadro 1 – Lista de palavras-alvo controladas no inquérito fonético².

Palavra estímulo	Contexto fon. seg.	Vogal precedente	Tonicidade
Isqueiro	k	i	pretônica
Fusca	k	u	tônica
Pesca	k	ε	tônica
Espelho	p	i	pretônica
Cuspe	p	u	tônica
Espada	p	i	pretônica
Estrela	t	i	pretônica
Poste	t	o	tônica
Festa	t	e	tônica

Fonte: elaborado pelos autores.

A coleta de dados foi realizada com o gravador portátil Tascam DR-02, cuja precisão de gravação é de 24bit/96kHz. No momento da coleta, a taxa de amostragem do gravador foi ajustada para 44.100 kHz e o microfone (embutido no aparelho) foi posicionado a cerca de 8 cm da boca das participantes da pesquisa. Com exceção da menina recifense residente em João Pessoa, que teve sua gravação realizada em laboratório com isolamento acústico, todas as coletas foram realizadas na escola em que as informantes estudavam devido à impossibilidade de as levarmos para o ambiente ideal. A sequência da aplicação dos instrumentos de coleta ocorreu da seguinte forma: 1) leitura monitorada, 2) inquérito fonético e 3) entrevista semiestruturada³. Tal ordem foi necessária para que as crianças, no

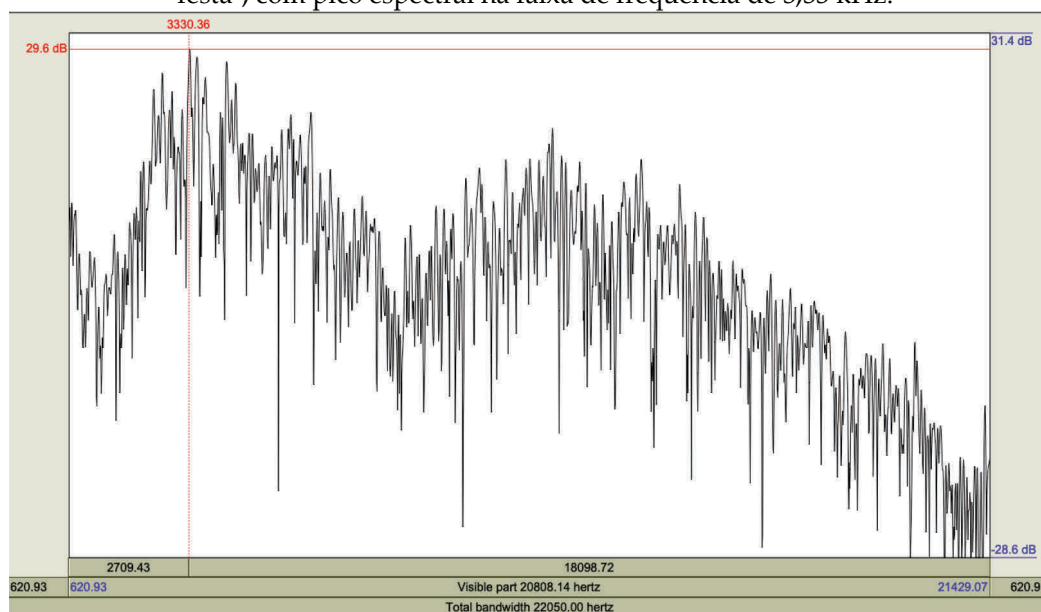
² A lista com todas as palavras analisadas, além das do inquérito fonético, pode ser vista nos anexos deste artigo.

³ Adaptada do roteiro de entrevista de Mendes e Oushiro (2013).

momento do inquérito, retomassem a palavra “asno”, presente na leitura, visto que tal palavra não é tão recorrente no arcabouço lexical delas.

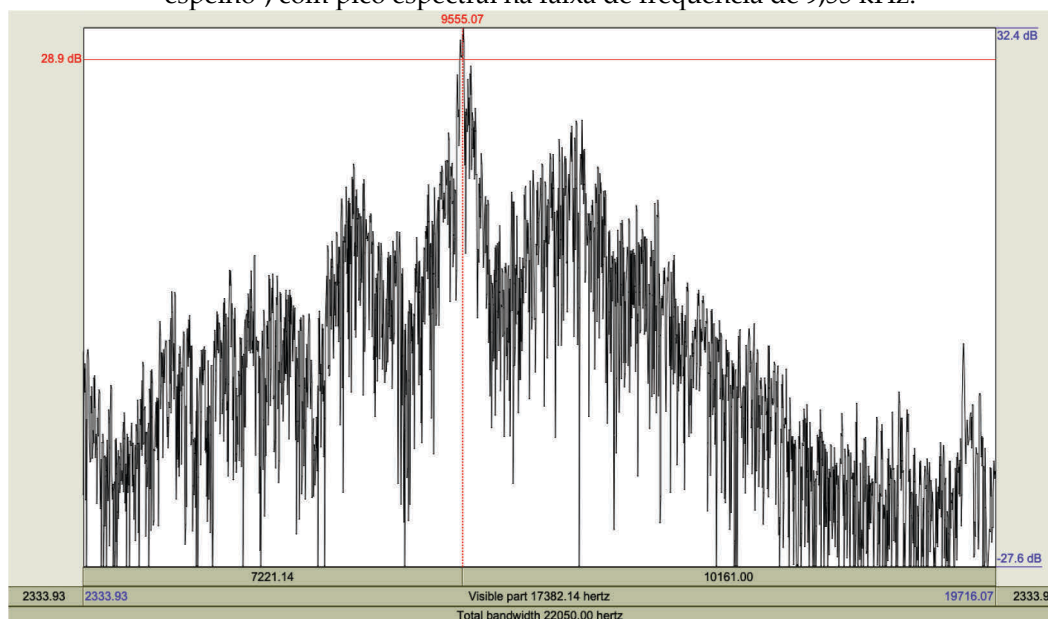
Como variável dependente, consideramos a pronúncia da variável /S/, que poderia apresentar como variantes a forma “alveolar”, “palatal” ou “ambígua”. Para determinar qual variante foi pronunciada, foram considerados os resultados do trabalho de Henrique *et al.* (2015), que apontam que as fricativas com primeiro pico nas regiões de frequência de 4,0 kHz para baixo são prototipicamente associadas à palatal, e as com pico igual ou acima de 6,5 kHz, à alveolar. Dessa forma, o pico espectral de cada fricativa produzida pelas informantes foi observado: quando ocorria numa zona inferior à 4,0 kHz, a produção era considerada “palatal” (Figura 1); quando ocorria numa zona igual ou superior a 6,5 kHz, “alveolar” (Figura 2); quando o pico espectral ficava entre 4,0 kHz e 6,5 kHz, a produção era considerada “ambígua” (Figura 3). Essas medidas foram averiguadas através de inspeção visual do espectro de frequência de cada fricativa, obtido através da transformada rápida de Fourier (FFT) calculada pelo software Praat (BOERSMA; WEENINK, 2009).

Figura 1 – Espectro de energia da fricativa produzida pela informante recifense JD, na palavra “festa”, com pico espectral na faixa de frequência de 3,33 kHz.



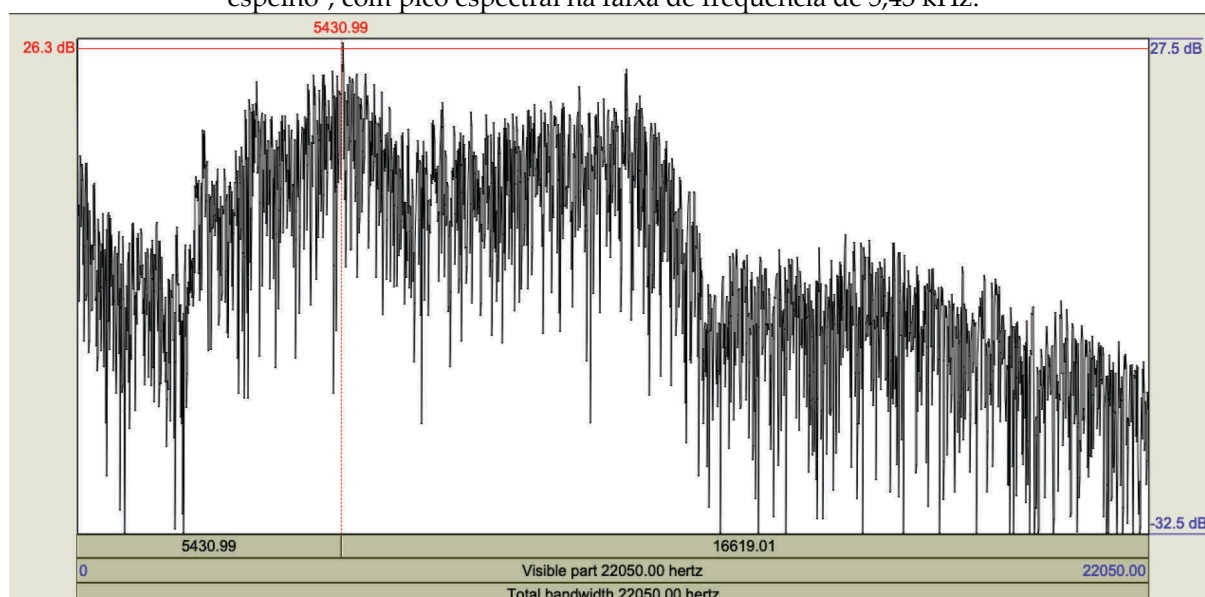
Fonte: pesquisa direta, 2019.

Figura 2 – Espectro de energia da fricativa produzida pela informante pessoense SJS, na palavra "espelho", com pico espectral na faixa de frequência de 9,55 kHz.



Fonte: pesquisa direta, 2019.

Figura 3 – Espectro de energia da fricativa produzida pela informante migrante MCN, na palavra "espelho", com pico espectral na faixa de frequência de 5,43 kHz.

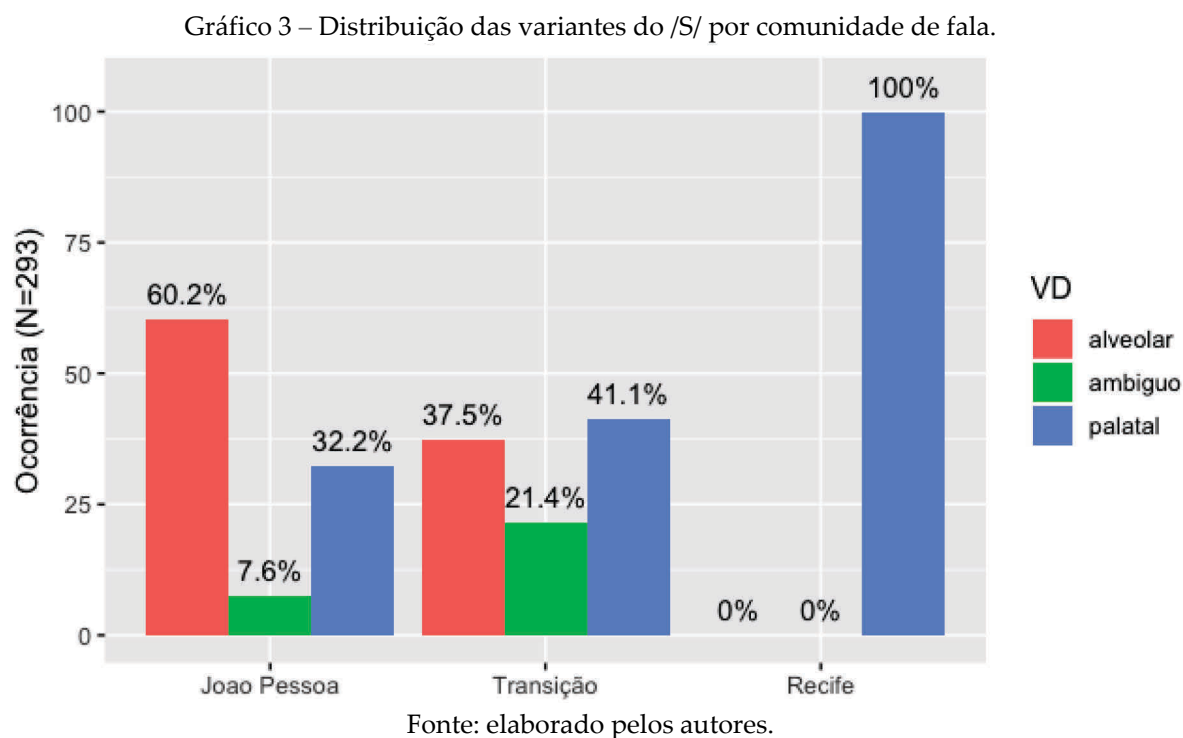


Fonte: pesquisa direta, 2019.

Para as análises quantitativas, utilizamos o programa R (R Core Team, 2019). Já para as análises qualitativas, utilizamos as informações fornecidas por quatro participantes no item "Avaliações linguísticas" da entrevista semiestruturada.

4. Resultados

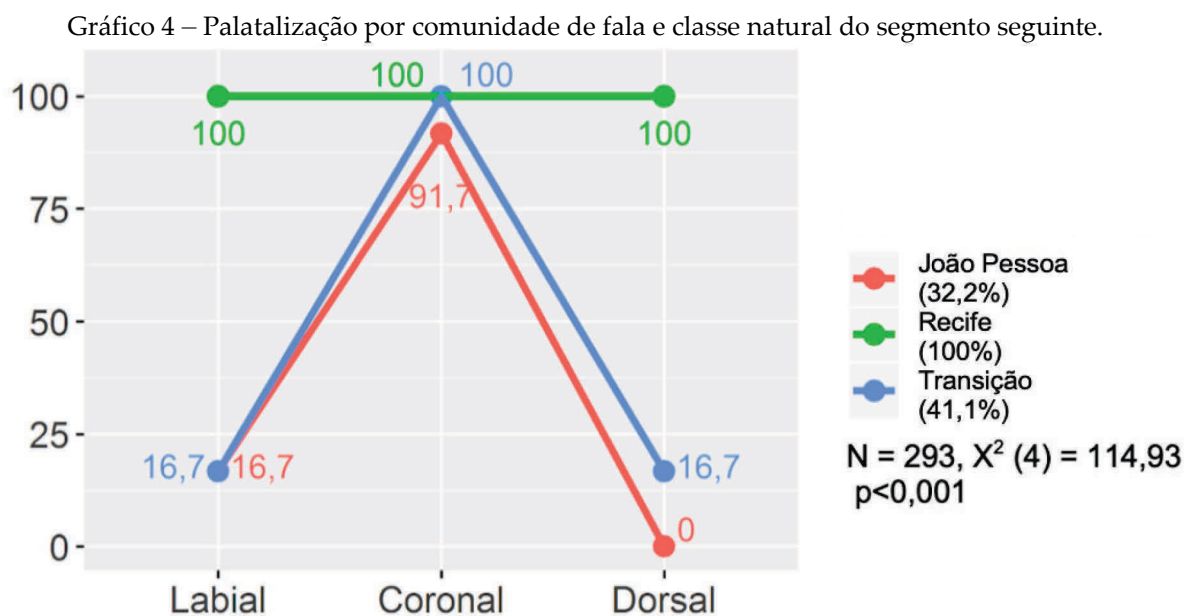
A partir da quantificação dos dados, obtivemos resultados que nos informam da distribuição das variantes do /S/ por comunidade de fala e por contexto fonológico seguinte. Os gráficos abaixo os expõem.



O Gráfico 3 diz respeito ao uso da fricativa coronal em coda medial nas três comunidades de fala pesquisadas, João Pessoa (60,2% alveolar e 32,2% palatal), Recife (100% palatal) e transição (41,1% palatal e 37,5% alveolar). Nomeamos como legenda do eixo “x” as participantes, respectivamente, de João Pessoa, Recife e Transição. Essa última é composta pela participante MCN, a falante migrante e, devido a isso, seu comportamento linguístico aparentemente está passando por um processo de acomodação, ou seja, por uma “transição”. Conforme pode-se observar, a variante palatal é a mais produzida pelas recifenses e por MCN, seguida das pessoenses. Os dados corroboram os resultados obtidos por Hora (2003) e Callou, Leite e Moraes (2002, apud PEDROSA, 2009, p. 24), em que a produção da variante

alveolar em coda medial ocorre em 65% em João Pessoa e a variante palatal em 80% em Recife.

Em seguida, o Gráfico 4 apresenta a distribuição das variantes (agrupadas agora em duas categorias, palatal e não palatal) por contexto fonológico seguinte, entre as pessoenses, recifenses e a informante recifense residente em João Pessoa, a qual chamamos de “Transição”.



Fonte: elaborado pelos autores.

Nota-se que há diferença nas produções do /S/ pelas falantes pessoenses a depender do contexto fonológico seguinte. No caso das recifenses (representadas pela linha verde), as produções do /S/ foram todas palatais, não havendo diferença contextual nessas produções. Evidencia-se então a diferença entre as produções do /S/ pelas falantes pessoenses e as recifenses. A linha azul, que representa a taxa de palatalização da criança migrante, comporta-se de forma análoga à curva rosa, que representa o comportamento da variante palatal entre as falantes de João Pessoa. Um teste de qui-quadrado foi utilizado para averiguar a influência da variável

comunidade na ocorrência da variante palatal na fala das entrevistadas⁴, que se mostrou significativa ($N = 293$, $\chi^2(4) = 114,93$, $p < 0,001$). Os resultados podem dar evidência à hipótese de que a criança recifense, nos contextos fonológicos seguintes, está realizando um processo de acomodação linguística em relação às fricativas, havendo uma substituição da produção da variante palatal pela variante alveolar, cuja ocorrência é mais presente em João Pessoa. Com base nos gráficos apresentados, é notório que o comportamento linguístico de MCN se assemelha mais com o das pessoenses do que com o das recifenses. Além disso, há outra informação que indica o processo de acomodação linguística da criança: ela parece ter mais realizações “ambíguas” que as demais, evidenciando que o padrão das fricativas não é absolutamente idêntico ao da comunidade de fala pessoense. Fica claro, portanto, que a identidade linguística da menina se dá, atualmente, por meio do uso da fricativa alveolar, o que pode ser justificado como um meio de busca pela aceitação na comunidade de fala em que atualmente reside.

Das cinco crianças participantes da pesquisa, apenas duas, uma olindense (informante ML) e a recifense residente em João Pessoa (informante MCN), demonstraram consciência da variação da fala. Essa última, por sua vez, demonstrou consciência fonológica em relação ao fenômeno analisado neste trabalho. Abaixo encontra-se o excerto da entrevista com a informante ML:

Excerto 1 – Entrevistadora: É... Como é que tu acha que as pessoas daqui de Olinda falam? O jeito que elas falam.

Informante ML: O sotaque? Né?

E1: Umhum.

ML: Eu acho **legal**, acho **bonita**.

E1: E... Tu acha que fala do mesmo jeito que todo mundo aqui de Olinda?

ML: Acho que sim.

E1: E quando outras pessoas vêm de fora pra cá, tu percebe?

⁴ As variantes “ambígua” e “alveolar” foram amalgamadas em contraste à “palatal”, para a realização do teste de qui-quadrado.

ML: Percebo.

E1: Por que tu percebe?

ML: Porque o sotaque é diferente. É... O nordestino, né...

E1: Hum...

ML: Fala mais do interior. E... São Paulo, Rio de Janeiro fala mais... **Um é forte e o sotaque é mais apumado. (grifo nosso)**

A informante ML, ao mencionar a palavra “sotaque” e dizer que, devido a isso, percebe que as pessoas são de “fora”, demonstra ter consciência de que os grupos podem, em relação à língua falada, destoar entre si. O fato de ela achar que fala como as pessoas de Olinda, além de achar o seu sotaque “legal” e “bonito”, pode indicar que, por meio do dialeto, há um sentimento de pertença em relação ao lugar onde ela mora.

Entretanto, quando analisamos a fala de ML pensando em um contexto que ultrapassa a Região Nordeste, vemos que essa identidade não é tão forte assim. Ao dizer que “o nordestino fala mais do interior” e “São Paulo, Rio de Janeiro fala mais [...] forte e [...] mais apumado”, há uma valorização/hierarquização dos sotaques, na qual os da Região Sudeste se sobrepõem aos da Região Nordeste e isso se dá, consoante Bortoni-Ricardo (2004, p. 34), “[...] por fatores políticos e econômicos”.

No excerto da entrevista com a informante MCN, disposto abaixo, pode-se perceber que a criança possui uma percepção da variação acerca do fenômeno analisado neste trabalho:

Excerto 2 – Entrevistador 1: Como é que as pessoas falam aqui em João Pessoa? Você acha que fala como as pessoas daqui ou não?

Informante MCN: Sim, eu falo como as pessoas daqui porque eu saí de Recife aos dois anos.

E1: E como você acha... Qual é a principal diferença que vê entre a fala daqui e a fala de Recife?

MCN: É que os pernambucanos **chiam** e aqui não. (grifo nosso)

De acordo com o trecho acima, percebe-se que a informante apresenta consciência em relação à variação linguística. A informante tem convicção de que seu modo de falar converge com o de sua atual comunidade de fala, João Pessoa, e justifica isso com o fato de ter saído aos dois anos de Recife, sua comunidade linguística de origem. Além disso, ao afirmar que “os pernambucanos chamam” e os paraibanos não, a menina expõe a sua compreensão acerca do processo de palatalização do /S/ nos falantes recifenses. Tal informação corrobora os dados quantitativos, uma vez que eles mostraram que a criança tem realizado a forma alveolar do segmento fricativo coronal em coda medial. O uso dessa variante pela informante parece evidenciar que esta tem um sentimento de pertença com a comunidade de fala pessoense, mas por se tratar de um estudo que apresenta limitações no que diz respeito aos dados amostrais da entrevista, é necessária a ampliação de investigação do fenômeno analisado.

Já as duas crianças pessoenses, SJS e MAN, expõem, no momento da entrevista, respostas socialmente desejáveis acerca do seu sotaque. Abaixo encontram-se, respectivamente, os excertos:

Excerto 3 – Entrevistador 2: E como é que as pessoas... Aqui, como é que você percebe que as pessoas falam aqui em João Pessoa?

Informante SJS: Português? (risos)

E2: Português? É... você acha que... É... você acha que você fala como as pessoas daqui? Como as outras pessoas daqui?

SJS: Falo! Português, normal!

Excerto 4 - Entrevistador 2: E como é que as pessoas aqui em João Pessoa, elas falam? Pra você, o que que você acha?

Informante MAN: (em silêncio)

E2: Como elas falam aqui em João Pessoa? Como você acha que é a fala das pessoas aqui?

MAN: Num sei.

E2: Não sabe? Nunca reparou?

MAN: Não.

Como se pode observar, as pessoenses forneceram uma resposta diferente das demais participantes. A primeira, SJS, refere-se apenas à língua, o português, mas não expõe nenhuma característica específica acerca de sua forma de falar. A segunda, por sua vez, após um momento de silêncio, diz que não sabe, que nunca “reparou” como se dá o comportamento linguístico dos falantes de João Pessoa. Uma possível explicação para isso é que, pelo fato de MCN conviver bastante com as duas comunidades de fala (Recife e João Pessoa), as diferenças dialetais lhe são mais salientes. Além disso, reconhece-se que as respostas obtidas com as participantes podem ter sido motivadas por alguns problemas que a abordagem direta apresenta, como a falta de familiaridade entre o pesquisador e os entrevistados, o grande nível de monitoramento, entre outras questões, o que sugere a necessidade de ampliação desta pesquisa.

5. Considerações finais

Apesar do tamanho reduzido da amostra observada impossibilitar generalizações, acredita-se que a utilização de diferentes instrumentos de coleta e meios de análise permitiu que este trabalho levasse a conclusões, apesar de preliminares, satisfatórias, servindo como um piloto para futuras pesquisas. A utilização de uma análise quantitativa, juntamente a uma qualitativa, permitiu uma observação e compreensão mais abrangente dos resultados. A análise quantitativa ofereceu o instrumental para descrever, em termos proporcionais, a distribuição da produção palatal e alveolar do /S/ em posição de coda medial, considerando os contextos fonológicos seguintes e a cidade de origem das informantes; a análise qualitativa, por sua vez, permitiu acessar algumas individualidades de cada informante, incluindo fatores como os de atitudes linguísticas e de identidade de cada uma delas, pistas para a compreensão mais aprofundada acerca dos resultados quantitativos.

Portanto, de acordo com as discussões, evidencia-se não apenas a contribuição da Sociolinguística para o campo da aquisição da linguagem, mas também a necessidade de tentar compreender os processos fonológicos das crianças como algo que também se insere dentro do escopo da acomodação linguística, levando-nos a refletir sobre as implicações que isso tem para a identidade delas como participantes de uma comunidade de fala. Tais informações contribuem com a ampliação dos estudos em Sociolinguística no que se refere à identidade linguística de falantes. Além disso, o trabalho desenvolvido pode ser ampliado a um estudo de produção que analise o mesmo fenômeno de forma longitudinal (a partir de coletas de fala em intervalos de tempo) com a informante de comportamento linguístico em transição, a fim de ratificar ou não questões voltadas à acomodação linguística.

Referências Bibliográficas

BERTI, L. C. **Aquisição incompleta do contraste entre /s/ e /ʃ/ em crianças falantes do português brasileiro**. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística). Lafape, IEL, Unicamp, 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270657/1/Berti_LarissaCristina_D.pdf. Acesso em 19 abr. 2019.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer** (Version 5.1.05) [computer program]. Retrieved May 1, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRESCANCINI, C. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CHACON, K. A. **Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa**. 2012. 115 f. Dissertação (mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. *In*: GILES, H.; RYAN, E. B. (ed.). **Attitudes**

towards language variation: social and applied context. London: Edward Arnold, 1982. p. 1-19.

GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. (ed.). **Contexts of Accommodation: Developments in applied sociolinguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511663673>

GUY, G. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. **Organon**, v. 14, n. 28-29, 2000. DOI <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30194>

HENRIQUE, P. F. L.; SILVA, G. B.; LOPES, L. W. Percepção das fricativas estridentes: a pista acústica para a distinção entre alveolares e palatais utilizadas pelos ouvintes pessoenses. **Intersecções**, Jundiá, v. 3, p. 116-134, 2015.

HENRIQUE, P. F. L. **A percepção das fricativas coronais em coda medial por ouvintes pessoenses.** 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

HORA, D. Variação dialetal e atitude. In: HORA, D.; NEGRÃO, E. V. (org.). **Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas.** João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, p. 15-36, 2011.

HORA, D. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: Letras, 2003.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad.: Bagno, M.; Scherre, M.; Cardoso, C. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, L. W. **Preferências e atitudes dos ouvintes em relação ao sotaque regional no telejornalismo.** 141 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MACEDO, S. S. **A Palatalização do /s/ em Coda Silábica no Falar Culto Recifense.** 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MARQUES, S. M. O. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal.** 2006. 159 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, M. S. **A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal**. 2008, 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana**. 2013. Disponível em: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MEZZOMO, C. L. **Aquisição da coda no Português Brasileiro: uma análise via teoria de princípios e parâmetros**. 2003. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras PUCRS. Porto Alegre.

OLIVEIRA, C. C. **Aquisição das fricativas /f/, /v/, /ʃ/ e /ʒ/ no português brasileiro**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

POSSATTI, L. **Análise do processo de acomodação linguística de falantes cariocas em João Pessoa**. 51 f. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

PEDROSA, J. L. R. **Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?** 2009. 149 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 19 abr. 2019.

TRUDGILL, P. **Dialects in Contact**. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

Anexos

Anexo A – Leitura monitorada⁵

Era uma vez um rapaz chamado João. Ele morava perto de um clube de **pesca** e adorava comer **cuscuz**. À noite, ele brincava de contar cada **estrela** que tinha no céu e fazia as anotações com um **lápiz**. Mas o problema é que João adorava brincar com fogo e sempre andava com um **isqueiro** e uma caixa de **fósforo**.

Certo dia, João foi convidado para ir a uma **feira** à fantasia. Ele então decidiu ir vestido de príncipe e, como todo bom príncipe, levou sua **espada**. Porém João também levou seu **isqueiro** e sua caixa de **fósforo** e isso deu a maior confusão. Enquanto se olhava no **espelho**, o fogo do seu **isqueiro** queimou a cortina do salão, ocasionando um grande incêndio.

Ele ficou tão desesperado que tentou apagar o fogo com água e até com **cuspe**, mas nada adiantou. Para se salvar, o rapaz saiu correndo, mas escorregou em uma **casca** e caiu. Por sorte ele conseguiu se levantar e acabou fugindo em um **fusca**, mas para desviar de um **asno** que passava pela estrada, João acabou batendo o carro em um **poste**. Desde esse dia João aprendeu a lição: nunca mais brincar com fogo.

Anexo B – Roteiro de entrevista

PARTE I

BAIRRO (aprox. 5 min.)

Objetivos: descobrir o grau de enraizamento do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir o grau de mobilidade da pessoa.

1. Você gosta de morar nesse bairro? Por quê?
 - (a) Se o informante não mora lá há bastante tempo, ou se nem sempre viveu ali: Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
2. Você conhece algum vizinho do bairro? Como é a sua relação com eles?

⁵ Embora as palavras “vestido”, “desesperado” e “escorregou” apresentem contextos fonológicos em que há a presença da fricativa em coda medial, elas não foram consideradas na análise quantitativa por serem diferentes das que constavam no inquérito fonético.

INFÂNCIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar sobre sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade de João Pessoa; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre escolaridade.

3. Você brinca na rua (no bairro)/dentro de casa/em casa de amigo (onde)? Quais as brincadeiras favoritas?
4. Como são os seus pais? São rígidos?
5. Qual é o seu maior sonho? O que você quer ser quando crescer?
6. Você já passou por alguma situação que você considera ter sido muito perigosa? Conte como foi.

FAMÍLIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no bairro/cidade

7. (Se o informante tem irmãos) Como é a sua relação com seus irmãos?
(Se o informante não tem irmãos) Você gostaria de ter irmãos? Por quê?
8. Quando seus (pais/avós) vieram pra João Pessoa? Você sabe por que eles vieram?

ESCOLA/OCUPAÇÃO (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas

9. Você estuda aqui por perto? (se não souber onde a pessoa estuda)
10. Como eram/são as escolas que você já estudou? Você gosta de ir para a escola?
11. Tem algum professor que você goste muito? Tem algum professor que você não goste?
12. Você gosta de estudar? Por quê?
13. Qual a sua matéria preferida? Por quê?

LAZER (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

14. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?)
15. Com que frequência vai ao cinema? Tem algum filme/série predileto? Qual? Sobre o que se trata?
16. Você passa muito tempo no celular ou tablet? Por quê? Gosta de algum tipo de jogo? Qual? Como ele é?
17. Você costuma viajar? Para que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer? Por quê?

SOAPBOX (aprox. 5 min.)

18. Você acha que existe coisa/brincadeira de menino e brincadeira de menina?
Por quê?

PARTE II

A CIDADE DE JOÃO PESSOA (aprox. 5 min.)

19. Você gosta de morar em João Pessoa? (Se não, em que lugar preferiria morar?)
Por quê?
20. O que você mais gosta em João Pessoa? Por quê?
21. O que você não gosta em João Pessoa? Por quê?

AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS (aprox. 5 min.)

22. E como é que as pessoas falam aqui em João Pessoa? (evitar usar a palavra “sotaque”). Você acha que fala como as pessoas daqui? (Se a resposta for não) Quais as diferenças?

Anexo C – Lista de palavras analisadas na entrevista

acostumei	esquadrão
assisti	esqueci
assistia	estagiária
assistindo	estranhos
assisto	estudando
bastante	estudar
cristo	estudava
Disney	estudei
escada	estudo
escalar	estudos
escola	expressões
escolher	festa
esconde	gosta
escorrego	gostei
escuto	gosto
Espanha	restaurante
espanhol	suspense

Artigo recebido em: 04.02.2019

Artigo aprovado em: 31.05.2019



Pistas para a acomodação subjetiva na variação entre em/ni na fala de universitários: regularização morfológica e reparos

Hints for subjective accommodation in the variation between em/ni in university students' speech: morphological regularization and repairs

Cristiane Conceição de Santana Ribeiro*

RESUMO: Os poucos estudos atribuem a origem do *ni* ao contato entre as línguas africanas e o português; no entanto compreendemos que esse conectivo seja resultado de regularização morfológica da preposição *em*. Dados sociais e a análise de operações de reparo mostram que a variante *ni* é usada regularmente pelos universitários da amostra sem carregar estigma social, evidenciando convergência subjetiva em processos acomodativos.

PALAVRAS-CHAVE: Variação em/ni. Regularização morfológica. Operações de reparo.

ABSTRACT: A few studies attribute the origin of *ni* to the contact between African languages and Portuguese; however we understand that this connective is a result of morphological regularization of the preposition *em* 'in'. Societal data and the analysis of repair operations show that the *ni* variant is used regularly by university students of the sample without carrying social stigma, showing subjective convergence in accommodative processes.

KEYWORDS: Variation em/ni 'in'. Morphological regularization. Repair operations.

1. Introdução

Embora não seja citada como preposição nos dicionários e na maioria dos compêndios gramaticais, a variante *ni* é comum na fala espontânea do brasileiro, principalmente em contextos mais rurais e de menos contato com bens de cultura letrada; entretanto, com o avanço do movimento migratório do campo para cidade, essa variante também pode ser ouvida na fala de jovens residentes de centros urbanos.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (Bolsista Capes, Código de Financiamento 001). <https://orcid.org/0000-0003-2039-7351>, criscc.santana@gmail.com

Ferrari (1997) afirma que o uso de *ni* em variação com a preposição *em* é citado em estudos dialetológicos como característica do falar rural, mas pode ser encontrada em centros urbanos de muitas cidades do Brasil como São Paulo, Rio de Janeiro. Os excertos descritos abaixo são da fala de um dos estudantes da UFS.¹

- (1) DAN2MI: procurar um um um polímero que se adeque bem ao... aquilo que está sendo sen- sendo... pensado tipo eh na fábrica de copos de... de... do Maratá lá lá *NI* Lagarto...
- (2) DAN2MI: eu vou pra casa da minha namorada vou pra igreja tem ensaio da banda também... ai... fico desenhando *EM* casa... eh estudo também porque tá osso... (risos)

No excerto (1), a forma *ni* apresenta o mesmo valor sintático e semântico de *em* no excerto (2). Quanto à função sintática, ambas as formas atuam na fronteira de constituintes; quanto à função semântica, as formas *em* e *ni* localizam o sintagma nominal no espaço: *ni Lagarto*, cidade do interior do estado de Sergipe onde o estudante mora, e *em casa*, residência do estudante.

Estudos sobre a variação *em ~ ni* na fala dos brasileiros ainda são escassos; no entanto, a baixa recorrência da forma *ni* não impede que a consideremos como variante da preposição locativa *em*. O uso do *ni* é mais recorrente na fala de pessoas de pouca escolarização, maior faixa etária, residentes de zonas rurais; no entanto, o estudo de Souza (2015) indicou maior recorrência *ni* nos informantes universitários em comparação aos de pouca escolaridade. Esse resultado nos sugere que *ni*, além de ser regular na fala de pessoas residentes de zonas urbanas, não sofre correção entre os universitários.

¹ Os excertos foram retirados da amostra Deslocamentos constituída no âmbito do presente trabalho e que integra o Banco de Dados Falaes Sergipanos (FREITAG, 2013).

Neste artigo, analisamos a variação no uso das preposições locativas *em* ~ *ni* assumindo a perspectiva de que *ni* não é uma variante estigmatizada. Apoiamos nossa perspectiva em evidências sociais e em evidências de acomodação subjetiva, com base nos reparos. Inicialmente, retrospectamos as origens de *ni* por meio de estudos anteriores sobre o fenômeno. Em seguida, trazemos para discussão dados sociais do uso de *ni*, que reforçam que, do ponto de vista da percepção, a forma não é estigmatizada. Por fim, trazemos dados de uma investigação de produção, com foco nos reparos e a sua relação com evidências de acomodação subjetiva à fala (RIBEIRO, 2018).

2. Origens de *ni*

Não há uma explicação consensual para a origem da variante *ni*. De acordo com Castilho (2012), a origem de *ni* no português brasileiro está relacionada aos contatos entre línguas e acomodações morfológicas.²

Castilho (2012) propõe que a forma *ni* está relacionada a uma regularização morfológica de *em*, correspondente a uma etapa da gramaticalização das preposições (o desaparecimento de preposições). Novas formas aparecem e convivem, podendo uma ser substituída pela outra, “a preposição *em* dispõe de uma forma base, o ditongo

² Outra explicação para a origem de *ni* embasa-se nas influências do contato entre línguas africanas na formação do português brasileiro, como apontam Baxter (1992), Ferrari (1997), Lucchesi e Baxter (2009), Lopes e Baxter (2006), que encontraram ocorrências de *ni* na fala de bilíngues do português e ubundo em povos Tongas de São Tomé, na África. Lopes e Baxter (2006) constataram evidências de que *ni* fora usado outrora como preposição locativa, quase categoricamente, mas, devido ao processo de aquisição do português europeu, essa forma foi perdendo força para a forma *em*. Souza (2015) também sugere a relação de *ni* com línguas africanas, como o Yorubá, mas destaca que essa relação não está necessariamente ligada à consequência de um substrato, e sim a uma sobreposição semântica entre elementos mórficos locativos das línguas de contato que formaram o português brasileiro. Também assumindo que *ni* é oriundo de línguas africanas, Albuquerque e Nascimento (2013) especulam relações entre o uso dessa forma e o contato entre línguas, como nos municípios de Itabaiana, Porto da Folha e Laranjeiras, e, também, o contato nas regiões fronteiriças de Sergipe, como em Poço Verde, em Carira e em Porto da Folha. Os autores ainda especulam sobre o uso do locativo *ni* no interior e na capital de Sergipe, associando-o às migrações das zonas rurais para as zonas urbanas.

nasal [ey] e das formas amalgamadas *no, na, num, numa*, de que *ni* representa uma sorte neutralização da categoria de gênero” (CASTILHO, 2012, p. 590). Ou seja, as formas amalgamadas referem-se aos gêneros masculino e feminino; a forma *ni*, pela influência das formas amalgamadas, representaria um gênero gramatical neutro.

Para explicar a fonologização e morfologização das preposições, Kewitz *et. al.* (2018) as classificam em leves e em pesadas, sendo as leves monossílabos livres de acento e dependentes fonologicamente de outras palavras como *a* e *de*. Já as pesadas são os monossílabos tônicos como *sem* e *trás* e dissílabos com acento na primeira ou na segunda sílaba: *sobre, entre – após, atrás*. Os autores compreendem que o *em* seria uma preposição pesada pela presença de coda e do arqui fonema nasal /N/; essa nasalidade provocaria uma compressão fonológica do *em* ditongo nasal, para *na* e *no*, monossílabos leves de constituição CV.

A contração da preposição com o artigo é conhecida na literatura como amálgama (fusão de formas dependentes, ou seja, clíticos) e igualmente se aplica às preposições *a, de, e por*, levando a formas autônomas que, por sua constituição morfológica, parecem sofrer flexão nominal, por se assemelharem a substantivos e adjetivos que variam em gênero e número (p. ex., *aos, das, pela, nos*). (KEWITZ *et. al.* 2018, p. 350)

O processo de amálgama das preposições acontece por pressões fonológicas e morfológicas como descrito em Kewitz *et. al.* (2018), constituindo novas formas que podem variar com as já existentes pelo processo de gramaticalização, como apresentado por Castilho (2012).

Para Kewitz *et. al.* (2018), o processo de amálgama dá-se pelo mecanismo de *chunking*, que, segundo Bybee (2016, p. 64), “é um processo que influencia todos os sistemas cognitivos, com base na organização da memória”. O *chunking* acontece quando dois ou mais *chunks* ocorrem com frequência; nesse caso há a formação de um *chunk* maior contendo os menores. Assim a preposição *em* configura-se como uma

preposição monossilábica pesada, mas passa a ser leve por constituir amálgamas em função da frequência com a qual é usada junto aos artigos, o que acontece com outras preposições mais gramaticalizadas. Devido a processos morfofonológicos, a preposição *em* forma o *ni* o mesmo processo pelo qual constituem-se as contrações. Para os autores tal forma

é constituída em conformidade com um esquema em que o gênero, indicado pelo artigo, determina a contração resultante. Logo, se a palavra seguinte é do gênero feminino, o resultado é *na*; caso seja do gênero masculino, o amálgama é *no*. Por fim se a forma seguinte não apresenta gênero o resultado é *ni*. (KEWITZ *et. al.* 2018, p. 357)

Os exemplos abaixo, retirados dos corpora do PHPB e PHPP, mostram o *ni* presente em textos antigos e em registros de fala mais atuais.

(3) Pinga **na** casa, **na** parede, **na** porta
 Pinga **no** telhado, **no** muro, **no** carro
 Pinga **ni** mim, **ni** você, **ni** todo mundo

(4) i hoji a genti vevi **numa** vida assim... difici **nuns** pontu i fá/ mais mió **ni** otrus né?

(5) di animal tamém a genti cuidava a genti montava **ni** animal... e ia **na** cidade di animal

O excerto (3) apresenta o resultado da junção da preposição *em* com os artigos definidos *o* para masculino e *a* para feminino constituindo preposições leves para se referir aos gêneros. Da mesma forma, o *ni* aparece como resultado de referência a um gênero neutro, introduz adjuntos adverbiais *ni mim*, *ni você*, *ni todo mundo*, substituindo com regularidade o *em*. Já os excertos (4) e (5) evidenciam uma fala espontânea; nesse caso, *ni* também substitui perfeitamente a preposição *em* em seus contextos de uso.

Os autores consideram que a preposição *em* constitui a forma *ni* por metátese, processo fonológico decorrente de estudos diacrônicos que, segundo Cavaliere (2005), consiste na troca de posição de um fonema para melhor acomodação eufônica; por exemplo *estrupe* por *estupro*. No caso da preposição em análise, a transformação do vocábulo original *em* para a forma *ni* é mais radical, provavelmente ocasionado pelas transformações anteriores os amálgamas *na* e *no*.

Pode-se compreender que *em* passe por processo morfofonêmico; a morfofonêmica, segundo Câmara Júnior (1979), consiste no estudo de junção das variantes posicionais das formas linguísticas. Essa junção pode acontecer tanto no interior de um vocábulo quanto de vocábulo para vocábulo no interior de uma frase, isto é, as formas linguísticas mudam por influência de níveis morfológicos e morfêmicos. Essas transformações podem acontecer tanto em um mesmo vocábulo, quanto em vocábulos diferentes em uma mesma frase. Os vocábulos que, fonologicamente distintos, passam a ser, no nível fonológico, um único elemento, podem ser explicados do ponto de vista sincrônico, mas as causas dessas transformações são de base diacrônica.

O autor apresenta um exemplo de junção por influência fonológica o *sândi* da língua hindu Sânscrito, que pode ser interno ou externo. O *sândi* interno acontece dentro de um mesmo vocábulo como em *leio* para *le + o*; o *sândi* externo acontece de um vocábulo para outro dentro de uma mesma frase, *olhos azuis /ól'uzazúys/*, sem registro na escrita, somente na fala. Esses processos ganham regularidades na língua como no caso das junções de pronome com conjunções e com preposições com artigos vocábulos em contato que generalizam para todas as posições e integram-se na mesma forma do vocábulo. Outro processo é o da haplologia, que ocorre entre duas sílabas iguais em contato; uma sílaba é suprimida do vocábulo como em *semínima* -> *semínima*, *idololatra* -> *idólatra*.

É possível entender a junção de preposições com artigos pelo processo morfofonêmico de *sândi interno*. Em dois vocábulos usados juntos com frequência (preposição + artigo), o primeiro (*em*) constitui outro (*no*) com as exigências morfológicas pertencentes ao segundo (*o*), mas não é só com artigos definidos que a preposição *em* pode constituir amálgamas. Kleppa (2005) apresenta as possibilidades de amálgamas das preposições mais gramaticalizadas: *em* também pode ser amalgamada aos pronomes indefinidos *um, uma* -> *num, numa*; pronomes pessoais do caso reto *ele(s) /ela(s)* -> *nele(s) /nela(s)*; demonstrativos *isto* -> *nisto, aquilo* -> *naquilo* e pronomes indefinidos variáveis iniciados por vogal. A preposição *em* junta-se a esses vocábulos, que necessariamente combinam-se ao gênero do sintagma nominal que é introduzido por eles; a forma *ni* por sua vez, é resultado de regularização fonológica em função da junção de *em* com artigos definidos, correspondendo à mudança por analogia que ocorre “quando a pronúncia de uma palavra é diretamente influenciada pela pronúncia de outra palavra com a qual mantenha certo vínculo morfológico ou semântico” (CAVALIERE, 2005, p. 56). Assim, *ni* decorre de pressões fonológicas na preposição *em*, e por influência das formas amalgamadas já existentes, *no* e *na*, representando, portanto, a neutralização de gênero que o *em* representaria.

Do ponto de vista sociolinguístico, Ferrari (1997) descreve a variação *em ~ ni* em uma comunidade isolada de Morro dos Caboclos, na zona oeste do Rio de Janeiro, e constata que a variante *ni* era presente na fala de quase todos os moradores daquela comunidade.

Na região dialetal do semiárido nordestino, Souza (2015) propõe um *continuum* rural-urbano entre os falares do português rural, popular e culto de Feira de Santana, BA, levando em consideração o emprego da preposição *ni*: a amostra da comunidade de Matinha, que fica situada na zona rural de Feira de Santana, composta por 12 informantes pouco escolarizados; e a amostra composta por 24 informantes de Feira

de Santana, moradores da zona urbana, 12 representando o português culto, com nível de escolarização elevado, e 12 representando o português popular, com baixa escolarização. O fator traço semântico do sintagma nominal, referente à noção de lugar e não-lugar foi controlado, e a análise quantitativa das ocorrências evidenciaram maior recorrência de *ni* quando denotando lugar, independentemente de seus traços semânticos (concreto/abstrato, animado/inanimado, dentro/fora); já quando o sintagma nominal denota não-lugar, predomina a ocorrência de *em*. Apenas 2 % do total das ocorrências refere-se a *ni*, o que já era esperado; no entanto, a proporção de distribuição dessas ocorrências pelas amostras (português rural, português popular e português culto) mostrou-se estatisticamente significativa na análise variacionista.

Tabela 1 – Distribuição de *ni* por comunidade.

Local	Aplicação/total	Percentual	Peso Relativo
Português rural (Matinha)	49/1317	4	.65
Português popular (F. de Santana)	15/1472	1	.33
Português culto (F. de Santana)	19/1270	2	.52

Fonte: Souza (2015, p. 93).

No português rural, a variante *ni* foi mais recorrente; já no português popular houve menor recorrência desse conectivo. O que chama a atenção nesses resultados é que, estatisticamente, o uso de *ni* é mais favorecido no português culto de Feira de Santana do que no português popular, levando o autor a sugerir que isto decorra do fato de o uso *ni* ter se expandido do ambiente rural para os espaços urbanos. Para observar essa questão, com base na Teoria de Acomodação à Comunicação (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991), apresentamos os conceitos convergência e divergência atrelada às dimensões objetivas e subjetivas da acomodação.

3. A teoria da acomodação

A teoria da acomodação é vista como um conjunto de estratégias disponíveis aos falantes nas interações face a face, que podem caracterizar realinhamentos de padrões de códigos ou seleção de linguagens relacionados às crenças, às atitudes e às condições socioestruturais subjacentes (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Ou seja, a acomodação dá-se pelo processo de realinhamento de padrões de seleção de código linguístico em função das crenças, das atitudes e do contexto social, de modo que o falante pode adaptar ou não a sua fala levando em consideração as características do ouvinte a fim de obter a solidariedade ou a dissociação do interlocutor. Conforme Giles, Coupland e Coupland (1991, p. 4, *tradução nossa*), a teoria da acomodação apresenta um paradigma bem desenvolvido capaz de explicar:

(1) consequências sociais (atitudinais, atribucionais, comportamentais e comunicativas), (2) fatores ideológicos e macro-sociais, (3) variáveis e processos intergrupais, (4) práticas discursivas em contextos naturalistas e (5) vida individual e mudanças de linguagem de grupo³.

As estratégias básicas da teoria de acomodação que explicam o realinhamento do código linguístico estão associadas à convergência e à divergência. A convergência caracteriza-se como uma estratégia pela qual os falantes adaptam-se aos comportamentos comunicativos na dimensão verbal (fala, prosódia, extensão vocal, dentre outros) e não verbais (movimentos corporais, sorrisos, olhares etc.). Já a divergência refere-se ao modo como os falantes acentuam na fala as diferenças não verbais entre si e os outros (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Em outras palavras, a convergência acontece quando o falante realinha sua fala de modo a

³ (1) social consequences (attitudinal, attributional, behavioral, and communicative), (2) ideological and macro-societal factors, (3) intergroup variables and processes, (4) discursive practices in naturalistic settings, and (5) individual life span and group-language shifts (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991, p. 4).

cooperar com o interlocutor e a divergência é uma forma de dissociação, na qual cada falante da relação mantém seu falar acentuado sem a intenção de aproximar.

Essas estratégias podem ser vistas como processo, pois os falantes podem convergir e, também, divergir em uma determinada situação. Por exemplo, dois falantes de variedades dialetais distintas conversam e cada um mantém seu repertório linguístico estando então em um processo de divergência, mas em determinado momento um dos falantes acomoda-se ao repertório do seu interlocutor, utilizando algum traço linguístico seu, assim acontecendo a convergência. Já se, em uma conversa, os interlocutores mantêm-se cada um em seu repertório, sem mudanças de um em relação ao outro, acontece a divergência, que, conforme Giles, Coupland e Coupland (1991), é uma estratégia do falante para manter a identidade pessoal ou de grupo.

As estratégias de convergência e divergência têm características diferentes e podem acontecer dentro de grupo (*in group*) ou fora de grupo (*out group*). Um falante pode acomodar-se de maneira convergente em um grupo e divergente fora desse grupo e essas estratégias podem acontecer “de cima para baixo” e “de baixo para cima”. A convergência “de cima para baixo” é um realinhamento no padrão de escolha de código linguístico a um padrão de menor prestígio, ou seja, uma alternância em direção a uma variedade ou a formas menos valorizadas ou mais estigmatizadas. Já a convergência “de baixo para cima” corresponde ao realinhamento do código linguístico ao padrão da variedade consensualmente de prestígio. Assim, quando o falante muda seu repertório para relacionar-se com grupos minoritários e menos prestigiados, como comunidades periféricas, ele está convergindo “de cima para baixo” e quando adapta sua fala à variedade de grupos de prestígio, como em centros universitários, trata-se de uma alternância de “baixo para cima” (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991).

Os autores apontam que a convergência não acontece de forma total, ou seja, os falantes não aderem a todas as variáveis e níveis de uma variedade linguística. Desse modo, o que acontece são convergências unimodais e multimodais, sendo a primeira correspondente ao baixo nível de alternância e em poucas variáveis e a segunda referente à alternância em muitas variáveis e em alto nível. Os autores destacam que as estratégias de convergência e divergência não devem ser consideradas mutuamente exclusivas e sim processuais, pois a teoria considera a convergência de algumas características como igualada à divergência simultânea de outras.

A convergência e a divergência também são pesquisadas em relações assimétricas. Por exemplo, em duplas de sexo misto, homens e mulheres adotaram um estilo linguístico mais parecido com o de seu parceiro fora do grupo do que teriam mantido com um parceiro no grupo. Nesse aspecto, os estudos de Freitag (2012), de Araujo (2014), de Santos (2014), de Silva (2016) e de Santana (2018) controlaram a assimetria de gênero nas interações como um fator para explicar a variação linguística, embora sob a perspectiva de estudos de gênero, mas que evidenciam o efeito de convergência e de divergência na acomodação.

Interessa-nos, no entanto, a interação entre o código linguístico, o social e o psicológico, o que, na teoria da acomodação na comunicação, é estabelecido pela relação entre as estratégias de convergência e de divergência com as dimensões objetivas e subjetivas. Conforme propõem Giles, Coupland e Coupland (1991), a dimensão objetiva refere-se às alternâncias entre divergência e convergência propriamente ditas, a quanto o falante acomoda sua fala independentemente do tipo de estratégia que ele usa. Já a dimensão subjetiva está relacionada às crenças e atitudes dos falantes em relação a essas estratégias. O Quadro 3 apresenta os quatro níveis de convergência e de divergência que são possíveis nessas dimensões.

Quadro 1 – Dimensões da acomodação subjetiva e objetiva da fala.

		Acomodação subjetiva	
		Convergência	Divergência
Acomodação	Convergência	A	B
Objetiva	Divergência	C	D

Fonte: Thakerar *et al.* (1982 *apud* GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991, p. 15, *tradução nossa*).

As letras A e D correspondem aos níveis nos quais os falantes acreditam que subjetivamente estão convergindo (A) ou divergindo (D) e realmente estão. Nesse caso, A e D são correlacionados e, segundo Meyerhoff (2006), quando as dimensões objetivas e subjetivas das estratégias coincidem, é bastante fácil para o pesquisador aferir as atitudes dos falantes como uma explicação para o comportamento observado. No caso das letras B e C, há uma discrepância, pois o que os falantes fazem objetivamente não corresponde ao que verdadeiramente acontece. Em (B) o falante acredita estar convergindo e em (C) o falante acredita estar divergindo, mas o que objetivamente acontece não é o que eles acreditam.

Para fins de nosso estudo, relacionamos a proposta de convergência e de divergência e as dimensões objetivas e subjetivas aos estudos de produção e de percepção na sociolinguística, como propõem Freitag *et al.* (2016).

Seguindo propostas de outros autores, que já assumiram a Teoria da acomodação à comunicação para explicar a variação no português, consideramos que a variação nas preposições locativas *em ~ ni* é sensível às estratégias de convergência e de divergência atreladas às dimensões objetivas e subjetivas.

Como vimos, a convergência “de baixo para cima” está associada ao realinhamento no padrão de escolha do código linguístico em direção a uma variedade consensualmente de prestígio. Podemos relacionar a variedade de prestígio com a que

observamos na fala de universitários, variedade conhecida como norma culta, que, conforme Faraco (2008), é a mais próxima da norma padrão e configura o conjunto de traços linguísticos que ocorrem no uso de indivíduos letrados em contextos monitorados de fala, e até mesmo de escrita, que por essa relação com os usos monitorados e com as práticas da cultura letrada, adquire um valor social positivo por parte dos falantes (FARACO, 2008). Fazer uso desse código linguístico é uma marca de indexicalidade que vincula o estudante às práticas universitárias, e por isso ocorre a acomodação.

Para mensurar as estratégias de acomodação com base nas dimensões objetivas e subjetivas, podemos considerar que os estudantes que usam a variante *ni* no contexto universitário estarão divergindo em relação à variedade consensualmente de prestígio da comunidade de práticas: já os que só usam a variante padrão *em* estão convergindo em direção à variedade da comunidade. Para identificar a convergência na dimensão objetiva basta computar os padrões de uso individual de cada estudante. No entanto, a dimensão subjetiva articula-se à objetiva. Como destacam Freitag *et al* (2016) e Freitag (2016), existe uma diferença entre o falante usar um traço linguístico do seu repertório e ter a consciência de que usa. Por exemplo, Freitag (2016) destaca que em relação à variação *nós* e *a gente*, em uma amostra de universitários, quatro informantes afirmam que costumam usar o pronome *nós*, no entanto, todas as suas realizações da primeira pessoa do plural foram com *a gente*.

Assim, em relação ao quadro proposto por Giles, Coupland e Coupland (1991), (A) refere-se aos falantes que usam a variante de maior prestígio, *em*, e têm consciência disso, ou, dito de outro modo, sabem que convergem e de fato convergem, ou (B) que convergem, fazem o uso da variante *em*, mas não têm consciência disso. Uma das formas de observar a convergência é por meio de evidências sociais e pelos reparos, como apresentamos a seguir.

4. Percepção da variação em ~ *ni*: evidências sociais

Articular o estudo da produção e da percepção dos usos permite ampliar o entendimento dos processos de variação e de mudança linguística; além das frequências de ocorrências, as reações que os falantes têm sobre os próprios usos dizem muito sobre os rumos desses processos. Além disso, nem sempre as avaliações que as pessoas fazem sobre a língua correspondem ao que realmente acontece. Considerar as percepções sociais permite identificar os estágios da mudança linguística; o estudo da produção e da percepção oferece um caminho para a análise da mudança em progresso. Os estudos prévios apontam que a variante *ni* é mais comum em regiões rurais.


Freitag (2016, 2018) reforça a necessidade de se estudar a atitude linguística em uma combinação de técnicas e de instrumentos de coletas de dados, abordagem direta e indireta e estudo societal, a fim de captar crenças, sentimentos e usos dos falantes em uma dada comunidade: “Na Sociolinguística, abordagens para mensurar atitudes podem envolver o tratamento societal, de caráter etnográfico, colhendo dados a partir de várias fontes de domínio público, como documentos oficiais, propagandas, televisão e redes sociais” (FREITAG, 2018, p. 6). Assim, além dos estudos de percepção, com testes específicos, o tratamento societal, com “piadas” e com “memes” que refletem a avaliação que é feita de um traço linguístico, como mostram Freitag *et al* (2015), podem dar pistas de como uma variante é avaliada socialmente.

Os estudos sobre a variação entre as preposições locativas *em ~ ni* no Brasil são orientados apenas pela perspectiva da produção, sem evidências empíricas de mensuração das atitudes positivas e negativas para a variante *ni*, mas podemos ver indícios de percepção por meio de dados sociais, como no estudo de Souza (2015) que descreveu o uso do *ni* em composições musicais. Além de atribuir a popularização da forma *ni* a expressões muito comuns na internet, o autor confirma a popularidade de *ni* por meio de composições musicais e sua aceitação por todas as classes sociais. As

evidências sociais sugerem que há certo grau de consciência sobre o uso da variante *ni*, o que pode ser articulado com nossa proposta de controle da acomodação em relação às dimensões objetivas e subjetivas, como explicitado anteriormente. O uso do *ni* associado a composições musicais e *memes* muito comuns na internet indica que tal uso se propaga principalmente no ambiente urbano, no qual o acesso a redes sociais é mais facilitado e os responsáveis por essa propagação são os jovens que mutuamente constituem-se como público alvo.

Quadro 2 – Letra de músicas e memes contendo *ni*.

Pinga ni mim > Sérgio Reis
Mamãe passou açúcar ni mim > Wilson Simonal
Tarado ni você > Caetano Veloso
Chega vem ni mim > Marco Polo
Vem ni mim Dodge Ram > Israel Novais



Fonte: elaborado com base em Souza (2015).

Nos exemplos do quadro 2, podemos ver como a variante *ni* é expressa na mídia. A música *Pinga ni mim* de Sergio Reis foi muito tocada nas rádios de todo Brasil, da mesma forma, *Mamãe passou açúcar ni mim*, de Wilson Simonal que é cantada até hoje, também fez muito sucesso. Entre o público jovem a que se consagrou com grande repercussão foi *Vem ni mim Dodge Ram*, de Israel Novais, com o Sertanejo universitário, evidenciando a forma *ni* como popular e aceita pelos jovens de regiões urbanas e de todas as classes sociais. No caso dos memes, estes são muito acessados em comentários e em respostas nas redes sociais. Os mais populares com a forma *ni* são evidenciados no Quadro 2, exceto o último, que segundo Souza (2015), decorrente de um grupo de

estudos de uma comunidade virtual de pesquisa de uma universidade federal. No Quadro 3, são apresentadas mais evidências que mostram a aceitação de tal forma e a sua popularização para outros contextos usando como referência os já existentes.

Quadro 3 – Popularização de *ni*.



Fonte: Google imagens.

O quadro mostra o *ni* presente em outras manifestações, que foram baseadas nas já existentes: a banda Molejo com uma nova composição de *Vem ni mim*, um bloco de rua, já considerado tradição nos carnavais de São Paulo, baseado na música *Tarado ni você* de Caetano Veloso e uma banda musical da Bahia que também leva o nome de *Vem ni mim*. Esses dados evidenciam a forma *ni* como regular na fala dos jovens brasileiros bem como a sua aceitação social.

5. A acomodação subjetiva e os reparos

Os reparos são usados como recursos para a reformulação do discurso. Fonseca (2004) entende que, em uma interação, os participantes desempenham papéis baseados em regras que eles mesmos interiorizam e buscam adequar seu comportamento a regras do seu contexto social. Para isso é necessário que eles sejam capazes de fazer escolhas linguísticas e discursivas de forma apropriada para entender o enunciado que vem de seu interlocutor e respondê-lo com coerência. É nessa troca que pode acontecer a reformulação, o falante usa estratégias para sanar “erros” ou “infrações” cometidos durante o seu discurso.

O procedimento de reformulação por correção é definido por Barros (1993), fundamentado em Gülich e Gotschi (1987), como uma estratégia que objetiva levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão. A correção e a reparação acontecem de maneira a solucionar infrações materializadas no discurso que podem ser identificadas ou reparadas por quem comete ou por quem ouve. O estudo de Barros (1993) apresenta exemplos de reformulação por correção de violação da norma linguística em inquéritos do Nurc. A situação de interação entre indivíduos cultos apresentou poucas ocorrências de correção e de reparo: a pouca frequência de “erros” e de correções mostra a preocupação dos falantes com os “bons” usos da língua, ou seja, a consciência da norma.

- (6) “mas muitas manifestações que poderiam me interessar aqui... já foram... eu creio... tratados por out/ tratadas por outras pessoas” (BARROS, 1993, p. 50).

Neste excerto, a correção acontece no momento em que o falante interrompe a si mesmo para reparar o desvio na concordância de gênero reelaborando sua fala para a que ele entende como mais adequada.

- (7) “a gente quer saber agora as quais as razões que faz... que fazem com que ah (estou) meio preocupado (com o gravador) (risos)... eh... que fazem eh... ah quais as razões que levam as pessoas a... (BARROS, 1993, p. 51).

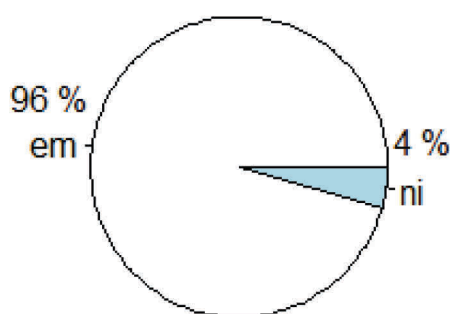
A autora explica a preocupação do informante com a correção: este reelabora o discurso e por um momento não tem certeza do uso correto da concordância; no final o indivíduo acaba substituindo o verbo “fazer” – *fazem* por “levar” – *levam*, concluindo o enunciado.

Por meio das concepções de correção e de reparação, analisamos as ocorrências de reparo na variação *em ~ ni* em uma amostra constituída por universitários a fim de

descrever as reformulações feitas pelos estudantes nos dados e a relação desses dados com as estratégias acomodativas na dimensão subjetiva. Do ponto de vista da acomodação, os reparos dão pistas da saliência, que é, segundo Freitag (2018), decorrente da interação entre frequência, convencionalidade e familiaridade.

Ribeiro (2018) desenvolveu um estudo sobre a variação *em ~ ni* em uma comunidade de práticas universitária em Sergipe.

Gráfico 1 – Uso de EM e NI na amostra.



Fonte: Ribeiro, 2018.

Foram identificadas 3.045 ocorrências da forma *em* e 132 ocorrências de *ni* na fala dos universitários da amostra de deslocamentos; os dados de *em* representam 96% enquanto os de *ni* 4%, no Gráfico 4. Mesmo com um percentual muito baixo o conectivo *ni* concorre com a preposição *em* na fala dos estudantes universitários, o que reforça a nossa hipótese de que o uso da forma *ni* não está associada, somente, ao perfil descrito em outros estudos.

Os reparos nos indicam que a forma *ni* ocorre na fala dos estudantes da amostra de deslocamento UFS com regularidade, sem carregar estigma social. Além disso, também podemos perceber esse conectivo como resultado de processo morfofonêmico usado para representar um gênero neutro. Pode-se perceber pelos excertos de reparo, a produção da forma *ni* substituindo a preposição *em* nos contextos em que o sintagma nominal que ela introduz não necessita da marca de gênero, apresentando um indício de que a forma seja resultado de processo morfofonêmico. Das 114 ocorrências da

forma *ni* identificadas na fala dos estudantes, quatro foram em contexto de reparo, e dos 18 dados identificados na fala das documentadoras, uma ocorrência foi em contexto de reparação.

- (8) SOA3MF: mas esses caras eles são eles tão fazendo Direito ma- estão dizendo que tão fazendo Direito mas não estão fazendo Direito coisa nenhuma... tem uma definição de um autor que a gente lê lá **no no ni** Introdução ao Curso de Direito que é Tércio Sampa- Sampaio Júnior ... ele (se) tem um livro chamado introdução ao curso de Direito

No excerto (8) o informante fala sobre pessoas que dizem estar fazendo Direito, mas, na opinião dele não estão, e procura definir o Direito alicerçado em um livro chamado *Introdução ao Curso de Direito*. Para se referir ao livro o informante usa a contração *no* duas vezes e repara com o conectivo *ni* para introduzir o sintagma nominal *Introdução ao Curso de Direito*, título do livro. Neste caso a contração *no* poderia ser reparada para *em*, mas o informante a substitui por *ni*, que é usado com o mesmo valor da preposição *em*.

- (9) DOCC: a cidade onde você nasceu?
 JOS3MF: Boquim
 DOCC: onde você mora atualmente?
 JOS3MF: **ni no** Rosa Elze... próximo à UFS

O excerto (9) mostra um diálogo no qual a documentadora pergunta onde o estudante mora atualmente e ele responde usando o *ni* para se referir ao Rosa Elze, mas faz a correção para a contração *no* buscando correlacionar com o bairro, já que este infere o sentido de gênero masculino (o bairro Rosa Elze, o Rosa Elze). Esse resultado mostra que o *ni* está entre os recursos usados para introduzir adjuntos adverbiais da mesma forma que a preposição *em* e suas contrações.

- (10) MAR4FI: é porque quando eu fui morar em São Paulo eu queria passar lá UFS... e a prova ser muito difícil eu não consegui... aí por isso que eu tentei aqui como eu passei **ni no** que eu queria mesmo... e era federal eu acho que eu teria continuado em São Paulo pra...

O excerto mostra a realização do *ni* como opção de preposição para se referir ao curso da estudante, como eu passei *no curso* que eu queria ou como eu passei *ni geografia* a estudante usa o *ni* como um recurso para se referir ao curso e repara para o *no* pela exigência do gênero a que se refere.

- (11) DOCC: **em... ni** Umbaúba o que você fazia nas suas horas vagas? nos finais de semana?
VIC3MI: bom... eu sempre variava sempre tem alguma coisa diferente pra fazer apesar de ser uma cidade pequena...

No excerto (11) temos um caso de reparo de *em* para *ni*, feito pela documentadora DOCC, quando questiona o interlocutor sobre sua rotina na sua cidade de origem. Esse resultado mostra como a variante *ni* está integrada no repertório linguístico dos membros da comunidade de prática UFS; tanto os informantes quanto as documentadoras, salvo DOCC, fizeram uso da variante *ni* durante o processo de coleta de entrevistas, o que indica que esta não carrega estigma social pelos membros da comunidade.

- (12) DOCT: e como era lá no Silvio Romero?
LUC3MI: eh... o
DOCT: cê estudou lá desde que eh da sé- do sétimo ano
LUC3MI: não num da sexta série a o... a oitava série eu estudei **no... ni** um colégio municipal... o Frei Cristóvão... aí no no médio eu fui pro pro Poli...

No excerto (12), a documentadora DOCT faz uma pergunta sobre a antiga escola do estudante LUC3MI; este por sua vez, faz dois tipos de reparo, o primeiro com a

pausa preenchida “eh...”, pois ele percebe que a documentadora se confunde ao falar das escolas, desse modo, a corrige afirmando não ter estudado no Silvo Romero, no sétimo ano, mas em outro colégio, o Frei Cristóvão, usa a contração padrão *no*, mas repara para o conectivo *ni*, reparando pela segunda vez, como uma forma de indicar que seria um outro colégio o Frei Cristóvão, não o Silvo Romero como DOCT afirmara. Nesse caso o estudante poderia ter usado *em um* ou até mesmo *num*, porém fez uso do *ni* como forma de correção.

Os excertos mostram que os informantes da amostra usam o conectivo *ni* com regularidade, assim como usam a preposição *em* e as formas amalgamadas *na* e *no*. Desse modo o *ni* substitui a preposição *em* para referenciar um gênero neutro; esses resultados podem sugerir que o *ni* tenha decorrido de uma transformação morfofonêmica, processo regular da língua, e não carrega estigma, pois não sofre correção entre os membros.

6. Considerações finais

Estudos sobre a variação *em ~ ni* associam sua origem às dinâmicas de contato entre as línguas africanas e portuguesas no período de colonização do Brasil (SOUZA, 2015, 2013; FERRARI, 1997), por esse motivo compreendem que as comunidades nas quais a forma é percebida tenham sofrido influência desses contatos. No entanto, neste estudo entendemos que essa forma tenha resultado de processo morfofonológico motivado por pressões fonológicas e semânticas, transformações comuns da língua. Defendemos também que a preposição *ni* ocorre de forma regular na fala dos informantes da amostra, e que não carrega estigma social, pois os estudantes percebem a forma, mas não a corrigem nem são corrigidos quanto ao seu uso. As variáveis linguísticas mostram evidências do uso de *ni* em vários contextos linguísticos; os excertos de reparo indicam o processo regular de *ni* na comunidade, indicando convergência pela dimensão subjetiva de estratégias acomodativas.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, D. B.; NASCIMENTO, A. M. O locativo ni na fala sergipana: uma interpretação à luz do contato de línguas. **Interdisciplinar** – Revista de Estudos em Língua e Literatura, Itabaiana, v. 17, n. 2, p. 99-110, jun. 2013.

ARAÚJO, A. S. **“Você me faria um favor?” O futuro do pretérito e a expressão de polidez**. 2014. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

BARROS, D. L. P. de. Procedimentos de reformulação: a correção. O processo interacional. *In*: Preti, D. (org.). **Análise de textos orais**. v. 1, 2 ed. São Paulo: Janeiro, Vozes, 1993.

BAXTER, A. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a criouliização prévia: um exemplo do estado da Bahia. *In*: D’ANDRADE, E.; KIHM, A. (org.). **Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa**. Lisboa: Colibri, 1992.

BAXTER, A. LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, n. 19, mar. 1997.

BYBEE, J. L. **Uso língua e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Rio de Janeiro, 1979.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v13i1p7-16>

CAVALIERE, R. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRARI, L. V. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. **Revista ANPOLL**, n. 3, p. 121-133. FFLCH/USP, 1997. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i3.261>

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, p. 156-164, 2013. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>

FREITAG, R. M. K. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística. *In*: Congresso internacional de dialetologia e sociolinguística, 2012. **Anais [...]**. p. 289-296.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. **DELTA**, v. 32, p. 889-917, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>

FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 40, n. 2, p. 1-11, 2018. DOI <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i2.41173>

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. O. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. *In*: LOPES, N. da S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. K. (org.). **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016, p. 109-122. DOI <https://doi.org/10.5151/9788580392173-06>

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M.A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as letras**, v. 18, n. 2, 2016, p. 64-84. DOI <https://doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M.A. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. **Signo y Señal** | Revista del Instituto de Lingüística, n. 28, p. 65-87, 2015.

GILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, H. **Accommodation theory: communication, context and consequence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511663673.001>

KEWITZ, V.; ALMEIDA, M. L. L.; SOUZA, J. L.; GONÇALVES, C. A. As Preposições: Aspectos Históricos e Usos Atuais. *In*: LOPES, C. R.; Castilho, A. T. (org.). **História do português brasileiro** vol. 4: mudança sintática das classes gramaticais – perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2018. p. 294-383.

KLEPPA, L. A. A forma da preposição na fala de uma criança. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 3, n. 5, ago. de 2005. ISSN: 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Acesso em: 29 jan. de 2019.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

RIBEIRO, C. C. S. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições locativas em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe**. Sergipe, 2018. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

SANTANA, R. R. Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural. **Caderno de pós-graduação em Letras – CPGL**, v. 18, n. 2, 2018, p. 56-74. DOI <https://doi.org/10.5935/cadernosletras.v18n2p55-74>

SANTOS, K. C. **Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. Sergipe, 2014. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

SILVA, R. B. **Marcadores discursivos interacionais na fala de adolescentes escolares: acomodação linguística e identidade social**. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe. 2016.

SOUZA, E. S. **A preposição ‘ni’ no continuum rural-urbano de comunidades baianas**. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

Artigo recebido em: 03.02.2019

Artigo aprovado em: 31.05.2019



Repercussões da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção da variação fonética

Repercussions of data collection methods on the perception of phonetic variation

Ana Paula Correa da Silva Biasibetti*

RESUMO: Este artigo investiga os efeitos da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção fonética das variantes sibilantes [s] e [ʃ] em coda silábica do português brasileiro. Para tanto, 30 falantes da variedade florianopolitana realizaram um teste de classificação por similaridade. Os resultados indicaram que o local de origem dos pais dos informantes não afeta a percepção do grau relativo de similaridade entre as fricativas alveolar e palato-alveolar. Esse resultado sugere que o procedimento de constituição de amostras realizado sob os preceitos da Sociolinguística – a qual prevê que os informantes e seus pais devem ter nascido e crescido na mesma localidade, ou seja, devem compartilhar a mesma variedade linguística – pode ser ampliado no sentido de contemplar informantes cujos pais são falantes de outras variedades dialetais. Entende-se que essa abordagem metodológica é relevante para a pesquisa sobre a percepção da variação fonética, uma vez que permite uma maior aproximação da realidade linguística dos centros urbanos, marcada pela grande mobilidade populacional.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Variação fonética. Percepção.

ABSTRACT: This article investigates the effects of data collection methodology on the phonetic perception of coda [s] and [ʃ] in Brazilian Portuguese. To do so, 30 Florianopolitan speakers performed a similarity rating test. The results indicated that the place of origin of speakers' parents does not affect the perception of the relative degree of similarity between the variable alveolar and post-alveolar fricatives. This result suggests that the data collection methodology carried out under the assumption of Sociolinguistics – which predicts that informants and their parents must have been born and raised in the same place, i. e., they must share the same linguistic variety – may be expanded in terms of contemplating informants whose parents are speakers of other dialectal varieties. It is understood that this methodological approach is relevant to the research on the perception of phonetic variation since it allows a closer approximation of the linguistic reality of the urban centers, which is marked by the great population mobility.

KEYWORDS: Methodology. Phonetic variation. Perception.

* Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). <https://orcid.org/0000-0002-0719-5926>, biasibetti.ana@gmail.com

1. Introdução

O presente estudo propõe-se a investigar o impacto da metodologia de constituição de amostras sobre a percepção fonética das variantes sibilantes [s] e [ʃ] em coda silábica por falantes da variedade florianopolitana de português brasileiro com base nos resultados obtidos na aplicação de um teste de percepção do tipo classificação por similaridade.

A variedade florianopolitana contempla duas produções variáveis da fricativa sibilante não-vozeada em posição de coda silábica, a saber, a variante alveolar [s] e a variante palato-alveolar [ʃ]¹. A exemplo, têm-se co[s]ta ~ co[ʃ]ta e lu[s] ~ lu[ʃ]. Segundo Biasibetti (2018), a fricativa palato-alveolar corresponde a 70,5% do total de instâncias no registro espontâneo (N=482) e a 37% das instâncias no registro monitorado (N=354) nas produções femininas, enquanto a fricativa palato-alveolar ocorre em 82,4% do total de instâncias no registro espontâneo (N=524) e a 76,6% no registro monitorado (N=347) nas produções masculinas na amostra coletada em Florianópolis/SC entre os anos de 2016 e 2017.

Diante desse quadro de variação, sob a perspectiva da Sociofonética, tem-se por hipótese que a realidade linguística verificada na cidade de Florianópolis/SC é saliente e potencialmente informativa, o que torna os falantes dessa variedade dialetal mais sensíveis ao detalhe fonético das variantes sibilantes. Espera-se, portanto, que as sibilantes [s] e [ʃ] em coda sejam percebidas como relativamente distintas pelos informantes florianopolitanos em um teste de classificação por similaridade.

Quanto à questão sobre a metodologia de constituição de amostras, a pesquisa de viés sociolinguístico sustenta que os informantes e os seus pais devem compartilhar a mesma variedade linguística para que os padrões de variação presentes na produção e na percepção daquela comunidade de fala possam ser devidamente conhecidos.

¹ Segundo Brescancini (2002), a fricativa glotal também ocorre, com frequência reduzida, em posição de coda silábica na variedade florianopolitana.

A fim de verificar a relevância desse preceito metodológico em termos de percepção, os efeitos da variável Origem dos Pais sobre os graus de similaridade atribuídos pelos informantes florianopolitanos às variantes alveolar e palato-alveolar em posição de coda foram investigados. Para tanto, três condições foram controladas, a saber, ambos os pais florianopolitanos, ambos os pais não-florianopolitanos e, ainda, mãe ou pai florianopolitano.

A seção a seguir trata dos pressupostos teóricos que nortearam o presente estudo.

2. Pressupostos teóricos

Este estudo foi desenvolvido sob o viés da Sociofonética, entendida como uma interface entre a Sociolinguística e a Fonética (BARANOWSKI, 2013). Em síntese, a Sociofonética investiga a variação fonética socialmente estruturada sob a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista através de ferramentas e de procedimentos empregados pela Fonética.

Todavia, a Sociofonética tem, gradualmente, afastando-se das premissas teóricas da Sociolinguística Variacionista no sentido de que assume nos modelos exemplaristas e, portanto, cognitivistas, a base da variação sonora socialmente estruturada (FOULKES; DOCHERTY, 2006; FOULKES; SCOBIE; WATT, 2010). A Teoria de Exemplos (GOLDINGER, 1997; JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001) é possivelmente a proposta mais adequada para o modelamento da produção e da percepção sociofonética, pois é capaz de explicar teoricamente “(...) como a variação socialmente estruturada do sistema sonoro é aprendida, armazenada cognitivamente, avaliada subjetivamente e processada na produção oral e na percepção auditiva”² (FOULKES, 2010, p. 704).

² No original: “(...) how socially-structured variation in the sound system is learned, stored cognitively, subjectively evaluated, and processed in speaking and listening.”

Assim posto, a Sociofonética assume que as variantes fonéticas e os seus significados sociais possuem representação cognitiva, isto é, detalhe fonético e conteúdo indexical estão ambos circunscritos a uma mesma forma representacional, ao passo que, de acordo com Eckert e Labov (2017), a Sociolinguística Variacionista entende que o significado social pode se aplicar às formas fonéticas, mas não à sua representação fonológica. Para a Sociofonética, portanto, a informação linguística é fonética e socialmente complexa, sendo recuperada e implementada pelos falantes tanto na produção quanto na percepção.

Em relação aos aspectos metodológicos envolvidos na constituição de amostras, a Sociofonética apresenta uma maior aproximação aos preceitos da Fonética do que da Sociolinguística:

Os sociolinguistas tendem a preocupar-se mais do que os foneticistas com as técnicas de amostragem. Eles colocam muita ênfase no ato de encontrar falantes típicos ou representativos e na amostragem da população como um todo. (...) Por outro lado, foneticistas frequentemente tentam obter grandes quantidades de dados a partir de sujeitos particulares, o que reduz potenciais erros aleatórios (THOMAS, 2011, p. 3)³.

Tradicionalmente, a abordagem sociolinguística preconiza a metodologia de constituição de amostras em que os falantes e seus pais têm o mesmo local de origem, ou seja, pais e filhos compartilham a mesma variedade dialetal⁴. Restringir os falantes da amostra de acordo com o referido perfil certamente viabiliza a análise sobre os padrões de variação verificados na localidade com vistas a descrever o falante prototípico daquela variedade linguística. Todavia, essa escolha teórico-metodológica

³ No original: "Sociolinguists tend to be far more concerned than phoneticians with sampling techniques. They place a lot of emphasis on finding 'typical' or 'representative' speakers and with population sampling as a whole. (...) On the other hand, phoneticians often try to get large amounts of data from individual subjects, which reduces potential random errors".

⁴ Destoa dessa abordagem o banco de dados sociolinguísticos do Projeto SP2010 (MENDES, R. B.; OUSHIRO, L., 2012), o qual considera falantes paulistanos filhos ou não de pais paulistanos.

pode negligenciar possíveis condicionamentos da variável Origem dos Pais sobre a produção (e a percepção) dos falantes em relação à variável dependente investigada.

Há, no entanto, estudos sociolinguísticos que apontam uma correlação entre a variável dependente e a variável Origem dos Pais. A exemplo, Oushiro (2015) verificou que a variável (-r) em coda silábica na variedade paulistana de português brasileiro é condicionada pela origem dos pais dos falantes, sendo que falantes cujos pais são do Norte/Nordeste favorecem mais a produção retroflexa, seguida daqueles cujos pais são do interior de SP, PR e MG, ao passo que pais paulistanos e estrangeiros não favorecem a referida variante, mas, sim, o tepe. Fica caracterizado, dessa forma, a relevância da inclusão da variável Origem dos pais nas análises quantitativa e qualitativa.

Além disso, diante do fato de que, nos grandes centros urbanos, o perfil social recorrentemente observado é aquele em que os sujeitos são filhos de pais que, já adultos⁵, migraram para a cidade, é importante que a questão da origem dos pais dos informantes seja contemplada.

Por fim, uma vez que a Sociofonética pressupõe a sensibilidade dos falantes/ouvintes ao detalhe fonético e aos conteúdos indexicais, é razoável supor que sua percepção linguística é afetada em algum nível pela exposição a variedades dialetais diversas, o que inclui as variedades dialetais faladas por seus pais.

Assim posto, o presente estudo tem por objetivo lançar luz sobre o aspecto metodológico da constituição de amostras ao questionar a relevância e a adequação do método tradicionalmente empregado pela pesquisa sociolinguística no contexto dos grandes centros urbanos. Para tanto, o impacto da origem dos pais sobre a percepção fonética da variação da sibilante em coda por falantes da variedade florianopolitana será explorada nas seções a seguir.

⁵ As diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) definem como adultos os sujeitos com mais de 19 anos. Fonte: <https://www.who.int/hiv/pub/guidelines/arv2013/intro/keyterms/en/>.

3. Metodologia⁶

No teste de percepção do tipo classificação por similaridade, os informantes ponderaram sobre dois estímulos sonoros e os classificam quanto a sua similaridade de acordo com uma escala de Likert de 5 pontos que vai de 1 (muito semelhante) até 5 (muito diferente) clicando com o mouse sobre um dos pontos da escala. Isso significa que respostas mais próximas de 1 denotam o menor distanciamento perceptual entre os estímulos sonoros, ao passo que respostas mais próximas de 5 representam o maior distanciamento entre estes.

Os estímulos sonoros utilizados no experimento foram gravados com taxa de amostragem de 44.100 Hz através de um gravador Marantz PMD661 e um microfone externo Shure SM-58 acoplado a um tripé de mesa posicionado a cerca de 20 cm de distância do locutor. Os estímulos consistem nas fricativas alveolar e palato-alveolar não-vozeadas [s] e [ʃ] precedidas pelas vogais [i], [u] e [a] produzidas com acentuação tônica⁷, conforme o Quadro 1 a seguir.

Os estímulos foram produzidos e repetidos três vezes cada, inseridos na frase-veículo “Diga _____ com calma”. O objetivo aqui é controlar o vozeamento da sibilante, assim como evitar a interferência de diferentes traços prosódicos possivelmente introduzidos na leitura livre. A melhor produção dentre as três repetições de cada palavra foi selecionada para integrar o experimento, sendo que o trecho contendo a frase-veículo foi eliminado, ou seja, apenas os estímulos vogal-sibilante foram mantidos. Salienta-se que a duração dos estímulos não foi manipulada.

Por outro lado, os estímulos foram normalizados em relação à amplitude para se tornarem igualmente audíveis. Além disso, um intervalo de silêncio de 100 ms foi

⁶ Os aspectos metodológicos aqui apresentados foram implementados após a aprovação do projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n° 505130151.0000.5336. O teste de classificação por similaridade foi aplicado entre setembro e dezembro de 2017.

⁷ Os estímulos sonoros não foram lexicalmente controlados: [us] e [as] (artigos definidos *os* e *as*, respectivamente) são palavras funcionais; [is] é uma pseudopalavra.

introduzido entre os dois estímulos que constituem cada par. Os procedimentos aqui citados foram realizados no programa Praat (BOERSMA; WEENINK, 2016) versão 6.0.18.

Quadro 1 – Estímulos utilizados no teste de classificação por similaridade.

Fricativa alveolar	Fricativa palato-alveolar
[is]	[iʃ]
[us]	[uʃ]
[as]	[aʃ]

Fonte: elaborado pelo autor.

Foram utilizados seis pares de estímulos para cada vogal, sendo quatro pares distintos e dois pares idênticos⁸. Consideradas as três vogais, 18 pares de estímulos foram apresentados aos informantes de forma aleatória em três repetições. Cada informante classificou, portanto, 54 pares de estímulos sonoros.

O teste de classificação por similaridade foi construído no programa PsychoPy (PEIRCE, 2007) versão 1.83.00 em ambiente Windows 10. Para a realização do teste, os informantes utilizaram fones de ouvido supra auricular com frequência de resposta entre 10 Hz e 24.000 Hz (Sony MDRZX310AP) e um notebook (Dell Inspiron 14"). A ordem de apresentação dos pares, as respostas dadas pelos informantes e seus tempos de resposta foram registrados em uma planilha de dados gerada automaticamente pelo experimento. Destaca-se que os informantes realizaram uma breve sessão de treinamento em que se familiarizaram com a rotina e com o ambiente de aplicação do teste.

No total, 30 informantes realizaram o teste, sendo 15 homens (média de 29,7 anos) e 15 mulheres (média de 27,4 anos). Todos passaram a infância em Florianópolis/SC e Região Metropolitana (consideradas apenas as cidades de São José

⁸ Pares distintos: dois pares [as] x [aʃ] e dois pares [aʃ] x [as]. Pares idênticos: um par [as] x [as] e um par [aʃ] x [aʃ].

e Palhoça). Além disso, viveram pelo menos dois terços de suas vidas nessas localidades. Finalmente, foram considerados florianopolitanos aqueles pais que cresceram nas localidades de Florianópolis, São José e Palhoça; o rótulo de não-florianopolitano se aplica aos pais que cresceram em cidades do interior do Estado de Santa Catarina ou em outros estados.

Entre os informantes do sexo masculino, nove possuem ambos os pais florianopolitanos, quatro têm ambos os pais não-florianopolitanos e dois informantes possuem mãe ou pai florianopolitano. Quanto às mulheres, sete informantes têm ambos os pais florianopolitanos, cinco possuem ambos os pais não-florianopolitanos e três informantes possuem mãe ou pai florianopolitano.

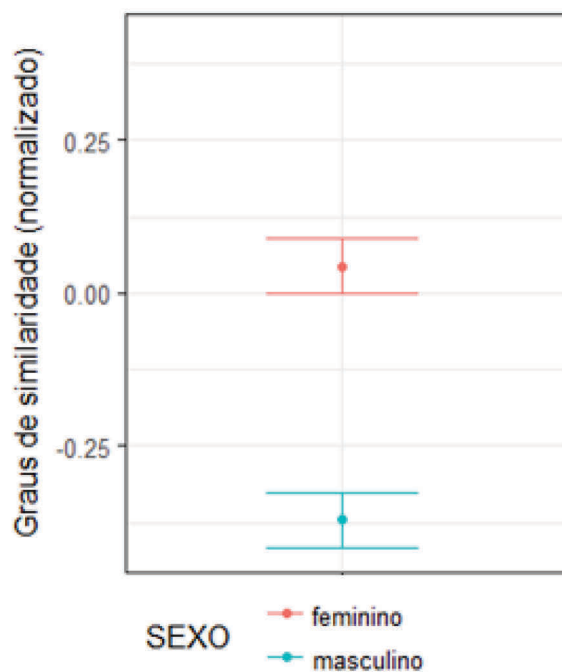
Foram coletadas 1.080 respostas aos pares de estímulos distintos, sendo que as respostas conferidas aos pares de estímulos idênticos não foram consideradas no presente estudo. Os graus de semelhança atribuídos pelos informantes foram normalizados em escores z a fim de compensar diferenças no uso da escala de Likert, ou seja, os escores de cada informante foram centralizados em torno de zero a fim de corrigir diferenças individuais. Assim, escores abaixo de zero indicam que os estímulos são mais semelhantes, ao passo que escores acima de zero indicam que os estímulos são menos semelhantes, ou seja, mais distintos.

Os graus de similaridade foram tratados estatisticamente através de regressão linear de efeitos mistos na plataforma R Studio (RSTUDIO TEAM, 2017). Três fatores da variável Origem dos Pais foram controlados com vistas a verificar seu efeito sobre a percepção das variantes sibilantes, a saber, i) ambos os pais florianopolitanos, ii) ambos os pais não-florianopolitanos e iii) mãe ou pai florianopolitano. Por fim, a variável Informante foi tratada como uma variável aleatória.

4. Resultados

A Figura 1 a seguir reproduz os valores médios normalizados dos graus de semelhança atribuídos pelos informantes florianopolitanos às fricativas sibilantes [s] e [ʃ] em coda no teste de classificação por similaridade.

Figura 1 – Graus de similaridade atribuídos pelos informantes florianopolitanos.



Fonte: elaborada pelo autor.

Os graus de similaridade atribuídos pelas mulheres florianopolitanas às fricativas alveolar e palato-alveolar em coda silábica apresentaram o valor médio de 0,04 (DP=1,02). Por sua vez, os graus de semelhança atribuídos pelos homens florianopolitanos têm valor médio de -0,37 (DP=1,05). Um teste t para amostras independentes indicou que a diferença entre os graus médios atribuídos pelas mulheres e pelos homens é estatisticamente significativa ($t(1077)=-6,55, p<0,01$).

Haja vista que os escores abaixo de zero indicam que os estímulos sonoros são percebidos como mais semelhantes e escores acima de zero indicam que os estímulos são percebidos como mais distintos, observa-se na Figura 1 anterior, que a diferença

entre a variante alveolar e a variante palato-alveolar é levemente percebida pelas mulheres, enquanto os homens parecem ignorá-la. Ao que parece, a variação da sibilante em coda tão presente na variedade dialetal em questão interfere na percepção fonética de modo que torna menos evidente a diferença entre a fricativa alveolar e a palato-alveolar.

Além disso, o fato de que os homens percebem as variantes alveolar e palato-alveolar em coda como mais semelhantes do que as mulheres sugerem que o comportamento articulatorio do grupo masculino repercute sobre sua percepção no sentido de que o uso variável mais recorrente na fala masculina parece tornar a distinção menos saliente em termos perceptuais. Tal suposição baseia-se nos dados de produção coletados em Florianópolis/SC por Biasibetti (2018), os quais atestam que a variação está muito mais presente na fala masculina do que na fala feminina. Pode-se cogitar, portanto, que o desempenho perceptual correlaciona-se com o desempenho articulatorio. Contudo, salienta-se que, devido à pouca representatividade da amostra, não é possível afirmar categoricamente que a percepção resulte dos fatos de produção observados.

A hipótese de trabalho aqui assumida – a qual afirma que a produção variável observada em Florianópolis/SC propicia a percepção mais robusta da distinção fonética entre as variantes sibilantes – poderia ser reelaborada em razão da tese de que a ausência de variação potencializaria a percepção da diferença entre as formas fonéticas variantes. Contudo, ao aplicar o teste de percepção entre dez falantes da variedade porto-alegrense, na qual observou-se o uso categórico da variante alveolar em coda silábica nos dados de produção de 24 falantes, Biasibetti (2018) observou que as mulheres atribuíram o grau médio de 0,36 e os homens -0,38 à semelhança entre as fricativas alveolar e palato-alveolar em coda. Em outras palavras, observou-se em Porto Alegre o mesmo padrão perceptual observado em Florianópolis em relação aos homens e às mulheres, sendo que a diferença entre as sibilantes é perceptualmente

mais acentuada entre as mulheres porto-alegrenses do que entre as mulheres florianopolitanas. Ao que parece, a percepção da variação da sibilante em coda em português brasileiro apresenta, primariamente, condicionamentos relacionados ao gênero dos informantes independentemente de sua variedade dialetal. Estudos que contemplem amostras mais amplas devem ser realizados para que essa indicação seja atestada.

Quanto aos efeitos do local de origem dos pais dos informantes sobre a percepção fonética das variantes sibilantes, observou-se que a referida variável não afetou a percepção dos informantes do sexo masculino ($\chi^2(2)=3,89$, $p=0,14$). Além disso, verificou-se que o grau de similaridade entre [s] e [ʃ] atribuído pelos informantes cujos ambos os pais não são florianopolitanos aumentou em 0,61 (erro padrão 0,43). Por sua vez, quando apenas um dos pais é florianopolitano, o grau de similaridade aumentou em 1,05 (erro padrão 0,56).

A origem dos pais dos informantes também não afetou a percepção fonética das mulheres ($\chi^2(2)=0,32$, $p=0,85$), sendo que o grau de similaridade atribuído pelas informantes diminuiu em 0,17 (erro padrão 0,38) quando ambos os pais não são florianopolitanos e aumentou em 0,07 (erro padrão 0,45) quando apenas um dos pais é florianopolitano.

Conclui-se, portanto, que o local de origem dos pais não interfere na percepção da variação fonética das sibilantes em coda por falantes florianopolitanos. Isso significa que o procedimento de constituição de amostras defendido pela Sociolinguística, o qual se restringe a informantes que compartilham com seus pais a mesma variedade dialetal, não é relevante para a investigação sobre o fenômeno de percepção aqui explorado. Algumas repercussões desse achado são discutidas a seguir.

Primeiramente, ao restringirem-se a informantes cujos pais são falantes da mesma variedade dialetal, amostras construídas sob o ponto de vista da

Sociolinguística inviabilizam a verificação da significância estatística da variável Origem dos Pais sobre a percepção dos informantes em relação à variação fonética. Isso implica em uma investigação que acaba por não incorporar elementos linguisticamente relevantes associados ao perfil social dos informantes, tal como o local de origem dos pais dos informantes e, conseqüentemente, o efeito das variedades dialetais por eles faladas sobre o comportamento perceptual de seus filhos.

Em segundo lugar, a referida metodologia de constituição de amostras não permite que os padrões de variação vigentes em comunidades de fala dinâmicas, como aquelas verificadas nos grandes centros urbanos, sejam devidamente conhecidos, pois históricos linguísticos variados acabam por não serem contemplados.

Assim posto, sob a perspectiva da Sociofonética, a questão sobre a variedade dialetal dos pais dos informantes associada ao seu local de origem pode ser flexibilizada de modo a dar conta da complexidade dos fenômenos variáveis observados em aglomerados urbanos marcados pela grande diversidade linguística.

Devido a sua aproximação com as práticas implementadas pela pesquisa em Fonética, a Sociofonética admite que o comportamento linguístico do falante em si é suficiente para caracterizar a variedade em questão tanto em termos de produção quanto de percepção desde que uma quantidade significativa de dados seja considerada.

Defende-se, portanto, que, em relação aos estudos perceptuais, seja implementada uma abordagem metodológica de constituição de amostra menos conservadora em que informantes cujos pais são falantes de outras variedades dialetais sejam incorporados à análise quantitativa de modo a refletir com mais acurácia a realidade linguística de localidades geográficas socialmente complexas.

5. Considerações finais

Os resultados apresentados pelo presente estudo sugerem que a metodologia de constituição de amostras em estudos sobre a percepção da variação fonética em grandes centros urbanos pode contemplar informantes cujos pais são falantes de diferentes variedades linguísticas. Isso significa que os estudos perceptuais devem considerar falantes de uma determinada variedade dialetal cujos perfis incluam pais e mães falantes ou não da mesma variedade, pois a coexistência de variedades dialetais nas grandes cidades é, em verdade, emblemática uma vez que explicita um dos principais elementos da sociedade urbana contemporânea.

O estudo aqui apresentado ainda é incipiente e, portanto, trabalhos futuros deverão ser realizados com vistas a aprofundar a questão sobre os perfis sociais que constituem as amostras investigadas pelos estudos sobre a variação linguística em nível de percepção. Entretanto, acredita-se que os resultados aqui expostos instigam a reflexão sobre os procedimentos comumente adotados, questionando sua relevância e sua adequação em determinados contextos de pesquisa.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pela bolsa concedida entre os anos de 2014 e 2018 sem a qual não teria sido possível a coleta de dados de produção e de percepção que permitiu a realização do presente estudo.

Referências Bibliográficas

BARANOWSKI, M. Sociophonetics. *In*: BAYLEY, R.; CAMERON, R.; LUCAS, C. (ed.). **The Oxford Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 403-424. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199744084.013.0020>

BIASIBETTI, A. P. C. S. **Produção e percepção das fricativas sibilantes em Porto Alegre/RS e Florianópolis/SC**. 2018. 195 f. Tese (Doutorado em Linguística).

Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BRESCANCINI, C. R. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade**: uma regra variável. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BOERSMA; P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer [Programa de computador]. Versão 6.0.18, 2016.

ECKERT, P.; LABOV, W. Phonetics, phonology and social meaning. **Journal of Sociolinguistics**, v. 21, n. 4, p. 467–496, 2017. DOI <https://doi.org/10.1111/josl.12244>

FOULKES, P. Exploring social-indexical variation: a long past but a short history. **Laboratory Phonology**, v. 1, p. 5–39, 2010. DOI <https://doi.org/10.1515/labphon.2010.003>

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. **Journal of Phonetics**, v. 34, n. 4, p. 409–438, 2006. DOI <https://doi.org/10.1016/j.wocn.2005.08.002>

FOULKES, P.; SCOBIE, J. M.; WATT, D. Sociophonetics. *In*: HARDCASTLE, W. J.; LAVER, J.; GIBBON, F. E. (ed.). **The Handbook of Phonetic Sciences**, 2010. p. 703–754. DOI <https://doi.org/10.1002/9781444317251.ch19>

GOLDINGER, S. Words and voices: perception and production in an episodic lexicon. *In*: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. (ed.). **Talker Variability in Speech Processing**. San Diego: Academic Press, 1997. p. 33–66.

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization. *In*: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. (ed.). **Talker Variability in Speech Processing**. San Diego: Academic Press, 1997. p. 145-165.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **ALFA**, v. 56, n. 2, p. 973-1001, 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300011>

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEIRCE, J. W. PsychoPy: Psychophysics software in Python. **Journal of Neuroscience Methods**, v. 162, n. 1–2, 2007. DOI <https://doi.org/10.1016/j.jneumeth.2006.11.017>

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. *In*: BYBEE, J. L.; HOPPER, P. (ed.). **Frequency effects and the emergence of lexical structure**. John Benjamins, Amsterdam: 2001. p. 137–157. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.45.08pie>

RSTUDIO TEAM. **RStudio**: Integrated Development for R. RStudio, Inc., Boston, 2017. Disponível em: <http://www.rstudio.com/>

THOMAS, E. R. **Sociophonetics**: an introduction. Basingstoke, UK/New York: Palgrave, 2011. DOI <https://doi.org/10.1007/978-1-137-28561-4>

Artigo recebido em: 04.02.2019

Artigo aprovado em: 31.05.2019



Variabilidade na produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas por aprendizes campinenses de inglês como L2

Variability in the production of coronal plosives between heterosyllabic consonants by speakers of English as an L2 from the city of Campina Grande

*Felipe Santos dos Reis**
*Rubens Marques de Lucena***

RESUMO: Este trabalho investiga a aquisição de uma estrutura marcada do inglês por parte de aprendizes campinenses de L2, com foco, mais especificamente, na produção de sequências triconsonantais do tipo Ct/d]oC. Dessa forma, nossa pesquisa sociolinguística busca descrever e explicar a variação na interlíngua de aprendizes campinenses de inglês como L2 no que diz respeito à produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas. Para tanto, 24 informantes foram solicitados(as) a realizar a leitura de uma lista de 43 palavras do inglês contidas em 160 frases-veículo, e metade de tais participantes foram ainda convidados(as) a produzir palavras/fraseados com base em imagens. Lançando mão do tratamento estatístico realizado pelo novo programa de regras variáveis, o Rbrul (JOHNSON, 2015), e da verificação acústica via *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2013), 1.071 ocorrências do fenômeno foram analisadas. O modelo de

ABSTRACT: This work investigates the acquisition of a marked structure in English by L2 learners from the city of Campina Grande in the state of Paraíba, Brazil, focusing on the production of triconsonantal sequences of the type Ct/d]oC. More specifically, our sociolinguistic research seeks to describe and explain the variation in the interlanguage of L2 learners of English regarding the production of the coronal plosives between heterosyllabic consonants. For this purpose, 24 informants were asked to read aloud a list of 43 target words embedded in 160 carrier sentences, and half of these participants were also requested to produce words/phrases from images. Therefore, the database consists of 1,071 tokens, which were analyzed using the new variable rule program, Rbrul (JOHNSON, 2015), as well as the speech analysis program *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2013). The mixed effects model provided by Rbrul selected a

* Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2019).

** Professor Associado da Universidade Federal da Paraíba, onde atua no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling).

efeitos mistos fornecido pelo Rbrul selecionou uma variável aleatória (informantes) e três variáveis fixas (sonoridades das consoantes anterior e posterior, e proficiência em L2) como sendo estatisticamente significativas para a variação em foco. Partindo da premissa de que as estruturas da língua não são condicionadas apenas por fatores internos ao sistema, nossa discussão recai sobre os fatores internos e externos (efeitos fixos) mais relevantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística variacionista. Aquisição fonológica. Sequências triconsonantais. Inglês como L2. Interlíngua.

random variable (informants) and three fixed variables (sonorities of the preceding and following consonants, and L2 proficiency) as being statistically significant for the application of repairs to the coronal plosives flanked by heterosyllabic consonants. Based on the premise that language structures are not conditioned only by linguistic factors, our discussion focuses on the most relevant internal and external factors (fixed effects).

KEYWORDS: Variationist sociolinguistics. Phonological acquisition. Triconsonantal sequences. English as an L2. Interlanguage.

1. Introdução

O apagamento das oclusivas coronais do inglês é, sem dúvida, uma das variáveis mais bem descritas na sociolinguística (BAYLEY, 2007). Contudo, esse fenômeno é amplamente investigado no contexto de posição final de palavras, havendo ainda hoje poucos estudos com foco na elisão de [-t,d] em *posição medial*, sobretudo por parte de falantes de L2. Levando-se em conta tal observação, este trabalho busca investigar o comportamento de aprendizes de inglês naturais do município de Campina Grande, a segunda maior cidade do estado da Paraíba, no que se refere ao processo de aquisição de um padrão variável que ainda apresenta lacunas na literatura. Mais especificamente, focalizaremos a produção de (-t,d) entre duas consoantes heterossilábicas na interlíngua de aprendizes campinenses.

Considerando a complexidade inerente ao processo de Aquisição de Segunda Língua (ASL), a investigação almejada aqui examina o comportamento de aprendizes campinenses de inglês como L2 no processo de aquisição de um padrão variável

amplamente discutido na literatura fundamentado na noção de unidade mínima¹ da hierarquia prosódica, tal como preconizada por Bisol (1996) e Selkirk (2003), ou seja, fundamentada a partir da sílaba. Assim, faz-se oportuno ressaltar o status dessa unidade fonológica que constitui o componente fonológico da gramática:

O importante é que, sem dúvida alguma, a sílaba é uma unidade fonológica, ou seja, uma unidade prosódica. E, como todo constituinte, tem um cabeça que, em português, é sempre uma vogal, o elemento de maior sonoridade, e tem seus dominados, as consoantes ou glides que a cercam. A sílaba é, pois, a categoria basilar da hierarquia prosódica e seu domínio é a palavra fonológica, ainda que intermediada pelo pé métrico (BISOL, 1996, p. 245).

A sílaba, portanto, corresponde à menor categoria da hierarquia prosódica. Isso significa que esse constituinte está exhaustivamente contido na categoria superior de que faz parte, i.e., do pé métrico, e que não é composto de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, já que é a mais basilar. Convém ressaltar ainda que nosso interesse por sequências consonantais do tipo Ct/d]oC se deve a algumas diferenças no que concerne à estruturação interna das sílabas no inglês e no português, bem como às estratégias específicas de cada língua para lidar com esse tipo de sequências consonantais.

Entendendo-se regras fonológicas como mapeamentos das relações entre representações em níveis distintos (GOLDSMITH, 1995), temos dois processos que explicam a eliminação e a inserção de sons nas saídas linguísticas de falantes nativos(as) do inglês e do português, respectivamente. No que concerne ao apagamento de /-t,d/ entre duas consoantes heterossilábicas, a regra fonológica amplamente aplicada no inglês como L1 pode ser formalizada como na Figura 1:

¹ Como Bisol (1996) esclarece, há teorias que estabelecem a mora como sendo a menor unidade da hierarquia prosódica.

Figura 1 – Regra de elisão de /t,d/ entre duas consoantes no inglês como L1.

$$C \left\{ \begin{array}{l} /t/ \\ /d/ \end{array} \right\} C \text{ (menos /h/) } \longrightarrow CC$$

Fonte: Collins e Mees (1981, p. 180).

É oportuno levar em conta algumas observações no que diz respeito a essa regra. Primeiramente, Collins e Mees (1981) esclarecem que a elisão de /-t,d/ ocorre com menos frequência quando esses segmentos são seguidos por /r/ e, segundo os autores, não é ouvida quando precedem /h/, de modo que os sintagmas nominais “*scratched record*” e “*a packed house*”, por exemplo, seriam pronunciados por falantes do Britânico Geral², respectivamente, como “/ˈskræʃt ˈrekɔ:d/” e “/ə ˈpækt ˈhaus/” (p. 180). Segundamente, como é possível perceber com esses exemplos utilizados pelos autores, as sequências consonantais focalizadas na obra em questão ocorrem em fronteira de palavras, de modo que as oclusivas coronais correspondem aos últimos segmentos de codas complexas em posição final de palavras, as quais são seguidas por outras palavras contendo ataques preenchidos por qualquer segmento consonantal, com exceção de /h/. A regra explicitada na Figura 1 é pertinentemente aplicável no contexto da elisão que também ocorre de (-t,d) quando essas oclusivas coronais se encontram entre duas consoantes heterossilábicas em posição medial de palavras, a exemplo de “*postman*” /ˈpəʊsmən/, “*handsome*” /ˈhænsəm/, “*sandwich*” /ˈsænwɪtʃ/, “*restless*” /ˈreslɪs/ e “*textbook*” /ˈtɛks.bʊk/.

Já a epêntese vocálica após /t,d/ em posição de coda no Português Brasileiro (doravante, PB), por sua vez, é comumente utilizada como uma estratégia de reparo, devido à presença de uma consoante não licenciada na posição de coda. Dessa forma, pode-se expressar a estratégia de epêntese vocálica após /t,d/ pela seguinte regra:

² Cruttenden (2014, p. 4, tradução nossa) lança mão do termo “Britânico Geral” (BG) para referir-se ao “[...] sotaque padrão do inglês inglês [i.e., do inglês tal como falado na Inglaterra] conhecido no século passado como *Received Pronunciation* (RP), mas melhor designado hoje em dia Britânico Geral (BG).”

Figura 2 – Regra de epêntese vocálica após /t,d/ no PB.

$$\emptyset \longrightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{silábico} \\ + \text{alto} \\ - \text{posterior} \end{array} \right] / \left\{ \begin{array}{l} /t/ \\ /d/ \end{array} \right\} \text{---}]_{\sigma}$$

Fonte: elaborada pelos autores.

Faz-se necessário esclarecer ainda que as consoantes /t/ e /d/ não são as únicas no PB que favorecem a inserção vocálica quando ocorrem em coda seguida por outra consoante no ataque da sílaba seguinte, como em “ritmo” [‘hitmʊ]³, “atmosfera” [atimʊs‘fɛrɐ], “admiro” [adi‘mirʊ] e “advogado” [adivʊ‘gadʊ]. Partindo-se da definição de epêntese enquanto um “acrescentamento de um segmento fonético em posição medial de palavra” (XAVIER; MATEUS, 1990, p. 146 apud MASSINI-CAGLIARI, 2015, p. 283), podemos observar que há vários tipos de sequências consonantais capazes de provocar a aplicação de uma vogal epentética (que geralmente se manifesta foneticamente como [i], no contexto de sílabas pretônicas e tônicas, ou [ɪ], em sílabas postônicas), devido à presença de uma consoante não aceita na posição de coda – como mencionado, a sílaba do PB permite apenas codas com os traços [-vocálico, +soante] ou [-soante, +contínuo, +coronal], de modo que apenas os arquifonemas /L, R, N, S/ podem preencher tal posição no PB.

Levando-se em conta essas considerações relativas às distintas regras que desmancham contatos marcados entre consoantes no PB e no inglês como L1, conjecturamos que a produção de saídas de inglês como L2 sofrerá influência de alguns fatores, tanto de natureza interna quanto externa. No que se refere às variáveis linguísticas que podem exercer efeito sobre o uso de diferentes variantes na produção de Ct/d]oC, tencionamos investigar o papel da sonoridade das consoantes heterossilábicas que flanqueiam (-t,d), como forma de verificar se há uma inter-relação entre a aplicação das estratégias de epêntese vocálica e de elisão e sequências que

³ As transcrições extraídas do *corpus* têm como base o falar paraibano.

apresentam reversos de sonoridade, ou seja, movimentos de sonoridade na coda e no contato silábico que violam o Princípio de Sequência de Sonoridade (SELKIRK, 1982) e o Princípio do Ciclo de Sonoridade (CLEMENTS, 1990) (doravante PSS e PCS, respectivamente). As variáveis externas, por sua vez, serão controladas a fim de estratificar os(as) informantes nas células sociais, além de identificar aqueles fatores que podem ter uma influência mais forte nas saídas mais próximas e mais distantes daquelas produzidas por falantes de inglês como L1, a exemplo do nível de proficiência, do gênero e da faixa etária, haja vista, partirmos do pressuposto básico de que as estruturas da língua não são condicionadas apenas por fatores internos ao sistema.

Diante do exposto, levando-se em conta a complexidade inerente ao processo de aprendizagem de uma L2 e a escassez de estudos com foco nos dialetos falados na região Nordeste do Brasil, este estudo, sociolinguisticamente orientado, tenciona responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Quais variantes emergem nas saídas de aprendizes campinenses de inglês como L2 no processo de aquisição de sequências consonantais com (t)/(d) flanqueados por consoantes heterossilábicas?;
- b) Como atua a sonoridade da coda complexa no uso de regras que visam à sua redução?; e
- c) Qual o fator externo mais relevante para a aplicação de estratégias de reparo em tal estrutura marcada?

2. Pressupostos teóricos

Pulgram (1965) propõe distinguir os termos “encontro” (ou “grupo”) e “sequência” no que se refere à designação das possíveis combinações de sons consonantais no interior de palavras. Para o autor, encontros ou grupos consonantais (em inglês, *clusters*) envolvem a co-ocorrência de consoantes numa mesma sílaba, sendo também conhecidos em português como “encontros consonantais tautossilábicos”. Já as sequências consonantais (em inglês, *sequences*), por sua vez, correspondem ao contato estabelecido entre consoantes posicionadas às margens de

duas sílabas, i.e., consoante(s) em coda seguida(s) por outra(s) consoante(s) no ataque da sílaba seguinte, contato comumente designado “encontros consonantais heterossilábicos”. Assim, os trabalhos que focalizam a co-ocorrência de consoantes no PB geralmente estabelecem a diferença entre esses dois tipos de combinações com base nos modificadores, nomeadamente os classificadores “tautossilábico” e “heterossilábico”, ao invés do núcleo, dado que o termo “encontro” é, amiúde, usado invariavelmente antes de ambos os adjetivos.

Csides (2013) defende que as sequências consonantais da língua inglesa encontradas em posição medial de palavras apresentam características menos restritivas que os encontros observados nas margens. De fato, o autor esclarece que as sequências consonantais mediais podem apresentar sonoridade tanto crescente quanto decrescente. Tal liberdade no que concerne à distribuição de consoantes no interior de palavras leva à formação de contatos que ocorrem apenas em posição medial, a exemplo de “*medley, motley⁴, athlete, only*” (CSIDES, 2013, p. 50).

Outros exemplos de sequências consonantais que ocorrem apenas em posição medial de palavras no inglês são resultantes do processo de composição por justaposição, uma vez que, “[e]m primeiro lugar, virtualmente quaisquer duas palavras podem ser combinadas para formar uma nova palavra com *encontro* medial” (HAMMOND, 1999, p. 69-70, grifo nosso). As combinações de consoantes [kb] no vocábulo “*blackbird*” ou [kp] em “*checkpoint*” ou “*pickpocket*”, por exemplo, não existem em qualquer outra posição de palavras, uma vez que não há vocábulos em inglês que iniciem ou terminem com [kb] e [kp]. Diferentemente dos exemplos abordados por Csides (2013), as palavras utilizadas por Hammond (1999) para exemplificar sequências consonantais que só ocorrem em posição medial são todas bimorfêmicas. Hammond (1999) ainda chama atenção para sequências consonantais inexistentes em

⁴ As sequências [dl, tl] são classificadas como “encontros consonantais falsos” por Sheer (2004), Harris (1994), Szigetvári (2007), dentre outros. Tal classificação não será debatida aqui.

posições inicial e final de palavras que são formadas por outro processo morfológico, i.e., sufixação, como a sequência [dh] em palavras como “*childhood*”.

Essa liberdade na combinação de consoantes no contexto de sílabas em contato pode estar associada a “[...] uma das suposições mais básicas dentro da teoria da sílaba: designadamente, a de que as restrições fonotáticas são amplamente baseadas na sílaba” (BLEVINS, 2003, p. 375, tradução nossa). Tal suposição, cuja validade é questionada por Blevins (2003), sugere que as restrições fonotáticas, de modo geral, operam dentro das sílabas, e não entre elas (BERG, 1998). De fato, diversas restrições fonotáticas da língua inglesa são definidas com base nessa unidade fonológica, como, por exemplo, a não aceitação de /h/ ou glides em codas, bem como de /ŋ/ em ataques.

Além de não haver restrições para a combinação de consoantes resultante de composição (HAMMOND, 1999) ou de haver maior liberdade nas restrições relativas ao contato entre consoantes em coda seguidas por outras em ataque (CSIDES, 2013; BERG, 1998), Cruttenden (2014) também ressalta a característica de que as sequências consonantais em posição medial de palavras podem ser mais longas que aquelas encontradas nas posições inicial e final, haja vista compreenderem ambas as margens. De fato, Pierrehumbert (1994, p. 168) fundamenta-se no pressuposto de que “o produto cruzado de codas e ataques é o ponto de partida para qualquer descrição de encontros consonantais mediais⁵.”

De modo geral, os vocábulos que apresentam o tipo específico de sequências consonantais focalizado aqui, com as oclusivas coronais entre duas consoantes heterossilábicas, são bimorfêmicos: uma sílaba contém a coda complexa encerrada por /t/ ou /d/, e a sílaba seguinte pode corresponder a sufixos (“*soft+ness*”, “*exact+ly*”, “*invest+ment*”, “*trust+ful*”, etc.) ou cabeças de substantivos compostos (“*text+book*”, “*soft+cover*”, “*hand+ball*”, etc.).

⁵ Convém observar que, embora a autora opte pelo uso do termo “*cluster*”, o contato de consoantes entre codas e ataques é designado aqui “sequência consonantal”.

Ainda que diversos estudos já tenham sido conduzidos com foco na regra variável de apagamento de [-t,d], o que se pode perceber é que a variável investigada restringe-se a (-t,d) em encontros biconsonantais finais, ou seja, em posição final de palavras, haja vista serem bastante frequentes em inglês, além de sua redução ser amplamente disseminada (ROBERTS, 1994; TEMPLE, 2009). Entretanto, estudos sobre o apagamento das oclusivas coronais em posição *medial* de palavras não são tão recorrentes, sobretudo entre aprendizes de inglês durante o processo de aquisição da L2.

3. Metodologia

A fim de realizar a pesquisa variacionista proposta aqui, dados foram coletados com aprendizes de inglês naturais do município de Campina Grande, a segunda maior cidade do estado da Paraíba. Um total de 24 campinenses⁶ foi convidado a participar do estudo e, mediante aceitação do convite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitamos a esses(as) informantes a leitura de uma lista de 160 palavras em inglês, todas inseridas na seguinte frase-veículo: “*The word is...*”. De modo geral, 43 dessas frases-veículo contêm vocábulos⁷ com (-t,d) flanqueados por duas consoantes heterossilábicas. Como forma de evitar a conscientização por parte dos(as) informantes acerca do padrão variável de interesse, as 43 palavras cruciais foram mescladas com 117 palavras distratoras.

Além da leitura controlada, um segundo instrumento de coleta de palavras em língua inglesa foi aplicado a metade da amostra, através da exibição de um conjunto de três imagens por *slide*, com o objetivo de capturar dados orais advindos de um

⁶ Os símbolos utilizados na análise com referência ao grupo de participantes incluem: M1-M4 = mulheres de nível de proficiência básico em inglês como L2; M5-M8 = mulheres de nível intermediário; e M9-M12 = mulheres de nível avançado; H1-H4 = homens de nível de proficiência básico em L2; H5-H8 = homens de nível intermediário; e H9-H12 = homens de nível avançado. Todos os 24 sujeitos se autodeclararam cisgênero.

⁷ As 43 palavras contendo C podem ser verificadas em Anexo A.

contexto semiespontâneo de fala. Um total de 1.071 ocorrências do fenômeno foi capturado através do *software Audacity*, v. 2.0.6 (MAZZONI; DANNENBERG, 2011). Posteriormente, os dados registrados foram submetidos à análise acústica via *Praat*, v. 5.3.56 (BOERSMA; WEENINK, 2013), e, então, codificados a fim de receber tratamento estatístico por meio da plataforma R (R CORE TEAM, 2018), v. Rx64 3.5.2, com auxílio do pacote Rbrul (JOHNSON, 2015).

Além da aplicação de tais instrumentos, os 24 sujeitos campinenses também foram solicitados a preencher um questionário, aplicado nas versões *on-line*⁸ e impressa em papel, conforme a preferência de cada indivíduo. Vejamos, no Quadro 1, algumas informações coletadas sobre tais aprendizes:

Quadro 1 – Informações sobre a população de informantes.

Nomes codificados	Idades	Gêneros	Níveis de proficiência	Experiência em países cuja L1 é o inglês	Curso de idiomas
M1	21	Mulheres cis	Básico		
M2	31				✓
M3	33				✓
M4	55			✓	
M5	24		Intermediário		✓
M6	24			✓	✓
M7	31				
M8	34			✓	✓
M9	18		Avançado		✓
M10	31			✓	✓
M11	32			✓	✓
M12	35			✓	✓
H1	28	Homens cis	Básico	✓	
H2	33				✓
H3	57			✓	✓
H4	60			✓	

⁸ Disponível on-line, o questionário aplicado em sua versão digital pode ser acessado por meio do site: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSekqcVAN5hbXOk3ZCv4W2L3awodbQITPKZIE5XinFhD-vMn6w/viewform>.

H5	25		Intermediária	✓	✓
H6	32				
H7	37			✓	✓
H8	42			✓	
H9	31		Avançada	✓	
H10	32				✓
H11	36			✓	✓
H12	39			✓	✓

Fonte: elaborado pelos autores.

Como se pode observar, 15 informantes tiveram a experiência de visitar países onde o inglês seja falado como L1 e, conseqüentemente, de interagir com falantes nativos(as) durante períodos que variam de duas semanas a seis meses. Todos os 24 sujeitos informaram ter interesse no inglês por razões que incluem desde as demandas do mercado de trabalho até questões de prazer e de conhecimento. Além disso, todos os indivíduos investigados afirmaram ter estudado a língua inglesa durante os ensinamentos fundamental e médio na escola, tendo 16 de tais informantes buscado maior aprofundamento em escolas particulares de idiomas.

3.1. Caracterização da variável dependente

As palavras que apresentam as sequências consonantais de interesse para o presente estudo são amplamente caracterizadas por serem bimorfêmicas de modo geral, podendo ser formadas por sufixos (*-ness, -ly, -ment, -ful, etc.*) ou por meio da composição ("*text+book*", "*soft+cover*", "*hand+ball*", etc.). Assim, as oclusivas coronais ocorrem na última posição das codas mediais complexas que compõem a estrutura silábica de radicais (no caso de palavras com sufixos) ou de modificadores (nos substantivos compostos). Os sufixos e cabeças, por sua vez, apresentam o ataque preenchido por uma consoante, resultando em sequências do tipo detalhado na Figura 3:

Figura 3 – Sequência consonantal em foco.

$$\begin{array}{ccc}
 C & C]_{\sigma} & C \\
 & \left[\begin{array}{l} - \text{soan} \\ - \text{cont} \\ + \text{cor} \\ + \text{ant} \end{array} \right] &
 \end{array}$$

Fonte: elaborada pelos autores.

Identificamos no nosso *corpus* a ocorrência de três variantes nas saídas produzidas por aprendizes campinenses de inglês como L2, quais sejam:

- a) sem aplicação de qualquer regra:
 - C t/d]_{\sigma} C;
- b) com aplicação da regra da L1 de epêntese vocálica:
 - $\emptyset \longrightarrow [i] / \left\{ \begin{array}{l} [t] \\ [d] \end{array} \right\} _]_{\sigma}$;
- c) com aplicação da regra da L2 de simplificação da sequência consonantal:
 - $\left\{ \begin{array}{l} /t/ \\ /d/ \end{array} \right\} \longrightarrow \emptyset / C _ \left\{ \begin{array}{l}]_{\sigma} \\ + \end{array} \right\} C$.

Percebe-se que as variantes podem ser vistas num gradiente que vai desde a inserção de um segmento ausente na entrada, passando pela produção de todos os sons presentes na sequência consonantal da subjacência, até o apagamento de uma consoante na superfície.

3.2. Variáveis preditoras

O Quadro 2 sintetiza as nove variáveis preditoras deste estudo acompanhadas de seus respectivos níveis:

Quadro 2 – Variáveis controladas no estudo.

Variáveis	Níveis	Tipo
Informantes	M1-M12, H1-H12	Aleatória
Gêneros	Mulheres cis e homens cis	Categórica
Níveis de proficiência em L2	Básico, intermediário e avançado	Categórica
Idades	Mín. 18; mediana 32; média 34,183; máx. 60	Contínua

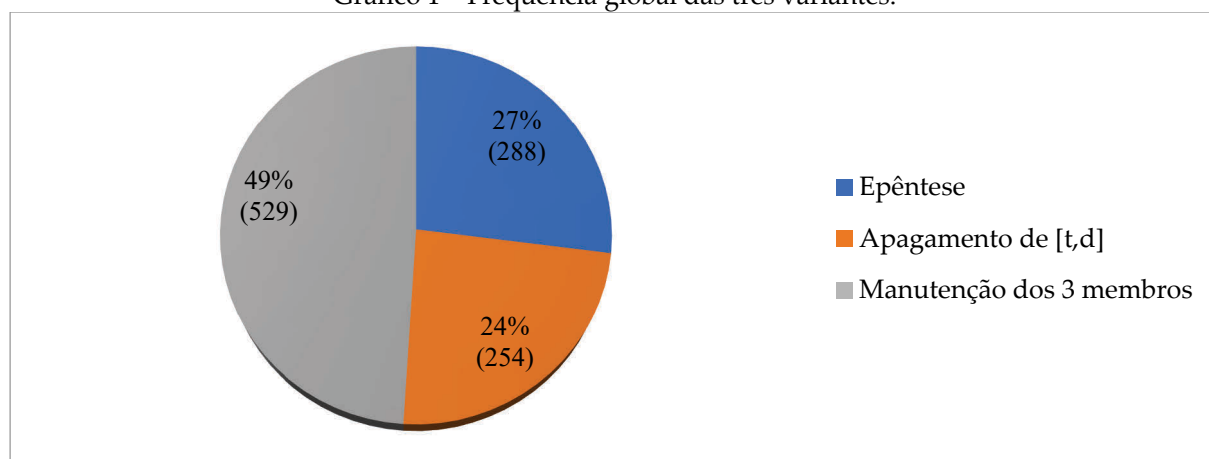
Contextos anteriores	Consoantes coronais, dorsais e labiais	Categórica
Índices de sonoridade da consoante anterior	11 - /r/, 7 - /n/, 3 - /s, f/ e 1 - /k/	Categórica
Contextos posteriores	Consoantes obstruintes e soantes	Categórica
Níveis de sonoridade da consoante seguinte	Sonoridade maior, igual a, ou menor que a de (t,d)	Categórica
Alterações nas produções das palavras	Sem alteração, redução de outra C da sequência, acento modificado, C alterada, V alterada, duas ou mais alterações	Categórica

Fonte: elaborado pelos autores.

4. Resultados

Levando-se em conta o fato de que todos(as) os(as) informantes produziram 43 palavras cruciais no primeiro instrumento de coleta em inglês e de que metade de tais aprendizes produziu de zero a cinco palavras cruciais no segundo instrumento de coleta, capturamos um total de 1.071 ocorrências do fenômeno, delimitadas dentre as três variantes no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequência global das três variantes.



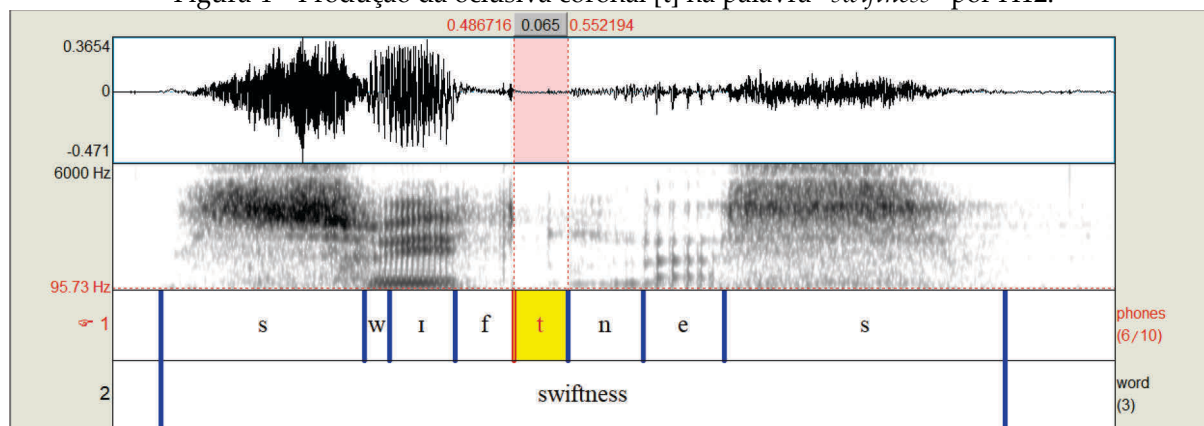
Fonte: elaborado pelos autores.

Como é possível observar, 49% das 1.071 ocorrências de sequências consonantais com (t,d) entre consoantes heterossilábicas evidenciam a produção de seus três membros, ao passo que 51% dos dados, por sua vez, apresentam saídas com

o emprego de estratégias que visam ao reparo dessa estrutura marcada. Mais especificamente, 27% desse total de dados envolvem a produção de uma vogal epentética após [t] ou [d] – ocasionando, com isso, uma inserção silábica – e 24%, o apagamento dessas oclusivas. Esses percentuais permitem constatar que há variação na interlíngua de aprendizes campinenses de inglês como L2.

Os resultados iniciais despertam interesse por dois motivos: primeiramente, o emprego de estratégias de reparo para simplificar a estrutura silábica do inglês foi semelhante ao de manutenção de tal estrutura complexa; secundamente, o índice de epêntese foi um pouco mais alto que o de apagamento de [t,d]. Antes de nos aprofundarmos nessas questões, vejamos, na Figura 4, o comportamento da variante caracterizada pela retenção dos três membros da sequência consonantal Ct]oC na produção de “*swiftness*”:

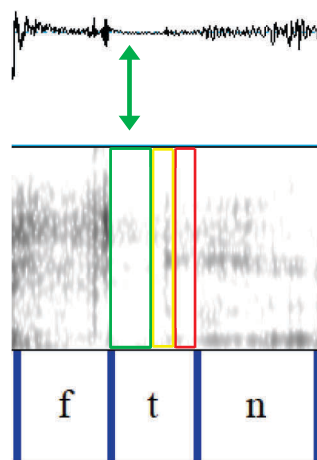
Figura 4 – Produção da oclusiva coronal [t] na palavra “*swiftness*” por H12.



Fonte: extraída de análise no programa Praat.

A Figura 4 mostra o oscilograma e o espectrograma referentes à produção de “*swiftness*” por H12, durante a aplicação do primeiro instrumento em inglês, com frases-veículo. Para descrevermos os eventos acústicos relativos à produção de [t] na sequência em questão, convém observarmos três propriedades acústicas das oclusivas, quais sejam, intervalo da oclusiva, transiente e intervalo de africação, destacadas na Figura 5:

Figura 5 – Forma da onda e do espectrograma de [t] na sequência [ft.n] em “*swiftness*”.



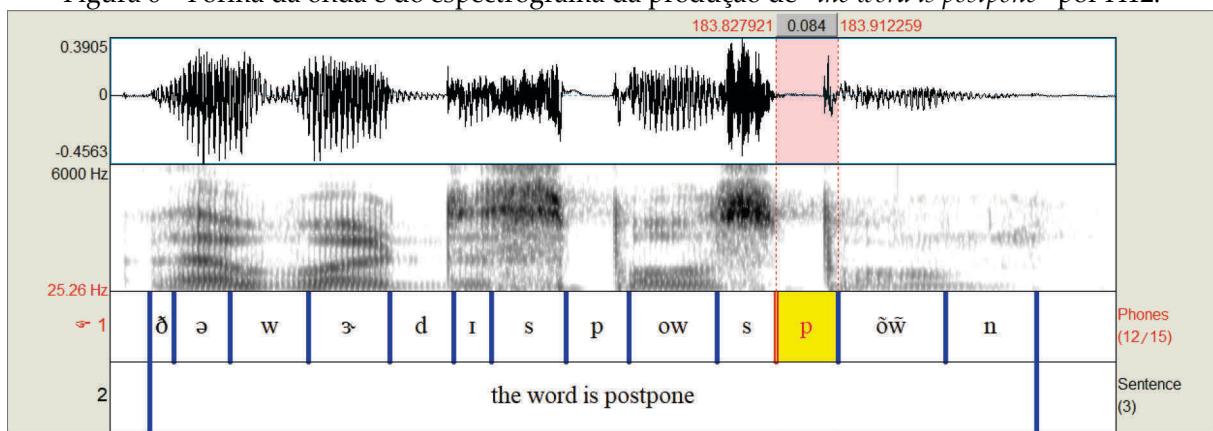
Fonte: extraída de análise no programa Praat.

A seta dupla verde da Figura 5 indica o ponto em que há um mínimo de energia do sinal acústico, que pode ser observado tanto na forma da onda quanto no espectrograma. O retângulo verde compreende esse ponto, designado “intervalo da oclusiva”, que é caracterizado por um período de silêncio, quando “[...] pouco ou nenhum som irradia do trato vocal obstruído” (KENT; READ, 2015, p. 234). De modo geral, o intervalo acústico de silêncio, “[...] correspondente à completa obstrução do trato vocal” (KENT; READ, 2015, p. 234), antecede os eventos de ruído demarcados pelos retângulos amarelo e vermelho: inicialmente, temos um transiente, ou seja, uma curta explosão de energia acústica produzida na soltura inicial da pressão do ar após a constrição; e, em seguida, ocorre o chamado “intervalo de africação”, que diz respeito a uma fase de energia em que um ruído de turbulência é gerado no lugar da constrição oral. No caso das oclusivas alveolares, a explosão de energia costuma ser de alta frequência (KENT; READ, 2015), como se pode observar mais claramente no retângulo vermelho.

As Figuras 4 e 5 trazem um exemplo de palavra que foi produzida por um aprendiz campinense de nível *avançado* e que contém as três consoantes na sequência consonantal do tipo Ct]oC. Em suma, é possível identificar a presença da oclusiva

coronal através da observação do intervalo da oclusiva e de um breve pulso de energia subsequente, i.e., do transiente. Como visto, esses eventos acústicos correspondem, respectivamente, à obstrução completa do trato vocal – com o toque da ponta da língua na arcada alveolar e sem a energia de vozeamento – e à soltura do ar com a abertura de tal construção. Vejamos outra sequência em que houve a aplicação da estratégia de apagamento de [t]:

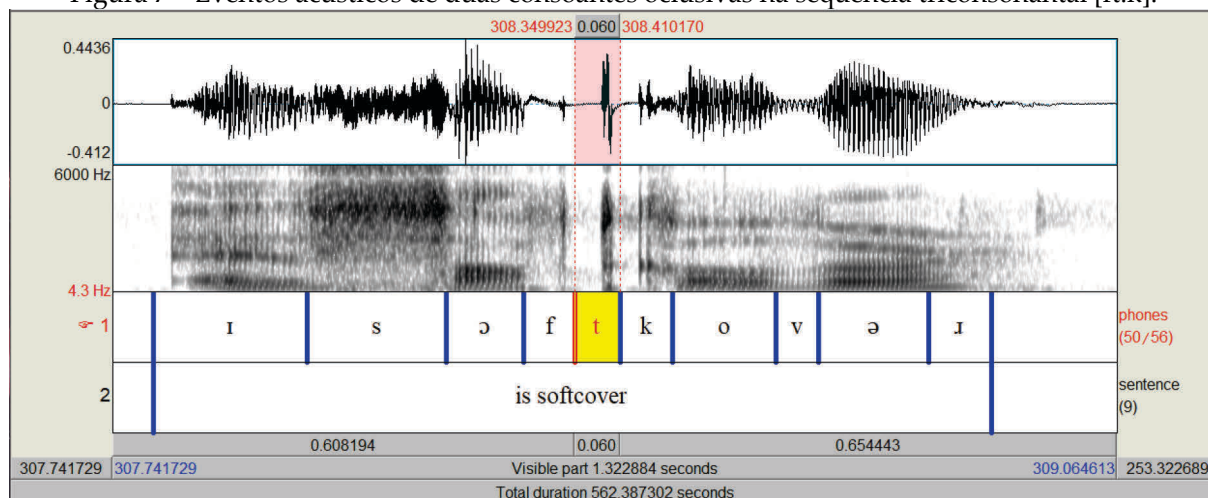
Figura 6 – Forma da onda e do espectrograma da produção de “the word is postpone” por H12.



Fonte: extraída de análise no programa Praat.

Considerando as propriedades acústicas detalhadas anteriormente acerca das características espectrais de [t] na palavra “*swiftness*”, percebe-se claramente que não há a presença de *dois* intervalos da oclusiva, após o ruído de turbulência produzido pela sibilante [s] no vocábulo “*postpone*”. Considerando o fato de que a sequência na palavra em questão envolve o contato entre duas oclusivas heterossilábicas, i.e., /t/ e /p/, a produção desses dois sons na superfície implicaria dois períodos de silêncio e duas breves explosões, como na Figura 7:

Figura 7 – Eventos acústicos de duas consoantes oclusivas na sequência triconsonantal [ft.k].

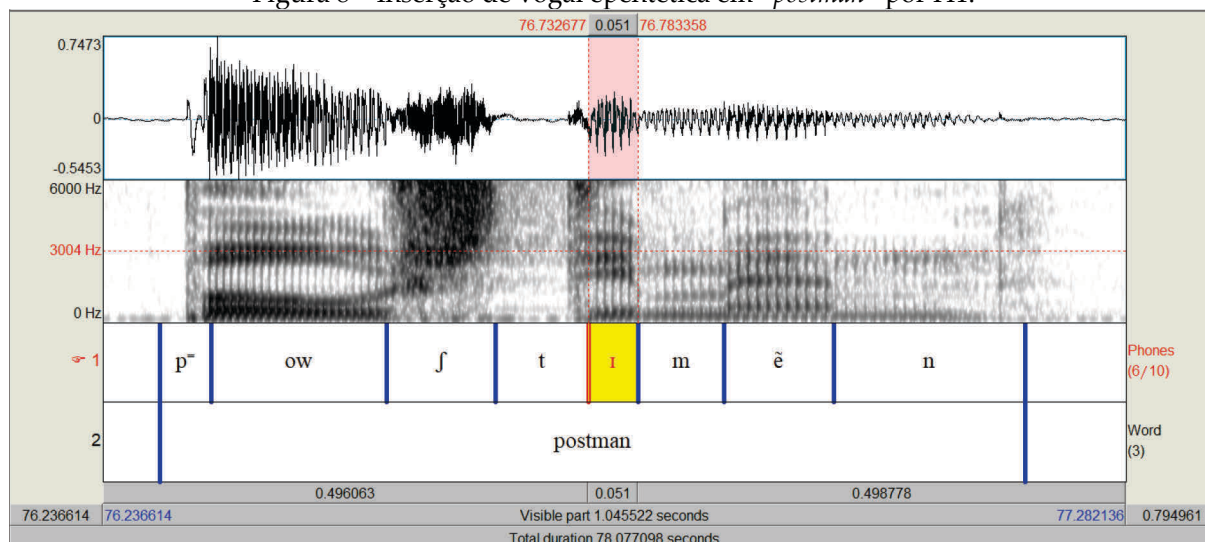


Fonte: extraída de análise no programa Praat.

A Figura 7 exibe dois intervalos da oclusiva, visualmente perceptíveis por meio das faixas mais claras sobre os fones [t] e [k], além de dois transientes após esses períodos de silêncio causados por obstruções do trato vocal. Comparando as sequências /st.p/ e /ft.k/ das Figuras 6 e 7, respectivamente, torna-se mais evidente o uso da estratégia de apagamento da oclusiva coronal por H12 na palavra “postpone”, em comparação com o que ocorre no vocábulo “softcover”, em que há retenção de todos os fones da sequência triconsonantal.

Por fim, a última variante a ser ilustrada aqui envolve a inserção de vogal epentética entre a oclusiva coronal e a consoante heterossilábica posterior, criando, assim, uma nova sílaba no pós-léxico, como podemos ver na Figura 8, que traz a sequência /st.m/ da palavra “postman” produzida com a aplicação da estratégia de epêntese vocálica por H2 durante a leitura das frases-veículo:

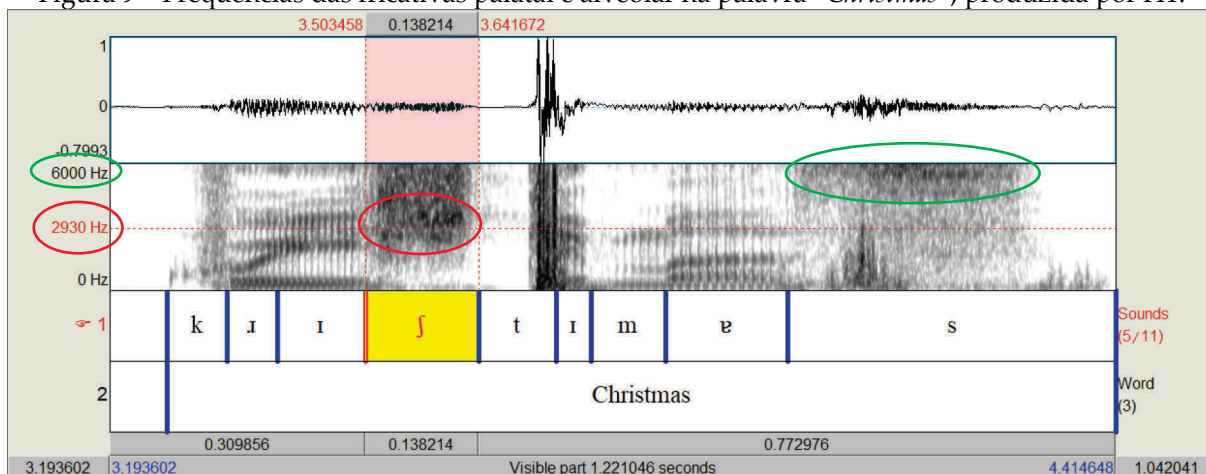
Figura 8 – Inserção de vogal epentética em “postman” por H1.



Fonte: extraída de análise no programa Praat.

Observam-se, após a explosão de energia acústica e a fricção da oclusiva [t], os formantes de uma vogal epentética com duração de 51 ms, destacada em amarelo e rosa. Outro segmento relevante para nossa investigação em torno da interlíngua de falantes campinenses de inglês como L2 diz respeito à palatalização de /s/ diante da oclusiva coronal, que não ocorre no inglês com L1, podendo ter se manifestado na interlíngua de H2 devido não apenas a uma interferência de seu dialeto nativo, mas também do correlato ortográfico <t>. Com isso, a superficialização da oclusiva alveolar levou à palatalização da sibilante diante do contexto coronal seguinte, que diz respeito a um processo típico do dialeto paraibano (HORA, 2003). De fato, a frequência da sibilante palatal costuma ser relativamente mais baixa que a da alveolar, ambas visualmente perceptíveis nas partes mais escuras demarcadas no espectrograma da Figura 9:

Figura 9 – Frequências das fricativas palatal e alveolar na palavra “Christmas”, produzida por H1.



Fonte: extraída de análise no programa Praat.

De fato, a frequência da sibilante palatal costuma ser relativamente mais baixa que a da alveolar, ambas visualmente perceptíveis nas partes mais escuras demarcadas no espectrograma, que correspondem às concentrações de energia na Figura 9. No que concerne aos valores de energia dessas fricativas, Kent e Read (2015, p. 266-267) esclarecem que: “[...] para falantes adultos masculinos, a principal região de energia de ruído para as fricativas alveolares está acima de 4 kHz. Em contraste, as fricativas palatais possuem energia de ruído significativa se estendendo para cerca de 3 kHz.” Por fim, entendemos que, para o aprendiz, a palavra “Christmas” apresentaria o encontro /st/ não permitido na coda do PB. A epêntese inserida por H1 no vocábulo, portanto, torna o molde silábico mais próximo daquele observado em sua língua nativa, na medida em que a oclusiva coronal é extraviada para o ataque da sílaba gerada pela aplicação dessa estratégia de reparo e que a sílaba passa a ser travada por uma coda simples, preenchida pela sibilante, resultando em [ˈkɪf.ti.məs], com todas as sílabas atendendo às restrições fonotáticas do PB, a exemplo de “cristianismo” ([kɾif.ti.ãˈniz.mʊ]).

Como mencionado anteriormente, após a identificação e a transcrição das variantes produzidas na interlíngua dos 24 sujeitos campinenses com o auxílio do Praat, v. 5.3.56 (BOERSMA; WEENINK, 2013), os dados foram codificados e

submetidos ao tratamento estatístico. Diferentemente de programas antecessores, tais como VaRbrul (CEDERGREN; SANKOFF, 1974) e GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o pacote estatístico Rbrul (JOHNSON, 2015) possibilita modelagens de efeitos mistos, na medida em que realiza análises de regressão logística levando em conta não apenas as variáveis de efeitos fixos, mas também as variáveis aninhadas em outras (de efeito aleatório), que o programa permite distinguir numa mesma rodada.

Outra lacuna que o Rbrul preenche envolve a incorporação de outras unidades na apresentação dos resultados: além dos pesos relativos, tipicamente fornecidos nas modelagens de efeitos fixos adotadas pelo VaRbrul e GoldVarb X, o *software* também fornece valores de *log-odds*, definido por Johnson (2015) como “[...] a unidade padrão para relatar os resultados de regressões logísticas”, para as variáveis fixas (categóricas e contínuas), e *intercepts*, para variáveis aleatórias. Há ainda valores em termos de proporção (taxa de aplicação das variantes em porcentagem), de desvio padrão (medida que indica o quão ajustado é o modelo aos dados, semelhantemente ao logaritmo de verossimilhança do GoldVarb X) e de média geral de aplicação da variável resposta nos dados do *corpus*.

As variáveis selecionadas como sendo relevantes para a aplicação de reparos em Ct/d]σC na análise *step-up/step-down* incluem: informantes (aleatória) e índices de sonoridade da consoante anterior ($p < 0,001$) + níveis de sonoridade da consoante posterior ($p < 0,001$) + níveis de proficiência em L2 ($p < 0,001$).

As variáveis “gêneros”, “idades”, “contextos anteriores”, “contextos posteriores” e “alterações nas produções das palavras” não foram selecionadas na análise de regressão logística realizada pelo *software* por meio do método denominado “*step up*”, que realiza cálculos progressivos como forma de testar a significância dos fatores e, então, distribuí-los por ordem de seleção. Segundo Hosmer e Lemeshow (2000, p. 1): “[o]s métodos de regressão se tornaram um componente integral de

qualquer análise de dados relacionada à descrição da relação entre uma variável resposta e uma ou mais variáveis explicativas.” Com relação aos métodos *step-up* e *step-down*, conhecidos em estatística como métodos *stepwise*, os autores ainda explicam:

Qualquer procedimento *stepwise* para a seleção ou exclusão de variáveis de um modelo baseia-se em um algoritmo estatístico que verifica a “importância” de variáveis e que as inclui ou exclui com base em uma regra de decisão fixa. A “importância” de uma variável é definida em termos de uma medida da significância estatística do coeficiente para a variável (HOSMER; LEMESHOW, 2000, p. 116).

A seleção fornecida pelo procedimento *step-up* foi confirmada pelo *step-down* (com cálculos regressivos), tendo as cinco mencionadas variáveis também sido eliminadas nessa etapa subsequente da análise binomial, o que significa que os níveis desses preditores não são relevantes para o condicionamento da variação, ou seja, para a aplicação de estratégias de reparo em (t) ou (d) entre consoantes heterossilábicas. Como explicam Lima e Lucena (2008), “[o] ideal é que a seleção feita pelo *step-up* e a eliminação, pelo *step-down*, apresentem distribuição complementar: os grupos de fatores não selecionados são também eliminados”, tendo ocorrido precisamente isso com nossos dados, tendo tal correspondência sido explicitada no Rbrul pela expressão “*Step-up and step-down match!*” ao final dos resultados.

A fim de atingir os objetivos formulados, nossa discussão focalizará as variáveis interna e externa estatisticamente significativas.

4.2. Sonoridade da consoante anterior a (t,d)

A regra variável considerada na rodada binária envolve a aplicação de estratégias de reparos nas oclusivas coronais (t,d) quando flanqueadas por duas consoantes heterossilábicas. Sabemos que as oclusivas podem ocupar a posição de coda (simples ou complexa) no inglês, como nas palavras como “*cat*”, “*cap*”, “*ad*” e “*fact*”, por exemplo, não sendo necessários quaisquer tipos de reparo. Em português,

no entanto, as oclusivas não são licenciadas em posição pós-vocálica, pois violam as condições de boa formação da coda silábica. Assim, quando ocupam a coda na nossa língua, tende a ocorrer o processo de inserção vocálica, com vistas à correção dessa estrutura silábica malformada. Mais especificamente, a existência de uma consoante não apta a preencher esse constituinte débil na representação fonológica ocasiona a epêntese ainda durante a silabação, pois essa consoante designada “perdida” não seria ligada a nenhum nó silábico na primeira iteração. Na segunda iteração, porém, uma sílaba estrutural é criada, ainda que desprovida de traços no núcleo vocálico, permitindo que a consoante perdida seja associada à posição de ataque (COLLISCHONN, 2004). Posteriormente, o núcleo dessa sílaba é preenchido com uma vogal por regra de redundância (BISOL, 1999; COLLISCHONN, 2004; SCHNEIDER; SCHWINDT, 2010).

Ao criar uma nova sílaba, a epêntese vocálica promove uma mudança na estrutura silábica da forma subjacente. Dessa forma, as vogais altas /i,u/ (que podem se manifestar como [i] ou [u] em sílabas pretônicas e tônicas, e [ɪ] ou [ʊ] em sílabas postônicas), que foram inseridas após [t,d] em 288 das 1.071 ocorrências de Ct/d]oC, colocam essas consoantes extraviadas no ataque da nova sílaba criada, simplificando, com isso, as codas complexas, travadas por duas obstruintes. Semelhantemente ao processo de epêntese, o apagamento de [t,d] também promove uma alteração na estrutura silábica, já que a coda complexa da entrada também se torna simples na superfície com a eliminação de seu segundo membro, o que ocorreu em 24 % das ocorrências capturadas. De acordo com a análise multivariada realizada pelo Rbrul, o gatilho para aplicação das regras de reparo em codas mediais complexas encerradas em (t) ou (d) envolve a sonoridade das consoantes anteriores a essas oclusivas coronais.

De modo geral, os dados demonstram que a aplicação de estratégias de reparo nas estruturas silábicas de L2 é favorecida quando a oclusiva coronal se encontra

precedida pelas fricativas desvozeadas /s,f/, com um índice de sonoridade equivalente a 3 – conforme a escala de sonoridade proposta por Parker (2011) –, com peso relativo de 0.81 e *log-odds* de 1.456. A nasal coronal, que possui uma sonoridade mais elevada, i.e., 7, também motivou a simplificação das codas complexas, com peso relativo de 0.58 e *log-odds* de 0.343, como podemos observar na Tabela 1:

Tabela 1 – Efeitos dos índices de sonoridade das consoantes anteriores a (t,d) para a aplicação de estratégias de reparo em tais segmentos nas sequências triconsonantais Ct/d]σC.

Fatores	Log-odds	Apl./Total	%	Peso Relativo
Fricativas desvozeadas /s,f/ = 3	1.456	344/484	71,1	.81
Nasal /n/ = 7	0.343	133/306	43,5	.58
Oclusiva desvozeada /k/ = 1	-0.401	43/120	35,8	.40
Aproximante rótica /r/ = 11	-1.398	22/161	13,7	.19
Desvio: 1195.852		Graus de liberdade: 3		Média: 0.506
$p < 0,001$				

Fonte: adaptada de análise no programa Rbrul.

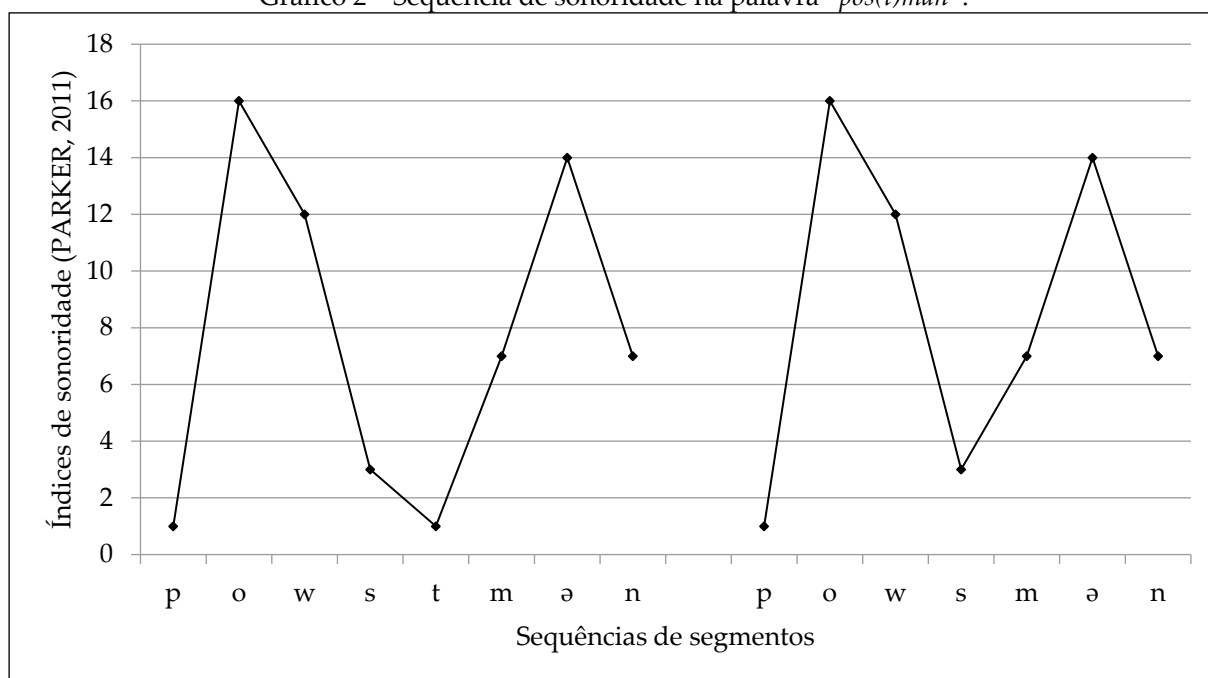
As fricativas desvozeadas /s,f/ apresentam um índice de sonoridade relativamente baixo, com base na hierarquia de sonoridade relativa desenvolvida por Parker (2011), estando acima apenas das oclusivas e das africadas desvozeadas, respectivamente. Assim, as sequências /ft.n/, /ft.f/, /ft.k/, /ft.m/, /st.m/, /st.n/, /st.l/, /st.p/, /st.b/, /st.d/, /st.k/, /st.f/, /st.ʃ/, que apresentam consoantes pós-vocálicas mantendo uma baixa distância de sonoridade (DS) entre si, equivalente a 2 em todos esses casos, foram as mais propensas à aplicação das estratégias de reparo para a simplificação dessas codas complexas.

A Tabela 1 mostra que, das 484 codas mediais encerradas por /t/ precedido por alguma das fricativas desvozeadas /s,f/, 344 ocorrências (71,5%) sofreram algum tipo de alteração em sua estrutura silábica, seja por meio do apagamento de /t/ ou da inserção vocálica após esse segmento. Mais exatamente, dessas 344 codas em que /t/ se encontrava precedido por /s/ ou por /f/, houve aplicação da regra de inserção vocálica em 164 ocorrências, em comparação com 180 dados contendo apagamento. De fato, a

palavra “*vastness*” foi produzida apenas pelos(as) informantes H2, M3 e M8 com epêntese após [t] na coda; em todas as outras 21 saídas desse vocábulo, houve a eliminação de tal som. Com isso, percebemos que diversas palavras, como “*swiftness*”, “*liftman*”, “*postman*” e “*restless*”, sofreram mais reparos na forma de apagamento (“*sof[Ø]ness*”) ou epêntese (“*lift[i]man*”) que aqueles vocábulos contendo uma aproximante rótica [ɹ] antes de /t,d/, como no caso de “*heartbreak*”, “*shortcut*” e “*hardcover*”, cujas codas, por sua vez, apresentam uma distância de sonoridade alta (DS = 10 no caso de [ɹt], e DS = 7 em [ɹd]).

Assim, o apagamento de /t/ após as fricativas desvozeadas parece atender ao princípio proposto por Clements (1990), designado “Ciclo de Sonoridade”, segundo o qual o perfil de sonoridade do tipo silábico preferido nas línguas naturais do mundo apresenta uma diminuição *mínima* de sonoridade entre os segmentos do núcleo e da coda. Quanto à eliminação de /t,d/ em posição medial de palavras, Raymond, Dautricourt e Hume (2006, p. 55, tradução nossa) esclarecem que, “[e]m codas silábicas, o apagamento resulta da simplificação do encontro consonantal para alcançar a economia gestual e é introduzido durante o planejamento do segmento.” Dessa forma, ao invés de cair até o índice mais baixo da hierarquia, essa diminuição quedar-se-ia numa sonoridade um pouco mais elevada, i.e., no terceiro nível da escala, como é possível comparar no Gráfico 2, que traz o movimento de sonoridade na palavra “*pos(t)man*”, com e sem a produção da oclusiva coronal desvozeada, respectivamente:

Gráfico 2 – Sequência de sonoridade na palavra “pos(t)man”.



Fonte: elaborado pelos autores.

Observa-se, no Gráfico 2, que a eliminação da oclusiva desvozeada na posição nuclear da sequência consonantal com três membros na palavra “*postman*” diminui, ainda que sutilmente, o vale que representa a queda de sonoridade da rima na primeira sílaba desse vocábulo. Assim, a sonoridade começa a cair a partir do pico, preenchido pela vogal média [o] no índice 16, e estaciona no índice de valor 3, referente ao da fricativa sibilante [s], não atingindo, com isso, o índice das oclusivas desvozeadas, que corresponde ao nível mais baixo de sonoridade dentre todas classes de sons da fala humana, tais como elencadas na hierarquia de sonoridade relativa proposta por Parker (2011), bem como nas demais escalas desenvolvidas que distinguem as consoantes obstruintes, a propósito.

Os traços fonéticos da consoante anterior exercem influência no apagamento das oclusivas apicais no contexto de encontros consonantais em posição final de palavras no inglês como L1, normalmente obedecendo à seguinte ordem segmental, proposta por Labov (1989, p. 90): /s/ > oclusivas > nasais > outras fricativas > líquidas. Embora a hierarquia alcançada aqui não corresponda fidedignamente à de Labov

(1989), é possível perceber equivalência ao menos no polo negativo das duas hierarquias, ou seja, no polo que contém sons que desfavorecem o apagamento: fricativas desvozeadas > nasais > oclusivas desvozeadas > líquidas.

Além de uma inversão na prevalência de oclusivas sobre nasais, outra diferença envolve a quarta categoria na ordenação laboviana, i.e., “outras fricativas”, que foi alocada junto com /s/ na primeira posição do nosso modelo, o que nos leva a inferir que a sonoridade, de fato, desempenha um papel fundamental na aplicação da regra variável na interlíngua de aprendizes campinenses de inglês como L2, ao invés do modo de articulação por si só, haja vista a falta de distinção entre consoantes vozeadas e desvozeadas na hierarquia segmental de Labov (1989). Na verdade, parece não existir acordo no que se refere às distinções necessárias às classes naturais em termos de sonoridade: há escalas que não distinguem as obstruintes ou as líquidas, como a de Clements (1990, p. 292): O < N < L < G < V. Outras, mais detalhadas, distinguem as obstruintes e as vogais, como a de Jespersen (1904 apud CLEMENTS, 1990, p. 285): (a) oclusivas desvozeadas; (b) fricativas desvozeadas > oclusivas vozeadas > fricativas vozeadas > (a) nasais vozeadas; (b) laterais vozeadas > sons de [r] vozeados > vogais altas > vogais médias > vogais baixas. Ainda assim, essa escala não especifica a posição dos *glides* e das africadas, por exemplo.

Ainda em relação à questão da sonoridade, sugerimos que as sequências contendo consoantes com uma distância maior de sonoridade entre os membros das codas, por serem menos marcadas, tenderiam a apresentar menos dificuldades de pronúncia para aprendizes de L2, de modo geral, na medida em que as sequências consonantais não são adquiridas todas do mesmo modo: a marcação baseada na sonoridade parece desempenhar um papel decisivo na interlíngua de aprendizes de L2, como defendem Sperbeck e Strange (2010) em sua discussão acerca de pesquisas com foco na produção de ataques complexos em L2. Já os encontros consonantais em codas com distâncias menores e platôs, por serem respectivamente mais marcados,

seriam mais suscetíveis a reparos na interlíngua de aprendizes campinenses de inglês como L2, seguindo a tendência observada tanto nas variedades do círculo interno quanto no contexto das novas variedades do inglês (WILTSHIRE, 2014). Os resultados obtidos aqui corroboram essa hipótese apenas parcialmente.

Primeiramente, as codas com uma distância de sonoridade alta entre seus membros, quais sejam, /rt/ e /rd/, não favoreceram, de fato, a aplicação de estratégias de reparo, tendo ocorrido em apenas 22 das 161 ocorrências, o que corresponde a 13,7 %, com peso relativo de 0.19 e *log-odds*⁹ de -1.398. Essa taxa dialoga com as observações amplamente disseminadas na literatura de que a líquida /r/ não promove o apagamento das oclusivas coronais (GUY; BOBERG, 1997). Segundamente, os encontros consonantais com uma distância de sonoridade baixa, como é o caso daqueles formados por /s,f/ antes de /t/ (DS = 2), engatilharam a aplicação de regras com vistas à simplificação da coda, como revelam 344 das 484 ocorrências, o que representa 71,1 % desse total, apresentando peso relativo de 0.81 e *log-odds* de 1.456. Contudo, os encontros consonantais contendo platôs nas codas, a exemplo de /kt/, não foram os que mais promoveram reparos, como esperado. O fato de que /kt/ se manteve inalterado em 77 das 120 ocorrências (64,2 %), em comparação com 30 casos de epêntese e 13, de apagamento, mesmo correspondendo a uma estrutura mais marcada, pode ser interpretado, a nosso ver, pelo fenômeno de Afrouxamento da Condição de Coda (ACC).

Embora nunca cheguem a fazer parte do mesmo constituinte silábico no PB, as consoantes /k/ e /t/ podem ocorrer juntas sem acrescentamento de substância fonética, sobretudo em posição medial de palavras, como em “fac.ção”, “pac.to”, “op.ção” e “rép.til”, por exemplo. Apesar da possibilidade (ou mesmo da tendência!) de se ouvir

⁹ Os coeficientes do modelo de regressão designados “*log-odds*” medem a magnitude do efeito e fornecem a mesma informação que os pesos relativos, embora numa escala infinita de números negativos (que indicam desfavorecimento do fator para o condicionamento da variação) e positivos (que revelam favorecimento). Já um valor equivalente a zero sugere neutralidade (JOHNSON, 2015).

uma vogal após /k/, existe também um movimento, sobretudo em contextos mais formais de comunicação, de buscar silenciar a manifestação de tal vogal, afrouxando a condição de coda, que não licencia obstruintes no PB (com exceção de /S/). De fato, esse fenômeno variável foi investigado por Lucena e Alves (2010), que realizaram uma pesquisa sociolinguística buscando verificar, dentre outros objetivos, a ocorrência do ACC nos dialetos gaúcho e paraibano, tais como falados por 22 estudantes de cursos de graduação em Letras naturais das regiões de Pelotas (RS) e de Guarabira (PB). Os pesquisadores observam que “[...] o dialeto paraibano apresenta peso relativo de 0,55 para aplicação da regra de epêntese, enquanto que o dialeto gaúcho apresenta 0,44” (LUCENA; ALVES, 2010, p. 38). Assim, houve o acréscimo de elemento epentético em 141 das 253 ocorrências analisadas do falar gaúcho (55,7 %), em comparação com 178 dados de inserção vocálica do total de 271 no falar paraibano (65,7 %), o que revela a ocorrência de sílabas fechadas em 34,3 % das saídas em L1 produzidas por falantes paraibanos(as), mesmo considerando que “[...] a variante gaúcha fica mais à vontade com sílabas travadas com coda” (LUCENA; ALVES, 2010, p. 38).

Diante de tal evidência e dos resultados obtidos em nosso estudo, julgamos ser esse processo variável possivelmente atuante no dialeto do grupo de informantes investigado aqui, sobretudo no contexto de obstruintes encerrando codas *mediais*, como no caso dos vocábulos supramencionados, que podem ser ouvidos como [fak'sẽõ] ~ [faki'sẽõ], [ɔp'sẽõ] ~ [ɔpi'sẽõ], ['paktɔ] ~ ['pakitɔ] e ['heptɔ] ~ ['heptitɔ], respectivamente, em detrimento das obstruintes em codas finais, que tendem a ser ouvidas com inserção vocálica, como ocorreu nos vocábulos “Unimed[ɪ]”, “Varig[ɪ]” e “sob[ɪ]” (cf. REIS, 2019). No que concerne aos dados em português, 34,2 % das 960 ocorrências coletadas com metade dos(as) participantes apresentam acrescentamento de substância fonética, enquanto 65,8 % evidenciam enfraquecimento da coda, ou seja, apenas 328 demonstram a ocorrência de uma vogal anterior (sobretudo, [i] e [ɪ], mas também [e] em alguns casos). Conjecturamos, portanto, que esse afrouxamento

percebido tanto em anglicismos quanto em palavras dicionarizadas do português se manifeste também na interfonologia dos(as) falantes campinenses de L2, revelando, com isso, uma transferência da L1, sobretudo no caso de aprendizes em estágios iniciais de proficiência que ainda não tenham adquirido conhecimentos relativos às diferentes estruturas presentes no sistema fonológico da língua-alvo, cujos efeitos são discutidos em seguida.

4.3. Nível de proficiência em L2

As pesquisas em aquisição de L2 tendem a demonstrar comportamentos variáveis distintos, dependendo do nível de proficiência em que se encontram aprendizes brasileiros(as) de inglês. Assim, a proficiência dos(as) aprendizes campinenses de inglês como L2 foi classificada neste estudo em três níveis, quais sejam: básico, intermediário e avançado. Essa divisão é bastante disseminada nos estudos sociolinguísticos (LIMA, 2012; ALVES; LUCENA, 2014; GOMES, 2014; NASCIMENTO, 2015), de modo geral, e foi determinada aqui com base na pontuação em teste de proficiência: todos(as) os(as) 24 participantes se submeteram ao *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004), que diz respeito a um teste de proficiência em inglês validado em mais de 30 países, contendo um total de 200 questões de múltipla escolha, sendo 100 delas na seção de gramática e as outras 100, na de compreensão oral.

A Tabela 1 mostra precisamente a forma como se deu a estratificação dos 24 indivíduos nos três níveis supramencionados¹⁰, de acordo com a pontuação obtida no teste:

¹⁰ Convém ressaltar que os níveis estabelecidos nas orientações fornecidas por Allan (2004) compreendem dez classificações para os(as) usuários(as) de inglês, desde “iniciante” até “funcionalmente bilíngue”.

Tabela 4 – Níveis de proficiência de acordo com pontuação obtida em teste.

Pontuação	Nível de proficiência
0-119	Básico
120-149	Intermediário
150-200	Avançado

Fonte: Adaptada de Dabbagh e Noshadi (2014).

Como visto no Quadro 2, a única variável externa de efeito fixo selecionada como tendo efeito significativo no uso de estratégias de reparo em sequências triconsonantais Ct/d]oC compreende os níveis de proficiência em L2, ficando atrás da sonoridade de consoantes anteriores e posteriores, respectivamente. Vejamos os dados na Tabela 5:

Tabela 5 – Efeito dos níveis de proficiência na simplificação da coda medial complexa Ct/d]o.

Fatores	Log-odds	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	0.679	227/356	63,8	.66
Intermediário	-0.246	165/359	46	.44
Avançado	-0.433	150/356	42,1	.39
Desvio: 1195.852		Graus de liberdade: 2		Média: 0.506
$p < 0,001$				

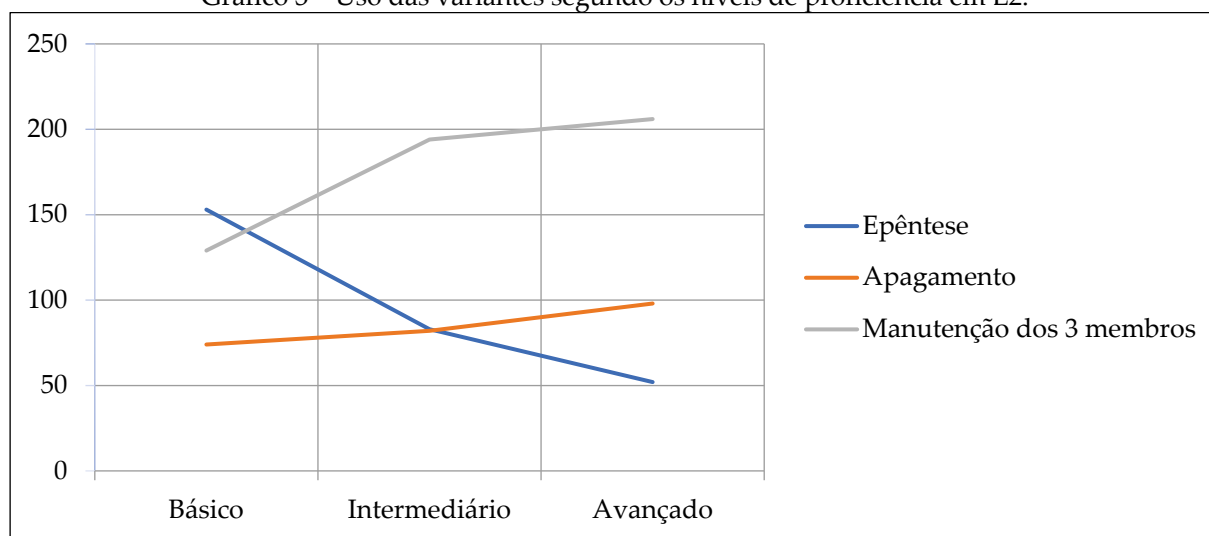
Fonte: adaptada de análise no programa Rbrul.

Como podemos perceber, das 356 ocorrências do fenômeno produzidas por informantes que obtiveram uma pontuação entre 0 e 119 no *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004), houve aplicação de epêntese vocálica e apagamento em 227 sequências Ct/d]oC, o que representa 63,8 % desses dados, com peso relativo de 0.66¹¹ e log-odds de 0.679, demonstrando, portanto, uma propensão por parte de aprendizes

¹¹ Peso relativo (PR) corresponde a uma medida probabilística cujo valor está sempre compreendido no intervalo entre zero e um (GUY; ZILLES, 2007). No caso de uma análise binária, o ponto neutro equivale a 0,50, o que significa que um fator com tal valor matemático não tem efeito sobre o uso da variante investigada, ou seja, nem favorece nem desfavorece sua aplicação. Fatores que apresentam valores superiores a 0,50 são interpretados como sendo favoráveis ao uso de uma dada variante – como é o caso do nível básico em relação à aplicação de estratégias de reparo nas sequências triconsonantais Ct/d]oC –, ao passo que fatores com um valor de PR menor que o do ponto neutro – como ocorre com os níveis intermediário e avançado, por exemplo – desfavorecem o uso de tais regras, por exercer pouco efeito sobre a variante observada.

de nível básico ao uso de regras com vistas ao ajuste dessas estruturas silábicas marcadas e inexistentes no PB. Mais especificamente, aprendizes de nível básico lançaram mão da estratégia de epêntese mais fortemente, ao passo que os(as) de níveis intermediário e avançado, por sua vez, recorreram de modo relativamente mais acentuado à regra de apagamento, como é possível comparar no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Uso das variantes segundo os níveis de proficiência em L2.



Fonte: elaborado pelos autores.

O Gráfico 3 mostra que a aplicação da regra de epêntese está em uma relação inversamente proporcional ao nível de proficiência em L2: há um declínio acentuado na criação de uma estrutura silábica adicional nas saídas em L2 conforme aumenta o nível de proficiência do grupo de informantes. Em termos numéricos, isso significa que aprendizes com desempenho classificado como básico inseriram vogais epentéticas em 153 dos 227 dados produzidos pelo grupo com aplicação de estratégias, enquanto informantes com habilidades linguísticas intermediárias aplicaram epêntese em 83 das 165 ocorrências com estruturas silábicas alteradas e, por fim, participantes de nível avançado produziram apenas 52 sequências Ct/d]oC com inserção silábica, tendo havido aplicação da regra de apagamento nas outras 98 saídas com reajustes na coda medial complexa encerrada em (-t,d).

No que se refere à regra de apagamento, há, portanto, uma tendência contrária àquela observada nos dados de epêntese: à medida que o nível de proficiência aumenta, há um leve aumento no emprego da regra de apagamento de (-t,d) na coda medial complexa Ct/d]σ, tendo a elisão sido progressivamente aplicada pelos indivíduos dos níveis básico, intermediário e avançado em 74, 82 e 98 dados dos totais de 227, 165 e 150 ocorrências com aplicação da variante delimitada em cada grupo, respectivamente.

Também chama a atenção o fato de que há um crescimento na manutenção das saídas em L2 com os três membros presentes na entrada, à medida que aumenta o nível de proficiência do grupo de informantes. Assim, dos 356 dados produzidos por oito informantes de nível avançado, 206 são fiéis às entradas. No que concerne às produções no fator intermediário, 194 contêm os três membros das sequências triconsonantais, uma quantidade levemente menor. Contudo, já se percebe uma diminuição na quantidade de saídas fiéis dentre aprendizes com desempenho mais elementar: das 356 saídas, 129 não sofreram alterações.

Esses resultados indicam, portanto, que há uma inter-relação entre as habilidades linguísticas da população de informantes e a aplicação de estratégias de reparo. Levando-se em conta a amalgamação das regras de epêntese e de apagamento na variável dependente “aplicação de estratégias de reparo em Ct/d]σC vs. não aplicação de ajustes”, para a rodada binária, podemos constatar que há uma relação inversamente proporcional entre o emprego de tais estratégias e o nível de proficiência em L2, já que os índices são relativamente menores para o grupo avançado: 42,1% dos 356 dados apresentam reajustes na coda medial complexa, com peso relativo de 0.39 e *log-odds* de -0.433, o que demonstra desfavorecimento no contexto de tais falantes. As taxas referentes ao grupo de intermediário, por sua vez, são levemente maiores, tendo havido 165 dados com aplicação de regras, o que representa 46% de um total de 359, com peso relativo de 0.44 e *log-odds* de -0.246, que também caracteriza tal grupo como

inibidor. Por fim, o grupo de aprendizes de nível básico usou a variante “aplicação de estratégias de reparo em Ct/d]oC” em 63,8% de todas as 356 ocorrências produzidas, com peso relativo de 0.66 e *log-odds* de 0.679, o que revela um favorecimento à aplicação de reparos por parte de falantes com tal desempenho em L2.

5. Considerações finais

Por se tratar de um sistema linguístico evolutivo inerente a aprendizes de L2, o qual está associado tanto à L1 desses indivíduos quanto à L2 que está sendo aprendida, mas que, no entanto, se distingue dessas línguas, a interlíngua se configura como uma língua única e individual (NOYAU, 1990 apud BAYLEY, 2007) que também apresenta padrões variáveis – assim como ocorre com as demais línguas naturais –, os quais são condicionados tanto por fatores linguísticos relativos a ambas as línguas como, também, por fatores externos ao sistema, incluindo aqueles de natureza situacional, contextual, social e cognitiva. Assim, constatamos o emprego de três variantes, as quais são caracterizadas pela: (1) manutenção das três consoantes nas sequência, sem aplicação de qualquer regra, i.e., Ct/d]oC; (2) inserção vocálica após [-t,d], com aplicação da regra de epêntese vocálica, ou seja, $\emptyset \rightarrow i / [-soan, -cont, +cor] ___\sigma$; e, por fim, (3) simplificação da coda medial complexa através do apagamento das oclusivas coronais, isto é, $[-soan, -cont, +cor] \rightarrow \emptyset / [+cons] ___\sigma$.

Julgamos que a seleção da sonoridade das consoantes anteriores como sendo uma variável estatisticamente significativa pelo programa reforça o status da coda na condição de subconstituente silábico, tendo em vista que as consoantes que entram em contato em tal posição obedecem a fortes restrições fonotáticas, ao contrário da maior liberdade observada no que concerne às consoantes posteriores a (t,d), as quais, por sua vez, fazem parte do ataque de outra sílaba, que geralmente corresponde a um segundo morfema nas palavras, podendo este elemento fazer parte de sufixos

inflexionais, no caso de vocábulos derivados (*-ful, -less, -ly, -ness, etc.*), ou de cabeças, em se tratando de substantivos compostos (*-bag, -coat, etc.*).

As codas com uma distância de sonoridade alta entre seus membros, como /rt/ e /rd/, não favoreceram a aplicação de estratégias de reparo, tendo ocorrido em apenas 22 das 161 ocorrências, o que corresponde a 13,7%, com peso relativo de 0.19 e *log-odds* de -1.398. Já os encontros consonantais com uma distância de sonoridade baixa, como é o caso daqueles formados por /s,f/ antes de /t/ (DS = 2), engatilharam a aplicação de regras com vistas à simplificação da coda, como revelam 344 das 484 ocorrências. Porém, os encontros com platôs nas codas, como /kt/, não foram os que mais promoveram reparos, como esperado. O fato de que /kt/ manteve-se inalterado em 77 das 120 ocorrências, em comparação com 30 casos de epêntese e 13, de apagamento, pode ser justificado, a nosso ver, pelo fenômeno de ACC.

Observamos também que os princípios universais para a boa formação da sílaba parecem ter se sobreposto aos filtros específicos de língua particular. Portanto, a aplicação da regra de apagamento por parte do grupo de 24 informantes pode nos levar a supor que as saídas produzidas por tais aprendizes revelam que o reparo nas produções das sequências Ct/d]oC está condicionado, sobretudo, pela sonoridade, seguindo princípios universais de boa formação da sílaba, a exemplo do PSS, além dos outros fatores, como a falta de familiaridade com a estrutura da L2 no nível básico, já que 63,8 % das 356 produções dessas sequências triconsonantais apresentaram reparos na coda medial complexa, com peso relativo de 0.66.

Diferentemente do esperado, o percurso de aquisição de tal estrutura não envolve um movimento progressivo em direção à redução de uma sequência marcada com três membros para um contato silábico entre duas consoantes, como se poderia conjecturar fundamentado no fato de que aprendizes de nível básico usaram mais a estratégia de epêntese, ao passo que falantes de níveis intermediário e avançado empregaram mais a regra de apagamento, respectivamente. Contudo, embora os

dados de sequências inalteradas referentes aos níveis intermediário e avançado sejam levemente maiores que os do básico, em todos esses três casos, a *não* aplicação de estratégias de reparo foi superior ao número de aplicação de apagamento e epêntese, de modo que nossos dados nos permitem supor o seguinte percurso de aquisição das sequências Ct/d]oC em palavras como “*postman*”: *post*[ɪ]*man* → *pos*[ø]*man* → *postman*.

Portanto, as saídas produzidas por 24 aprendizes campinenses de inglês como L2 revelam que os ajustes nas produções das sequências Ct/d]oC estão condicionados pela sonoridade, seguindo princípios universais de boa formação da sílaba, a exemplo do PSS, e também pela aparente falta de familiaridade com o sistema fonológico da L2, como no caso de aprendizes de desempenho mais elementar. Esses fatores agem em conjunto em estágios iniciais da aquisição de tais sequências, chegando a estágios mais avançados com menos força, o que possibilita a retenção de três consoantes numa estrutura mais marcada, talvez num movimento em direção a uma dicção mais aperfeiçoada em L2.

Referências Bibliográficas

- ALLAN, D. **Oxford Placement Test 1**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, F. C.; LUCENA, R. M. Aquisição da lateral silábica do inglês: uma análise via Teoria da Otimalidade Estocástica. **Letrônica** (PUC-RS), Porto Alegre (RS), v. 7, n. 2, jul./dez., p. 795-820, 2014. DOI <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2014.2.17920>
- BAYLEY, R. Second language acquisition: a variationist perspective. *In*: BAYLEY, R.; LUCAS, C. (ed.). **Sociolinguistic Variation: Theories, methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 133-144. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511619496>
- BERG, T. **Linguistic Structure and Change: An Explanation from Language Processing**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUC – RS, 1996.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. *In*: NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado**. v. 7: Novos Estudos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. p. 701-742.

BLEVINS, J. The independent nature of phonotactic constraints: an alternative to syllable-based approaches. *In*: FÉRY, C.; van de VIJVER, R. (ed.). **The Syllable in Optimality Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 375-403. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511497926.016>

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: Doing phonetics by computer [Computer program]. Version 5.3.56. 2013. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language**, v. 50, n. 2., p. 333-355, 1974. DOI <https://doi.org/10.2307/412441>

CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. *In*: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. E. (ed.) **Papers in Laboratory Phonology I: Between the grammar and physics of speech**. Cambridge, CUP, 1990. p. 283-333. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511627736.017>

COLLINS, B.; MEES, I. **The Sounds of English and Dutch**. The Hague: Leiden University Press, 1981.

COLLISCHONN, G. Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 7, pt. 1, p. 61-78, jun. 2004. DOI <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2004v7n1p61>

CRUTTENDEN, A. **Gimson's Pronunciation of English**. 8th edition. London: Arnold, 2014. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203784969>

CSIDES, C. A Typology of English Consonant Clusters. **Proceedings of the International Conference on English Language and Literatures in English 3 (ELLE 3)**. Kolozsvár (Cluj-Napoca): Casa Cartii Stiinja, 2013. p. 49-56.

DABBAGH, A.; NOSHADI, M. Crossing metacognitive strategy awareness in listening performance: An emphasis on language proficiency. **International Journal of Applied Linguistics and English Literature**, v. 3, n. 6, p. 234-242, 2014. DOI <https://doi.org/10.7575/aiac.ijalel.v.3n.6p.234>

GOLDSMITH, J. A. Phonological theory. *In*: GOLDSMITH, J. A. (ed.) **The handbook of phonological theory**. Oxford, Blackwell, 1995. p. 1-23.

GOMES, A. A. A. **A epêntese vocálica inicial em clusters sC por aprendentes brasileiros de inglês como LDE**. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2014.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, G.; BOBERG, C. Inherent variability and the Obligatory Contour Principle. **Language Variation and Change**, v. 9, n. 2, 1997. p. 149-164. DOI <https://doi.org/10.1017/S095439450000185X>

HAMMOND, M. **The phonology of English: a prosodic optimality-theoretic approach** (The Phonology of the World's Languages). Oxford: Oxford University Press, 1999.

HORA, D. da. Fricativas coronais: análise variacionista. *In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

HOSMER, D. W.; LEMESHOW, S. **Applied logistic regression**. 2nd ed. New York: Wiley, 2000. DOI <https://doi.org/10.1002/0471722146>

JOHNSON, D. E. **Rbrul version 2.29: A variable rule application in R**. 2015.

KENT, R. D.; READ, C. **Análise Acústica da Fala**. Tradução de Alexsandro Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

LABOV, W. The child as linguistic historian. **Language Variation and Change**, n. 1, 1989. p. 85–97. DOI <https://doi.org/10.1017/S0954394500000120>

LIMA, L. A. S.; LUCENA, R. M. Processo de monotongação no brejo paraibano: uma análise variacionista. *In: 60 Reunião Anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2008, Campinas, SP. Anais/Resumos da 60. Reunião Anual da SBPC: Publicação eletrônica, 2008*.

LIMA, L. A. S. **Epêntese vocálica medial: uma análise variacionista da influência da língua materna (L1) na aquisição de inglês (L2)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2012.

LUCENA, R. M.; ALVES, U. K. Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês (L2): uma análise variacionista. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre (RS), v. 45, n. 1, p. 35-42, 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores: desvendando a prosódia medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. DOI <https://doi.org/10.7476/9788568334584>

MAZZONI, D.; DANNENBERG, R. *et al.* **Audacity** [Computer program]. Version 2 (2.0.6). 2014. Disponível em: <http://www.audacityteam.org/>.

NASCIMENTO, G. C. A. **Epêntese vocálica em encontros consonantais por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira**. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2015.

PARKER, S. Sonority. *In*: van OOSTENDORP, M. *et al.* (ed.). **The Blackwell Companion to Phonology**, Volume II. 2011. p. 1.160-1.184. DOI <https://doi.org/10.1002/9781444335262.wbctp0049>

PIERREHUMBERT, J. B. Syllable Structure and Word Structure: a Study of Triconsonantal clusters in English. *In*: KEATING, P. (ed.). **Phonological Structure and Phonetic Form: Papers in Laboratory Phonology III**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. p. 168-188. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511659461.011>

PULGRAM, E. Consonant cluster, consonant sequence and the syllable. **Phonetica**, v. 13, n. 1-2, p. 76-81, 1965. DOI <https://doi.org/10.1159/000258473>

RAYMOND, W. D.; DAUTRICOURT, R.; HUME, E. Word-internal /t,d/ deletion in spontaneous speech: Modeling the effects of extra-linguistic, lexical, and phonological factors. **Language Variation and Change**, v. 18, n. 1., p. 55–97, 2006. DOI <https://doi.org/10.1017/S0954394506060042>

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. Viena, Áustria. 2018. Disponível em: <https://www.R-project.org>.

REIS, F. S. dos. **Aquisição variável de sequências triconsonantais Ct/d]oC por falantes campinenses de inglês como L2**. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2019.

ROBERTS, J. **Acquisition of Variable Rules: (-t,d) deletion and (ing) production** in preschool children. Doctoral dissertation, University of Pennsylvania, 1994.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SELKIRK, E. The syllable. *In: HULST van der, H.; SMITH, N. (ed.) The structure of phonological representations II*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SELKIRK, E. The Prosodic Structure of Function Words. *In: McCARTHY, J. (ed.) Optimality Theory in Phonology: A Reader*, Blackwell Publishing, 2003. p. 464-482. DOI <https://doi.org/10.1002/9780470756171.ch25>

SCHNEIDER, A.; SCHWINDT, L. C. S. A epêntese vocálica medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 16-26, jan./mar. 2010.

SPERBECK, M.; STRANGE, W. The perception of complex onsets in English: universal markedness? **Proceedings of the 33rd Annual Penn Linguistics Colloquium**, 16.1. 2010. p. 194-204.

SZIGETVÁRI, P. Branching onsets and syncope in English. **Language sciences**, v. 29. Elsevier. p. 408-425, 2007. DOI <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2006.12.015>

TEMPLE, R. A. M. (t,d): The Variable Status of a Variable Rule. **Oxford University Working Papers in Linguistics, Philology and Phonetics**. 2009. p. 145-170.

WILTSHIRE, C. New Englishes and the emergence of the unmarked. *In: GREEN, E.; MEYER, C. F. (ed.) The variability of current World Englishes*. Berlin: De Gruyter, 2014. p. 13-38.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. (org.). **Dicionário de termos linguísticos**, volume I. Lisboa: Edições Cosmos, 1990.

ANEXOS

Anexo A – Palavras do *corpus* de língua inglesa.

Contexto fonológico precedente		Consoante perdida	Contexto fonológico seguinte	
Obstruintes		(t)	Obstruintes	
Coronal	/s/	<i>Postpone; Trustful; Textbook</i>	/p,f,b/	Labial
Coronal	/s/	<i>Christchurch; Nextdoor</i>	/d,ʒ/	Coronal
Coronal	/s/	<i>Postcard; Waistcoat</i>	/k/	Dorsal
Dorsal	/k/	<i>Respectful; Neglectful</i>	/f/	Labial
Labial	/f/	<i>Softshell; Giftshop</i>	/ʃ/	Coronal
Labial	/f/	<i>Softcover; Softcore</i>	/k/	Dorsal
Obstruintes		(t)	Soantes	
Coronal	/s/	<i>Christmas; Postman</i>	/m/	Labial
Coronal	/s/	<i>Vastness; Restless</i>	/n,l/	Coronal
Dorsal	/k/	<i>Exactly; Correctly; Perfectly</i>	/l/	Coronal
Labial	/f/	<i>Swiftness; Softness</i>	/n/	Coronal
Labial	/f/	<i>Liftman; Leftmost</i>	/m/	Labial
Soantes		(t)	Obstruintes	
Coronal	/n/	<i>Countdown; Saintdom</i>	/d/	Coronal
Coronal	/r/	<i>Shortcut; Shortcake</i>	/k/	Dorsal
Coronal	/r/	<i>Heartbreak; Dirtbag</i>	/b/	Labial
Soante		(t)	Soante	
Coronal	/r/	<i>Partly; Courtroom</i>	/l,r/	Coronal
Contexto fonológico precedente		Consoante perdida	Contexto fonológico seguinte	
Soantes		(d)	Obstruintes	
Coronal	/n,r/	<i>Grandkid; Hardcover; Handkerchief; Handcuff</i>	/k/	Dorsal
Coronal	/n/	<i>Handbag; Sandpiper</i>	/b,p/	Labial
Soantes		(d)	Soantes	
Coronal	/n/	<i>Kindness; Blindness</i>	/n/	Coronal
Coronal	/n/	<i>Bandwidth</i>	/w/	Dorsal
Coronal	/n/	<i>Grandmother; Amendment</i>	/m/	Labial

Artigo recebido em: 18.12.2018

Artigo aprovado em: 06.03.2019